BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

88

CERT: 436

LIV: 001

PÁG: 014

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 1/592

TÍTULO DA PEÇA: "AS MÃOS DE EURÍDICE"

AUTOR DA PEÇA: "PEDRO BLOCH"

DISTRIBUIÇÃO

PROTOCOLOS:

21196/71-DFSP

36465/72-SRA

41265/72-SRA

68327/73-SRA

58969/74-SRA

62260/74-SRA

29862/75-SRA

11256/76-SRA

28165/77-SRA

25986/77-SRA

5473/78-SRA

22728/78-SRA

18476/79-SRA

25290/79-SRA

06507/79-SR/RS

5396/80-DCDP

12022/81-DCDP

09120/85-SR/RJ REQ: Mª MAGDALENA F. DE AZEVEDO LONDEIRO.

02589/85-SR/ES REQ: MANOEL PEREIRA LOUZI

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço Gráfico do DPF — 35

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 2

EXMO. Sr. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Censura Federal

Fls. N.º 02
Rubrica

"TEATRO P A N F L E T O" , com sede à rua Florinéa nº 36. no estado de São Pau
o, vem muito respeitosamente solicitar a censura da peça abaixo qualificada da qual
nta 3 (tres) cópias e a respectiva autorização do autor.

ome da peça: "AS MÃOS DE EURÍDICE"
tor: PEDRO BLOCH
mero de atos: 2 (DOIS)
nero: DRAMA EM FAMÍLIA
cal de apresentação: AUDITÓRIO ITÁLIA, Av. São Luís, 50 - São Paulo
ta de estréia: 9/8/68

Liberada com a impropriedade para crianças até 14 anos.
Brasília - 19-7-68
M. Almeida

Nestes Têrmos
P. Deferimento

EDSON RUBENS MOTTA
p/ teatro Panfleto

P. S.: O acima assinado, representando a cia. teatral em questão, solicita ao-digníssimo censor, o abreviamento da censura neste texto (haja visto que o mesmo, já foi representado por mais de 20.000 vezes em vários países), pois temos uma pré-estréia programada para o p. dia 20 de julho. Sem a autorização da censura, seria impossível realizá-la.

GRATOS

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto
— de 1920. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 p.3

Direitos de Representação — Autorização Nº 167593

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: As Maãs de Euripig

DPF
DCDP
Fls: N.º 03
Rubrica

Original de Pedro Bloch

Música de —

Tradução de —

No Teatro Auditório Italia Cidade S. Paulo

Emprêsa Edson R. Motta Pela Cia. —

os dias para Censura da peça

condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a a mínima de Cr$ —por espetáculo, obrigando-se a Emr a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, 4 de Julho de 1968

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 195[illegible]

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, de licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio [illegible] de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 [illegible] n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, competirá exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046[illegible], p4

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P.5

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: As Mãos De Euridice
(2 atos) (Para um só ator.)

Nome do Autor: Pedro Bloch

Nome do Tradutor:

Gênero: Drama em família

Entrecho: É a história de toda gente, a síntese do desespero, da angústia de nosso tempo. É o homem sisbrólogo.
Mostra que os homens não procuram solução para os seus erros, limitam-se a encontrar justificativas para continuar errando.

Apreciação morais: Mensagem Positiva.

DPF
DCDP
Fls. N.º 04
Rubrica

Observações: A peça já foi representada mais de 15.000 vezes em vários países, com grande sucesso.

Classificação final: Opino pela impropriedade para crianças até 14 anos.

Brasília-DF. em 19 de Julho de 1968

Maria R. Almeida
Censor Federal - matrícula n.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.6

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Maria Almeida, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: As Mãos de Eurídice

AUTOR: Pedro Bloch

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 14 (quatorze) anos

OBS.

Em 19/7/68

Chefe do TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chef SCDP, para a decisão final.

Em

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em

CHEFE DO SCDF


CLÁSSICOS BRASILEIROS
313
SELO
EDIÇÕES DE OURO
PEDRO BLOCH
AS MÃOS DE EURÍDICE
e
ESTA NOITE CHOVEU PRATA!
PEDRO BLOCH | AS MÃOS DE EURÍDICE | 313

TEATRO PANFLETO

DPF
DCDP
Fls. N.º 05
Rubrica

AS MÃOS DE EURÍDICE

e

~~ESTA NOITE CHOVEU PRATA!~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.8

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

AS MÃOS DE EURÍDICE

e

ESTA NOITE CHOVEU PRATA!

DPF
DCDP
Fls. N.º 06
Rubrica

PEDRO BLOCH

Peça êste livro pelo número 313

EDIÇÕES DE OURO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.9

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0464 p.10

Direitos cedidos pelo autor para publicação
em livro de bôlso.

MCMLXIII

Publicado, composto e impresso por
TECNOPRINT GRÁFICA S. A. — RIO DE JANEIRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 07
Rubrica

PEDRO BLOCH, autor de cêrca de vinte peças de teatro, é um dos dramaturgos brasileiros mais representados no exterior. Suas peças percorrem todos os continentes. Obteve o Primeiro Prêmio de Teatro da Academia Brasileira de Letras (*"Prêmio Artur Azevedo"*), a *Medalha de Ouro* de melhor autor do ano da Associação Brasileira de Críticos Teatrais e a *Medalha de Ouro* da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Suas peças mais famosas, são: *"As mãos de Eurídice"* (15.000 representações em todo o mundo); *"Os inimigos não mandam flôres"* e *"Dona Xepa"* (recordista do teatro de comédia no Brasil); *"Esta noite choveu prata!"*, *"Um cravo na lapela"*, *"Irene"*, *"Morre um gato na China"*, *"Brasileiros em Nova Iorque"*, *"Tapête persa"*, *"Leonora"*, *"Uma flauta para o negro"* e *"Procura-se uma rosa"* são outros sucessos de sua carreira de autor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.11

DPF
DCDP
Fls. N.º 08
Rubrica

ÍNDICE

Duas Palavras 11
Algumas Opiniões Críticas 13
O Teatro de Pedro Bloch 19
Vinte Curiosidades sôbre "As Mãos de Eurídice" 21
As Mãos de Eurídice 29
Esta Noite Choveu Prata! 97

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.12

DPF
DCDP
Fls. N.º 09
Rubrica

DUAS PALAVRAS

Quando escrevi "*As Mãos de Eurídice*" jamais pensei que a peça alcançasse, um dia, quinze mil representações legais e outras tantas clandestinas em todo o mundo. Hoje mesmo, passados doze anos de sua estréia e quatorze de sua criação, quando pensei que muitos de seus valôres poderiam ter diminuido sua capacidade de fazer o público vibrar, sou surpreendido pela bela criação de um grande ator de Israel (Mordechai Ben-Zeev) e o meu intérprete belga, em segundo ano de cartaz, alcança a premiação máxima de seu país. Tive a ventura de ver premiada a interpretação do nosso Rodolfo Mayer (primeiro intérprete da peça); Enrique Guitart, meu intérprete [illegible]ol, alcançou todos os prêmios possíveis e im[illegible] com a mesma obra; Jean Nergal, de Bruxelas, [illegible]be o prêmio consagrador "*L'Eve du Théâtre*" num ano de grandes criações locais. Muitos outros espetáculos são anunciados, muitas realizações para a televisão, edições novas se anunciam, tudo renasce, tudo brota de nôvo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.13

Atôres de fama mundial procuram obter os direitos de representação, enquanto a gratidão e a fidelidade que me prendem aos criadores da peça, em cada país, me impedem de aceitar as mais tentadoras propostas dos mais luminosos nomes dos palcos de uma vintena de países.

Dedico esta edição de bôlso a todos os intérpretes de minha peça (legais e ilegais, grandes e pequenos, de todos os cantos da terra) que um dia, bem ou mal, reviveram, para uma platéia, a tragédia de Gumercindo Tavares.

Dedico esta edição, especialmente, àqueles que compreenderam o que ela tinha a dizer:

— O homem de hoje não procura solução para seus erros. Limita-se a encontrar justificativas para continuar errando. Uma vez encontrada a justificação restabelece seu pseudo-equilíbrio emocional e persiste no êrro até o momento em que se encontra, de nôvo, só, perdido em sua angústia. A história de "*As Mãos de Eurídice*" é a história de tôda gente, a síntese do desespêro, da angústia, de nosso tempo.

Muitos críticos viram isso. Outros viram muito menos. Muitos outros, ainda, viram muito mais. Felizmente ninguém ficou indiferente.

PEDRO BLO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.BSM.GCUMA-10.RJ
0461,P-15
DPF
DCDP
Fls. N.º 104
Rubrica

ALGUMAS OPINIÕES CRÍTICAS

"Se "*As mãos de Eurídice*" é uma amostra de seu teatro, eis um autor que precisamos conhecer melhor."

Do *Scotchman* (Edinburgh)

"Sucesso sensacional. Algo não visto há anos, dentro ou fora do Festival."

Evening Dispatch (Edinburgh)

"Essa peça, que se pode proclamar diferente, é algo digno de ser visto."

Evening News

"*As Mãos de Eurídice*" assume nesta temporada um caráter excepcional, vivido por Marcelo Moretti, que já pode abandonar, sem arrependimento, a máscara do Arlequim que o tornou famoso."

(*La Fiera Latteraria*, Itália).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PE.0161,P.16

"Os inimigos não mandam flôres" — É grato encontrar, na Broadway ou fora dela, autores com êsse acabamento profissional."

New York Times

"As Mãos de Eurídice" merece ser vista por todos os que se dedicam sèriamente ao teatro."

Daily News

"Pedro Bloch criou uma forma cênica nova: peças de 3.000 personagens com um só ator."

France-Soir

"Pedro Bloch desafiou os dois piores inimigos do teatro: o relato e o monólogo, dando-nos uma peça maravilhosa, a que maior vibração e entusiasmo despertou em nosso público, de quantas assistimos até hoje."

La Nación, Buenos Aires

"As mãos de Eurídice" exercem estranha fascinação. Autor moderno, de técnica supermoderna."

Heym (Alemanha)

"Para um artista é o que de mais belo se pode oferecer."

Crítica de *Bragaglia*

DPF
DCDP
Fls. N.º 11
Rubrica

"Um grande ator servindo um grande autor, servindo à cultura."

Diário de Lisboa

"O impossível que se realiza."

Jornal do Brasil

"Tudo está impressionantemente bem."

Diário de Notícias

"Autor teatral de muito boa qualidade."

O Globo

"Se o teatro possuía um segrêdo, Pedro Bloch o desvendou. Fêz com que o espectador pudesse tocar o argumento com os próprios dedos. Pedro Bloch demonstrou que, mesmo em teatro, ainda cabe a originalidade."

Acción, de Montevidéu

"Quando a peça terminou, gritos de "bravo" eram ouvidos de todos os recantos do teatro."

Bulletin, de Filadélfia

"Creio que êsse tipo de representação, êsse tipo de peça é único no teatro."

Elionor Hughes, Boston

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.19

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.18

"É uma experiência considerável e fascinante."

Hawkins, em *New York World Telegraph and Sun*

"Quem está na platéia esquece a ficção e acaba participando do drama."

Incom, de Roma

"Triunfo. As mais destacadas figuras do nosso teatro ovacionaram, de pé."

Yá, de Madri

"O público, de pé, premiou largamente o melhor trabalho cênico da temporada."

Madrid

"Uma fórmula de teatro inédita e revolucionária."

Depèche Marocain

"Sinfonia para um homem só, merece a atenção dos mais ferventes admiradores da arte dramática, de todos os que buscam na cena obras originais que sejam, ao mesmo tempo, sondagem do inexplorado, reflexo alucinante de nossa época. Autor, tradutor, diretor, intérprete, cenarista, criaram a harmonia no caos. "*As Mãos de Eurídice*" possui ressonâncias profundas no clima do nosso tempo."

Le Soir, de Bruxelas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

"Sucesso do maior ator finlandês em 44 cidades."

Helsinque

DPF
DCDP
Fls. N.º 12
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046,p1

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p20



Rodolfo Mayer (Prêmio de Melhor Ator do Ano, com "As Mãos de Euridice") visto, nesta peça, pelo desenhista do "Diário Popular", de Lisboa.

DPF
DCDP
Fls. N.º 13
Rubrica

O TEATRO DE PEDRO BLOCH

"Homem de seu tempo e de seu povo é Pedro Bloch. O teatro, para Pedro Bloch, não é um passatempo; é seu instrumento de trabalho, o veículo de sua mensagem humana.

Mensagem de amor, de confiança, de solidariedade. Homem de generoso coração, admirável presença e sensibilidade capaz de captar a dor e a esperança onde quer que se encontrem, Pedro Bloch coloca em cada peça sua, em cada uma de suas comédias, o seu coração e a vibração de sua alma. Essa bondade permanente e essa visão comovida da existência, são a substância de que se alimenta seu teatro tão aplaudido não só no Brasil mas em todo o mundo.

Falar bem do teatro de Pedro Bloch é repetir o que tem sido afirmado pelos críticos de países os mais diversos, do mundo capitalista e do mundo socialista. Em tôdas as partes suas peças têm encontrado a mesma entusiástica acolhida, as platéias comovidas e vi-

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE.0461,p2

brantes. Consegue êle o que é dado a poucos autores: interessar os intelectuais e interessar o grande público.

Seu teatro não fala apenas à inteligência, fala também ao coração. Essa é sua fôrça e sua grandeza."

JORGE AMADO
(Em *"Leitura"*, 61)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

DPF
DCDP
Fls. N.º 14
Rubrica

VINTE CURIOSIDADES SÔBRE "AS MÃOS DE EURÍDICE"

1

"As mãos de Eurídice", peça para um só ator de Pedro Bloch, conta, hoje, com cêrca de 15.000 representações em todo o mundo. Já foi vivida nos cinco continentes e nos mais estranhos idiomas.

2

"As mãos de Eurídice" é a peça que tem sido mais representada, clandestinamente. Em certos países, quando um ator não consegue direitos para representá-la, usa de mil e um recursos, os mais pitorescos, para viver o Gumercindo Tavares.

3

Muitos atores dedicaram, pràticamente, sua existência artística à interpretação desta peça. Como

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 2

exemplos mais conhecidos temos Rodolfo Mayer e o espanhol Enrique Guitart. Tanto um como o outro já viveram esta peça cêrca de 3.000 vêzes.

4

Além dos inúmeros prêmios que obteve, *"As mãos de Eurídice"* fêz parte do programa oficial de um congresso europeu de neuropsiquiatria, valendo a eleição de Pedro Bloch para acadêmico da Real Academia de Medicina de Saragoça.

5

É uma das peças de que mais se tem feito paródias, "respostas", sátiras em espetáculos e caricaturas, versões de diversa natureza. Mêreceu muitos milhares de artigos da imprensa de todo o mundo, ensaios, estudos, debates, concursos.

6

É curioso notar que, quando a peça estreou, no Pen Clube do Rio, a 13 de maio de 1950 (*foi escrita em janeiro de 1948*) fotografou-se a platéia. Ao se fotografar a estréia em outro teatro viu-se muitas caras repetidas. Ao fim de certo tempo, confrontando-se fotografias verificou-se que as pessoas viam a peça duas, três, dez, quinze vêzes. Esta é a razão porque tôda vez que a peça é reprisada o sucesso se repete em tôda parte.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P 24

DPF
DCDP
Fls. N.º 15
Rubrica

7

Por que um só personagem?

"— Não houve pretensa originalidade. Embora muitos tenham tentado peças de um só personagem mais curtas, elas fracassavam em virtude de algo que não funcionava. Ao fim de alguns minutos entediavam o espectador. Ocorre que o crítico de "La Nación", de Buenos Aires, observou que "As mãos de Eurídice" havia vencido os dois maiores inimigos do teatro que são o *relato* e o *monólogo*, provocando a mais vibrante reação jamais vista no teatro da Argentina. Por que?"

O comentarista de "France-Soir" parece dar a resposta quando diz:

"Pedro Bloch inventou as comédias de 3.000 personagens com um único ator".

8

Diz Bloch:

"Muitos críticos conseguiram ver o que eu queria mostrar. O público, do mais culto ao menos esclarecido, percebe instintivamente o tipo peculiar de "psicodrama" que eu quis realizar.

"Mostro o homem redoma, o homem isolado, o homem-monólogo de nossos dias. O homem de hoje não procura solução para os seus erros. Limita-se a encontrar justificativas para continuar errando. Não procura remédios mas entorpecentes. Uma vez en-

ANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p2

contradas as justificativas êle restabelece um pseudo-equilíbrio emocional e persiste no êrro até o momento em que se encontra só, absolutamente só, isolado em sua angústia, ilhado em seu desespêro."

9

"As mãos de Eurídice" valeu a Pedro Bloch o *"Prêmio Artur Azevedo"* da Academia Brasileira de Letras e a *"Medalha de Ouro"* da crítica como melhor autor do ano.

10

Já foram realizadas inúmeras edições impressas e gravadas da peça, tôdas esgotadas. Duas edições argentinas, para dar um exemplo, se esgotaram numa semana: 10.000 *exemplares.*

11

O estabelecimento do diálogo com o público, provocado pela peça, tem gerado as mais pitorescas situações. Momentos houve em que se travaram diálogos longos e inflamados entre ator e espectador.

Três exemplos dessas situações:

Rodolfo Mayer estava representando numa cidadezinha pequena quando, a certa altura, mostrando uma receita, pergunta a um espectador:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046[illegible]26

DPF
DCDP
Fls. N.º 16
Rubrica

— *O senhor quer ver se é mesmo estreptomicina que está escrito aí?*

O homenzinho ergue os olhos e confessa:

— *Desculpe... Eu não sei ler.*

* * *

Enrique Guitart, entrando pela platéia, foi abordado por um conhecido que não percebera que o espetáculo já tinha começado (Guitart inicia a representação com as luzes acesas e com o público ainda ocupando os lugares.) Travou um diálogo à margem dos acontecimentos. Qual não foi o choque do amigo quando percebeu que estava tomando parte na representação!

* * *

Pitigrilli, ao assistir a peça, em Buenos Aires, travou um debate sôbre existencialismo quando o ator pergunta:

— O senhor sabe o que é existencialismo?

12

Um dos mais famosos intérpretes de *"As mãos de Eurídice"* foi o ator italiano Marcello Moretti (do *"Piccolo de Milano"*) que o público do mundo inteiro consagrou no *"Arlequim, servidor de dois anos"*, de Goldoni. Calendoli escreveu:

BR DFANBSB NS.DPR.TEA.PTE.
0461,p.27

"Agora Moretti pode abandonar, sem arrependimento, a máscara de Arlequim que o tornou famoso".

13

"As mãos de Eurídice" foi a primeira peça brasileira a ser apresentada num dos maiores teatros de Broadway: *"Booth Theatre"* (15 de maio de 1952), numa apresentação do famoso empresário Shubert.

14

"As mãos de Eurídice" já foi capa de revistas européias e americanas cêrca de vinte vêzes.

15

O autor de *"As mãos de Eurídice"* recusou verdadeira fortuna para que a peça fôsse transformada em novela radiofônica.

16

Se todos os intérpretes de *"As mãos de Eurídice"* fôssem reunidos, se poderia encher a platéia de um bom teatro.

17

Um crítico escreveu:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p28

DPF
DCDP
Fls. N.º 17
Rubrica

"Pedro Bloch realizou o que ninguém havia feito, logrou o que ninguém havia logrado. Pôs o teatro ao alcance pleno do espectador, fazendo com que êste pudesse tocar o argumento com seus próprios dedos, fazendo com que êste seja parte, carne e osso do argumento, dando ao espectador ares de ator. Pedro Bloch demonstrou que, mesmo em teatro, ainda cabe a originalidade".

18

Rodolfo Mayer obteve prêmio de interpretação com a peça e Enrique Guitart, por sua criação, é considerado o maior ator de seu país. Disse a crítica:

"A obra nos impressionou profundamente. Afasta-se de todos os caminhos trilhados. Ao longo de tôda a minha carreira de crítico esta é a primeira vez em que, sem a sombra do mais leve reparo, posso lançar ao ar os mais encomiásticos adjetivos."

19

O relator do Prêmio de Teatro da Academia escreveu:

"As mãos de Eurídice" *é um milagre. Pedro Bloch surpreende pelo seu maravilhoso senso de teatralidade. Quem com um único ator, com um único tema, um único estado de alma, consegue, durante todo um espetáculo, empolgar uma platéia, tem, for-*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P
29

çosamente, a faisca do gênio teatral. E que homem feliz! Encontrou um intérprete à altura de sua obra".

20

Muitos atores, durante a representação, per[illegible] cêrca de dois quilos de pêso. Ocorre, porém, um[illegible] nômeno interessante: a tensão, a vibração, o vive[illegible] o personagem, lhes trazem, através de uma verdadeira catarse, um curioso bem-estar após cada espetáculo. Rodolfo Mayer, Enrique Guitart e muitos outros representam a peça, depois de milhares de atuações, com maior entusiasmo que da prim[illegible] vez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.[illegible]
0461, P. 30

DPF
DCDP
Fls. N.º 18
Rubrica

18

AS MÃOS DE EURÍDICE

(Peça em dois atos para um só ator)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046,p3



Enrique Guitart, em "As Mãos de Euridice", visto por um desenhista de revista argentina.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p32

DPF
DCDP
Fls. N.º 19
Rubrica

CENÁRIO

Uma escada liga a platéia ao palco. A metade esquerda do palco mostra-nos a entrada de uma casa. De cada lado da porta de entrada há uma banqueta de mármore. A metade direita não apresenta a fachada, de maneira que se pode divisar o interior, que nos mostra uma sala de estar com poltronas, uma mesinha com uma estatueta, uma cômoda com várias gavetas e um quadro. O quadro está "no ar", suspenso por fios invisíveis.

Atrás do cenário uma rotunda.

(Rio de Janeiro — Época atual)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461/p.3



Jean Nergal, intérprete belga de "As Mãos de Eurídice", prêmio máximo de interpretação em seu país, com êsse original brasileiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P.34

DPF
DCDP
Fls. N.º 20
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046l, p. 35

PRIMEIRO ATO

GUMERCINDO vem entrando por uma porta lateral direita da platéia. Se esta porta não existir êle pode vir pela mesma por onde entrou o público.

Vem com uma expressão de alucinado. Traz estampado no rosto o mêdo, a angústia, o desespêro. Sua roupa gasta, seu cabelo em desalinho, sua barba por fazer, seu andar, e — sobretudo — o seu olhar, falam de tragédia e derrota.

GUMERCINDO atravessa a platéia em direção ao palco. Olha os espectadores, entre assustado e ameaçador, cumprimenta um e outro e pára diante da escadinha que liga a platéia ao palco.

Olha para o palco, muito triste, como quem estivesse vendo a parede anterior de uma casa. Olha para os dois lados da "rua".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Sobe os degraus e dirige-se para a porta. Toca a campainha, após uma ligeira indecisão. Torna a tocar. Ninguém atende. Procura algo nos bolsos. Não encontra. Aparentemente resignado senta-se na "banquêta" de mármore.

Começa a assobiar, calmamente, um "Noturno", de Chopin, observando a platéia analisando os espectadores.

Um foco de luz acompanha GUMERCINDO, do comêço ao fim da peça, como se aquela luminosidade fizesse parte de seu ser. Quando está na platéia ou no palco êle "carrega" aquela luz consigo. Esta luz independe da iluminação que se queira dar ao cenário.

GUMERCINDO, dizíamos, estava assobiando um "Noturno", de Chopin, e analisando a platéia com uma expressão indefinível.

GUMERCINDO — Chopin!...

Parece que foi ontem! Foi há sete anos!

Eu estava aqui, Dulce, Lolinha, Ricardinho, a Gervásia, o Dr. Hermengardo, Eurídice... Não. Eurídice, não. Frederico.

O Grêmio Feminino... As reuniões... As valsas de Chopin... As múmias... As botas... botas... botas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p3

DPF
DCDP
Fls. N.º 21
Rubrica

(*Declamando*)

"Ruega por nosotros, los pobres, que vamos en débiles barcas, en busca del pan y por los amores que en tierra dejamos, Señora del Mar!"

(*Começa a rir baixinho e reprova com a cabeça*)

Oh, as declamadoras!

(*A cabeça e o indicador da mão direita começam a girar como quem acompanha a bolinha da roleta*)

Pr... 26!
Vermelho ... 32!
Prêto... 29!
Vermelho ... 36!

E a bolinha da roleta girando-girando-girando--girando-girando...

E Eurídice comprando fichas, jogando e perdendo... Comprando, jogando e perdendo... Comprando, jogando e perdendo...

(*Volta a declamar*)

E "Ruega por las pobres mujeres que esperan, Señora del Mar"...

E as valsas de Chopin!

(*Cantarola com revolta uma valsa de Chopin, enquanto suas mãos raivosas massacram teclas invisíveis*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P-37

E o piano da menina!

(*Solfeja desesperado*)

Dó — ré — mi — fá — sol — fá — mi — ré — dó — ré — mi — fá — sol — fá — mi — ré — in — da — ma — to — es — ta — me — ni — na — dó — ré — mi — fá...

(*Sùbitamente apavorado*)

E, de repente, a múmia de Ramsés II!
Descoberto o túmulo de Tutancâmen!

(*Irônico*)

Sartre e o existencialismo.

(*Em tom de conferência*)

Meus senhores! Eu queria explicar o existencialismo. Começando do começo devo dizer que o existencialismo... Isto é... Não. Não é nada disso.

(*Como quem tem visões assustadoras*)

Faraós em procissão...
Hieroglifos...
Sarcófagos...
Metempsicose...
Osíris...
Ramsés e Cleópatra...

(*Jocoso*)

E então o faraó gritou: — prêto, 29!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461,P.38

DPF
DCDP
Fls. N.º 22
Rubrica

(*Como na roleta*)

Façam jôgo, senhores. Façam jôgo.
Vermelho... 36!

(*Noutro tom*)

Heródoto...
Egito...
"O Egito é uma dádiva do Nilo".
Nilo Branco, Nilo Vermelho, Nilo Azul.
Nilo de tôdas as côres...
Côres...
Portinari!
Azul de Portinari!

(*Com naturalidade*)

Com licença!

(*Ergueu-se e toca a campainha novamente*)

Ninguém!

(*Irritado*)

Ninguém atende o telefone.
Ninguém responde a esta maldita campainha.

(*Bate na porta*)

Dulce!... Dulce!... Sou eu, Dulce!... É o mercindo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461, P.39

(*Suplicante*)

Gumercindo!

(*Explode*)

Vai ver que ninguém está em casa. Isto, aliás, era uma das coisas que mais me irritavam. Dulce não parava em casa.

Telefonava da rua. Trrriiiiiiiiiiiiiiin!

Trrriiiiiiiiiiiiiiin!

Nada.

(*A um espectador*)

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.

Gostava.

Mas compreendam bem. Compreendam, pelo amor de Deus!

Um sorriso e uma múmia...

E a Señora del Mar...

E o dó — ré — mi — fá — sol — da menina.

E a patinete do menino...

Fuiiiiiiiin! Fuiiiiiiin!

E a D. Gervásia, minha sogra, falando - fala... do - patatí - patatá - patatí - patatá - patatí - ... tá...

(*Como na roleta*)

Prêto!... 33!...

Façam jôgo, senhores!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

DPF
DCDP
Fls. N.° 23
Rubrica

"Usted habla castellano? Vayamos a Mar del Plata. Hagan juego, señores!
Hagan juego! No va mas!

(*Afasta uma ficha hipotética e censura*)

No va mas!

(*A um espectador*)

O senhor, naturalmente, que não me conhece, vai dizer que eu estou louco.

(*Entrega-lhe um cartão de visitas*)

Gumercindo Tavares, um seu criado.

(*Com naturalidade*)

A princípio eu gostava, imensamente, de Dulce. Até seguro de vida eu fiz.

(*Procura aflito nos bolsos e acaba encontrando um papel*)

Está aqui.

(*Mostra-o aos espectadores*)

Seguro de quinhentos contos.

(*Desce à platéia e entrega o papel a um espectador. Fica falando da platéia, enquanto volta, lentamente, à escada*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.41

Mas o diabo eram as múmias. Era como se o indivíduo morasse dentro da pirâmide de Miquerinos.

E a esfinge silenciosa...

"Quarenta séculos vos contemplam!"

De um lado a esfinge silenciosa e indecifrável. Do outro dona Gervásia falando-falando-falando-patatí-patatá-patatí-patatá.

(*Tétrico*)

E do fundo da noite negra, do meio dos pesadelos, já me surgiam vozes soturnas e misteriosas, tristes e profundas, com aquêle interminável *"Ruega por los rudos y blancos abuelos, ruega por nosotros, Reina de los Cielos, Señora del Mar!"*

(*Lamentoso*)

Eu amava Dulce.

(*Terno*)

Eu amava Dulce.
Aqui está, senhores.

(*Tira uma fotografia do bôlso e mostra-a ao público*)

Aqui está.

(*Tira outras fotografias e deixa-as com os espectadores*)

A nossa lua-de-mel. Vejam quanta ternura e quanto amor! Quem diria que hoje...

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE
046 P42

DPF
DCDP
Fls. N.º 24
Rubrica

Mas a coisa começou de uma maneira bem simples. Dulce não parava em casa. Um dia era Dulce que ia visitar as exposições de pintura. No outro dia...

(*Como quem se lembra de algo aterrador*)

Portinari!
E surgiram do meio do dó — ré — mi — fá — sol, da Señora del Mar,
das múmias,
dos faraós,
das botas... botas... botas...

(*Como quem tem visões dantescas*)

Os pés de Portinari...
As mãos de Portinari...
As caras de Portinari...

(*Contempla horrorizado as próprias mãos*)

Onde estão minhas mãos?

(*Desesperado*)

Onde estão minhas mãos?
Estas não são as minhas mãos...
São as mãos de Portinari!

(*Continuando a ter visões apavorantes*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE
0461,p.43

E eram pés descalços,
pés humildes,
pés cansados,
pés macerados,
sofridos,
torturados,
triturados.
Eram pés sem botas... botas... botas...

(*Acelerando o ritmo*)

E eram mãos e pés e ventres e espantalhos!
Espantalhos de faraós declamando, pés de Ramsés e ventre de Cleópatra.
E a cobra vinha subindo-subindo-subindo para sugar-lhe o seio.

(*Doce e sonhador*)

E o rosto de Eurídice! De minha Eurídice!

(*Quase em êxtase*)

De minha Eurídice!

(*Descreve suave e ternamente*)

E as mãos de Eurídice vinham coleantes,
suaves,
ternas,
acariciantes,
mãos plácidas,
serenas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 P44

DPF
DCDP
Fls. N.º 25
Rubrica

Eu as cobri de anéis e de pulseiras.

Aquelas mãos conheciam o segrêdo da expressividade.

Mãos fugidas da estátua de Vênus,
mãos admiráveis!

Naquelas mãos cabiam os mais belos sonhos, os mais elevados ideais.

Naquelas mãos havia o mistério do acorde não soado.

Mãos pedindo harpas,
mãos pedindo asas,
mãos clamando preces,
ternura
e amor.

Mãos...

As mãos de Eurídice!

Mãos pedindo preces...

(*Com naturalidade*)

Eurídice é existencialista.

Eurídice não sabe, como nenhum de nós, o que é existencialismo.

(*A um espectador*)

O senhor sabe?

Eu, também, não sei.

Muitos supõem que o existencialismo...

Não.

(*Salta de um assunto a outro com a maior naturalidade*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
046l,P.45



Rodolfo Mayer, em "As Mãos de Eurídice", visto pelo "Diário de Lisboa".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461.P.46

DPF
DCDP
Fls. N.º 26
Rubrica

Quando casei com Dulce ela era uma menina simples e sem cultura.

Pensava que Beethoven era jogador de futebol.

Meses depois se mascarou.

Envolvida na rêde da granfinagem e da cretinice atômicas,

ela — que mal sabia a diferença entre um dó e um sol,

ela — que mal sabia distinguir uma sanguínea de um quadro a óleo,

ela que mal sabia assinar o seu nome,

começou a dar opiniões sôbre música e arte modernas.

E porque Vila Lobos isso.

E porque Prokofief faz e acontece.

E porque Stravinsky e Copland e Schoenberg e Bela Bartok e Camargo Guarnieri...

E Dulce se tornou sócia da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

E eu já estava esperando o dia em que Dulce fôsse ensinar ao maestro Koussevitsky a reger Beethoven.

E Dulce dava opiniões!

E porque o fagote isso e porque o oboé está meio tom abaixo e porque o côrno inglês desafinou...

(*Furioso*)

E eu juro aos senhores que Dulce nem sequer sabia distinguir um fagote de um oboé e muito menos conhecia um côrno inglês.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 R. 47

E a transformação de Dulce não foi só nisso!

E porque Brailowski toca Chopin melhor do que Firkusny.

E porque Firkusny é melhor do que Rubinstein.

E como se isso não bastasse ainda se pôs a estudar piano!

Em pintura Dulce já discutia Picasso, Salvador Dali, Van Gogh, Matisse, Corot, Manet, Rivera, Portinari...

E porque Portinari isso.

E porque Portinari aquilo.

E porque o azul de Portinari,
porque o amarelo de Portinari,
porque o côr-de-abóbora de Portinari...

Um dia encontrei Dulce explicando Portinari a Portinari.

— "Não, senhor Portinari. Não é daqui que se deve olhar êste seu quadro. Os quadros de Portinari devem ser vistos a dois metros e meio de distância".

(*Naturalmente*)

Dava opiniões técnicas.

E porque Shostakovich é um cretino.

E porque Miaskowsky é formidável.

E porque Prokofief em "Pedro e o Lôbo" andou querendo não sei o quê.

E porque Vila Lobos entende é de bilhar. Não entende nada de música.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046,P.48

DPF
DCDP
Fls. N.º 27
Rubrica

(*Furioso*)

Um inferno!

Uma loucura!

E Dulce sorridente, radiosa, festiva, intranqüila, buliçosa.

Comigo era um inferno. Nem uma palavra. Nem um comentário.

Só falava comigo para me chamar de maluco pra cima.

(*Calmo*)

Eu não sei se os senhores conheceram o Dr. Hermengardo Santos, meu sogro. Especialista em assuntos egípcios e filatelista.

Qualquer um deixaria aquela casa porque aquilo se tornava insuportável.

(*A um espectador*)

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.

Gostava.

(*Justificando-se*)

Mas o senhor compreende.

Por mais amor que se tenha, por mais que se sinta, um dia a gente explode.

Explode ou não explode? Explode.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461/P.4º

(*Cresce-lhe a irritação*)

O senhor sabe o que é ter em casa um verdadeiro Grêmio Lítero Musical e Esportivo?

Dulce era a presidenta.

Dá para acabar com um Gumercindo Tavares ou não dá?

(*Entre revoltado e irônico*)

E as pianistas com as suas valsinhas de Chopin!

E as declamadoras!

(*Declama imitando*)

"Ruega por los niños que estan en la cuna, ruega por los hijos que un dia vendrán y iran a tus olas a buscar fortuna, Señora del Mar".

(*Tira uma fotografia do bôlso, contempla-a e fala com ternura*)

Esta é a fotografia de Eurídice.

Na vida de todo homem deveria existir uma Eurídice.

(*Lê a dedicatória*)

"Ao Cindinho do coração com o amor sincero de sua Eurídice".

(*Confessa meio envergonhado*)

Meu nome é Gumercindo, mas para Eurídice eu sempre fui o Cindinho.

BR DFANBSB NS.CPR/TEA.PTE.
046l,p.50

DPF
DCDP
Fls. N.º 28
Rubrica

AS MÃOS DE EURÍDICE

(*Em desespêro crescente*)

Em casa eu não podia abrir a bôca.

Como podia eu abrir a bôca se Dulce falava, se D. Gervásia falava,
se o Dr. Hermengardo falava,
se todo mundo falava, gritava, tocava, declamava, bramia, zurrava, gemia, azucrinava, rugia!

Um inferno!

(*Pianíssimo, terno, amoroso*)

Com Eurídice era diferente.

Nós sonhamos um ninho só para nós dois.

Eurídice era a ternura, a doçura, a poesia feita mulher.

Tudo o que eu sonhava de paz e amor.

Um dia Eurídice surgiu em minha vida...

Eu acho que todos compreendem, não é verdade?

O senhor compreende?

A senhora compreende?

(*Vai-se irritando*)

De um lado Dulce,
granfina,
presidenta de Clube,
despótica,
verborrágica,
desumana,
cataclísmica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046.851

De um lado um egiptólogo com as suas múmias. De um lado D. Gervásia falando-falando-falando-patatí-patatá-patatí-patatá-patatí-patatá...

(*Amorosamente*)

E do outro... Eurídice!
Bonita como um poema!
Os olhos de Eurídice!
A bôca de Eurídice!
A pureza de Eurídice!
Tôdas as descrições serão inúteis.

(*Entrega a fotografia a u[illegible]pectador e diz com naturalidade*)

Vejam o seu retrato e não me digam mais nada. Sobretudo as mãos.

(*Começa a descrever apaixonadamente*)

As mãos de Eurídice exprimiam tôdas as emoções.
Riam, às vêzes.
Ficavam furiosas.
Choravam.
Juntavam-se em súplica.
Projetavam-se em desespêro.

(*Cai em si de repente*)

Ainda há uma certa confusão em meu espírito. Acho que não me expliquei bem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p5

DPF
DCDP
Fls. N.º 29
Rubrica

Compreendam.

Eu sou um homem comum, de idéias comuns, ideais comuns, ambições comuns, tudo comum.

Como todos quero uma vida de compreensão, de solidariedade, de companheirismo.

Nada demais.

Entretanto não encontrei nada disso.

Voltava de meu trabalho e não encontrava a paz.

Eu vinha do meu trabalho cautelosamente, prudentemente,
vagarosamente.

Entrava em casa.

Ao abrir a porta a primeira pessoa que me surge é o Dr. Hermengardo, um indivíduo que faz com que qualquer um se sinta mumificado.

Mumifica a alegria, a esperança, a alma.

Tôdas as esperanças tinham ficado lá fora, como no Inferno, de Dante.

"Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate".

(*Começa a desesperar-se*)

Depois surgia a figura apocalíptica de dona Gervásia.

Com o Dr. Hermengardo eu me sentia mumificado.

Com dona Gervásia eu me sentia devastado, arrasado, aniquilado.

E depois vinha Dulce.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 58



Enrique Guitart (Prêmio Maior — Interpretação Masculina etc.), o intérprete espanhol que já alcançou cêrca de 4000 representações com "As Mãos de Eurídice".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p.5

DPF
DCDP
Fls. N.º 30
Rubrica

(*Imita-a*)

"E faça a barba. E não me envergonhe. E vista-se direito. E não jogue a cinza no chão.
E porque não trabalha mais. E porque isso.
E escove os dentes. E penteie-se direito.
E porque aquilo...
E eu calado, agüentando sempre...
SEMPRE!

(*Naturalmente, outra vez*)

Não sei se já lhes disse que meu nome é Gumercindo Tavares e que de profissão sou escritor. As minhas obras ainda estão inéditas.

(*Fazendo comício com ardor e revolta*)

Inéditas sim, brasileiros!
Porque uma campanha de inveja, inveja — repito!, acompanha o meu trabalho intelequitual.
Inveja de José Lins do Rêgo!
Inveja de Érico Veríssimo!
Inveja de Joraci Camargo!
Inveja de Jorge Amado!
Sim...
Porque no dia em que as obras de Gumercindo Tavares (Sou eu) sairem do prelo...

(*Cai em si, parece perceber o próprio ridículo e tenta justificar-se*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.55

Um dia comecei a sentir uns sintomas estranhos.

Ouvia vozes.

Ouvia gritos.

Ouvia ruídos esquisitos.

Acordava sobressaltado.

Já não podia fixar-me em nada.

Eu me sentia num torvelinho, num turbilhão.

Com mêdo de enlouquecer!

Sim, meus senhores! Quase enlouqueci.

Um dia comecei a ouvir vozes...

(*Imita Dulce*)

"Eu sou uma infeliz, Gumercindo. Gumercindo eu sou uma infeliz!"

(*Apavorado*)

E as pirâmides imensas,
majestosas,
colossais,
se erguiam em minha frente.

E maior que tôdas as pirâmides se erguia majestosa D. Gervásia falando... falando... falando...

Amenemat I... Amenemat II... Amenemat III... e a esfinge falava, gritava, urrava...

Desvendado o segrêdo da esfinge!

A esfinge falou, senhores!

A esfinge falou!

E do fundo do areal imenso surgia a voz da declamadora insaciável, incansável, infindável...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p56

DPF
DCDP
Fls. N.º 31
Rubrica

(*Imita-a*)

"Con tu amor soñamos,
por tu fe vivimos,
Señora del Mar."

(*Volta a "ver" a roleta*)

Prêto!... 23!
Vermelho!... 34!
No va mas!
Hagan juego, señores!
Hagan juego, imbeciles!
Hagan juego!

As mãos de Eurídice pediam fichas, *mais fichas,* MAIS FICHAS...

E a roleta engulindo insaciável, incansável, infindável...

(*Solfeja com revolta*)

Dó — ré — mi — fá — sol — fá — mi — ré — dó — ré — mi — fá — sol — fá — mi — ré — dó...

(*Imita Dulce*)

Chegou a modista?... O plissé?... O babado?... O bordado?... O aplique?... Tem figurino?

Cabeleireiro às 10? E as unhas?

Madame Mendonça chamou?...

Hoje tem "buraco"?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046|P.57

(*Como na roleta*)

Hagan juego, señores. Hagan juego.

(*Descreve com ternura*)

As mãos de Eurídice depositam fichas, docemente, suavemente.

(*Com angústia*)

E a valsa de Chopin atravessa a sala como se fôsse escrita com serpentes, com cobras venenosas, a envenenar a alma com açúcar, com a doçura pegajosa de Chopin.

(*Com pavor*)

E surgem pés monstruosos e mãos monstruosas!

Mãos e pés de Portinari carregando pedras monstruosas, ao som de uma valsa de Chopin... ao som das polonaises...

Milhares e milhares de escravos egípcios desfilam arrastando pedras gigantescas para a construção da grande pirâmide de Quéope.

(*Revoltado*)

E o garôto vinha com a patinete pela sala:

Fuiiiiiiin!... Fuiiiiiin!

E a menina acalentava a boneca em seus braços:

"Dorme, filhinha, do meu tolatão".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461, p.58

DPF
DCDP
Fls. N.º 32
Rubrica

(*Desesperado*)

E eu queria fugir, fugir para muito longe. Para longe de D. Gervásia, longe de Chopin, longe da patinete, longe de Dulce, longe da Señora del Mar, longe de Portinari, longe de vocês todos.

(*Acalma-se*)

Foi aí que surgiu Eurídice em minha vida.

Eurídice, a doce, a meiga, a pura, a existencialista.

Fugi. Fugimos para a Argentina.

O Dr. Frederico andava em atitudes suspeitas diante de Dulce.

O Dr. Frederico vinha com orquídeas, com rosas.

Rosas de tôdas as côres.

Rosas amarelas, rosas vermelhas e até rosas — côr-de-rosa.

Vinha com poemas de Geraldy. "Toi et Moi".

De Rabindranath Tagore.

Sem falar nas caixinhas de bombons.

(*Imita um Dr. Frederico melifluo*)

Êstezinho aqui tem licor, Dona Dulce.

Êstezinho tem recheio de amêndoas, Dona Dulce.

"Ih, ih, ih!"

E toca a declamar Tagore:

"Quando, ràpidamente, ela passou por mim, a fímbria de sua veste me roçou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461,p.58

(*Com fúria*)

Vá roçar na... "fímbria do inferno". Uma pouca-vergonha!

Até andou fazendo poemas para a minha mulher!

Um dêles começava assim:

"Teus olhos são planêtas cintilantes"!

Planêta cintilante é a "fímbria do inferno"!

(*A um espectador*)

Veja o senhor! Planêtas cintilantes!

Afinal de contas eu queria que o senhor me explicasse uma coisa.

Talvez eu seja um débil mental.

Talvez eu não compreenda.

Eu queria que o senhor me explicasse a título de quê um sujeito manda flôres a uma senhora casada! Livros a uma senhora casada!

Bombons de licorzinho e recheio de amêndoas a uma senhora casada!

(*Noutro tom*)

Mas o que interessa é que eu fugi com Eurídice para a Argentina.

Sim, porque eu não suportava mais!

Eu compreendo que se goste de Portinari.

Pessoalmente eu sou o maior fan de Portinari.

Mas, pelo amor de Deus!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.20

DPF
DCDP
Fls. N.º 33
Rubrica

Ninguém venha *me dizer* que Dulce entende Portinari, que Dulce gosta de Portinari.

Diabo, senhores! Eu conheço Dulce!

(*Entrega com naturalidade um cartão de visitas a um espectador*)

Gumercindo Tavares, seu criado.

(*Natural ainda*)

Fui para a Argentina com Eurídice.

Deixei Dulce.

Ali conheci todos os mistérios da roleta.

Um[illegible]inha mantém o destino de uma porção de pessoas prêso aos seus caprichos.

(*Com admiração, quase orgulho*)

Eurídice jogava com insuperável elegância.

Era alvo da atenção geral.

Sabia perder com superioridade,
com displicência,
sem nervos,
absolutamente sem nervos...
o meu dinheiro.

As minhas mãos é que tremiam.

As mãos de Eurídice não se alteravam.

(*Com amor*)

Mãos brancas,
mãos doces,
mãos delicadas,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p6

quando surgiam no pano verde, entre tôdas as outras mãos,
eram como se fôssem tímidas e puras gazelas, castas e serenas,
entre lôbos famintos e chacais assassinos...

(*Cai em si*)

Mas um dia a roleta nos venceu.

Ficamos a zero.

Deixamos então Mar del Plata,
com seus malditos boleiros,
seus sórdidos "croupiers",
sua jogatina imoral e desenfreada.

Carreguei a minha doce Eurídice [illegible] Buenos Aires.

Ali percebi que nada mais restava da minha fortuna. Absolutamente nada.

Apelei para Eurídice.

Eu queria que ela empenhasse, que ela me emprestasse, uma das jóias que eu lhe havia dado, para tirar-me daquela situação.

Eurídice, entretanto, era grande até na desgraça.

(*Imita-a*)

Não. Não me separarei destas jóias nunca, disse ela. São as únicas recordações que me restam de um amor que já findou".

(*Ingênuo*)

Coitada! Queria recordar o passado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
046l,p.62

DPF
DCDP
Fls. N.º 34
Rubrica

Poucos seriam capazes de compreender uma existencialista.

Eu compreendi.

Compreendi e me afastei.

A última lembrança que me ficou de Eurídice foram as suas mãos.

Mãos pedindo preces.

Mãos pedindo harpas.

Mãos pedindo asas,

ternura

e amor.

(Começa a olhar, fixamente, o fundo da platéia, como quem tem visões. Começa a tropeçar no texto como se o tivesse esquecido.)

Eurídice era tôda... a minha... vida... Eurídice, para mim, era a própria vida... a própria... vida...

(De repente sua fisionomia ganha uma extraordinária alegria. Agora sim. Êle tem a certeza absoluta de que Eurídice ali está, lá no fundo da platéia. Nas frases anteriores Gumercindo se encontrava na escadinha. Sai correndo alucinado até o fundo da platéia gritando:)

Eurídice! EURÍDICE! EURÍDICE!

(Mas ao chegar ao fundo se desilude e volta desalentado)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461,p.6

Não é ela! Não é ela!

(*Sobe a escada e fala entre saudoso e terno*)

Quando perdi Eurídice eu me lembrei de Dulce. De Dulce e de nossos filhos.
Ricardinho já deve estar um homenzinho.
Lolinha já deve estar uma môça. Não brinca mais com bonecas.

(*Aproxima-se da porta e torna a tocar a campainha*)

Ninguém. Mas onde andará essa maldita chave?!

(*Procura nos bolsos e acaba achando*)

Ah! Está aqui.

(*Abre a porta e diz para a platéia*)

Quando quiserem aparecer é aqui que eu moro. Gumercindo Tavares, um criado às ordens.
Boa noite!

(*Começa a abrir a porta, enquanto o pano cai*)

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046(,P64

DPF
DCDP
Fls. N.º 35
Rubrica
35

SEGUNDO ATO

GUMERCINDO está "dentro" de casa. Está na sala e o público o vê porque falta a fachada daquela parte da casa. Passou muito pouco tempo. Minutos ou horas. Ao abrir-se o pano GUMERCINDO está gritando, dirigindo-se a pessoas que, hipotèticamente, estão no "hall", onde a presença da fachada impede que sejam vistas.

GUMERCINDO — Isto não fica assim!
Vocês não podem me condenar sem me ouvir!
Por que ninguém fala?
Respondam. Digam alguma coisa.
Chamem-me de crápula, de canalha, de qualquer coisa, mas digam alguma coisa, pelo amor de Deus!

(*Suplicante*)

Dulce. Compreenda, Dulce.
Foi uma loucura, mas a vida, para mim, era intolerável. Eu não podia mais suportar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,8.6

E eu quero saber de meus filhos.

Tenho direito a uma explicação.

E o que faz o senhor, Dr. Frederico, dentro de minha casa? Poderia contentar-se em conquistar minha mulher fora da minha casa, fora desta casa.

Respeitar o teto daquilo que um dia foi um lar.

Cale-se! Não diga nada!

Eu quero saber onde vocês estiveram.

Eu quero saber de onde vocês voltaram.

Eu quero saber tudo.

E parem com êsse maldito silêncio!

Onde está Lolinha, Dulce?

Pela última vez eu lhe pergunto: — Onde está Lolinha?

E Ricardinho?

Que é feito de Ricardinho?

(*Raivoso e sarcástico*)

Ah, já sei! Naturalmente internou seus filhos para poder estar mais à vontade com o seu amante.

Mas isso não fica assim!

Torna-me a vida intolerável, faz com que eu abandone minha casa e meus filhos, para quê?

Responda! Para quê?!

(*Furioso*)

E o senhor não se mêta, Dr. Frederico.

O senhor não tem nada com isso.

Cale-se!... Não. Fale.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046|,p.66

DPF
DCDP
Fls. N.º 36
Rubrica

Diga alguma coisa.
Falem!
Ah, não quer falar?!
Pois eu descobrirei tudo.
Tudo!

Nem que tenha de demolir esta casa, tijolo por tijolo, pedra por pedra.

De tudo o que vocês fizeram deve ter ficado um rastro,
um perfume,
uma perfídia,
uma car[illegible]
uma confissão,
uma mancha.

Esta é a minha casa.
Podem sair, ouviram?
Podem sair.
Rua! RUA!
Sacripantas!
Metidos a intelectuais.
Metidos a requintados!
Metidos a blasés!!
Vão pro inferno vocês
e Chopin
e a Señora del Mar
e Geraldy
e Tagore
e as múmias
e o diabo que os carregue!!!
Egoístas! Cínicos! Hipócritas!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
046|,P.67

(Começa a remexer nas gavetas da cômoda. Reúne papéis e coisas que traz para a "banqueta" anterior da casa, dentro de uma gaveta. Desta vez êle não usa a porta. A parte da fachada ausente permite-lhe sair da casa como se atravessasse a parede.)

(Aos espectadores)

Vocês viram, não viram?

(Pousa a gaveta no chão)

Depois de tudo o que eu tenho feito [illegible] Dulce! E apresenta-se com êsse sujeito na minha frente, na minha casa, na minha cara!

Pouca-vergonha!

O que vale é que vocês estão assistindo a tudo isso e vêm que eu não sou culpado.

Ah, mas eu hei de descobrir!

Ainda há justiça neste mundo.

Eu hei de mostrar tudo o que aconteceu nestes sete anos.

Enquanto eu estava sofrendo, ela estava aqui, ouvindo as serestas do Dr. Frederico.

Doutor Frederico!

Doutor em quê?

Todo mundo aqui é doutor!

Doutor em quê?

O senhor sabe?

Nem eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P68

DPF
DCDP
Fls. N.º 37

Doutor em poemas de Geraldy. Doutor em bombons com recheio de amêndoas e licorzinho.

Doutor!

(*Furioso*)

Na minha cara, na minha frente, na minha casa!

(*Voltando-se para onde Dulce e Frederico supostamente saíram*)

Cínicos! Velhacos! Sacripantas!

(*Começa a contemplar papéis que retira da gaveta que está a seus pés. À proporção que os vai tirando deixa-os no chão*)

Dívidas, dívidas, dívidas...

Como sabe fazer dívidas!

É verdade que o dinheiro não era meu. Era do pai dela.

Mas ela precisava pensar no futuro de nossos filhos.

Dívidas.

(*Pega de um cartão*)

letim do Ginásio Rio Branco.
uo Ricardo Tavares.
dinho.
m do terceiro trimestre.
tuguês — oito e meio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.69

(*Começa a interessar-se entre calmo e terno*)

Boa nota, não, é?
"História — Nove".
Inglês...

(*Começa a comover-se*)

Veja o senhor! Ricardinho falando inglês!
"Inglês — Nove e meio".
Como o tempo passa, não é verdade?
Não sei se todos os pais sentem da mesma maneira, mas tenho a impressão de que meus filhos cresceram de repente.
Falando inglês!

(*Ri baixinho e comovido*)

Ricardinho falando inglês! É o fim do mundo!

(*Continua a ler o boletim*)

"Ciências — Dez".
É crânio. Saiu ao pai.

(*Revolta-se ao lembrar*)

Mas aquela patinete me tornava a vida insuportável.
Fuiiiiiiin! Fuiiiiiiiin!
O dia inteiro!
Depois a tosse,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 046,P70

318

DPF
DCDP
Fls. N.º 38
Rubrica

a cachumba,
a catapora,
o sarampo,
a coqueluche,
o diabo que o carregue!

(Furioso)

O garôto parecia ter um contrato de exclusividade com os micróbios!

(A um espectador, já mais calmo)

Seu filho tem patinete?

(Volta ao boletim)

"Canto orfeônico — Três!"

(Volta-lhe a fúria)

É isto! Eu estou dizendo!
Mania de ensinar canto orfeônico nas escolas!
Coisas de Vila Lobos mesmo!
Para que canto orfeônico?

(Lê o boletim)

"Matemática — Zero!"

Mas é natural! Quem poderia estudar com tantas malditas recepções de Dulce? E depois... matemática!

Mete-se uma porção de noções na cabeça de um garôto...

046 p. 71
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

(*A um espectador*)

O senhor se lembra, por acaso, da fórmula das equações do segundo grau?

Não se lembra, é claro.

Deixe ver: — AB mais ou menos a raiz quadrada do diabo que o carregue menos não sei o quê...

Não é nada disso.

A culpa não é do menino.

Eu sou partidário da educação com grande base psicológica.

É preciso compreender a criança, estimular a criança, dar-lhe apoio, carinho, confi[illegible] ternura, proteção.

Se eu estivesse em casa, Ricardinho nunca, ouviram bem? — nunca!, nunca teria tirado zero em matemática.

(*Pega em outros papéis*)

Telegramas... Telegramas...

Uma carta.

Isto é que eu estava procurando: — uma carta de Frederico a Dulce.

Radiografias...

Contas...

Receitas...

Uma fotografia...

(*Contempla a fotografia e [illegible]*
rir sem parar, um riso nervoso, [illegible]
A incredulidade se estampa em seu [illegible].

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p72

Não é possível, não é possível, não é possível, *não é possível*, NÃO É POSSÍVEL!

Lolinha casada!

Minha filha casada!

(*A uma espectadora*)

A senhora está vendo, não é verdade?

Fizeram tudo sem me consultar a mim... O PAI!

Afinal de contas eu sou o pai.

Posso não ser um pai tão bom quanto o senhor ou o senhor, mas um pai.

Mas é uma criança, meu Deus!

Casaram uma criança de dez... (*Corrige*) dezessete anos.

Com certeza Frederico foi o padrinho do casamento.

É insinuante, maneiroso, hábil, sutil, requintado.

E Dulce é tão infantil!

Deixa-se levar pelo primeiro cretino que aparece.

E se o marido de minha filha não prestar?

E se a abandonar? Se fugir?

Sim, porque há de tudo neste mundo.

O senhor está compreendendo, não é verdade?, [illegible] ponto eu tenho razão?

Depois um sujeito estrangula, dá dois tiros na mulher e passa a ser um assassino, um criminoso, um inimigo da civilização, condenado pelo céu e pela terra.

DPF DCDP Fls. N.º 39 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046, p. 73

Dulce vai *me prestar* contas do que fêz de minha filha.

Naturalmente a menina estava atrapalhando o Grêmio Feminino.

(*A revolta vai em crescendo*)

Naturalmente estava atrapalhando os seus amôres com o Dr. Frederico!

Não podiam comer bombonzinho com licorzinho com a menina ao lado.

E pronto.

Entregue-se Lolinha ao primeiro imbecil que aparecer.

(*Volta a olhar a fotografia*)

O diabo é que eu nem conheço o marido de Lolinha.

(*Desce à platéia e vai consultar uma espectadora, mostrando-lhe a foto. Quando desce já traz consigo outras coisas e papéis, além da fotografia*).

Tem cara de bom sujeito, não tem?

E tudo sem me consultar!

(*Lê num pedaço de papel*)

"Teu riso tem cristais desconhecidos..."

Já escrevi isto há tanto tempo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

DPF
DCDP
Fls. N.º 40
Rubrica

(*Lê noutro papel*)

"Três camisas, duas toalhas..."
Lavadeira.

(*Súbito sua fisionomia se alegra. Encontrou um seu retrato e mostra-o a todos*)

Meu retrato. Vejam o meu retrato.
Vejam o retrato de um homem feliz.
A minha cara de antigamente.

(*Volta a ter em mãos a carta*)

Isto. Isto é que eu queria mostrar a vocês.
A carta de Frederico a Dulce.

(*Revoltado*)

Cínicos!

(*A esta altura Gumercindo está recostado na escada que liga a platéia ao palco. Começa a ler a carta*)

"Minha querida Dulce".

(*Aos espectadores*)

Estão ouvindo bem? O senhor está ouvindo? A senhora? Muito obrigado.

"Minha querida Dulce". (*Querida, compreendem?*)

SR DFANBSB NS CPR TEA PTE
0461, p. 75

"Deveria existir um dicionário de silêncio, de palavras inexistentes, palavras nunca pronunciadas, palavras nunca ditas".

Dicionário de silêncio! Dicionário de pouca-vergonha, seu canalha!

"Gumercindo há sete anos não dá notícias suas e você, querida Dulce",

Querida Dulce, compreendem?

"... e você, querida Dulce,"

Querida Dulce!

"... sempre fiel, sempre boa, sempre dedicada à recordação daquele crápula,"

O crápula sou eu

"... um crápula que fugiu com uma vagabunda qualquer e gastou todo o dinheiro, todo o dinheiro que pertencia a você, Dulce, nas roletas de Mar del Plata."

Quem perdeu não fui eu. Foi Eurídice.

"Só eu sei da pureza que você possui, do que você tem sofrido, da sua dedicação, do seu grande amor por Gumercindo".

Amor por mim? Ah... ah... ah...

"Chegou o momento de pensar em nós. Pense um pouco em nós, Dulce. Seu eterno — Frederico."

Pensar nêles!

Cínicos! Egoístas! Hipócritas!

Pensar nêles enquanto eu caminhava derrotado, enquanto eu sofria calado as perdas da roleta, enquanto Eurídice me abandonava solitário e triste!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046|,P.76

Pensar nêles enquanto eu sofria a fome, a tortura moral, a desgraça de não poder ver meus filhos.

Pensar nêles!

Chegou a hora de pensar nêles!

Sacripantas!

DPF DCDP Fls. N.º 91 Rubrica

(*Relê mais calmo*)

"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".

(*Como quem descobriu algo*)

Esta carta foi forjada, forjada para que eu a encontrasse e acreditasse nela. Souberam que eu viria, escreveram a carta e pronto. O imbecil será enganado. O idiota engulirá qualquer pílula.

(*Relê*)

"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".

Onde estava êsse amor quando eu estava aqui? Onde?!

(*Lê a carta*)

"Não continue a chorar, Dulce. Aquêle bandido não merece uma única lágrima.

Esqueça-o. Já sofreu bastante minha *querida* Dulce".

(*Furioso*)

Vejam bem os conselhos dêsse miserável!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p 77



Maurice Schwartz, o intérprete norte-americano de "As Mãos de Euridice".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 78

DPF
DCDP
Fls. N.º 42
Rubrica

"Esqueça-o". Esquecer a mim. Pensa que é fá-

Ela precisa lembrar-se e lembrar-se muito do que me fêz, de tudo o que eu sofri, da tortura por que passei.

Relê

"Só eu sei... do seu grande amor... por... Cumercindo"

Concessivo

Bem, não digo que ela não me amasse. Mas compreendam bem.

Qual é o papel de uma mulher que ama quando o homem que ela ama se apaixona por uma vaga...

Corrige depressa

... por uma outra mulher?
É lutar por êle. Fazer algo por êle.
Procurar reconquistá-lo.
Foi isso que ela fêz?
Não.
Fechou-se em seu orgulho,
procurou elevar-se,
procurou esquecer,
afogando-se nas reuniões monótonas, nas exposições sombrias, nos concêrtos da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

(*Lamentoso*)

Eu precisava de uma mulher que me disse — "Gumercindo, isto é uma loucura. Isto é uma loucura Gumercindo".

(*Revoltado*)

Ela não moveu um dedo para me salvar.
Deixou que eu me atolasse.
Renunciou covarde, imoral e infamemente.
Conseqüência: — atolei-me até aqui.

(*Humilde e saudoso*)

Agora estou de volta.
Não é tarde para recomeçar.
Seria tão bom!
Ter Lolinha ao lado.
Ter Ricardinho...
Ricardinho falando inglês: *"How do you do, father?*
Tudo como antigamente

(*Irritando-se*)

Mas ela não quer falar! Não quer explicar nada, absolutamente nada! Não quer.
E aquêle Doutor Frederico?
Aquêle canalha sempre ali, sempre firme e fiel como um cão.

(*Acalma-se e pega num papel*)

Receita...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P.80

DPF DCDP Fls. N.º 43 Rubrica

(*Vai pegando em outras coisas*)

Radiografia de pulmão...
Receita de Estreptomicina...
Dr. Mendonça...
Menor Ricardo Tavares...

(*Começa a preocupar-se, começa a assustar-se*)

Ricardinho... doente...

(*A um espectador*)

O senhor é médico? Doutor, para que é que se dá Estreptomicina, hem?

(*Aflige-se*)

É coisa ruim, doutor?

(*Mostra ao espectador a radiografia*)

Veja esta chapa. É dêle. É grave, doutor? É GRAVE?

(*Olha assustado e angustiado em tôrno de si*)

Por que estão calados?
Por que me olham assim?

(*Começa a reconstituir os fatos com ...ia, enquanto vê outros papéis*)

...anatório Boa Esperança... Conta do ... Tavares... Ricardinho... Campos

ANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P-81

do Jordão... Sanatório... Deve estar muito
Muito frio... Estreptomicina... Ricardinho...

(*Num crescendo de angústia*)

Por que me olham assim?
Eu não tenho culpa de nada.
Eu não fiz nada.
Vocês viram. Eu nem sequer estava aqui.
Por que não salvam meu filho?

(*Grita desesperado*)

Por que estão me olhando?
Corram! Ricardinho está doente. Doente...
Meu filho está doente...

(*Olha desvairado e fala baixo*)

Meu filho está doente...
Sanatório...
Estreptomicina...
Frio...

(*Olha as suas mãos. Nelas ainda estão papéis, telegramas...*)

Telegramas...
Telegramas...

(*Lê assombrado um dos*

"Sinceros pêsames falecimento r
ci...vel...Ri...car..."

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE

BR DF

(Deixa cair o que tem nas mãos e contempla a platéia desvairado. Neste momento GUMERCINDO entra em completa alucinação)

Madame. Por favor! Não me olhe assim. Eu não tive culpa.

Frio... Está muito frio...

Dizem que, às vêzes, até cai neve em Campos do Jordão.

(Grita para o palco)

Pare! Pare de tossir, Ricardinho.
Papai já vai. Tome o remédio...

DPF
DCDP
Fls. N.º 44
Rubrica

(Volta-se furioso para a platéia)

Bandidos! Ladrões!
Eurídice! Não jogue nesta roleta.
São todos uma cambada de ladrões.

(Grita choroso para o palco)

Eu já vou.
Eu já vou, Ricardinho. Mas pare com essa tosse, Ricardinho. Pare com essa tosse, pelo amor de Deus!

(De repente "vê" surgir Dulce na sala e sobe delirando de alegria da platéia ao palco)

Dulce! Dulce! Você voltou, Dulce! Eu sabia, Dulce, que você voltava.

NS.CPR.TEA.PTE
0461,p.83

Que mala é essa? Veio buscar suas coisas

Dulce. Eu já sei de tudo. Já sei que Lo... casou.

Já sei que Ricardinho m...

Sei que você tem sido fiel sempre... sempre... sempre...

Não vá, por favor!

(*Suplicante*)

Não me deixe só.

Não me abandone, pelo amor de Deus!

Eu preciso de você, Dulce.

Eu preciso de suas palavras e dos seus cuidados...

(*Docemente*)

"Gumercindo. Faça a barba, Gumercindo".

"Gumercindo, vista outro terno".

"Gumercindo, descanse um pouco".

(*Suplica quase chorando*)

Eu preciso do seu piano e de suas valsas.

Eu preciso de sua pureza e de sua grandeza de alma.

Não me deixe, Dulce. Não me deixe...

Dulce. Peça ao Ricardinho para parar com essa tosse.

Pare com essa tosse, Ricardinho!

Pára com essa tosse, pelo amor de Deus!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P84

43

DPF
DCDP
Fls. N.º 45
Rubrica

(*Explode dirigindo-se à platéia*)

Ladrões! Bandidos!
Essa roleta é um roubo!
Quero o dinheiro de meu filho.
São todos uma cambada de ladrões.
Não, Eurídice. Não jogue mais!
Todos são culpados.
Vocês mataram meu filho.
Todos. Assassinos!

(*Desesperado*)

Parem. Parem. Parem com essas pedras.

Não arrastem essas pedras, pelo amor de Deus! Não é preciso. Não é preciso construir as pirâmides, não.

Ricardinho. Ouça, Ricardinho. Está frio?

Muito frio? Dulce, o suéter azul de Ricardinho.

Meu filho. Fale um pouco. Fale inglês, meu filho.

Papai quer ouvir.

Lolinha! Estava bonito o seu casamento?

Marcha Nupcial e tudo? Que beleza!

Você botou o mesmo vestido de sua mãe? O vestido de Dulce?

Que maravilha?

E o padre... o que disse? "Proteger o lar... Zelar pelos filhos... construir um futuro de felicidade, de imensa felicidade..."

Dulce. Não me deixe agora. Agora não, Dulce. Podemos começar tudo de nôvo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, P.85

Parem. A Marcha Fúnebre, não.

Eu quero as valsas, de Chopin.

Parem!

Podemos começar tudo de nôvo.

Ricardinho vai ficar bom.

Vai ser uma maravilha! Vai ser como antigamente!

Tão bom, Dulce!

Você e suas valsas de Chopin...

E a declamadora com *"Ruega por los niños, Señora del Mar"*.

Que coisa linda, Dulce! Veja que coisa linda! *"Ruega por los niños!"*

Vai ser tudo como antigamente.

Como antigamente?

"Sinceros pêsames"...

Onde ouvi isso?

"Sinceros pêsames..."

Pêsames por quê Dulce?

Não, Dulce! Não é possível!

As crianças não morrem nunca. Não devem morrer.

(*Apontando um espectador*)

Que é que o senhor está fazendo aí?

Deixou a mulher e os filhos em casa e veio?

Sòzinho?

Sua vida é um inferno? Intolerável?

Surgiu uma Eurídice em sua vida, também?

Para salvar os filhos é preciso acabar com tôdas as Eurídices do mundo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461,P-86

DPF
DCDP
Fls. N.º 46
Rubrica

Quem vai cuidar de seus filhos?
Quem manterá o seu lar?
Concordo. Já sei.
Mas seus filhos não têm nada com isso.

Ah! Tudo seria tão fácil se não fôssem os filhos! Se as crianças não nascessem e, sobretudo, se as crianças não morressem.

(*Desesperado, alucinado*)

Estas mãos!
Estas mãos não são minhas!
Parem com êsse Chopin. Parem com essa declamadora. Parem com essas gargalhadas.
Ricardinho está dormindo.
Parem com essa roleta.

(*Tentando justificar-se ainda*)

Vocês viram. Todos viram que eu sou inocente de tudo o que aconteceu.

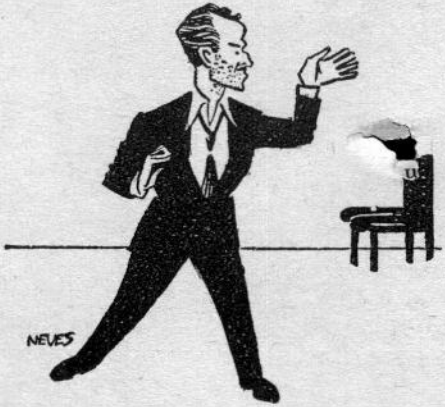
Dona Gervásia falando-falando-falando-patatí-patatá-patatí-patatá-patatí-patatá... E as múmias e o dó — ré — mi — fá — sol e Vila Lobos e Prokofief e isso e mais aquilo e porque o azul de Portinari e porque o amarelo de Portinari e porque o côr-de-abóbora de Portinari, e não sei o que mais...

Patatí-patatá-patatí-patatá-patatí-patatá.

E os escravos avançam.

Enormes pedras são arrastadas para a construção da grande pirâmide de Quéope.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046,P.87



Rodolfo Mayer, em "As Mãos de Eurídice", visto pelo desenhista do jornal português "República".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.88

(*Gargalhada histérica*)

Para que as pirâmides?
"Quarenta séculos vos contemplam".
Para que os quarenta séculos?
E mais angústia...
e mais confusão...
e mais guerras...
e mais bomba atômica...

DPF
DCDP
Fls. N.º 47
Rubrica

(*Transição. Como na roleta*)

Vermelho!... 32!
Prêto!... 27!
Hagan juego, señores!
Hagan juego!
A bomba vem caindo sôbre Hiroxima.
Fuiiiiiiiiiiiiiiiiiiiin! Pum!
Acabou Hiroxima.
Hagan juego, señores.
Hagan juego.

(*Neste momento, diante da porta de sua casa êle parece vislumbrar Eurídice. Dirige-se a ela suplicante*)

Eurídice!
Eu preciso de você, Eurídice!
Minha vida está em suas mãos.
Essas mãos tão puras, Eurídice!
Deus gosta mais das mãos puras que das mãos cheias.

SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P.89

Onde está a linha da vida, Eurídice?
Como é linda a sua mão!
Eu preciso de você, Eurídice.
Eu preciso de uma dessas jóias que cobrem as suas mãos.
O menor de seus anéis me salvará a vida.
Dei a você tudo o que eu tinha.
Tôda a minha fortuna.
Tudo, Eurídice.
Por você deixei tudo, renunciei a tudo.
Não quero nada demais.
Só quero o menor de seus anéis.
O menor de seus brincos.
O menor de seus colares me salvará.
Ouça, Eurídice.
Tôda a minha fortuna está em suas mãos.
Mãos suaves, ternas, acariciantes...
Mãos que eu cobri de anéis e de pulseiras.
Mãos pedindo preces, ternura e amor.
Você se lembra, Eurídice? O "Poema das Mãos".
Em tudo eu só via as suas mãos.
Na carícia e na roleta.
Por favor, Eurídice!
Eu quero o menor de seus anéis. O menor!

(*Irritando-se*)

Ah, não quer?
"Únicas lembranças de um amor que já morreu?"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Cínica!
Canalha!!!

(Ergue um revólver fictício contra "Eurídice" e dispara acompanhando a queda do corpo. Quando o corpo cai êle grita)

Morre! Assim!... Assim...
Pensou que eu não me vingaria?
Pensou que eu ia ficar sem as minhas jóias, deixando em ruínas a mim e aos meus?

(Ajoelha-se desesperado diante do "corpo")

Eurídice!
EURÍDICE!
Não, Eurídice!
Eu não queria matar você.
Eu juro.
Eu juro que não queria.
Êste revólver era para eu me suicidar.
Mas não tive coragem.
Sou um covarde, Eurídice.
Um covarde.

(Chora. Depois repete saudoso)

Mãos pedindo preces, ternura e amor...

(Riso histérico)

Ninguém. Ninguém vai descobrir que eu matei você, Eurídice.

DPF DCDP Fls. N.º 48 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Ninguém.

Você pensa que foi fácil?

Pensa que foi fácil iludir tôda a polícia de Buenos Aires?

Mas recuperei tudo.

Arranquei de seu pescoço e de suas mãos tôdas as jóias... Tôda a minha fortuna estava em suas mãos... Tôdas as jóias...

(Tira do bôlso, maquinalmente, colares, anéis, pulseiras, e os vai deixando cair no chão)

Vim para reconstruir minha vida.

Vim para erguer-me novamente.

(Neste momento êle se ergue e enquanto diz as primeiras palavras seguintes as últimas jóias escapam de suas mãos.

Uma luz azulada vai-se infiltrando para substituir a luz clara do ambiente.

Duas lâmpadas estão acesas sôbre a cômoda desde o começo dêste ato.

A luz azul vai tomando conta do ambiente e vai-se concentrando na figura de GUMERCINDO que fala com emoção e lágrimas crescentes)

Eu quero cobrir as suas mãos de jóias. Eu quero as suas mãos, Dulce.

As mãos que tocavam Chopin,

as mãos que educavam meus filhos,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P92

as mãos que me consolavam e me davam ternura e amor, sem pedir nada em troca.

Eu quero suas mãos, Dulce.

Mãos que não pedem harpas,
que não pedem preces,
mãos que não pedem nada.

Mãos que só sabem dar.

Eu quero suas mãos, Dulce.

Comecemos tudo de nôvo.

Eu voltei.

para ouvir de nôvo
o riso de Lolinha,
o dó — ré — mi — fá — sol,
a Señora del Mar,
Vila Lobos,
Portinari,
as múmias,
os faraós,
as valsas de Chopin!

DULCE! EU VOLTEI, DULCE!

(*Chora e ri ao mesmo tempo e cai de joelhos como em prece*).

EU VOLTEI!

FIM

DPF DCDP Fls. N.º 99 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p93



Enrique Guitart em "As Mãos de Eurídice".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0961,P.94

DPF
DCDP
Fls. N.º 50
Rubrica

NOTAS

Esta peça só tem um personagem porque *não pode* ter mais de um. Um homem sòzinho com o seu desespêro.

Os papéis e documentos que Gumercindo Tavares apresenta devem ser os mais "autênticos" que fôr possível.

Esta "veracidade" dentro do absurdo de Gumercindo Tavares cria um clima psicológico muito curioso e decisivo na comunhão de sentimentos.

Quando Gumercindo Tavares dá um cartão de visitas é um cartão de visitas autêntico, onde se lê Gumercindo Tavares, escritor.

Quando êle lê um telegrama, êsse telegrama é "de verdade".

Assim são "verdadeiros" o boletim, a radiografia, o seguro de vida, as fotografias, as receitas e assim por diante.

Tôdas essas coisas permitem um contato mais direto, servem de pretexto para uma aproximação

BR DFANBSB NSC.CPR.TEA.PTE.
0961, p.95

maior entre o ator e a platéia. As vêzes se tra[m] diálogos curiosíssimos, devendo o ator estar pre[pa]rado para qualquer emergência. Cremos que êste é [um] dos pontos em que existe inovação indiscutível.

A participação da platéia é real, positiva. Não existem comparsas.

Quando Gumercindo Tavares pergunta por exemplo, "o seu filho tem patinete?" o espectador pode confirmar, negar ou manter-se indiferente, disto dependendo a própria representação.

Se o espectador diz que sim, o ator atalha:

— "Então o senhor deve compreender o que isto significa".

Se o espectador não diz nada o ator prossegue normalmente.

Na cena em que êle pergunta: —

"O senhor se lembra da fórmula das equações do segundo grau? — pode acontecer que o espectador diga que sim. Neste caso o artista o obriga a dar a fórmula em voz alta.

Se o espectador não se lembra ou não quer dizer o ator atalha:

— "Não se lembra. É claro!"

O sonêto que Gumercindo Tavares escreveu e que se inicia com "Teu riso tem cristais desconhecidos" deve ser completo embora êle só leia a primeira linha. Para isso basta completar o sonêto sem muito talento, pois o personagem assim o requer, e deixá-lo com a platéia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046[illegible] P.96

Mas o principal elo desta união entre texto, ator platéia não está no fato de o artista descer do pal- não está sòmente nesta intimidade que se estabelece. A comunhão se dá pelo fato de a platéia participar do drama, sentindo-se parte dêle, sentindo-se cada um dos espectadores como fragmento da história de Gumercindo Tavares e na recomposição dêsses fragmentos tôda a platéia está dentro da história, sentindo-a e emocionando-se com ela.

DPF
DCDP
Fls. N.° 51
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.97

DPF
DCDP
Fls. N.º 32
Rubrica

ESTA NOITE CHOVEU PRATA!

(*Peça em três atos, para um só ator, que vive três personagens diferentes*).

...S.CPR.TEA.PTE. 0461/P-98

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p99

Depois do extraordinário êxito de *"As mãos de Eurídice"*, peça de um só personagem e que realizou a façanha de, em todos os países em que foi representada, mostrar e provar que um "monólogo" pode ser altamente teatral, pensou-se que o autor não seria capaz de repetir a façanha com uma outra peça

...ue lugar. Pedro Bloch, evidente-
...ca que usou em *"As mãos*
... caminho completamente

...choveu prata!" quis Bloch pro-
...nde ator a possibilidade de mos-
... capacidade cênica. O intérprete vive
...agem diferente em cada ato, mas os três
...ligados intimamente pela história.

No original o ator vive no primeiro ato o personagem português Francisco Rodrigues; no segundo ato êle é o maestro italiano Pietro Bonardi e no último é o ator brasileiro Camilo, envelhecido, no final de sua "glória" e de sua carreira, abandonado por todos, salvo pelos amigos Francisco e Pietro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Por que as nacionalidades diferentes?

Em primeiro lugar em função da própria história a ser teatralmente contada. Além disso, as diferentes nacionalidades, permitem ao ator uma diferenciação interpretativa mais flagrante, mais funda, uma separação de tipos mais perfeita, através da maneira de ser, do temperamento, do caráter, do gesto, do sotaque, das expressões, das citações, de tudo.

Mais ainda: procurou o autor, na versão brasileira, dar ao português um caráter-síntese da nacionalidade portuguêsa, nessa rusticidade cheia de ternura, nas explosões simplórias mas cheias de coração, nessa rudeza de mãos e de gestos que escondem uma alma transbordante de amor, mas com imensa vergonha da bondade que transborda. Procura mascarar na frase brusca e "violenta", sua solidariedade, sua amizade, sua invencível generosidade, bem portuguêsas.

O italiano procura resumir a alma de seu país. Procura, através de gestos e do modo de ser, através de uma verbosidade cheia de bemóis, cheia de paixão e vibração, contar sua "tragédia", à maneira de um "terceiro ato de ópera", até o final "grandioso", quando, percebendo o que perdeu, vive a cena culminante do segunto ato.

No terceiro ato o indivíduo que está oculto por um biombo, mas cuja presença cresce, desde o início até o fim da peça, ergue-se de seu leito, após a visita dos dois amigos (nos dois primeiros atos) e vive seu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046, p.100

papel. É aí que nós descobrimos que estamos diante de um velho ator brasileiro.

Cada ator, de acôrdo com o seu passado, revive "ad-libitum", a certa altura do terceiro ato, seus grandes êxitos passados. Isto tem um propósito: — não o de encaixar cenas parasitas, mas o de unir o ator ao personagem, de maneira a criar a ilusão de que não se poderá separar o ator do intérprete, o personagem real do personagem de ficção.

Nas versões para outros idiomas é lógico que o português foi transformado num tipo rústico de outros países. O maestro italiano é um tipo familiar em tôda parte continua como "maestro" e o ator passa a ser ator do país da ação da peça.

Pode-se achar, à primeira vista, que a peça possui, freqüentemente, sentimentos primários, frases muito diretas, uma fuga de "sutileza". Psicològicamente é a única maneira de interessar e prender o público nesse gênero de obras. Deve a peça ser representada em "tom maior".

Sim, a peça tem muita coisa simples e primária. Não tenhamos vergonha nem da simplicidade, nem do primarismo. É a volta ao sentimento primário, o pisar de nôvo a terra com pé descalço, que dão à vida sua verdadeira beleza, sua autenticidade verdadeira. O mundo atravessa os momentos que atravessa porque ignora a profundidade das coisas mais simples.

* * *

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461, P-101

Marcel Achard disse desta peça: — *"É obra de um extraordinário homem de teatro!"*

* * *

Procópio Ferreira já representou esta peça muitas centenas de vêzes no Brasil e em Portugal. João Villaret (o saudoso e grande ator português) viveu *"Esta noite choveu prata!"*, em Portugal e na Argentina, tendo percorrido grande parte da África sòmente com êsse original, transformando-o em seu maior êxito teatral. Zygmunt Turkow apresentou-a no Brasil, em Israel, na Argentina, no Chile, no Uruguai, na Austrália e em vários outros países. A versão de Willy Keller foi vivida na Alemanha.

Grande número de atores continuam representando *"Esta noite choveu prata!"* que, a exemplo do que ocorreu com *"As mãos de Eurídice"*, já alcançou milhares de representações em todo o mundo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046

CENÁRIO

Idêntico para os três atos. Um quarto de uma casa do interior brasileiro. Ao fundo uma cama com um biombo, colocada de tal maneira, que fica oculta, quase completamente, para o público. Fotografias pelas paredes, algumas representando um ator em diferentes criações e a de uma mulher lindíssima.

Diante do biombo duas poltronas surradas. Uma pequena mesa com telefone. Cabide com roupas diversas, chapéu e "robe-de-chambre." Deve-se tornar plausível a existência da pessoa que está deitada no divã. Suas pernas cobertas por um lençol podem entreaparecer. Também não é proibido que um auxiliar esteja ali realmente deitado; isto, porém, é dispensável e roubaria um pouco do "tour de force" do intérprete.

Portas laterais. Janela ao fundo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 108



Procópio Ferreira que viveu, com seu extraordinário talento, centenas de vêzes os três personagens de "Esta Noite Choveu Prata".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.104

PRIMEIRO ATO

Rodrigues, um português de cêrca de cinqüenta anos, é o primeiro personagem que chega.

Rodrigues é todo bondade, mas tem vergonha de seu imenso coração que êle procura ocultar, sem resultado, por detrás de expressões violentas, de rudezas e impropérios em que ninguém acredita.

Sua falta de cultura, sua simplicidade, fazem com que empregue as piores palavras com as melhores intenções.

RODRIGUES

Vai mal, senhores! Vai muito mal. Por favor! Não me façam barulho, pelo amor de Deus! (*Olhou o amigo no leito e sacudiu a cabeça, preocupado. Fala, alternadamente, com o público e com o homem estendido no leito, homem êste que o público não*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.105

consegue ver.) O doutor já cá veio? Ainda não? (*Olha o relógio de bôlso, prêso a uma solene corrente.*) Quem havia de dizer, hem? A vida não vale mesmo nada. Um dia o gajo está bem. No outro... Bonardi já apareceu por cá? Não? Então o raio dêsse italiano não sabe que o Camilo não pode estar só? Silêncio, por favor!

(*Rodrigues, lentamente, na ponta dos pés, torna a aproximar-se do leito, analisa o enfêrmo, faz "não" com a cabeça e suspira profundamente.*)

Ai, ai, ai, ai, ai! Como é, seu Camilo? Isto melhora ou não melhora? Que diabo, homem! Fica bom duma vez! Afinal de contas já lá vão dez, vinte, trinta, quarenta dias... que eu te trouxe a esta minha casa e tu não abres o raio desta bôca nem para pedir um copo d'água! Fica bom, Camilo! Fica bom. E olha: não te preocupes. Tôdas as despesas... por minha conta. E não se fala mais nisso. "Tudo por minha conta". Êste é o lema do velho Rodrigues. Sabias? Pois se não sabias, ficas a saber. Se te curas, muito bem. Conta comigo. Mas se Nosso Senhor resolve chamar-te à doce paz do Paraíso... também não há nada. Faço-te o raio de um entêrro! Flôres, missa, o diabo! Quando se trata de um amigo não se olha as despesas. Vão-se dez, vinte, trinta, quarenta mil... O que fôr preciso. E não me abras esta bôca porque senão pioras... já sabes. (*Ri baixinho, comovidamente.*) Como o tempo passa, hem? Como

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P. 106

passa! Olha: eu ainda nem acabei de dizer que o tempo passa e o raio do tempo já passou. Eu cá cheguei ao Brasil... um miúdo dêste tamanito... Cresci... forte como um toiro e corado como uma cereja. Casei e fui feliz, tu sabes. Depois... ela veio vindo... veio vindo... como quem não quer nada... a manhosa... a enroscar-se na alma da gente... Veio vindo aquela saudade amarga da santa terrinha. Eu já não podia mais. Eu precisava ver de nôvo a colheita das azeitonas. Eu queria derramar de nôvo, fazer escorrer goela abaixo aquêle vinho bom. Fui. Não te conto nada. Ou por outra: — conto! Quando cheguei perto de minha casa, depois de haver corrido pelo campo como um doido... lá encontrei tudo como dantes. Minto. Melhor do que antes. Era o *antes* pintado de saudade. Lá estava minha mãe... minha doce mãezinha a lavar a roupa. Não te conto nada. Ou por outra: — conto. Deu-me um apêrto no raio do coração que parecia que ia estoirar. O céu se misturou com a terra e as lágrimas eram como estrêlas a mostrar o caminho da saudade.

— "Mãe!" — gritei eu. "Mãe"! "Minha mãe"!

Ela não me esperava. Não me reconheceu. Olhou-me bem no fundo dos olhos e perguntou:

— Quem és tu, raio d'homem?!

— (*Desesperado*) "Mãe! Sou o teu filho Francisco Rodrigues que chega do Brasil"!

Ela olhou-me bem, examinou-me e disse:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.107

"— Se és o meu filho Francisco Rodrigues, mostra-me o dente de oiro que tinhas quando de cá partiste."

Mostrei. Por sorte não mo haviam arrancado. Então foi aquela coisa. Eu me pus a chorar, ela se pôs a chorar, tôda gente se pôs a chorar e foi um tal de dizer nomes e coisas que nunca mais acabava. Bebi o meu bom vinho, vi os amigos, beijei minha mãe, abracei os irmãos, matei a saudade e voltei ao Brasil. Sim, porque a minha falecida aqui estava, pois não? E cá estava o teu filho, pois não? Êsse miserável que não volta. Estás a ver, hem? Cria-se um miserável dêsses, dá-se-lhe comida, educação, carinho, passa-se noites sem dormir... e [illegible] quê? PARA QUÊ? (*grita para o público.*) Sim, para quê? (*mais tranqüilo*) Vocês todos são gente boa, gente preparada... devem saber para que... porque eu, palavra de honra!, não sei. (*sofrendo*) Desaparece. Foge. Deixa um pai viúvo e doente como tu e um padrinho viúvo e rico como eu. E foge. Bem, que fuja de um padrinho como eu... vá lá! Compreende-se. Mas que fuja de um pai como tu!!! Tu fôste rei, Camilo! Tu fôste mais rei que todos êsses reis juntos. (*Aponta para o público e ri, com ironia.*) Êles não acreditam. E por que haviam de acreditar? Não te conheceram. Que rei! Olhava-se para ti e dizia-se logo: — *"Sim, senhores! É um rei!"*

(*Soa o telefone. Pede licença ao público e atende.*)

BR DFANBSB NS-CPR-TEA-PTE. 0461,p 108

Alô! Então, seu filho de uma peixeira napolitana, tu me deixas cá só e não vens tomar conta do nosso amigo? Sim, espero. Mas não me tragas essa *beca* desafinada. Respeita um moribundo, ouviste?

(*Desliga. Para o público:*)

Raio de italiano! Os senhores me desculpem a falta de educação, mas um sujeito se dana todo quando fala com êsse gajo. (*Transição, depois de pausa.*) Ah, Camilo, Camilo! Ela era linda... a tua mulher! Palavra d'honra que eu era capaz de ter casado com ela. Mas eu sou bronco, desajeitado, não sei onde ponho as mãos nem onde estão as palavras certas. Minhas palavras saem do coração e vão direto à bôca, tu sabes. Não passam pelo pensamento.

Era bela a tua mulher, hem? Chegaste com tôdas aquelas palavras doces e cheias de melaço... e pronto. Ela não resistiu. Mas queres saber a minha impressão? Não era de ti que ela gostava. Era do Bonardi, êsse maestro italiano. "Maestro!" Nosso amigo Bonardi é um "número", pois não? (*Ao público*) O raio do homem diz que já andou a dirigir grandes orquestras, que já foi isto, mais aquilo, mais aquiloutro, mas não passa de um rabequista de terceira. Não pára de falar num tal de... como é o nome?... ah!, *Foscanini!* Pra mim o homem foi mesmo é engraxate e anda por cá a inventar coisas. Um momento. Não está na hora do remédio? (*Encontra o remédio sôbre a mesinha, verifica, coloca-o na colher e vai para trás do biombo para dá-lo a*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
046 p.109

Camilo.) Toma. É amargo. Eu sei que é amargo. Mas tu sabes: "o que é amargo cura... e o que aperta, segura". Não é que eu acredite nessas pa-nacéias... Mas já está pago, não é?... Pra mim... vale mais um Padre Nosso rezado com fervor que tôdas essas porcarias... (*Sùbitamente aflito*) Camilo! Camilo! Estás a sentir algo, Camilo?... Que é que tu tens, Camilo? Abre os olhos, pelo amor de Deus! Camilo, não me faças uma coisa dessas! Sou teu amigo, Camilo. Sou o Rodrigues. Olha!... Ah, meu Deus! (*Desesperado, para o público.*) Corram. Façam qualquer coisa. Por que ninguém se levanta? Depressa! Um médico! Um doutor!

(*Corre ao telefone e fala*)

Telefonista... O doutor. Depressa, o doutor! Que doutor?... Qualquer doutor. Não, diabo! Advogado não serve. Doutor em medicina. Espere. O doutor Castro. Isto. O número? A menina não sabe o número? É 275... Não, espere. É 257. Um instante, diabo! 257 é o número do Agostinho-Alfaiate. É 572. Isto: 572. Depressa, por favor. Alô! Doutor. Depressa, Doutor. Depressa!

Aqui é o Rodrigues, Doutor... Do "Bar Coração Lusitano"... O senhor podia... Ah, o senhor não é o doutor? É o insistente? E o doutor? Está longe? Onde? Daqui a uma hora? Mas eu não posso esperar uma hora. O senhor não vê que eu não posso esperar? Olhe só a cara do Camilo. (*Quase estende o fone, como se o outro pudesse ver através*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 P 110

do fone a cara do enfêrmo.) Encontre-me o doutor que eu pago, ouviu? Pago tudo. Pago dez, vinte, trinta, quarenta, o que fôr preciso, compreendeu? E mande a conta pro "Bar Coração Lusitano", Francisco Rodrigues, português com muita honra e brasileiro de coração.

(*Pendura o fone e enxuga a testa suada. Corre para Camilo e percebe que êste melhorou. Suspira aliviado.*)

Ai! Já estás melhor, Camilo? (*Começa a rir, meio assustado, meio aliviado, num riso que começa indeciso mas que vai se definindo.*) Tu ainda me matas com êsses sustos. Não te afobes, Camilo. O doutor vem já. Doutor em medicina. Paga-se o que fôr preciso. Enquanto êle não vem eu cá te distraio. (*Ainda com restos de inquietação.*) Estás melhor, não é verdade? Vê-se logo que estás melhor. Olha, não fiques a pensar tolices. Pensa em coisas agradáveis, pensa em coisas boas e melhoras logo. Pronto. Pensa no teu entêrro, nas missas, no diabo! Pensa no nosso tempo... Ah, nosso tempo! Quem havia de dizer, hem? Agora... a minha Joaquina morreu... Tua Celeste fugiu... A mulher do Bonardi... ainda está por nascer. Êsse pobre diabo perdeu tôda a vida por causa dessa mania do violino e de que já foi grande coisa em Nápoles, Gênova e o diabo que o carregue... mas que o traga de volta. (*Pausa.*) É só não te afobares que ficas bom. Mas, também,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 P 111

se não ficares não te preocupes porque vai ser um entêrro como nunca se viu nestas redondezas. Mando botar uma *estauta* em tua sepultura... e mando escrever na pedra... ouves bem?... na pedra!... "Aqui jaz Camilo, meu amigo." Meu amigo! Sim, porque *amigo* é a melhor coisa se se pode dizer de um gajo. Amigo diz muito mais que doutor. Para ser doutor basta ter um diploma. Mas amigo... (*Ao público*) Os senhores não assistiram ao meu casamento, pois não? (*Tira uma foto do bôlso e mostra-a de longe.*) Aqui está! Vejam. Êste sou eu. Esta cá é a Joaquina. Que casamento! Tudo do melhor! Correu cerveja como um rio. Um tanque cheio de galinha assada. E vinho! E quanto fado! E os guitarristas? Por pouco que cá não vinha a Amália e mais a Santa do Fado. Mas os fadistas eram bons. Como era mesmo aquêle fadito? (*Tenta recordar cantarolando, até que acerta.*)

"Pensas que eu vivo contente
Afirmas que sou feliz
Quem fala mais menos sente
Quem mais sente menos diz"

Que beleza! Ai tempo bom! Mas, como diz o ditado... (*Tenta recordar*) Como é mesmo? Bem, não interessa... Um dia... Ah, dia miserável... a minha Joaquina morreu. Era... era... sei lá!... era como se a noite caísse de repente. Era como

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461.p.112

se... como... Eu já não sabia mais o que fazer de minhas mãos, de meu coração, do meu dinheiro.

Eu só vivia me dizendo a mim mesmo: *"Ó Rodrigues, sua besta! Por que acumulaste tôda a vida êsse dinheiro todo? De que te serve êle... se ela está morta e nada ta pode restituir?"* Então não encontrei resposta e me pus a chorar. Chorei tanto que acabei com o raio de tôdas as lágrimas que tinha.

Continuei à testa do meu bar... mas já sem testa nem cabeça. Quando alguém me pedia um aperitivo e dizia: *"à sua saúde"* eu pensava comigo mesmo: *"Saúde? Saúde pra quê? Pra sofrer?"* Palavra d'honra, Camilo, que se eu pudesse ter, de nôvo, Joaquina perto de mim eu era capaz de dar tôda a minha fortuna e mais o relógio que me deixou meu falecido pai. Eu me deixaria arrancar braços e pernas para poder olhar para ela ainda uma vez, ver seus cabelos trançados e seus olhos tristes. Que olhos e que tristeza!

Eu olhava pra ela e sonhava. Sonhos pequenitos, tu sabes. Gente como eu sonha de cabeça baixa. Sabes, Camilo, ela fingia amar-me e eu fingia acreditar nesse amor. A pobrezita não me dava amor. Dava caridade. Ela me via tão apaixonado, a mendigar seu carinho que — de quando em quando — deixava cair alguns trocados de consôlo... e ternura. Mas eu a queria assim mesmo. (*Ao público*) O amor que eu tinha cá dentro dava pra dois, pra dez, pra vinte, pra trinta... Dava pra quarenta. Ouviste, Camilo? Dava pra quarenta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461,p.113

(*Aproximando-se do público*)

De quem ela gostava mesmo... era do Bonardi... o nosso maestro italiano. Eu fingia nada ver, nada perceber. Não, não, não... que tudo foi muito limpo e decente. Êles se gostavam. Joaquina ficava doida quando êle se punha a falar de música. E porque o "Rigoleto" e porque o "Barbeiro" e porque a "Madame *Vuterfly!!!*" e mais o diabo que o carregue! A pobrezita não entendia nada... mas achava bonito. Eu... palavra d'honra... também não entendia... mas gostava.

Depois chegaste tu e tôda aquela gente, Camilo. Até hoje não entendo como um gajo como tu, Camilo, deixa tudo e vem morar num lugar como êste. Tu és um sujeito formidável! Tu dizes coisas como se fôssem de Camões... ou do outro Camilo. E depois... tu amas de um modo engraçado, delicado. Parece que tens o "Lusíadas" na cabeça!

Eu não. Eu... quando quero bem sempre troco as palavras e embrulho os sentimentos. Ou bem que a gente fala ou bem que a gente sente. Êste negócio de pensar e sentir ao mesmo tempo...

Fôste feliz no comêço, palavra d'honra! Abandonaste até a tua carreira por ela, não foi? Mas bem no fundo... continuaste o grande Camilo de sempre. Depois veio o teu filho...

Não te conto nada! Deu-me uma coisa! Eu era mais pai que tu. Eu era o padrinho!

Eu rebentava de alegria. Estoirava. Não cabia em mim de contente. Que ninguém tocasse no

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046, p114

meu afilhado. Que tudo do melhor... do melhor!... viesse pro meu afilhado. Pago tudo!

Lembro-me de tudo do nosso pequeno Ernesto. Mesmo do dia em que me molhou as calças novas de casimira inglêsa que eu havia comprado no Nagib e feito no Agostinho-Alfaiate. Não me importei. Juro que não me importei. Depois êle cresceu. E foi aquilo que se viu. (*Suspira contristado.*) Êles crescem, arruinam o coração da gente, rebentam com a alma da gente. De repente, vai-se ver, vai-se olhar... e já não estão mais ali.

Primeiro fugiu-te a espôsa, a Celeste, depois o teu filho Ernesto. Quem diria, hem? Ernesto... Onde andará? E onde estará agora tua espôsa? Sim, porque tu, Camilo, não és viúvo de mulher morta. Tu és viúvo de mulher fugida.

Mas queres saber duma coisa? Deixa tudo por conta do velho Rodrigues. Hoje... palavra d'honra!... resolvo tudo. Hoje... tive uma idéia.

(*Telefona.*)

Senhorita! Dê-me o Gonçalo. — Gonçalo? Aqui o Rodrigues. Olha! Continua mal! Que queres que eu faça? Fazem três noites que não durmo! Já se fêz tudo. Sangrias, injeção, suadoiro, rezas, o diabo! Mais de quarenta!

Ouve, Gonçalo. Tu me fazes um favor? Passas pela farmácia do Tenório e me perguntas se o raio dessas pílulas são pra hoje ou pro ano... Espera. Tomas um táxi — eu pago! — e vais até São João...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 I P. 45

me encontras o Detetive Xavier... e o mandas descobrir, de qualquer maneira, a mulher do Camilo mais o filho. Mortos ou vivos! Espera! Vivos! E olha: — Se fôr preciso... êle que ponha dez, vinte, trinta, quarenta detetives... mas eu quero essa mulher aqui. Quero êsse filho também! Quero que vejam o que fizeram do meu amigo Camilo. Não tem mais amor a nada...

Nem à saúde... nem à vida. Quero que essa mulher lhe venha pedir perdão de joelhos... de joelhos, ouviste?... pelo mal que lhe fêz. E que o vagabundo do Ernesto venha cá pedir a bênção ao pai... e ao padrinho também. Procurem nas espeluncas... em tôda parte... Eu pago...

(*Dirige-se ao público, depois de haver desligado, em tom lacrimoso.*)

Eu mesmo procuro... eu mesmo ajudo a procurar... Os senhores não viram? Uma mulher linda... de olhos azuis... Que ninguém a olhe muito porque não resiste... e um canalha que abandona o pai e desaparece. Ajudem-me, por favor. Ajudem-me, senhores. Parece aquela... mas não é... A outra é mais alta. Ela se chama Celeste... E êle se chama Ernesto.

O melhor é tomarem nota que é para não esquecer. Se calhar... podem dar com êles por aí.

(*Aflige-se cada vez mais.*)

Oh, meu Deus! Meu Deus! E êsse doutor que não vem! E Camilo que não melhora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461.p.116

(*Olha para o alto e, com emoção crescente, se dirige a Deus.*)

Meu Deus!

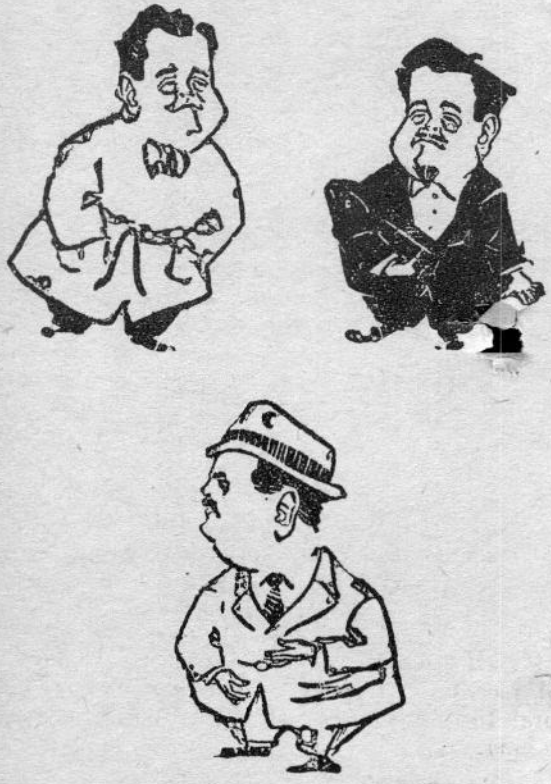
Tu que és grande, que estás no céu e que tudo podes. Por favor, meu Deus! Que diabo! É o Rodrigues quem está a pedir. Faze com que meu amigo Camilo melhore, ouviste? Mas faze mesmo! Salva Camilo, pelo amor de Deus!... E olha: se êle melhora... tu me conheces, não é verdade?... Se êle melhora... mando erguer o raio de uma capela para a glória eterna do Teu Santo Nome... Vinte... trinta... quarenta, ouviste? Quarenta capelas!

(*Chora e grita, desesperado.*)

Ouviste?... Eu pago tudo! Tudo! EU PAGO TUDO!

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR. DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.117



O imenso ator português, o saudoso João Villaret, nos três personagens de "Esta Noite Choveu Prata".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046(p.118

SEGUNDO ATO

(Mesmo cenário. Tudo igual. Entra Pietro Bonardi, um italiano de meia-idade. Tudo nêle denota o artista fracassado. A cabeleira tenta denunciar um gênio em qualquer coisa. A gravata em laço, sublinha mais, sua vontade de parecer um eleito da arte. A caixa do violino, "grudada" ao braço, completa o quadro.

Sua roupa é antiga, seu ar triste e sonhador.

Aproxima-se de Camilo, sempre sem largar o violino, olha-o e faz que não, lamentosamente, com a cabeça.)

BONARDI

Ma che cosa, eh! Ma che cosa!... Amigo Camilo! La vita... La vita... é la vita... Parola de honore! Juro. Você fica bom, Camilo. Ma che cosa! Fica bom.

NOTA DO AUTOR: — Nem sempre aí vão corretas as palavras italianas que Bonardi prefere. A razão é simples: sua fala já é deturpada e temos a intenção de transmitir, ainda que em parte, a maneira de falar de um italiano que ainda não aprendeu o suficiente de português, mas que já deturpou o seu próprio italiano.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.11

(*Dirige-se aos espectadores, com a maior naturalidade.*)

Per favore, signori! Por favor. Um poco de silenzio per che Camilo está doente.

(*A um espectador.*)

O senhor não acha que êle fica bom? Fica, não fica?

(*Grita para o palco.*)

Ouviste, Camilo? Fica bom.

(*A outro espectador.*)

O senhor quer me fazer um favor? Sobe lá em cima e diz pro Camilo que êle fica bom. Faz favor. É um favor que o senhor faz ao maestro Bonardi. Sono io. Não me conhece? Mas como não me conhece?! Signori! Io sono Pietro Bonardi, maestro! Io ere direttore di grand'orchestri di Napoli... Triesti... Milano... Pisa... Torino... Gênova... Roma. Bene... Roma, pròpriamente, non era. Vicino Roma, capisce? Perto de Roma, compreende?

Io era violinista ma la mia gran passione era dirigere grandi orchestri cosi come Toscanini... Questo violino é um violino Guadagnini... Vale cem mil cruzeiros. Tenho todos os certificados de autenticidade. Molto sensibile, poveretto... Piange e canta e ride, capisce?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.120

(*Grita a Camilo.*)

Fica bom, Camilo. Você fica bom. (*Ao público.*) Bene. Vocês já me conhecem: — Sono Pietro Bonardi, maestro. Si... porque la vita é la música e la música é la vita... La vita é melodia, harmonia, ritmo, capisce? L'armonia della fraternitá humana... La melodia delle fanciulle... (*Aponta uma môça bonita.*) Olha ali. Como é bela, mama mia!

(*Faz um gesto tentando descrever o corpo da môça.*)

Melodia...

La vita tem ritmo. Il ritmo del cuore che palpita... pumpum... ritmo... capisce? pum-pum-pum... Il tempo que marcia... Tic-tac-tic-tac-tic-tac... Ritmo...

(*Falando ritmicamente.*)

La vita é la música e la música é la vita...

(*Alisa o violino, carinhosamente.*)

Mio Guadagnini! Ancora sento gli aplausi del público... I miei concerti... Questo violino é tutta la mia famiglia, la famiglia de Bonardi... il famoso maestro Pietro Bonardi... Sono io... Napoli... Trieste... Milano... Gênova... Torino... Pisa... Ro... No! Roma, no. Perto de Roma. Vicino Roma.

Hoje escrevi uma carta a Arturo, sabe? A Toscanini. Aqui, entre nós, somos amigos íntimos. Amicissimi. Toscanini também é bom, eh!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461,P.121

Espero que todos aqui gostem de música porque uma pessoa "anti-musicale" é uma persona anti-sociale, vero?

Êle fica bom, não fica?

(*Pausa.*)

Quando nasceu o Ernesto, o filho do meu amigo Camilo, eu disse — será maestro, come Arturo Toscanini. E êle disse: giammai! Nunca! Quando nasceu Ernesto ficamos todos comovidos. Tutti comossi... Camilo, Celeste, Rodrigues, anche io. Un bambino, non é vero? Una cosa cosi simplice. Un bambino. Não precisa chorar, precisa? Mé...

(*A um espectador.*)

Se o senhor não sabe tocar violino também não tem importância, porque a música não está no violino. Está nel anima, nel cuore.

(*Toca o telefone. Bonardi corre a atendê-lo.*)

Com permesso! Alô! Parla il Maestro Pietro Bonardi, regente di...Ah...Rodrigues? Io...Estou conversando com uns amigos...amici...

Êle fica bom.

(*À platéia.*)

Não fica?

(*No telefone.*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0161,P.122

Fica. Todo mundo aqui está dizendo que êle fica bom. Detective? Oh, Rodrigues. Para que detective? Não deixe a Celeste vir aqui. Será um golpe. Poderá matá-lo. Oh, Rodrigues! Celeste caiu tanto! Tem na cara a marca do vício e da vergonha.

Pobre Camilo! Não. Não vi Celeste. Me contaram. Horrível.

Ela está com uma cara que parece feita dos sete pecados mortais e mais alguns que eu não conheço, Rodrigues. Por favor! Não deixa Celeste vir aqui. Por favor! Está bem, Rodrigues. Está bem. Eu tomo conta dêle.

Todos nós tomamos conta dêle.

(*À platéia.*)

Não tomamos?

(*Ao telefone.*)

Tomamos, sim. Tchau.

(*Desliga. Aproxima-se do leito onde Camilo está e diz:*)

Ma che cosa, eh! Está dormindo, Camilo? Cuidado, pessoal. Camilo está dormindo.

(*Verifica que Camilo dorme e aproxima-se dos espectadores, para confidenciar.*)

Eu estava esperando mesmo que êle adormecesse para falar mais à vontade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p.12

(*Torna a olhar o leito e começa como em segrêdo.*)

Quando cheguei da Itália trabalhei no Rio de Janeiro. Uma cidade belíssima. Claro não é como Napoli, Gênova, Veneza, Roma... mas também é bonita. Bela, eh!

Trabalhei. Depois começou a me dar um reumatismo nas articulações...e não pude continuar...

Eu carrego o violino comigo mas não toco êle. Reumatismo.

Se alguém sabe um remédio bom para reumatismo fala comigo, vá bene?

Camilo nesse tempo estava trabalhando no Rio de Janeiro. Fazia grande sucesso. Mamma mia! Que sucesso! Teve pena de mim, sabe? Me levou com êle em suas excursões. Cuore de artista, capisce?

Quando chegamos a esta cidade, Camilo conheceu Celeste.

Foi uma alegria geral quando casou. Nesse dia até o meu reumatismo melhorou e eu pude tocar "umas" tarantela.

Um belo dia, quando Camilo estava viajando... eu contei a Celeste tôda a minha vida. Falamos de óperas, de música, de meus concertos passados... Ela lava e bebia...um vinho português que Rodrigues tinha mandado para Camilo.

Súbito...não sei como...a casa começou a girar...a girar... Eu já via tudo confuso...tudo misturado...olhava e só via sombras e mais sombras... De vez em quando uma luz como que explodia den-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461.p. 124

tro de mim...Eu já não era mais eu. Eu tinha a impressão de que estava na Itália... Diante da minha doce e amada Margherita. A Margherita dos olhos negros e das tranças longas. Parecia que Pietro Bonardi estava correndo outra vez pelos campos, pelos bosques... Visitando Capri... Passeando, outra vez, em gôndolas venezianas... Aquela Margherita que me desprezou para casar com um conde rico, um conde com um castelo, estava na minha frente. E eu sentia seu hálito, il suo profumo. Ela casou com o conde. Chorei muito... depois. Mas naquela hora em que ela passava pela rua e o seu chofer quase me atropelou para dar passagem ao carro da Condessa Margherita... naquela hora eu não podia falar, nem chorar, nem sentir.

Ah, Margherita, Margherita! Que fizeste dos sonhos que sonhamos juntos? Dos castelos que ambos construímos? Das nossas lágrimas e dos nossos sonhos? Dos nossos risos e de nossas nuvens?...

Margherita queria ser condessa. Não uma condessa de sonhos, mas uma condessa de verdade. Não queria um castelo de nuvens, mas um castelo de pedra mesmo. Agora eu sei que ela tem um castelo de pedra e chora, todos os dias, pelo violinista louco, pelo maestro Pietro Bonardi que fugiu para o Brasil, para esquecer.

Tudo isso me passava pela cabeça, enquanto eu e Celeste estávamos bebendo o vinho.

Estou contando tudo isto porque todos aqui são pessoas de confiança, eh! amici!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 125

Eu juro... juro por todos os santos do calendário romano, que eu não sabia que estava com a Celeste. Para mim...aquela mulher que estava ali bebendo comigo, era a minha Margherita, a espôsa sonhada.

Só quem é artista (vocês todos são artistas, non é vero? Têm almas de artistas)... Só quem é artista é que pode compreender até que ponto aquela fantasia era real depois de uns copos de vinho. Eu estava feliz, radiante, *ubriaco* de vinho e felicidade.

Mais tarde descobri que Celeste me embriagara de propósito... e que eu havia traído o meu amigo Camilo.

Sofri horrores, passei noites alucinado.

Eu, Pietro Bonardi, tinha traído o meu amigo Camilo. (*Em crescendo.*) Io, Pietro Bonardi, tinha enganado aquêle homem extraordinário que me salvou da ruína total, que me achou com fome na rua e me protegeu e me ajudou a continuar vivo. (*Crescendo mais.*) Eu, Pietro Bonardi, tinha traído o homem que me deu seu prato, seu abrigo, que me deu sua palavra de consôlo quando eu estava disperato senza fé, senza speranza. (*Desesperado.*) Era assim que eu lhe pagava? Era assim que eu recompensava tudo o que tinha feito por mim?

Agora pergunto, signori: — Eu traí meu amigo?

Não, por favor! Digam que não.

Como traí meu amigo, se aquela mulher, naquele momento, para mim, não era senão a minha Mar-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, f. 126

gherita, se era a ela que eu me dirigia, se era a ela que eu amava naquele instante?

Eu traí o conde italiano. Não traí meu amigo. Eu nem sabia o que estava acontecendo, o que estava dizendo, o que estava fazendo!

Comecei a recordar com Celeste e, súbito, depois do vinho, aquela já não era mais a Celeste, capisci?

Não foi a Celeste que eu amei. Foi a Margherita. Como posso ser culpado? Como posso ser acusado de traidor?

Um momento.

(*Dirige-se ao leito em que está Camilo, olha e volta.*)

Está dormindo.

(*Doce.*)

Êle fica bom, não fica?

(*Pausa.*)

Que é que vocês acham? Eu devo contar a Camilo a verdade? Tôda a verdade?

Porque, afinal de contas, o filho fugiu. A maior dor de Camilo é ter um filho que fugiu. É isso que o torna doente. É isso que o deixa alucinado. Alucinado de dor, compreendem?

Se io, Pietro Bonardi, digo a êle que o filho não é dêle... que o filho é meu... talvez êle não sofra... talvez até melhore... porque não terá perdido nada.

Não terá perdido um filho, compreendem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046(,P
127

Ah! *Se assustaro?* Estão *surpresi?*

Sim, o filho de Camilo é meu filho. Foi o que Celeste me contou... depois. Mas compreendam, por favor! — aquêle filho não era meu e de Celeste. Aquêle filho eu tive com Margherita, a Margherita dos olhos negros e dos *longhe capelli.*

Meu filho e de Margherita.

Celeste contou ao filho que o pai sou eu para separá-lo de Camilo.

Ernesto não quer voltar, não quer olhar Camilo, não quer ver...

Mas nós todos, aqui, vamos colaborar numa grande mentira, stá bene? Olha! Eu vou pedir, vou fazer Ernesto vir aqui. Vou até pedir pro Ernesto para tratar Camilo com todo o respeito e carinho. Vou pedir pro Ernesto para dizer ao pai que quer ser ator como êle, um ator como foi o grande Camilo, um dos maiores atores que já vi trabalhar nos palcos do Brasil.

Camilo precisa ficar bom.

Eu sou capaz de me deixar matar pelo amigo que me deu um teto quando eu precisava, que me deu pão quando eu tinha fome e de quem eu tirei a espôsa e o filho sem saber.

(*Toca o telefone.*)

Alô! Parla Pietro Bonardi, Maestro. Quem? CELESTE!...

Sei tu, Celeste?

(*Sai do telefone e corre a ver se Camilo ainda está dormindo.*)

BR DFANBSB NSICPR.TEA.PTE 8461,P
128

Está dormindo.

(*Volta ao telefone.*)

Si...No, por favor! Não venha, Celeste. Se Camilo vê você êle não suporta o golpe. Eu sei. Eu sei que você é a espôsa de Camilo...mas, por favor! .. Não. Não há nada para herdar. Êle está quase na miséria. Eu juro. Olhe. Você sabe onde está o Ernesto? Está bem, Celeste. Já sei que não é filho dêle...

Como?... Mas, por favor, Celeste. É preciso salvá-lo. Mande o Ernesto aqui. Faz êle tratar bem o Camilo. Depois...o que acontecer não tem importância... Não tem a menor importância, Celeste. Celeste, você não tem coração?

(*Ao público.*)

Não tem.

(*Ao telefone, novamente.*)

Celeste, manda o Ernesto aqui que eu te dou tôda a minha fortuna...Dinheiro não tenho, Celeste... Celeste...eu te dou...dou meu violino. É um Guadagnini legítimo... Vale cem mil cruzeiros...Eu juro...Tenho todos os documentos de autenticidade. Todos os documentos dos maiores liotistas de Gênova, Napoli, Trieste, Milano, Pisa...e Roma. Anche Roma...

Eu mando... Sim... Mando o violino mas manda o Ernesto ver o Camilo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0461.P
129

Eu mando. Mando já. Mariana... Travessa Abreu, 32.

(*Ao público.*)

Tomem nota, por favor, que eu não tenho lápis. "Mariana. Travessa Abreu. Número 32".

(*Desliga o telefone e caminha derrotado.*)

Eu mando, Celeste. Eu mando.

(*Abraça, carinhosamente, o violino — Ouve-se, neste momento, u[illegible] triste de violino, que prossegue até o final do ato.*)

Mio Guadagnini!

(*Alisa o violino e caminha, depois, com êle, falando, até à porta da direita onde alguém o recebe de suas mãos. Êle carrega o violino e o acarinha como se fôsse uma criança.*)

Pobre violino! Poveretto

(*Recomendando.*)

Muito cuidado com êle, por favor. Muito cuidado com os documentos. Está tudo dentro da caixa. Leva e entrega a Dona Celeste, em Mariana. Travessa Abreu, número... Como é mesmo o número?... Ecco... 32. Mas muito cuidado, ouviu, paisano? Muito cuidado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 pp 130

(Volta, lentamente, para o palco, sem saber o que fazer de suas mãos e falando consigo mesmo, tropeçando derrotado em seus próprios passos.)

Pobre violino! Êle é que sabe tôda a verdade. Tutta la veritá. Êle é que sabe que eu nunca fui nada mesmo... Nem regente...nem bom violinista...Io vivo sempre no mundo da fantasia. Nunca regi orquestra nem de Napoli, nem de Trieste, nem de Milano, nem de Pisa, nem de Torino...nem de Roma... Também não conheço Arturo Toscanini.

Toscanini nem sabe que existe um infeliz chamado Pietro Bonardi. Não sou nada e nada fui, mas tenho coração de artista, alma de artista, capisce? Mas não nasci nem para regente, nem para violinista. Só alma e coração de artista não chega.

Oh, Margherita, Margherita! Porque não quiseste Bonardi "cosi" como êle era? Porque quiseste um castelo de pedra e um conde para casar? Poderíamos ter sido tão felizes!...

Unos bambini...filhos...Eu seria um piscatore...

Não piscatore de pérola...Piscatore de peixe mesmo. Tu prepararias para Pietro Bonardi...um spaghetti...uma macarronada...tagliarini...gnocchi...polenta...pizza a napolitana...

Passearíamos com nossos sonhos nos canais de Veneza em gôndolas, Margherita.

Ah, Margherita, Margherita. És uma pobre condessa infeliz e io sono un Pietro Bonardi fracassado.

BRDFAANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 131

(*Aproxima-se do leito de Camilo e diz:*)

Camilo, ouve, Camilo! É Bonardi que parla. Camilo, teu filho vem aí, ouviste? (*Chora.*) Teu filho vem aí, capisci? Tu ficas bom, Camilo. Agora tu ficas bom... Teu filho vem aí.

(*De repente cai em si. Percebe que já não tem mais o violino. Desespera-se.*)

Onde está? Meu violino, onde está? Não. Não! Corram! Procurem!...Corram!...Meu violino... Minha vida!... Tutta mia vita! Mio Guadagnini... Mio povero Guadagnini...Por favor...corram todos...Mio Violino! Mio violino...Perdi tudo... Tôda a vida...todos os sonhos...tudo... Vendi minha alma, vendi minha arte, vendi il cuore... Tudo vendido... Perdão, meu violino. Perdão, mio Guadagnini...Perdão...

Não quero ver a mais ninguém. A ninguém!
Não olhem para mim...Não olhem para mim, [por favor!
Não olhem para mim que eu tenho vergonha... [Vergonha...
EU TENHO VERGONHA!...

(*Cai, chorando, numa poltrona.*)

FIM DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p. 132

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P.
133

TERCEIRO ATO

(Mesmo cenário. Ao erguer-se o pano verifica-se que o biombo foi afastado, deixando ver o leito, agora vazio. Sôbre a mesa dos medicamentos, vê-se um álbum de fotografias e recortes.

Camilo está em cena. Veste o robe-de-chambre que vimos no cabide, durante o primeiro e o segundo atos. É um homem de cabeça quase branca; de uma elegância decadente, mas em quem se adivinha, ainda, o artista que êle imaginou ser em outros tempos. Fala em direção à porta aberta da esquerda, de onde nos chega o ruído das teclas de uma máquina de escrever. É noite.)

CAMILO

Não, Gonzaga! Eu já disse que não! Não adianta insistir. Afinal de contas pra que isto?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Eu já disse que não quero espetáculo algum!

Não quero festival, nem benefício. Não quero coisa alguma!

E não adianta ficar aí dentro, escrevendo êsse discurso de apresentação porque, hoje, eu não re-pre-sen-to.

Ouviu bem? Eu não trabalho!

Nem mesmo a minha voz está colocada! (*Experimenta a voz e acaba caindo num acesso de tosse.*) Não está impostada.

(*Ao público.*)

Os senhores não me conheceram. Por isso não podem imaginar o que foi a minha vida de artista. Ninguém imagina. O artista é essa massa informe, plasmável, que se ajusta a tôdas as emoções e a todos os sofrimentos.

Não, Gonzaga! Estou fora de forma. Eu já nem seria capaz de encontrar os tons e as inflexões justas como fazia naquele tempo em que era capaz de expressar de mil maneiras as mesmas palavras. Você lembra, Gonzaga? Como era mesmo aquela frase? (*Tenta recordar.*) "Eu estava esperando...justamente...por êste instante...instante, não! por êste momento. Vamos! Responda! Eu mereço isso? Mereço?" Achei: "Eu estava esperando, justamente, por êste momento. Vamos! Responda! Eu mereço isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 | 1P
134

Mereço?" (*Repete a mesma frase enunciando-a com tom velhaco, triste, cômico, amoroso, irônico, ameaçador, hipócrita...*)

Não, Gonzaga. Hoje eu não represento. Hoje, não.

É terrível quando temos consciência do poder das palavras e do silêncio. Cada coisa dita ou cada silêncio pode alterar o destino dos sêres ou das coisas. Imaginem uma cena, durante a qual o meu interlocutor não dissesse nada, uma cena em que êle se calasse, num momento em que eu tinha necessidade que êle dissesse: *"Êste homem está inocente"*. E imaginem que, em vez de calar, êle tivesse realmente dito *"êste homem está inocente; êle diz a verdade"*, mas num tom falso, onde se perceberia que não estava convencido daquilo que afirmava.

E imaginem que êle se limitasse a sorrir e que cada qual procurasse interpretar à sua maneira aquêle sorriso. Piedade? Ironia? Amargura? Sofrimento? Sarcasmo? Desilusão? Satânico?

Compreendem?

Devemos estar sempre atentos a tudo, na vida e no palco. Devemos prestar atenção, não sòmente ao que dizemos, mas sobretudo ao que nós calamos, ao que o nosso silêncio pode provocar nas almas alheias.

Devemos fiscalizar a expressão do rosto e os gestos das mãos. As nossas mãos fazem muitas coisas que não desejamos, não queremos. Algumas vêzes o tom, a inflexão, tudo parece perfeito, tudo parece indicar calma e segurança, mas as mãos desmen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 135

tem o que as palavras e o rosto querem dizer. As mãos crispadas gritam mais que o grito. As mãos entrelaçadas podem exprimir humildade. As mãos que se escondem por trás escondem também sentimentos e pensamentos. As mãos que se protegem uma na outra, podem exprimir terror. As mãos que parecem nos arranhar são mãos ambiciosas e doidas. As mãos... Mas que importa falar dessas tolices agora?

Não, Gonzaga. Não quero nenhum festival. Não quero nada. Hoje eu não represento. (*Enerva-se.*) Já disse que não quero. Então eu, o grande Camilo, sou ator de festivais? Então você acha que eu posso representar sem estar preparado para enfrentar o público? Tenho um nome a zelar, Gonzaga. Muitos já o esqueceram...mas eu não esqueço nunca!

(*Pega no álbum de fotos e artigos.*)

Está aqui... Vejam. Tudo o que fui. Tudo o que sonhei... "O doente imaginário"... "O Avarento"... (*Saboreia relembrando uma cena do "Avarento": Ladrões! Assassinos!...*)... Cirano de Bergerac... (*Declama um trecho de Cirano.*) Não. Não quero festivais. Não quero absolutamente nada. E não adianta ficar aí dentro, escrevendo o discurso de apresentação porque eu não represento. Ouviste bem, Gonzaga? Eu não represento. Ah, meu Deus! Meu Deus! Eu já estava morto, deitado nesse leito e a vida me veio de nôvo. Afinal... para quê?

(*Toca a campainha da porta da direita e êle para lá se dirige, abre e pergunta:*)

BR DFANBSB NS.GPR.TEA.PTE. 0961 p. 136

Uma carta para mim? Obrigado. (*Recebe a carta, afflito e lê.*) Gonzaga, Bonardi deixou esta cidade para sempre. Você sabia? Sabia...

(*Ao público.*)

Vocês também sabiam!

Mas por que não me disse êle nada? Por que não falou comigo? Por que não se despediu?

(*Acaba de ler a carta.*)

"Addio senza rancore." *Maestro Pietro Bonardi.*

(*Dirige-se ao telefone.*)

Senhorita, o Bar do Rodrigues, por favor... Rodrigues? Aqui é o Camilo.

Claro que estou de pé!

Não. Não me venhas com tuas dez, vinte, trinta, quarenta poltronas vendidas, porque eu sei, perfeitamente, que foi você quem comprou sòzinho tôda a lotação do teatro para que eu me entusiasme, para que eu ganhe nôvo amor à vida. Não jures, que é pecado.

Ora, Rodrigues! Quem iria comprar bilhetes, nesta cidade, para me ver trabalhar? Sòmente por caridade.

Sei, sim. Você comprou e distribuiu pela cidade inteira. Eu sei.

Rodrigues, você precisa perder essa mania de ter o coração no bôlso!

Então o Bonardi nos deixou, não é? Você também sabia?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.137

(*Desliga admirado.*)

Sabia!

Ah, Camilo, Camilo! É preciso coragem! A[illegible] de contas tôda a cidade quer homenagear você. Homenagem! Obriga-se o público a pagar, a contribuir: "Compre um bilhete! É caridade! É para o pobre Camilo. Lembra-se dêle? Um que diz que já foi ator. O grande ator Camilo!"

(*Ao público.*)

Mas eu não posso representar hoje, não devo representar. Seria preciso botar tôda [illegible]inha alma no espetáculo para ser digno desta cidade.

Estou melhor, graças a Deus. Fiquei estendido no leito, durante meses, mas estou melhor, graças aos meus amigos, graças a... Mas querem saber a verdade mesmo? O que realmente me curou? O que me curou *mesmo?* Foi a visita de meu filho Ernesto.

Que rapagão! Que figura, hem? Diz que quer ser artista como o pai. Imaginem! Artista! Apesar de tudo... não pode negar a voz do sangue. Quer ser artista!

E... como diria o Rodrigues... juro que [illegible] seria um artista dez, vinte, trinta, quarenta vêzes melhor do que eu.

Minha espôsa, senhores, está ausente. Quero que todos me perdoem sua ausência. Está fora... viajando. Estou certo de que todos adorariam conhecer Celeste. É loura... de olhos azuis... e linda! Boa es-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.
138

pôsa... boa mãe... Perfeita! (*Muda de assunto quase sem perceber.*) Quando vi entrar meu filho, aquêle rapagão, senti que renascia.

E — depois — como se parece comigo, não é mesmo? Os mesmos olhos, a mesma bôca, o mesmo andar, a mesma maneira de falar!

Diz que quer ser artista como o pai. Artista! Pensou que me dava uma grande alegria. Não deu. Artista! Não. Não quero meu filho artista!

No quero que êle passe pelas angústias, pela tristeza, amargura... por que passa um artista que sente realmente sua profissão, que respeita realmente seu público!

Artista... para quê? Por quê?

Diante dêle está aquela multidão anônima que êle não sabe se é amiga ou inimiga.

Aquêle ali sorri. Será ironia? Piedade?

Aquêle cochicha. Estará faltando alguma coisa? Estarei representando tão mal assim? Ou estará longe daqui, falando de outras coisas, sem prestar atenção ao que eu digo?

E o sofrimento terrível da gargalhada que deveria explodir no momento justo em que se diz uma coisa engraçada e ninguém ri... E a emoção e a lágrima que deveriam vir naquele momento certo em que só se consegue arrancar uma gargalhada de mofa, de zombaria, de desprêzo.

E essa cara séria da terceira fila, agressiva, amarga, para quem nada está bom, nada presta, nada está certo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 139

E as palmas frias que fecham o ato, deixando a alma em frangalhos para enfrentar o ato seguinte!

E as críticas! E os comentários! E o bando de recalcados e fracassados dispostos a saltarem sôbre a vítima, sem dó nem piedade!

E a palavra que deve vir justa e sem tropeços, apesar do que vemos e do que sentimos.

E depender sempre de uma multidão anônima que nem sempre tem piedade.

Não, meu filho não será artista.

Não conhecerá a tristeza, a tortura, a angústia daquela vaia que recebi em 1938...

A maior vaia da América do Sul!

Não conhecerá as lágrimas que derramei quando, depois de ter pôsto tôda a minha alma na interpretação daquela peça, aquêle gordo do camarote veio me dizer: "Sim, "seu" Camilo... Não estava mal. Não estava nada mal. Estava até bonzinho!"

Eu não estava mal, senhores! EU... NÃO ESTAVA... MAL!!!

Eu havia deixado correr toneladas de alma em cada palavra.

Cada palavra vinha envôlta em quilômetros de sentimento e coração...

E êle achou que eu "não estava mal", eu "estava até bonzinho"! Esqueceram tudo o que eu sou... tudo o que eu fui! (*Mostra cena de uma grande criação.*)

Não, meu filho não será artista... por mais vocação que tenha... Por mais que...

BR DFANBSB NS.GPR.TEA.PTE. 946, R. 140

E quanta angústia... e quanta insônia para integrar o personagem... para chegar ao monólogo impenetrável do "Hamlet" — "To be or not to be..." (*Recita o monólogo do "Hamlet."*)

Não! Meu filho não será artista!

Meu...

(*Cai em si, repentinamente.*)

Oh, meu Deus! Mas eu estou representando de nôvo! Eu... Perdão! Por que tentar iludir meus amigos... se todos devem saber a verdade? Por que tôda essa representação se todo mundo deve saber que eu estou mentindo... se conhecem a verdade melhor do que eu? Porque tôda a cidade, a esta hora, deve estar rindo de mim, zombando, debochando, ironizando...

Todos sabem... Todos devem estar fartos de saber que minha mulher não está viajando... que eu só estou representando, tentando salvar as aparências. Ela fugiu. FUGIU! compreendem? FUGIU!

(*Com pena.*)

Mas dizem que caiu muito, coitada!

(*Dolorosamente.*)

E meu filho... Meu filho... Mas será mesmo que já não sabem? Para que fingir? Para que tentar enganar, se tôda a cidade conhece a história muito melhor do que eu? Todos sabem, não é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Eu só vim a descobrir, hoje.
A carta de Bonardi.

(*Pausa. Lentamente.*)

Êle não é... meu filho.

Imaginem o que eu senti... o que eu sofri.

Imaginem o que eu continuo sentindo e sofrendo neste momento.

(*Raciocinando, dolorosamente.*)

A um filho que perde o pai... se dá o nome de órfão. Que nome se dá a um pai que perde um filho?

Isto não tem nome.

Isto não pode ter nome.

E que nome se dá ao pai que perde um filho que não é... seu?

Isto... tem nome.

Se eu tivesse morrido ontem... teria morrido... tendo um filho. Hoje... não tenho mais. Simplesmente porque me disseram. Simplesmente por causa de algumas palavras.

Cuidado com as palavras, senhores!

Muito cuidado com as palavras!

As palavras podem ser flôres e podem ser serpentes!

Cada uma tem uma significação que pode trazer risos e que pode trazer lágrimas, que pode curar e pode matar. Apenas algumas palavras... destruíram o filho que eu tinha ontem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 I R
192

Não. Eu não poderia representar esta noite, sabendo o que sei e sabendo que o público também sabe de tudo.

Vocês estão acostumados comigo, me vêem todos os dias... assim... e não sabem o que eu fui.

Eu já fui o grande Camilo, de letras luminosas nas fachadas dos maiores teatros do mundo. Empresários lutavam pelos meus contratos. O mundo inteiro passava pelo meu camarim.

Hoje... com que alegria eu me lançaria num abismo!

Com que alegria eu daria fim a êste tormento... definitivamente.

"Ser ou não ser... Eis a questão". Mas não há questão alguma, senhores.

Não ser! Não ser! Não ser!

Vocês têm aqui um homem derrotado. Um homem que sonhou ser o grande Camilo e hoje não é ninguém. Um homem que sonhou ter um lar e uma espôsa e hoje não tem espôsa nem lar. Um homem que tinha um filho e que o perdeu da maneira mais absoluta e definitiva que se pode perder um filho.

Quando se perde um filho que morre... pode-se continuar chorando sua morte. Pode-se levar flôres à sua sepultura. Pode-se recordá-lo com carinho, entre lágrimas ternas e doces...

Mas meu filho está vivo... e não é mais meu filho.

Não há nada a lembrar, nada a recordar, nada a chorar. Nada. Nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461 p. 143

Aqui está um homem que tinha fortuna e perdeu tudo o que possuia. Da casa nada ficou. Falta a mão da mulher que a ajeita, que a arruma, que dá um clima de ternura e calor.

Aqui está um homem que, até ontem, tinha cabelos negros.

Da noite para o dia, ficaram brancos.

Cada cabelo branco significa uma dor, uma ilusão perdida.

(*Aponta espectadores.*)

Êste sofreu a perda de um ente querido? — Cabelo branco.

Aquêle sofre uma desgraça qualquer? — Cabelo branco.

E aquêle ali não sofreu nada... mas sofre por não ter sofrido. — Cabelo branco.

(*Toca o telefone. Camilo atende.*)

Alô, Rodrigues? Não, hoje não posso. Não, Rodrigues. Tudo, menos caridade! Como? Não é possível! Ela quer... O QUÊ?!... Quer assistir ao meu festival? Celeste? Você jura que não teve nada a ver com isto? Você jura que foi ela... ela mesma... quem pediu? Oh, meu Deus! Meu Deus! Pode vir! Claro que ela pode vir! Dê-lhe a melhor poltrona... Não! Dê-lhe um camarote. Sim, represento. Para ela eu represento. Ela vem para cá?... Para esta casa? Deve estar chegando?... Obrigado, Rodrigues! Muito obrigado.

BR.DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 144

(*Desliga o telefone.*)

É esta casa como está feia para recebê-la!

(*Tenta ir arrumando as coisas.*)

Ela pediu para assistir ao espetáculo.

Por favor, senhores! Recebam-na com carinho. Não a humilhem, por favor! Não a humilhem, pelo amor de Deus!

Ela sabe que errou e volta arrependida. Volta envergonhada e de cabeça baixa.

E eu a perdôo, meus amigos. Eu a perdôo de todo o meu coração. Afinal de contas o que é a vida, senão um grande, um imenso perdão?

Estou bem? Vejam se estou bem. Obrigado.

A culpa não é tôda dela. É possível que eu, também, tenha sido culpado. Talvez não lhe tenha dado todo o cuidado e todo o carinho que ela merecia?

É tão fácil salvar uma pessoa que cai! É só estender o braço, a mão terna cheia de perdão e carinho.

Sei que ela vem mudada... mas... por favor!... finjam que não reparam na mudança. É possível que muitos nem a reconheçam mais. Sei que ela envelheceu e que tem a cabeça branca. Cada cabelo branco é um recibo de perdão que Deus nos dá por faltas cometidas. É por isso que os velhos são quase anjos.

Hoje darei o meu último espetáculo nesta cidade. Enfrentarei o público pela última vez. Porei tôda a minha alma em meu trabalho... Depois... pedirei

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE
0461 P.
145

perdão a Celeste pelas faltas que ela cometeu... Sim... porque cada um de nós é também responsável pelas faltas alheias... pelos pecados alheios...

(*Um côro religioso surge suavemente.*)

Eu a pegarei pela mão e não lhe farei perguntas. E sairemos, mundo afora, a procura de um pouso, de um canto tranqüilo de paz e perdão.

Eu a levarei para muito longe... e a farei esquecer tudo... e lhe enxugarei as últimas lágrimas.

(*Toca a campainha da porta. Êle se choca. A emoção o invade, mas não se apressa. Dirige-se lentamente para abrir, enquanto fala quase em devaneio, enquanto a música sacra vai crescendo.*)

E passearemos, à noite, ao relento... olhando a lua... e quando chover... acordaremos de cabelos brancos... porque uma chuva de prata cairá sôbre as nossas cabeças. E seremos dois velhinhos... caminhando por uma estrada sem fim... debaixo de uma chuva de prata...

(*A campainha soa de nôvo e êle, desta vez, se dirige para a porta chorando, rindo e gritando, como numa libertação:*)

Celeste!... Celeste... CELESTE!!!...

FIM DA PEÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046(,p.146

JOGOS — MÁGICAS — PASSATEMPOS

Faça com seus amigos um ambiente divertido, instrutivo e alegre. Seja "boa companhia". Tudo fácil e simples.

QUEBRA-CABEÇAS — MÁGICAS — PASSATEMPOS — Max Yantok

MÁGICAS COM NÚMEROS — Túlio Gonik

MANUAL DO FILATELISTA (Como Colecionar Selos) — Hugo Fraccaroli

JOGOS DE CARTAS (Regras e Segredos) — Túlio Sázio

APRENDA A JOGAR XADRÊS CORRETAMENTE — A. Carneiro e J. Valadão Monteiro

O LIVRO DAS MÁGICAS — Max Yantok

APRENDA A FAZER MÁGICAS — Prof. K. Merlin

HUMOR

CRIANÇA DIZ CADA UMA! — Dr. Pedro Bloch

ANEDOTAS E HISTÓRIAS DE GENTE — Dr. Pedro Bloch

ANEDOTAS — Ivan Freitas

MODELOS DE CASAS

MODELOS DE CASAS BRASILEIRAS — Adyr Vasconcellos

MODELOS DE CASAS MODERNAS — Adyr Vasconcellos

DECORAÇÕES

NOVAS IDÉIAS PARA A DECORAÇÃO DO SEU LAR — Ernesto Lacerda de Almeida

DECORAÇÕES E ARRANJOS DO LAR — Edmundo Rodrigues

Se não encontrar em seu revendedor peça por Reembôlso à CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 147

Romances de texto completo de
MACHADO DE ASSIS

- DOM CASMURRO
- HELENA
- IAIÁ GARCIA
- MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS
- QUINCAS BORBA
- RESSURREIÇÃO
- A MÃO E A LUVA

Romances de JOSÉ DE ALENCAR

- IRACEMA
- UBIRAJARA
- DIVA
- A VIÚVINHA
- O TRONCO DO IPÊ
- A PATA DA GAZELA
- LUCÍOLA

Romances Famosos

- UM BESOURO CONTRA A VIDRAÇA — J. G. de Araújo Jorge
- A MURALHA — Dinah Silveira de Queiroz
- FLORADAS NA SERRA — Dinah Silveira de Queiroz
- 24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER — Stefan Zweig
- AMOK — Stefan Zweig
- CONFUSÃO DOS SENTIMENTOS — Stefan Zweig

Se não encontrar em seu revendedor
peça por Reembôlso à
CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 148

Aprenda a escrever melhores CARTAS

Modelos, trechos, assuntos, variedade, amor, cartas de família tudo já pronto para copiar ou adaptar.

MODELOS DE CARTAS DE AMOR — Dora Maria
MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS — J. Carlos Figueiredo
MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS (com respostas) — Manoel Macedo
FORMULÁRIO DE CORRESPONDÊNCIA SOCIAL E FAMILIAR — Manoel de Macedo
MODELOS DE CARTAS PARA TODOS OS FINS — J. Carlos Figueiredo
CORRESPONDÊNCIA AMOROSA (O que você pode escrever de mais belo em suas cartas de amor) — Manoel Macedo

MANUAIS PARA AUTOMOBILISTAS
(Para aprender sem professor)

Uma pequena biblioteca especializada para motoristas; homens e mulheres proprietários de automóveis.

APRENDA A DIRIGIR SÒZINHO — Albert Hiss
MANUAL DO MOTORISTA (Mecânica — Tráfego — Enguiços) — Constantino Migailides
ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL — Albert Hiss
MANUAL PRÁTICO DO AUTOMÓVEL — J. Stockler Canabrava
GUIA DO MECÂNICO DE AUTOMÓVEL — Flávio Vissoto
ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL (Defeitos — Consertos — Conservação) — Constantino Migailides
COMO CUIDAR DE SEU AUTOMÓVEL — Celso C. Fontes
GUIA DO AUTOMOBILISTA — Paul D. A. Thiry

Se não encontrar em seu revendedor
peça por Reembôlso à
CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 149

APRENDE A TUA LÍNGUA

Cada livro desta coleção, de eméritos professôres, contém sunto completo, da maneira mais fácil e prática. Tanto pa principiantes como para pessoas cultas. Explicaçõ ao alcance de todos.

- GRAMÁTICA BÁSICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA — Waln rio de Macedo
- OS 20 PONTOS BÁSICOS DE PORTUGUÊS (em linguagem si ples e acessível) — Walmírio de Macedo
- REGRAS SIMPLES DE ORTOGRAFIA PRÁTICA (sem professor sem dicionário — Luiz A. P. Victória
- FALA E ESCREVE CORRETAMENTE A TUA LÍNGUA (Regr práticas de português) — Luiz A. P. Victória
- APRENDA A REDIGIR CORRETAMENTE (Manual de composiç e estilo) — Luiz A. P. Victória
- O SEGRÊDO DAS DUAS ANÁLISES (Léxica e Lógica) — Wa mírio de Macedo
- ERROS DE PORTUGUÊS E SUAS CORREÇÕES — J. Nelino Mello
- MODELOS DE REDAÇÃO OFICIAL (Normas a observar nos p péis que transitam nas repartições públicas) — Luiz A. P. Vi tória
- TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS (Pequeno Dicionário) — Lu A. P. Victória
- 500 TESTES DE PORTUGUÊS E SUAS CORREÇÕES — Luiz P. Victória
- DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS (Um excelente auxiliar para co sultas rápidas e eficientes) — Luiz A. P. Victória
- O PODER DAS PALAVRAS COM UM VOCABULÁRIO RICO palavra certa no momento exato) — Walmírio de Macedo
- REGRAS DE ACENTUAÇÃO E QUESTÕES PRÁTICAS DE PO TUGUÊS — José Carlos de Carvalho Carneiro
- 150 TRECHOS DE PORTUGUÊS COM 1200 ERROS (com suas re pectivas correções) — Leone Soares de Resende
- NOÇÕES DE ESTILO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA — Helena tezuma
- VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUG Luiz A. P. Victória
- NÔVO E COMPLETO DICIONÁRIO DE GRAMÁTICA (Gramáti em ordem alfabética, de valor inestimável para tôdas as pesso que desejam conhecer bem a sua língua) — Walmírio de Mace
- O MEU GUIA ORTOGRÁFICO — José de Sá Nunes

Se não encontrar em seu revendedor peça por Reembôlso à CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 150

CONTABILIDADE — MANUAIS PRÁTICOS — PROFISSIONAIS

Aprenda "sem professor"

Assuntos úteis que todos precisam conhecer. Ensinamento prático e objetivo. Aprendizagem rápida e eficiente. Autores especializados.

- CONTABILIDADE SEM MESTRE (O que há de mais simples, interessante e útil para os estudiosos de contabilidade e da escrituração mercantil) — Renado D. N. e Silva
- COLETÂNEA DE TRUQUES & FRAUDES DA CONTABILIDADE — Renato D. N. e Silva
- INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DE BALANÇOS — Renato D. N. e Silva
- TABELA PRICE (Tabelas completas e exatas para todos os tipos de cálculos com explicação para uso) — Renato D. N. e Silva
- MÉTODO DE DATILOGRAFIA SEM MESTRE — Ademar Neves
- TAQUIGRAFIA SEM MESTRE (pelo sistema "Taylor") — Fernando Trindade
- COMO APLICAR INJEÇÕES E FAZER CURATIVOS — Dr. M. Leviz
- MANUAL PRÁTICO DOS ENFERMEIROS E ENFERMEIRAS — Dr. M. de Alcântara
- MANUAL PRÁTICO DO JORNALISTA — Natalício Norberto
- CURA-TE PELA HOMEOPATIA (Tratamento eficaz, rápido, seguro e fácil de escolher e aplicar) — Dr. Carlos Sabóia
- FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES — Clóvis Paiva
- COMO FAZER E CUIDAR DE SEU JARDIM — M. Coutinho
- INSTALAÇÕES ELÉTRICAS DOMICILIARES — Alfonso Martignoni
- COMO CRIAR GALINHAS — Collatino Freitas
- MANUAL PRÁTICO DO VENDEDOR — Bernardino Gomes
- PRIMEIROS SOCORROS ENQUANTO O MÉDICO NÃO CHEGA — M. N. Oliveira

Se não encontrar em seu revendedor peça por Reembôlso à CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.151

COMO SE FAZ... COMO SE VENCE!

Enriqueça seus conhecimentos, torne sua "conversa" mais rica e agradável e destaque-se entre os homens com a série de ensinamentos que êstes livros lhe porporcionarão!

- MÉTODO RÁPIDO FEITO PARA DANÇAR CORRETAMENTE (Bolero — Samba — Fox — Mambo — Rock'n roll — Samba-canção — Cha-cha-cha — Baião — Valsa — Rumba — Swing — Tango — Marcha) — Arthur Murray
- TESOURO DE PENSAMENTOS (Dicionário, contendo 4.000 frases célebres, classificadas por assuntos, facilitando a procura para quem deseja utilizá-las) — I. Costa Cotrim
- APRENDA A FAZER VERSOS (contendo um Dicionário de Rimas) — Manoel de Macedo
- DESENVOLVE A TUA MEMÓRIA — John S. Ramos
- DISCURSOS PARA TÔDAS AS OCASIÕES — J. Gomes Carvalho
- PRESTÍGIO E PERSONALIDADE — Lewis Victor
- APRENDA AS BOAS MANEIRAS — Dora Maria
- CONHEÇA OS SEUS DIREITOS — Arimatéia dos R.
- A ARTE DE FAZER AMIGOS — Hall Kennedy
- VOCÊ VAI CASAR? (O Casamento e suas formalidades legais e sociais — Namôro — Noivado — Dia do casamento — Depois do casamento) — Dora Maria
- APRENDA A CONVERSAR — Walmírio de Macedo
- TESTES PARA SEUS CONHECIMENTOS (Você é preparado?) — Luiz A. P. Victória
- 1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS (Contratos — Tabela Price — Aluguel — Compras de Automóveis — Apólices — Dinheiro — Cheques — Empréstimos — Juros — Falências — Ações — Aval — Endôsso — Protestos — Hipotecas — Promissórias — Pres[illegible] Etc.) — Irineu de Sá
- COMO EMAGRECER COMENDO — Edy Costa Leite
- APRENDA A DANÇAR SEM MESTRE — Ivan Freitas
- TESTES DE INTELIGÊNCIA (Útil — Divertido — Instrutivo) — John S. Ramos

Se não encontrar em seu revendedor peça por Reembôlso à CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.152

COMO SE FAZ... COMO SE VENCE!

...eça seus conhecimentos, torne sua "conversa" mais rica ...dável e destaque-se entre os homens com a série de ensinamentos que êstes livros lhe proporcionarão!

A PSICANÁLISE EM 12 LIÇÕES — Gastão Pereira da Silva
NEVROSE DO CORAÇÃO — Gastão Pereira da Silva
DOENTES CÉLEBRES — Gastão Pereira da Silva
APRENDA A GANHAR MAIS DINHEIRO — Reinaldo Rigo
PRÁTICA DE IOGA — Desmond Dunne
CONSTITUIÇÃO DOS E. U. DO BRASIL — Dr. Celso Soares Carneiro
A BOA MEMÓRIA EM 12 LIÇÕES — Sankara
A ENERGIA PESSOAL EM 12 LIÇÕES — Yoritomo-Tashi
A TIMIDEZ VENCIDA EM 12 LIÇÕES — Yoritomo-Tashi
A ARTE DE VENCER EM 12 LIÇÕES — Yoritomo-Tashi
O BOM SENSO EM 12 LIÇÕES — Yoritomo-Tashi
MANUAL DO HIPNOTISMO — Desmond Dunne
MÉTODO PARA HIPNOTIZAR — Ernest Roth
HIPNOTISMO PRÁTICO — Ernest Roth
CONHECE-TE PELA LETRA (Grafologia Prática) — Eric Singer
COMO TIRAR A SORTE PELAS CARTAS — Madame Zenaira
...S SEGREDOS DAS LINHAS DA MÃO — Cheiro
...MO INTERPRETAR OS SONHOS — José Pharos
COMO LER OS PENSAMENTOS — Everton Ralph
COMO LER AS MÃOS — Everton Ralph

Se não encontrar em seu revendedor peça por Reembôlso à CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046(18
153

DICIONÁRIOS DE BÔLSO "EDO"

Os famosos DICIONÁRIOS "EDO" (Edições de Ouro) — rigorosamente elaborados — são os melhores do Brasil em formato de bôlso e já estão adotados de Norte a Sul.

- DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS (mais de 20.000 vocábulos dos mais usados, além das diversas acepções) — Everton Florenzano
- DICIONÁRIO FRANCÊS-PORTUGUÊS (mais de 20.000 vocábulos dos mais usados, além das diversas acepções) — Everton Florenzano
- DICIONÁRIO DE VERBOS INGLÊSES (verbos inglêses em todos os tempos e modos) — Reginaldo Huxley Edwards
- TESOURO-DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS & ANTÔNIMOS E IDÉIAS AFINS — Everton Florenzano
- NÔVO E COMPLETO DICIONÁRIO DE GRAMÁTICA (Gramática em ordem alfabética) — Walmírio de Macedo
- VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA (baseado no "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa") — Luiz A. P. Victória
- DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS (um excelente auxiliar para consultas rápidas e eficientes) — Luiz A. P. Vitória

Série
"LIVRO DE OURO DE PALAVRAS CRUZADAS"

Cada livro contém grande número de problemas escolhidos que tôdas as letras se cruzam, tornando os problemas de ção agradável, quase dispensando dicionário.

- FESTIVAL DE PALAVRAS CRUZADAS
- SHOW DE PALAVRAS CRUZADAS
- FANTASIA DE PALAVRAS CRUZADAS

Se não encontrar em seu revendedor peça por Reembôlso à CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P. 154

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Você pode APRENDER A DESENHAR sòzinho!

Qualquer um pode aprender a desenhar com facilidade, mesmo que não tenha jeito. Comece a desenhar bem "logo de saída" com êstes livros!

- MANUAL DE DESENHO DE LETRAS — José F. Couto
- A ARTE DE DESENHAR A MULHER — Arthur Zaidenberg
- COMO DESENHAR CARICATURAS — Mendez
- COMO DESENHAR A BICO DE PENA — Júlio Oliveira e Lêda Ciarla
- COMO DESENHAR CRIANÇAS — Geneviève Shimer
- COMO DESENHAR ANIMAIS DOMÉSTICOS — Rachel
- COMO GANHAR DINHEIRO COM O DESENHO — Edmundo Rodrigues
- COMO DESENHAR CABEÇAS — Rachel
- DESENHO E ANATOMIA — Victor Perard

VIOLÃO — GAITA — ACORDEON — PIANO

Aprenda a tocar "sem professor"

Divirta seus amigos tocando com arte um dêstes instrumentos. Você pode ser a atração da festa. Escolha o instrumento o toque em 30 dias!

- ACORDEON SEM MESTRE — Wilson da Silva Nunes
- VIOLÃO SEM MESTRE — Wilson da Silva Nunes
- GAITA SEM MESTRE — Célio Behring
- PIANO SEM MESTRE — F. Emery

Se não encontrar em seu revendedor peça por Reembôlso à CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

0461,P
155

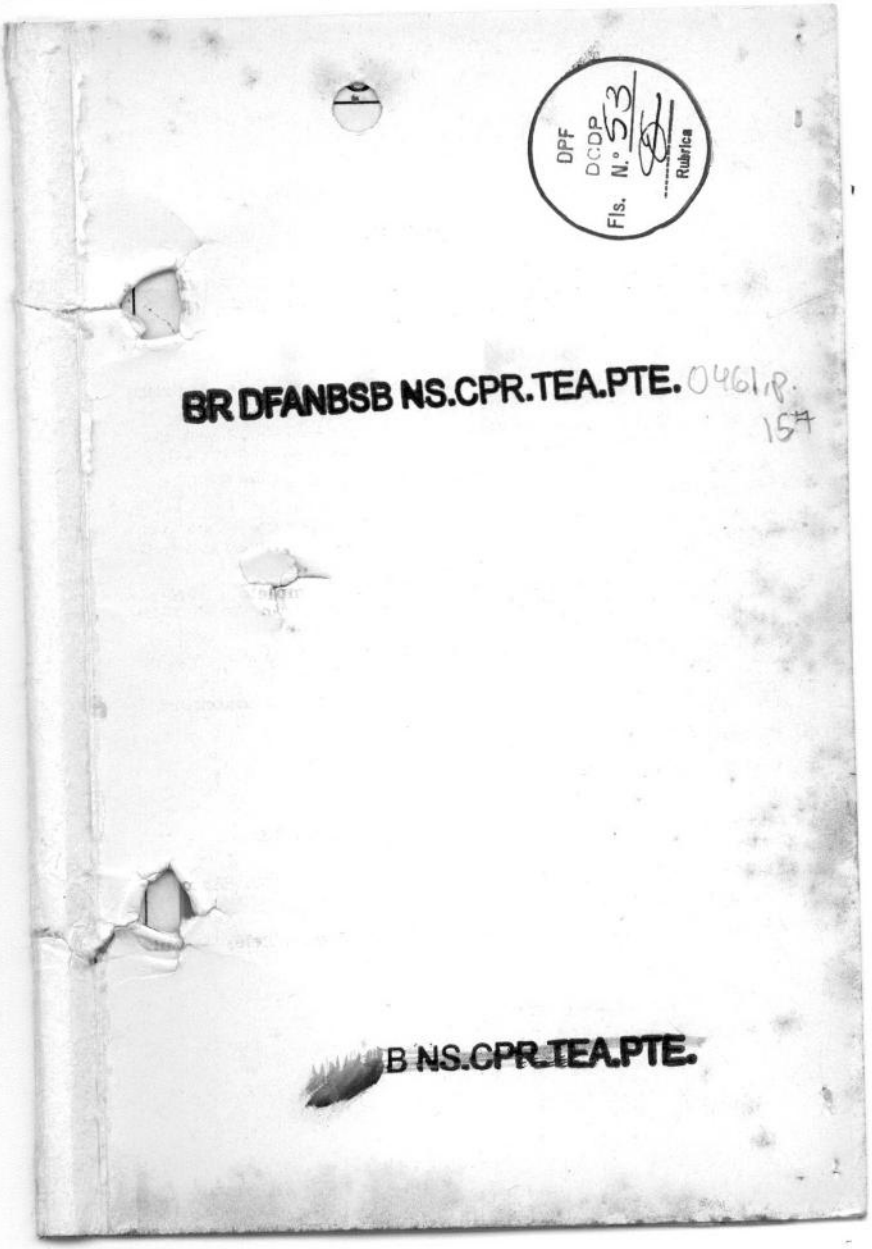
Série ESPORTIVA

Kanela (*campeão mundial*), **Cachimbao** (*campeão brasil[illegible]*) *outros autores de igual categoria. Você só compra o [illegible] há de melhor!*

- JUDÔ SEM MESTRE (em 500 ilustrações e aplicação à defesa pessoal) — H. Klingerstroff
- BASQUETEBOL (Regras e Técnicas) — Kanela (Togo Renan Soares — Campeão carioca brasileiro, sul-americano e mundial)
- APRENDA A NADAR CORRETAMENTE — Cachimbao (Luiz Carlos Cardoso Castro)
- A MODELAGEM DO FÍSICO E LEVANTAMENTO DE PÊSO (Métodos modernos e práticos aplicados ao desenvolvimento do físico) Nilson Figueiredo
- APRENDA A FAZER MASSAGENS (Manual completo e prático para aplicação de massagens nos esportes e também como tratamento) — M. Campos
- REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL (Ilustradas e comentadas) — Max Valentim
- JIU-JITSU SEM MESTRE (adaptado à defesa pessoal masculina e feminina) — Luiz Fuki
- FUTEBOL DE SALÃO — Nelson Romar
- COMO LUTAR BOXE — Rocky Marciano
- FUTEBOL MODERNO — Walter Winterbottom
- GINÁSTICA (Exercícios Práticos de Ginástica Acrobática) — Peter Rodwell
- JUDÔ E DEFESA PESSOAL EM FIGURAS — Plínio O. Sch[illegible]
- CAPOEIRA SEM MESTRE — Lamartine P. Costa
- TÁTICAS DO FUTEBOL BRASILEIRO (da Pelada a Pelé) — Luiz Mendes

Se não encontrar em seu revendedor
peça por Reembôlso à
CAIXA POSTAL, 1880 — RIO DE JANEIRO, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 156

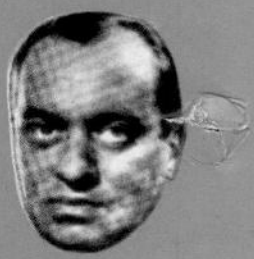

DPF
DCDP
Fls. N.º 53
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461/P. 157

B NS.CPR.TEA.PTE.

CLÁSSICOS BRASILEIROS

Uma grande e variada
coleção, com
textos revisados
biografias
prefácios
notas e ilustrações



PEDRO BLOCH

"Sinfonia para um homem só, merece a atenção dos mais ferventes admiradores da arte dramática, de todos os que buscam na cena obras originais que sejam, ao mesmo tempo, sondagem do inexplorado, reflexo alucinante de nossa época. Autor, tradutor, diretor, intérprete, cenarista, criaram a harmonia no caos. **"As Mãos de Eurídice"** possui ressonâncias profundas no clima do nosso tempo."

Le Soir, de Bruxelas

N. B.: COMUNICAMOS QUE UMA DAS VIAS DESTE TEXTO REMETIDO À CENSURA, SEGUE EM LIVRO (edição), PELA SIMPLICIDADE DO TRABALHO.
- QUEREMOS LEMBRAR NO ENTANTO, QUE SÓMENTE-A 1ª PEÇA (-as mão de eurídice), é que deve ser censurada.

p. 159

gratos

7

MINISTÉRIO [illegible]ICA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

52
M

DPF
DCDP
Fls. N.º 54
Rubrica

Serv. de Censura de Diversões Pública - D. P. F.

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 436/68

PEÇA -/ AS MÃOS DE EURÍDICE /-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 22 de JULHO de 19 69

Brasília, 22 de JULHO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 160

54

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº -01- folha nº -14-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -AS MÃOS DE EURÍDICE-

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de COMPANHIA "TEATRO PANFLETO" =SP=

Tendo sido censurada em 19 de JULHO de 1968 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de JULHO de 1968

Censura de Diversões Públicas – D.P.F.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.161

DPF. SAv. 7034-PFS

57

Exmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura do Departamento de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-162

Rem 13 out 69
Devolver ao interes
sado, via DR, de acôrdo
c/ art. 88, Dec. 20493/4

DPF
DCDP
Fls. N.º 55
Rubrica

O Centro Cultural e Recreativo Itamarati, com sede em Santos, Estado de São Paulo, à rua Espírito Santo, 22, com registro em Protocolo An º5 e sob o número de ordem 108.037 e A e também registrado no Livro Anº 2, à página 582, sob o número de ordem 3413, lavrado pelo Registro de Títulos e Documentos desta cidade, vem mui respeitosamente requerer a V. Excia , seja apreciada por êsse serviço, a peça teatral "As Mãos de Eurídice", monólogo de Pedro Bloch, a qual êste Centro pretende - ncenar nesta cidade. Em anexo, três vias da referida peça.

É a primeira vez que requer.

Nêstes Termos

P/ Deferimento

P/ Comissão Diretiva

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046,8 163

57

124

/69-TCTC

13-out-1969

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional SDR/SANTOS-SP

Providências (solicita)

DPF
DCDP
Fls. N.º 56
Rubrica

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que, através da TCDP dessa DR, sejam devolvidos ao interessado - Centro Cultural e Recreativo Itamaraty, rua Espírito Santo, 22 - os scripts anexos da peça teatral "AS MÃOS DE EURÍDICE", autoria de Pedro Bloch, esclarecendo-se-lhe, na oportunidade, que tal medida se prende ao fato de estarem os mesmos em desacôrdo com o art. 88 do Decreto-Lei nº 20493/46.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

Recebi
13-10-69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461. [illegible] 169

ILMO. SNR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL.

DPF
DCDP
Fls. N.º 57
Rubrica

O GRUPO TEATRAL DE COMEDIA, concesionário do Teatro Gazeta, nesta capital, vem, respeitosamente, requerer de V.S., se digne mandar proceder a censura do texto anexo, para o que junta os documentos de Lei.

NOME: - AS MÃOS DE EURIDICE.

AUTOR: - PEDRO BLOCH.

DATA: - DEZEMBRO DE 1969.

Nestes Termos.

P. Deferimento.

São Paulo, 4 de Novembro de 1969.

Rmt.
GT. Comédia
Av. Paulista, 900 - 3º andar
Teatro Gazeta - S.P.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920 —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-165

62
4
56
M

Direitos de Representação — Autorização Nº 168831

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: As mãos de Eurídice

DPF DCDP Fls. N.º 58 Rubrica

Original de Pedro Bloch

Música de

Tradução de

No Teatro Gazeta Cidade São Paulo

Emprêsa Grupo Teatral Comédia Pela Cia.

nos dias Censura de peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ .....por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Paulo, 3 de 11 de 1959

.....
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.166

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.167

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 59
Rubrica

As mãos de Eurídice

Pedro Bloch

Trata-se de um Drama. O homem que não se sente feliz no seu lar talvez por seu temperamento diferente da espôsa ou qualquer outro motivo, e sai a procura de outra que pensa ser a mulher ideal capaz de preencher o seu vazio. Depois de longo tempo de ausência do lar e decepções, volta êle agora pobre e miserável, mas o ambiente acha-se totalmente diferente. A filha já casada e o filho morto.

Desespera-se mas não há mais nada a fazer.

Assim procura êle uma justificativa para todos os seus atos praticados.

A peça é realizada em dois atos e é encenada por um só ator.

1-12-69

Sec Censura Cred. mt. 94

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.168

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

58

P A R E C E R

DPF
DCDP
Fls. N.º 60
Rubrica

I) Documentação

a) Título em Português: _____

b) Título original: As Mãos de Eurídice

c) Autor: Pedro Bloch

d) Tradutor: -

e) Diretor: -

f) Produtor: -

g) Companhia: Grupo Teatral de Comédia (concessionário do Teatro Gazeta)

h) Classificação da Censura: 14 (quatroze) anos

II) Análise -

a) Gênero: Drama (Monólogo)

b) Argumento: - (Vide Anexo)

c) 1 - Mensagem: O homem que procura desabafar suas angustias

2 - Impressão final: Demonstra que todos sempre procuram justificar os seus êrros .

d) Diálogos: Linguagem adequada ao texto

e) Cenas: Para ser verificada quando da sua montagem para Censura.

f) Personagens: Gumercindo que procura imitar Dulce a sua mulher Eurídice - a outra , a Sogra , o sôgro e outros.

g) Valor educativo: Positivo

III) Conclusão Impróprio para menores de 14 anos

Brasília, 1º de dezembro de 1969

Técnico de Censura - Cart. nº 94

Iara Sardinha Schnabel

Sr.Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura Credenciado YARA, que a examinou;

TÍTULO :- A S MÃOS DE EURIDICE
AUTOR :- PEDRO BLOCH
REST. :- 14 ANOS

EM 01-12-69

CTC-SC-SCDP

À consideração do Senhor Chefe do SCDP.
Em 1º/12/69

3.12.69
DPF-SAv. 192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P.169

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0461, p. 170

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 61
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

D. C. F. Polícia Federal Serv. de Censura de Diversões Públicas

Certificado Nº 2024/69

PEÇA -:::/ AS MÃOS DE EURIDICE /:::-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 02 de DEZEMBRO de 19 74

Brasília, 02 de DEZEMBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. CONSTANCIO MONTEBELLO /SUBSTITUTO

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 64, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ AS MÃOS DE EURIDICE /:::-

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRAL DE COMEDIA-TEATRO GAZETA-AV.PAULISTA,900-3ºAND.SP.

Tendo sido censurada em 01 de DEZEMBRO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS.- - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS.ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 02 de DEZEMBRO de 1969

- RUBENS GARIGAN PINTO -

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 171

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461/P-172

60

334-TCTC
03 - 12 - 69

Chefe do SCDP
Sr.Delegado Regional do DPF/SP
Providências (solicita)

DPF
DCDP
Fls. N.º 62
Rubrica

Sr.Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste // Serviço:

1 assistir ensaios gerais das peças " AS MAOS DE/ EURIDICE " e " LENÇO PRETO ";

2 enviar a este SCDP minucioso relatório a respeito dos espetáculos e,

3 entregar certificados e scripts aos interessados constantes do verso dos certificados, sòmente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do ítem dois.

Atenciosamente,

CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP/Substituto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P-173

Criciúma, 17 de setembro de 1970.

Ao

Exmo. Sr. Diretor

Departamento Geral de POLICIA FEDERAL

Brasilia DF

DPF
DCDP
Fls. N.º 63
Rubrica

Prezado Senhores,

Pela presente levamos ao conhecimento de V. Sas., que o TEATRO CARLOS MAGNO, mantido pelo CIRCULO OPERÁRIO CRICIUMENSE com caracteristicas de teatro amador, pretende encenar an cidade de Criciúma, a peça de PEDRO BLOCH - AS MÃOS DE EURÍDICE.

A fim de que possamos apresentar ao público de nossa cidade nos dias 02, 03, 04 de outubro do corrente ano, a referida peça, vimos pela presente solicitar a autorização dêsse serviço de censura, esclarecendo que, estamos anexando com a presente a autorização fornecida pelo S.B.A.T.

No Aguardo de suas habituais e providências, subscrevo-me

Cordial e atenciosamente

NEREU MIRANDA

Diretor do Teatro "CARLOS MAGNO"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.174

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

79
2
67

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: AS MÃOS DE EURÍDICE

DPF
DCDP
Fls. N.º 64
Rubrica

b) Título original:

c) Autor: Pedro Bloch

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Com anhia: Circulo Operário Criciumense

h) Classificação da Censura: 16 anos

II) Análise

a) Gênero: Drama

b) Argumento: Gumercindo, depois de abandonar o lar, por julgá-lo irritante e opressiva, para viver com Eurídice, a mulher de seu sonhos cujas mãos o obsecavam, volta transbordante de angústia e desespêro, tentando resconstruir o que por tantos destruíra. A ligação ilícita fôra a causa de uma série de infortúnios que o levaram à pobreza, a loucura e ao crime. Procurando a felicidade esquecera os seus deveres de pai e de espôso e, agora alucinado, nem presente nem o passado, consegue reviver.

c) 1 - Mensagem: Positiva - Não sãos nas mãos que pedem, mas, naquelas que ofertam, que se encontram a feliciade e o amôr.

2 - Impressão final: A peça é um impácto contínuo, cheia de inquietação e desvario, onde a memória e o tempo se misturam, para mostrar no final o valôr da familia e quão fugazes e falsos, são os prazeres ilícitos.

d) Diálogos: Profundos, comoventes e desconexos.

e) Cenas: a vista do ensaio geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 175

f) Personagens: Gumercindo, emrgindo do passado, procura reencontra e reconstruir o lar por êle abandonado.

g) Valor educativo: A manifestação da loucura não impediu o reconhecimento ~~do grande valôr da familia.~~

III) Conclusão A falta de lucidez do personagem, não apaga o brilho da obra pois, tôdos os ingredientes usados ressaltam o bela trabalho feito. Entretanto por tratar-se de tema complexo, recomendo-o para maiores de 16 anos.

Brasília, 12 de outubro de 1970

Hellé Prudente Carvalhêdo

Técnico de Censura - Cart. nº 406

HELLÉ PRUDENTE CARVALHÊDO

Sr. Chefe da SEÇÃO DE CENSURA:

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do T. Censura Hellé, que a examinou.

Título: AS MÃOS DE EURÍDICE
Autor: Pedro Bloch
Clasf,: 16 (DEZESSEIS) ANOS.

OBS: já liberada anteriormente - 14 ANOS - Paíura

SCDP-DF, 12 de outubro de 1 970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da TCTC

De acôrdo 12.10.70
Defiro-se com a impropriedade de 14 anos.
12.10.70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461.p.176

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

63

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 65
Rubrica

Certificado Nº 3128/70

PEÇA ==="AS MÃOS DE EURÍDICE"===

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de OUTUBRO de 1975

Brasília, 23 de OUTUBRO de 1970

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461/p.177

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 98, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " AS MAOS D DE EURÍDICE "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO CARLOS MAGNO - CRICIUMA/SC.

Tendo sido censurada em 12 de OUTUBRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÒMETE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 23 de OUTUBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046, p. 178

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Memorando nº 794 /70-TCTO

Em 23 / 10 / 1970

DO: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

AO: Sr. Chefe da Turma de Censura de Div.Púb-DR/SC

ASSUNTO: Providências (solicita).

DPF DCDP Fls. N.º 66 Rubrica

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue tôda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatótio.

PEÇA: AS MÃOS DE EURÍDICE

AUTOR: PEDRO BLOCH

INTERS. TEATRO CARLOS MAGNO

ENDRÇ.: CRICIUMA/SC

Atenciosamente,

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

AP/ap.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 179

69
65
M

EXMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS.

DPF
DCDP
Fls. Nº 67
Rubrica

VICENTE ARRUDA CAMARGO, brasileiro, casado, residente à Rua 9 de Julho, nº 1671, na cidade de São Carlos, Estado de São Paulo, vem, respeitosamente, solicitar de V.Excia. a expedição do certificado liberatório de censura para o texto abaixo, juntando para tal o requerido por lei.

Nestes termos
P. deferimento.

São Carlos,(SP) 23 de maio de 1970

Vicente Arruda Camargo.

Doc. anexos:
Direitos de representação,
autorização nº 11378.-SBAT
3 textos de "As mãos de Eurídice".
Dois atos.- Autor: Pedro Bloch.

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 6957
Em 01/06/1970
Protocolista

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 180

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

66

P A R E C E R

DPF
DCDP
Fls. N.º 68
Rubrica

I) Documentação

a) Título em Português: AS MÃOS DE EURÍDICE

b) Título original:

c) Autor: PEDRO BLOCH

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: 14 Anos

II) Análise

a) Gênero: DRAMA (Mónologo)

b) Argumento: É a história de um homem que não procura a solução para os seus erros.

c) 1 - Mensagem: Boa

2 - Impressão final: Otima

d) Diálogos: Monólogo de boa qualidade

e) Cenas: Boas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 181

f) Personagens: GUMERCINDO TAVARES

g) Valor educativo: Bom

III) Conclusão Não é necessário descrever a nossa conclusão , tendo em vista que este classico do teatro Brasileiro ja ultrapassou a casa das mil apresentações.

Brasília, 20 de Julho de 19 70

Técnico de Censura - Cart. nº
Wilson Camargo

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Abaixo encaminho a peça abaixo discriminada, com o parecer do Tecnico de Censura Wilson Camargo, que a examinou.

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE
AUTOR : PEDRO BLOCH
REST. : 14 ANOS

Em, 20 de julho de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
-Chefe da TCTC -

De acôrdo.
20.7.70

BR DFANBSB N8.0.P.A.E. 0961, p. 132

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 69
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2654/70

PEÇA ***/ AS MÃOS DE EURÍDICE /***

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 20 de JULHO de 1975

Brasília, 20 de JULHO de 1970

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M.J.– D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 183

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 83, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada = AS MÃOS DE EURÍDICE =

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de VICENTE ARRUDA CAMARGO

Tendo sido censurada em 20 de JULHO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S C D P

Brasília, 20 de JULHO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-FFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046.8-184

D.F.S.P.
021196 | 11 JUN 71

Curitiba, 7 de junho de 1971.

DPF
DCDP
Fls. N.º 70
Rubrica

Senhor Chefe:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação do Serviço de Censura de Diversões Publicas, três (3) exemplares da peça "AS MÃOS DE EURIDICE", de Pedro Bloch, em 2 (dois) atos, a ser apresentada pelo GRUPO CISNE, desta Capital, no periodo de Agôsto a Outubro do corrente ano, nos Estados do PARANA e SANTA CATARINA.

Outrossim, solicito a Vossa Senhoria se digne devolver êste material atraves a Delegacia de Policia Federal, desta Capital.

Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

Sidney Arruda Paulieli
SIDNEY ARRUDA PAULIELI
Pelo GRUPO CISNE

DPF — DA — SRA
Recebido 11/6/71

Ao Ilustrissimo Senhor
Professor WILSON A. DE AGUIAR
MD. Chefe do Serviço de Censura e Diversões
Publicas do Departamento de Policia Federal
Edificio do B.N.D.E. - 3º Andar

BRASILIA - DISTRITO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p 185

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

69

TÍTULO AS MÃOS DE EURÍDICE - PEDRO BLOCH -

TEATRO PARECER IMPROPRIEDADE- 14 ANOS

DPF
DCDP
Fls. N.º 71
Rubrica

Trata-se de uma peça, já famosa, de Pedro Bloch, cujo personagem único narra para os espectadores o drama que vive após ter sido abandonado pela mulher que dá título à peça, perdendo tôda sua fortuna e, reencontrando, ao voltar ao lar, sua mulher vivendo com outro, seu filho morto e sua filha casada. Arrependido, tenta reconstruir sua vida, implorando à mulher que o aceite de volta.

Embora o tema focalize o adultério, há dois aspectos atenuantes: o primeiro, porque há apenas a narração do fato, e o segundo relativo ao arrependimento manifestado pelo personagem no desfêcho da estória.

Assim, opino no sentido da liberação da peça em epígrafe, mantendo a classificação que já havia sido conferida na censura anterior.

Brasília, 02 de junho de 1971.

Luzia M. B. de Paula

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 186

Sr. Chefe.

Tratase de peças já consultadas diversas vêzes, por êste SCDP.

Ilegível.

Rio, 23.6.71

Ilegível

De acôrdo.

Em 25/6/71

Ilegível

Arquive-se.

Em 25.6.71

Ilegível

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 187

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 73
Rubrica

Certificado Nº 3933/71

PEÇA * AS MÃOS DE EURIDICE *

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 25 de JUNHO de 1976

Brasília, 25 de JUNHO de 1971

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0961.P.188

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 23, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada * AS MÃOS DE EURIDICE *

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEAT. GIUSEPP GARIBALDI - TRAV.J.FERREIRA,nº 8-Sancho-Recife PE

Tendo sido censurada em 22 de JUNHO de 1971 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS ::::::
CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMEN E CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 25 de JUNHO de 1971

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

Chefe da Seção de Censura de Teatro, Cinemas e xxxxx

DPF-Sav.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461-p-189

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 42
Rubrica

Certificado Nº 3908/71

PEÇA * AS MÃOS DE EURIDICE *

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 25 de JUNHO de 1976

Brasília, 25 de JUNHO de 1971

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0961-18-193

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 23, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada AS MÃOS DE EURIDICE

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO CISNE (SIDNEY ARRUDA PAULIELI) - Curitiba-PARANÁ

Tendo sido censurada em 22 de JUNHO de 1971 recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS :::::

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 25 de JUNHO de 1971

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Chefe da Turma de Censores
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.191

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO AS MÃOS DE EURIDICE - AUTOR- PEDRO BLOCH

PARECER

CLASSIFICAÇÃO- 14 ANOS.

A PRESENTE PEÇA TEATRAL, /AS MÃOS DE EURIDICE/, OBRA DE REAL VALOR ARTISTICO E / CULTURAL, NÃO APRESENTA ALTERAÇÕES EM SEU / TEXTO EM RELAÇÃO AOS PROCESSOS ANTERIORES, JÁ MOTIVO DE EXAME POR ÊSTE SERVIÇO DE CENSURA. ISTO PÔSTO, OPINO PELA MANUTENÇÃO DA MESMA IMPROPRIEDADE.

BRASÍLIA, 22 DE JUNHO DE 1971

CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUSA

DPF
DCDP
Fls. N.º 14
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 192

Sr. Chefe:

Trata-se de pessoa já liberada diversas vezes por este SEDP/DPF.

Df. 23.4.71

De acôrdo
Em: 27/6/71

Registre-se
Em 25.6.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.193

MJ - DPF - SRA/SP
038465
RECEBIDO POR .....

Publicas — Serv. de Censura de Diversões
O. P. F.

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Departamento de Polícia Federal
Dr. ROGERIO NENES

DPF
DCDP
Fls. N.º 95
Rubrica

O Teatro Experimental de Rio Claro, representado neste ato pelo seu representante legal, João Palmeiro Sobrinho, RG nº 3.3oo.191., residente à rua 4-B nº 796 em cidade de Rio Claro Estado de São Paulo, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa. q e se digne de terminar a verificação censória da peça intitulada "AS MÃOS DE EURIDICE", de autoria de Pedro Bloch, anexando ao presente três textos da mesma, mais a Guia de autorizaç~o do SBAT nº

Nestes têrmos
P. Deferimento

Rio Claro, 01 de agôsto 1972.

JOÃO PALMEIRO SOBRINHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 194

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

Censura de Diversões Públicas — D. P. F.

1) S.ARQUIVO Atualizado

Documentação EM ORDEM

JÁ Liberada? SIM

Cls.Etária anterior 14 anos

Praça RIO CLARO - SP

D.F., 11/08/72

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Téc.Censura LENIR

Téc. Censura

Téc. Censura

Data p/exame: de 11/8/72 a 16/8/72

OBS: CONFRONTO

D.F., __/__/__

Resp.P.Programação

3) S.C.T.C.

Emitir certificados com impropriedade para 14 anos.

Em 15/08/72

Chefe
p/TCTC

4) CHEFE S.C.

S. Div. de DP

De acordo

14 anos (fls. 5)

16/8/72

DPF
DCDP
Fls. N.º 16
Rubrica

5) DIRETOR D.C.I.P.F.

LIBERE-SE

com impropriedade para menores de 14 anos

Brasília, 17/8/72

Rocha Lima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.195

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

D. P. F.
DPF
DCDP
Fls. N.º 77
Rubrica

TÍTULO AS MÃOS DE EURÍDICE - Peça Teatral

PARECER

Autor: Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos, cond. ao ensaio geral

Trata-se do conhecido e afamado monólogo "Mãos de Eurídice", de Pedro Bloch, já inúmeras vezes examinado e liberado por este Serviço de Censura para maiores de 14 anos.

Havendo comparado os scripts apresentados, protocolizados sob os nºs. 436/68 e 5.326/72, verifiquei a perfeita identidade dos mesmos. Assim, sugiro a liberação do presente texto com a impropriedade acima referida.

Brasília, 15 de agosto de 1972.

Lenir de Azevedo Sousa
Técs. de Cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 196

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N. 777.
Data 15/08/72

Do Chefe da TCTC/DCDP/DPF

Para Chefe da TCDP/SR/SP.

Assunto: Peça Teatral - (Encaminha).

DPF
DCDP
Fls. N.º 18
Rubrica

Senhor Chefe,

Solicito providências de V.S. no sentido de que seja entregue ao interessado a peça/ teatral intitulada "AS MAÕS DE EURIDICE", com impropriedade para menores de 14 (quatorze) anos, condicionada ao ensaio geral, em 2 (duas) vias, e seus / respectivos certificados.

Atenciosamente,

CARLOS PEREIRA DE OLIVEIRA.
Chefe da TCTC em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-197

02 68

" AS MÃOS DE EURIDICE "

PEDRO BLOCH

CIA TEATRO EXPERIMENTAL DE RIO CLARO - SP

15 AGOSTO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE (14) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

16 AGOSTO 72

HUGO POVOA DA SILVA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046/p-198

DPF
DCDP
Fls. N.° 79
Rubrica

5.326/72

" AS MÃOS DE EURIDECE "

PEDRO BLOCH

16 AGOSTO 77

16 AGOSTO 72

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,8 199

DPF - SRA
fls. n.º 03
Rubrica

São Paulo, 15 de setembro de 1972.

De: Técnico de Censura
Ao: Chefe da TCDP/DR/SP
Ass: Ensaio-Geral da peça "As mãos de Eurídice"

DPF
DCDP
Fls. N.º 80
Rubrica

Senhora Chefe,

Atendendo a despacho de V.S., procedi dia 14 p.p. na Sociedade Italiana de Rio Claro ao ensaio-geral da peça "As mãos de Eurídice", levado pelo Teatro Experimental de Rio Claro, cujo responsável é PALMEIRO SOBRINHO.

Informo-lhe que o cenário nos mostra uma sala de estar comum, na penumbra, onde se movimenta o único ator da peça.

A iluminação é feita por meio de "spots" que acompanham o ator na sua movimentação de forma a destacá-lo da semi-escuridão do cenário.

A sonoplastia se faz notar pelo som de músicas populare e clássicas em momentos determinados.

O guarda-roupa se resume num terno velho e amarrotado, pois o ator vive o papel de um homem na ruína financeira e moral.

O texto foi obedecido na íntegra e nada foi acrescentado.

Em vista do que foi apresentado no ensaio-geral, opino pela liberação, em concordância com a impropriedade fixada - por SCDP/Brasília: 14 anos.

Vera Lúcia Utiyama
téc. de censura nº 330

Ciente
Encaminhe-se

MARA TENIS CLUBE

MJ-DSI-SRA/BSB
-6 SET 1954 041265
RECEBIDO POR .....

79

ILMO. SR. CHEFE DO DEPARTAMENTO DA CENSURA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 81
Rubrica

O MARÃ TENIS CLUBE atravéz do seu Presidente Sr. NILTON MARTINS FERREIRA, vem mui respeitosamente requerer a V. S., Certificado de Censura da peça anexa "AS MÃOS DE EURÍDICE" de Pedro Bloch.

Nestes Termos,

Pede Deferimento.

Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1972.

NILTON MARTINS FERREIRA
Presidente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 200

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 201

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF
DCDP
Fls. N.º 82
Rubrica

Rio de Janeiro, 4 de Setembro de 1972

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

AS MAÕS DE EURIDICE -

DE: Pedro Bloch

próxima apresentação da Sr. Nilton Martins Ferreira

no Teatro Armando Gonzaga

com estréia marcada para o dia 30 de Setembro de 1972

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SBAT - RIO - JOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 202

S. C. T. C.

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1)S.ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: SIM

Cls.Etária anterior: 14 anos

Praça: RIO DE JANEIRO - GB

DF, 8/9/72 p/Chefe do Arquivo

2)PROGAMAÇÃO

Técnico de Censura: Glaucia

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame:de 11/9/72 a 13/9/72

OBS:

DF, 11/9/72 Resp.pela Programação

3) S.C.T.C.

Emitir certificados com a impropriedade para menores de 14 anos.

Em: 14/09/72

p/TCTC

4) CHEFE S.C.

DPF DCDP fls. N.º 83 Rubrica

Sr. Dir. D.C.D.P.

De acordo com o parecer de fls. 5.

14 (quatorze) anos.

Em 14/09/72

p/Ch. S.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERTE-SE com impropriedade para menores de 14 anos

Brasília, 15/9/72

Rogério Nunes

Laba

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046,P.203

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO " AS MÃOS DE EURIDICE "

PARECER autor:Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (quatorze)anos

DPF
DCDP
Fls. N.º 84
Rubrica

Nesta data procedi ao confronto da peça " As mãos de Euridice " de autoria de Pedro Bloch e nada constatei que impeça a sua exibição.

Brasília, 13 de setembro de 1972

Gláucia de Lima B. Soarz
Gláucia de Lima Baena Soares.
Tec.Cens.Cred.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.204

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of.Nº 007/SC-DCDP/72 DF, em 13 SETEMBRO /1972

Do Diretor da D.C.D.P.
Ao Sr. SUPERINTENDENTE REGIONAL/GB
Assunto: remessa de "scripts"- faz.

DPF DCDP Fls. N.º 85 Rubrica

Referência:

"AS MÃOS DE EURÍDICE"
(título da peça ou "show")

PEDRO BLOCH
(nome do autor)

Senhor SUPERINTENDENTE,

Apraz-me remeter a essa repartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado no TEATRO ARMANDO GONZAGA -R.JANEIRO-GB.

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado 7 sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei nº5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,

Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 205

MJ - DPF - SRA/BSB
- 4 DEZ 1973 068327

Ilustríssimo Senhor
Rogério Nunes
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.
N E S T A

DPF
DCDP
Fls. N.º 87
Rubrica

. À HELIO SOUTO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA, por seu representante abaixo assinado, vem mui respeitosamente solicitar à Vossa Senhoria, a censura prévia da peça teatral intitulada " AS MÃOS DE EURIDICE ", de autoria de Pedro Block, em anexo' seguem 03 (três) cópias do texto, juntamente com a autorização da (SBAT).

N. Têrmos

P. Deferimento

Brasília, 04 de dezembro de 1973.

pacífico j. vargas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

84

DPF
DCDP
Fls. N.º 86
Rubrica

5.326/72

: " AS MÃOS DE EURÍDICE "

PEDRO BLOCH

16 AGOSTO 77

14 SETEMBRO 72

- ROGÉRIO NUNES -

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 207

02 71

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

: MARÃ TENIS CLUBE - 6B -

13 SETEMBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

14 SETEMBRO 72

- HUGO PÓVOA DA SILVA -

MH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 208

A
Censura Federal.
Departamento da Policia Federal.
Brasilia

DPF
DCDP
Fls. N.º 88
Rubrica

Eu, Helio Coutinho, residente á rua Austria nº 639 - Jardim Europa, na cidade de São Paulo, venho junto a êsse Departamento solicitar que se digne efetuar a censura da peça "AS - MÃOS DE EURIDICE", de autoria de Pedro Bloch, que será encenada em diversos locais com cobrança de ingresso.

Para tanto, junto 3 cópias do texto e autorização da Sociedade Brasileira de Autores teatrais.

Nestes termos,
Peço deferimento.

São Paulo, 26 de novembro de 1973.

- Helio Souto -
- Produções Artisticas Ltda.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 209

TEATRO

TÍTULO AS MÃOS DE EURIDICE

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem
Clas. Anterior 14
Praça SÃO PAULO
Obs.:

DF. 5 / 12 / 73

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 11620/73 - 14 Anos, sem cortes, condicionado entretanto ao ensaio geral.

Emita-se os certificados com validade até 16.8.74.

Em, 13.12.73

p/ F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 89
Rubrica

Sr. Diretor

Quatorze anos
Em 13.12.73

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 13/12/1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 210

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 11620

Título: AS MÃOS DE EURÍDICE - de Pedro Bloch (Confronto)

Classificação Etária: 14 anos

Espécie: peça teatral Com cortes: não

Boa Qualidade: -x- Livre P/Exportação: -x-

Dublado: -x- Legendado: -x-

DPF DCDP Fls. N.º 96 Rubrica

Vedada a Exploração Comercial: não

Cenas: subordinadas ao ensaio geral -

Época: atual Gênero: drama

Linguagem: dramática - de arrependimento -

Tema: sócio-familiar

Personagem: triste - desiludido - arrependido -

Mensagem: positiva -

Enredo: Gumercindo, emergindo do passado, procura reencontrar-se e reconstruir o lar por êle abandonado.

1 – Cortes: -x-

2 – Conclusão: Tráta-se de peça teatral famosa, cujo personagem único narra para os expectadores o seu drama familiar. Já liberada diversas vezes por esta DCDP, / com a classificação etária de 14 anos. Somos, também, pelo mesmo modo de pensar dos censores anteriores: liberação para maiores de quatorze anos.

Brasília, 10 de dezembro de 1973

José Maria A. Tolentino

DPF–507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 211

1.253/73-SCTC/SC/DCDP 12 dezembro 3

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

DPF
DCDP
Fls. N.º 91
Rubrica

"AS MÃOS DE EURIDICE"

PEDRO BLOCH

Superintendente:

São Paulo/São Paulo

FVAN/fd

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0961.P.242

DPF
DCDP
Fls. N.º 92
Rubrica

436/73

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

16 AGOSTO → 77

13 DEZEMBRO 73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 213

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

: HÉLIO COUTINHO PRODUÇÕES - SP -

10 DEZEMBRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: HÉLIO SOUTO

13 DEZEMBRO 73

DEUSDETH BUZLAMAQUI

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 214

MJ - DPF - SRA/BSB

Ilmo. Snr. Diretor do Departamento de Censura e Diversões Públicas.

24 SET 1411 74 058969

RECEBIDO POR:

DPF
DCDP
Fls. N.º 93
Rubrica

ANTONIO GONÇALVES MATTA, abaixo assinado, solicita e requer a V.S. se digne mandar proceder a censura da peça "AS MÃOS DE EURÍDICE" de autoria de Pedro Bloch, fornecendo o / documento liberatório, afim de que seja a mesma estreada nos dias 10 à 13/10/74, no auditório do Club do Gongresso.

Em anexo juntamos o documento de autorização da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (Sbat).

Nestes termos
Pede Deferimento.

Brasilia, 24 de setembro de 1974.

Antonio Gonçalves Matta

ANTONIO GONÇALVES MATTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 215

Recebi as 2ª e 3ª vias do
Serviço desta peça,
devidamente autenticadas
P/ SCTC - SC/DCDP.

Em 30/9/74

Antonio Fernando Matte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 216

TEATRO

TÍTULO As Mãos de Eurídice

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 14

Praça D.F.

Obs.:

DF. 25/09/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 94
Rubrica

3) S. C. T. C. A Seç. Exp. para emitir os certificados com impropriedade 14 anos, sem cortes. condicionando todavia ao exame de ensaio geral. À consideração do Snr. Chefe do S.C.T.

Em 27/9/74

Chefe do S.C.T.C.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 30/09/1974

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 217

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 95
Rubrica

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE" - Autor: Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (catorze) anos - condicionada ao exame do ensaio geral.

Da fertil imaginação do renomado Pedro Bloch, saiu-nos "As mãos de Eurídice", peça já encenada nos mais diversos rincões.

A peça "As mãos de Eurídice", por mim examinada, não apresenta nenhuma alteração em confronto com a anterior, já censurada. Todo o correr dela é um monólogo de um cônjuge que espairece os desentendimentos que marcaram sua união matrimonial e o triste desenlace desta, numa demonstração inequívoca de que lhes faltara conscientização do que seja uma família. A peça deixa emergir como u'a verdade insofismável ' que o ou a amante é, ordináriamente, a larva dourada da borboleta negra de uma desilusão, fazendo ir chafurdar-se nos vícios e até mesmo nos crimes os seus partícipes.

C O N C L U S Ã O

Há a expressão "corno". Entendi de deixá-la pois tratando-se de peça teatral, há que se levar em conta ' que o alto preço dos ingressos já é um fator de seleção. possibilitando o acesso só àqueles já detentores de maior grau de escolaridade. Pelo contido no relato, considerando-se também que o personagem único está visivelmente tomado por um intenso sofrimento íntimo, tendo até visões, opino pela liberação da peça, a ser levada dessa vez, no auditório do Club do Congresso, com a impropriedade anterior, ou mais precisamente 14 (catorze) anos.

É o meu parecer

Brasília-D.F., em 26 de setembro de 1.974

TABAJARA FABIANO DE SANTANA RAMOS

Por favor, vide o Entretempo no verso

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 218

E.T. – Por motivos sobejamente conhecidos, não estava presente à reunião em que o Sr. Diretor-Geral determinou não fossem toleradas palavras de baixo-calão. (Estava licenciado há 19 (dezenove) meses. Voltei ao trabalho ontem)

Isto explicado, acresço ao parecer retro a sugestão de que a expressão "Corpo" não seja usada uma vez seguida deixando consignado não haver mesmo sido extirpada das pareceres anteriores. Brasília, 26 de Setembro de 1974

Tasoaria F. de Santana

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 219

MJ - DPF - SR/RJ/SESP
-9 DEZ 05 11 Nº 062260

DPF - SR/RJ
N.º 97
Rubrica

ILMO. SR.
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA
E DIVERSÕES PUBLICAS - N E S T A -

Aos S.
prov. 9 10.74

FICHADO
S. A. DCDP

ANTONIO GONÇALVES MATTA, abaixo-assinado, VEM mui respeitosamente solicitar e requerer a V.S. a designação de 1 Censor para, no próximo dia 10, Quinta-feira, nas dependências do Clube do Congresso (auditório) assistir ao ensaio geral da peça "As mãos de Eurídice", em dois atos, de Pedro Bloch, que será levada a cena pelo ator Ricardo Martins, a partir daquela data até o dia 13 do mesmo mês. as 21.00

Nestes têrmos
Espera Deferimento.

Antonio Gonçalves Matta
ANTONIO GONÇALVES MATTA

BRASILIA, DF, aos 08 de outubro de 1 974.

Aos Séc. José do carmo e Tereza Patrocinio para providencias.
Em 10/10/74
Manoel Guido.

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.220

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

96

PARECER Nº 20822 / 74

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

DPF
DCDP
Fls. N.º 48

Senhor Chefe do SCDP:

Atendendo solicitação de V.Sa. procedemos ao ensaio geral da peça As Mãos de Eurídice, de autoria de Pedro Bloch no dia 10 p.p. na Sede Urbana do Clube do Congresso, às 21 horas.

O espetáculo desenrolou-se dentro do preceituado nas normas censórias, sem qualquer acréscimo ou modificação, seguindo exatamente o roteiro.

O cenário se constitue de uma sala de estar (dois sofás e mesinha de centro), um portão e uma escada. Como sonoplastia é apresentada durante toda a peça, uma valsa de Chopin.

Ante o exposto, opinamos pela manutenção da classificação etária determinada pelos colegas / que examinaram o script.

Brasília, 13 de outubro de 1974

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 221

Recife, 11 de janeiro de 1975

FICHADO
S. A. DCDP

Ilmo. Sr.

Chefe de Serviço de Censuras de Diversões Públicas.
BRASILIA - DF.

DPF
DCDP
Fls. N.º 99
Rubrica

Prezado Senhor:

Tendo enviado uma peça que tem como título "As Mãos de Eurídice", de autoria do consagrado autor brasileiro Pedro Bloch, que por um lapso deixei de anexar o requerimento junto a referida peça, sendo exatamente o que faço agora, ao mesmo tempo, peço aos senhores que tão brilhantemente dirigem este departamento, minhas desculpas pela gravidade do ocorrido.-

Outrossim, solicito aos senhores, que se dignassem de abreviar no menor espaço de tempo possível e dentro dos tramites legais, a liberação da citada peça, devido exiguidade de tempo que dispomos para lançamento do espetáculo aqui no Recife e que será levado a cena, no "Nosso Teatro", de Propriedade do Teatro de Amadores de Pernambuco.-

O nosso endêreço é aquele que já citamos na parte externa do envolocro que cobre o pacote, onde se encontra a peça, ou seja: Rua da Imperatriz, 185 - 3º andar - nesta, a nossa inscrição como ator, aqui no departamento de censura, tem o seguinte número: 1.126.-

Aproveito a oportunidade para desejar aos senhores e aos seus, um 1975 cheio de Felicidades.-

Sem mais, subscrevo-me

Luiz Zeferino de Lima
LUIZ ZEFERINO DE LIMA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P.222

Illmo. Sr. CHEFE DE SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS.

DPF
DCDP
Fls. N.º 100
Rubrica

LUIZ ZEFERINO DE LIMA, Brasileiro, Solteiro, residente a rua Imperatriz Nº185, 3ºandar, nesta cidade, vem mui respeitosamente, solicitar de V.S. a censura da peça Teatral, original de PEDRO BLOCH, em 2 atos, sob o Titulo: AS MÃOS DE EURIDICE.

Nestes termos
pede deferimento

Recife, 11-01-1975

Luiz Zeferino de Lima

Luiz Zeferino de Lima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 225

DPF
DCDP
Fls. N.º 96
Rubrica

436/74

: AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

30 SETEMBRO 79

30 SETEMBRO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 224

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

:

ANTÔNIO G. MATTA

26 SETEMBRO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE ' QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::

30 SETEMBRO 74

MANOEL FRANCISCO G. GUIDO

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 225

TEATRO

TITULO As Mãos de Eurídice

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem
Clas. Anterior 14
Praça Recife - PE
Obs.:

DF. 14/01/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

* Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 583-75.
À S. Expediente para emitir certificado, liberando com impropriedade para menores de 14 anos, sem cortes, todavia, condicionada ao exame do ensaio geral.
À consideração do Sr. Chefe do S.C. Em 29-1-75.

Heribaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 101
Rubrica

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 30/01/1975

p/ Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.226

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 583 / 75

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÌDICE" - Autor: Pedro Bloch
Confronto

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (quatorze) anos

Tendo feito o confronto entre a cópia da peça de Pedro Bloch "As Mãos de Eurídice", apresentada por Luiz Zeferino de Lima, e outra, anteriormente censurada, nada encontrei ' naquela que fosse diferente desta. Em assim sendo, sugiro ' sua liberação com a impropriedade já estabelecida, 14 (quatorze) anos, tendo-se, naturalmente, atenção com o ensaio ' geral.

DPF
DCDP
Fls. N.º 102
Rubrica

Brasília-DF, 28 de janeiro de 1975.

Arésio Teixeira Peixoto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 227

061/75-SCTC/SC/DCDP 29, JAN 5

Superintendente Regional do DPF em Pernambuco-SR/PE

"AS MÃOS DE EURIDICE"

DPF
DCDP
Fls. N.º 103
Rubrica

Pedro Bloch

Superintendente:

Recife-PE

MFCC/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461.p.228

DPF
DCDP
Fls. N.º 104
Rubrica

436/75

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

30 JANEIRO 80

30 JANEIRO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 229

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

: NOSSO TEATRO - PE -

28 JANEIRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::::

REQUERENTE: LUIZ ZEFERINO DE LIMA

30 JANEIRO 75

MHF

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 235

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SR/PE

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº067/DCDP d03 -02 -75 ——RERA NR 03/SCDP INFO PEÇA ESTAH LIBERADA
MT REM ESSA SR DIA 290175 PT DIR DCDP

DPF
DCDP
Fls. N.º 106
Rubrica

DPF-SAv.84

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE: 0461,p. 231

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 31/01/75
AS _____ HRS.
Assinatura Legível

MJ - CONTROLE
Nº 1030

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO 3478

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP - CMG
RECEBIDO EM 31 JAN 1975 AS 1700
ENCAMINHADO A: DCDP
EM ___/___/___ AS _____
RUBRICA:

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO: RECIFE/PE Nº 192 18 31/01 16.30
RECEPÇÃO: PPC/556 WR/AG 31/1640

END. DCDP/BSB - UU

TEXTO E ASSINATURA

NR 03/75/SCDP/SR/PE DE 31/01/75 PT =

FICHADO
S. A. DCDP

SOL INFO ANDAMENTO PEÇA TEATRAL "AS MAOS DE EURIDES" VG DE AUTORIA DE PEDRO BLOCH PT =

529 SCDP/SR/PE

DPF DCDP Fls. N.º 105 Rubrica

Sr. Diretor,

Info a V.Sa., que a peça em tela, cujo título correto é "AS MÃOS DE EURÍDICE", foi liberada como imprópria para menores de 14 // anos, cert. 436/75, seguindo para Recife com o Of. 061 de 29/01/75.

Em, 03/02/75 Chefe do Arquivo

Ao Arquivo
verificar
31/01/75

ROGÉRIO NUNES
Diretor do DCDP

DPF-18

MJ - DPF/SRA/BSB
19 MAI 1035 12 027592
RECEBIDO POR

DPF/SRA
Min.º
Fls.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ofício nº022/75-SCDP/DPF/RJ-Niterói Em 15 de Maio de 1975
Do Diretor da Divisão de Polícia Federal no Estado do Rio de Janeiro
Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas -DPF/BSB
Assunto encaminhamento (faz)

De ordem
ao arquivo
em 200575

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a V.S., três (3) vias de cada script das peças teatrais intituladas " ESTA NOITE CHOVEU PRATA"E AS MÃOS DE EURÍDICE " ambas/ de autoria de Pedro Bloch, para fins de censura prévia.

As presentes peças seguem acompanhadas das devidas autorizações da S.B.A.T.

Ao ensejo, reitero a V.S., meus protesto de estima e distinta consideração.

DPF
DCDP
Fls. N.º 107
Rubrica

MILTON DOS SANTOS BRITTO- Bel
Diretor da DPF/RJ/ Niterói.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.232

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.235

TEATRO

TÍTULO AS MÃOS DE EURÍDICE

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior 14 anos

Praça NITERÓI - RJ

Obs.:

DF. 31/05/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 4702 - 75.
1 - A Seção de Expedientes para emitir certificado c/ impropriedade p/ menores de 14 anos, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral
2 - A consideração do Sr. Chefe do SC. Em 26/05/75

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF DCDP Fls. N.º 108 Rubrica

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 27/05/1975
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 234

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

107

PARECER Nº 4702/75

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE" Peça Teatral de Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

DPF
DCDP
Fls. N.º 109
Rubrica

Procedido o confronto da peça em epígrafe, constatamos que há identidade de texto e apóio no art. 10 da Lei nº 5.536/68.

Ratificamos a faixa estabelecida anteriormente que é a impropriedade para menores de 14 anos.

Brasília, 26/05/75

Maria Helena Dourado dos Santos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 235

270575 105

DPF
DCDP
Fls. N.º 110
Rubrica

413/75 SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

AS MÃOS DE EURIDICE

PEDRO BLOCH

Superintendente:

Niterói - RJ

MFCG/ecp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 236

109

DPF
DCDP
Fls. N.º 111
Rubrica

436/75

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

27 MAIO 80

27 MAIO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.237

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

:

26 MAIO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::::::::::::::::::::::

REQUERENTE: NINO HONORATO

27 MAIO 75 - MANOEL FRANCISCO C. GUIDO -

529

MJ-DPF-SRA/BSB
26 MAI 10 35 75 029862

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

RECEBIDO POR

DPF DCDP Fls. N.º 112 Rubrica

OF. Nº 1103/75-SCDP/SR/PR Em 19 de maio de 1975.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Relatórios (remete)

FICHADO
S. A. DCDP

De ordem
ao arquivo
em 26 05 75

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, apraz-nos encaminhar a V. Sª. os relatórios referentes aos ensaios gerais das peças teatrais intituladas "AS MÃOS DE EURÍDICE", de autoria de Pedro Bloch, e "O BEIJO NO ASFALTO", de Nélson Rodrigues, levados a efeito, respectivamente, dias 07 e 08 de maio de 1975, procedidos pelo Técnico de Censura, Francisco Surek, em exercício no SCDP/SR/PR.

Valemo-nos da oportunidade para renovar a V. Sª. as manifestações de elevada estima e distinta consideração.

D. Valdo P. de Oliveira.

Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira.
Superintendente Regional do DPF/SR/PR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 238

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 239

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 113
Rubrica

R E L A T Ó R I O

Em atenção aos termos do Memorando nº 477 da Seção de Censura do SCDP, de 02 de julho de 1971, assistimos, na Capital do Estado do Paraná, ao ensaio-geral de peça teatral.

Título da peça: "AS MÃOS DE EURÍDICE".
Autor: Pedro Bloch.
Diretor: Sidney Arruda Paulieli.
Elenco: B. S. Produções Artísticas.
Local do ensaio: Auditório do SESC, à avenida / República Argentina, 944.
Nº do Certificado: 3908/71.
Classificação: Proibida para menores de 14 anos.

O autor apresenta em "AS MÃOS DE EURÍDICE" seu único personagem, com expressão de alucinado, que solfeja e relata ora em português ora em castelhano, especialmente lembranças de sua amada particularmente das mãos que tocavam Chopin.

O protagonista, que se autodirige, apresenta-se em palco desprovido dos recursos técnicos, preconizados pelo autor, concentrando a arte tão somente nos dotes pessoais, enquanto/ monologa e tenta dialogar com a platéia.

Sidney Arruda não infringe as leis vigentes mas discorre sobre não mais que o texto liberado, cujo conteúdo é passível de ser assimilado beneficamente por pessoas de nível intelectual que se atinge aos 14 anos de idade.

Curitiba, 19 de maio de 1975.

Francisco Burek.
Técnico de Censura do SCDP/SR/PR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.240

MJ-DPF-SR/BSB
11 MAR 1555 011256

GRÊMIO DE ESTUDANTES
DOM DIOGO DE SOUZA

Porto Alegre, 03 de março de 1976.

DPF
DCDP
Fls. N.º 114
Rubrica

Exmo.Sr.
Chefe do Serviço de Censura Federal
Edifício BNDE
Brasilia

O Grêmio de Estudantes Dom Diogo de Souza, entidade vinculada à Escola de I e II Graus Dom Diogo de Souza, sito à Rua Adão Baino, 206 - Bairro Cristo Redentor - Porto Alegre - RS, por seu presidente abaixo, vem requerer seja procedida a censura da inclusa peça "As mãos de Eurídice" de autoria de Pedro Bloch.

Cordialmente,

Daisy A. Rego
Diretora EEDDS

Sandra Gomes
Presidente GEDDS

LCC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P.241

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF
DCDP
Fls. N.º 415
Rubrica

Porto Alegre, 10 de março de 1976

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de
Diversões Públicas
BRASILIA

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de censura, 3 exemplares da peça "AS MÃOS DE EURIDICE ", de autoria de Pedro Bloch.

Cordialmente
SBAT
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul

DR. ARON MENDA
REPRESENTANTE GERAL

4.500 - 11/74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 242

TEATRO

TÍTULO AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 ANOS

Praça PORTO ALEGRE - RS

Obs.:

DF. / 16 / 03 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À SE, p/ se emitir o certificado com impropriedade p/ menores de 14 anos e os dados do requerimento.

Brasília – DF 26 de março de 1976

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF DCDP Fls. N.º 116 Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE 14 anos na forma do parecer, processo anterior

Em, 30/03/1976

Rogério Nunes

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p. 243

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 117
Rubrica

PARECER Nº 1823 / 76

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE de Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

Espécie: peça teatral

Procedendo ao confronto deste script com outro existente em nossos arquivos, verifiquei a identidade de textos, podendo, portanto receber a classificação etária estipulada para a obra: 14 anos.

Brasília, 25 de março de 1976

Teresa Cristina dos Reis Marra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 244

118

207/76-SCTC/SC/DCDP

31-3-76

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul-SR/RS

DPF
DCDP
Fls. N.º 118
Rubrica

"AS MÃOS DE EURIDICE"

Pedro Bloch

Superintendente:

Porto Alegre-RS

rs/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 245

DPF
DCDP
Fls. N.º 119
Rubrica

436/76

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

30 MARÇO 81

30 MARÇO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 296

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.



:AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

GRÊMIO DE ESTUDANTES DOM DIOGO DE SOUZA - RS -
DAISY A. REGO E SANDRA GOMES

25 MARÇO 76

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Coriolano de L C Fagundes

30 MARÇO 76 CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 247

SRA/FICHADO

14 SET 1976 035648

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

OF.
Nº. 4688/76-SCDP/SR/SP

Em, 13 de setembro de 1976.

DPF DCDP Fls. N.º 126 Rubrica

FICHADO S.A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "PALHAÇO IMAGINADOR" original de Ronaldo Ciambroni, "A RAPOSA E AS UVAS" original de Guilherme Figueiredo, "AMANHÃ TUDO SE RESOLVE" ou "O ESTUDO E O ADORNO DOS RICOS E A RIQUEZA DOS POBRES" original de Jaine Carozzi Aguiar, "A FARSA DE INÊS PEREIRA" original de Gil Vicente, "GIMBA, O PRESIDENTE DOS VALENTES" original de Gianfrancesco Guarnieri, "ESTA NOITE CHOVEU PRATA" original de Pedro Bloch, "O SANTO INQUERITO" original de Dias Gomes, "AS MÃOS DE EURÍDICE" original de Pedro Bloch.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de elevada estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 248

TEATRO

TÍTULO As mãos de Eurídice

Pedro Bloch

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo – SP

Obs.:

DF. 24/ 09/ 70/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de ____, ____ cortes e com os dados constantes do requerimento de ____, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: ____

Brasília-DF, ____ de ____ de 19____

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 121
Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 249

DPF
DCDP
Fls. N.º 122
Rubrica

934/76-SCTC/SC/DCDP 24 setembro 76

São Paulo

4688/76-SCDP-SR/SP

"AS MÃOS DE EURÍDICE"

Pedro Bloch

436

14 anos.

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046/, p. 250

Festival Missioneiro de Teatro Estudantil

PRAÇA PINHEIRO MACHADO - FONE 2772 - SANTO ÂNGELO - RS

PREFEITURA MUNICIPAL/SEMTURE - 3.ª CRE - SEC/DAC - SETUR

09-10-11-12-13/08/77

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Departamento de Polícia Fedral
BRASÍLIA - DF

FICHADO S.A. DCDP

DPF DCDP Fls. N.º 123 Rubrica

171

De ordem ao arquivo em 20.6.77

VALDIR VAN HELDEN, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado na cidade de Santo Ângelo - RS, na qualidade de Coordenador Geral do 2º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL - FEMITE, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa., que se digne a examinar e liberar a peça "AS MÃOS DE EURÍDICE", de autoria de Pedro Bloch, em Dois atos, do gênero Dramático, com músicas de _____ - _____. A presente solicitação se destina à realização do 2º FEMITE nas datas de 9 a 13 de agosto.

Nestes Termos
Pede Deferimento

Santo Ângelo, 28 de maio de 1977.

VALDIR VAN HELDEN
Coordenador Geral do 2º FEMITE

P.S. A presente peça será levada ao palco pelo GRUPO DE TEATRO GISA, do Centro Interescolar de Santo Ângelo, Santo Ângelo - RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 251

TEATRO

TÍTULO AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça SANTO ÂNGELO - RS

Obs.: ESTA PEÇA ESTA AGUARDANDO RELATÓRIO DE SP DESDE 24.09.76.

DF. 04 / 07 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 14 de julho de 1977

Maria Adele L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 129
Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 14 (catorze) anos
Brasília-DF, 18 / 7 / 77.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 252

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

173

PARECER Nº 2811 / 77

TÍTULO: AS MÃOS DE EURIDICE - peça teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (catorze) anos - sem cortes condicionada ao exame do ensaio geral

DPF
DCDP
Fls. N.º 125
Rubrica

RELATO

Um lar desfeito pode levar à insânia o ou a cônjuge.

AVALIAÇÃO

Sustento a emitida por mim a 24/09/76, noutro confronto da mesma peça (fls. 128), dela aproveitando: "... o amante é, ordinariamente, a larva dourada da borboleta negra da desilusão" +

CONFRONTO

Efetuada a comparação. Nenhuma diferença.

CONCLUSÃO

Sugiro a liberação ora solicitada, concedendo-lhe a impropriedade das múltiplas vezes anteriores, mais precisamente, a de 14 (catorze) anos.

É o meu parecer.

Brasília, 13 de julho de 1.977

TABAJARA FABIANO DE SANTANA RAMOS
Téc. de Censura

+ CAMPOS, Humberto de - Os Párias - 2ª Edição - J.Olympio
São Paulo - 1933

Vale o manuscrito
corrigido para INSÂNIA.
Data supra
20/7/77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 253

DPF
DCDP
Fls. N.º 126
Rubrica

436/77

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

30 JANEIRO 80

15 JULHO 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 254

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

GRUPO DE TEATRO GISA-SANTO ÂNGELO-RS

VALDIR VAN HELDEN

13 JULHO 77

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14(QUATROZE) ANOS.CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

15 JULHO 77

VLS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 255

125

965-SCTC/SC/DCDP 15 de julho 7

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF NO RIO G. DO SUL

DPF
DCDP
Fls. N.º 127
Rubrica

"AS MÃOS DE EURIDICE"

PEDRO BLOCH

Superintendente,

em Porto Alegre-RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.256

SAI/FICHADO
J-DPF-SR/SC

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional em Santa Catarina

DPF-SR/SC
SSI/SR/DPF 13 / 77 028165
RECEBIDO POR:

De ordem ao arquivo em 13-9-77

Of. nº 1325/SCDP Florianópolis, 12 de setembro de 1977.

FICHADO
S. A. DCDP

DPF
DCDP
Fls. N.º 128
Rubrica

Senhor Diretor:

Com este, encaminho a V.Sª. Script em três vias da Peça Teatral "AS MÃOS DE EURIDICE", original de Pedro Bloch, para competente liberação dessa Divisão.

Informo a V.Sª. que a referida peça será apresentada pelo Grupo Teatral "Charles Chaplin", da cidade de Itajaí.

Atenciosamente,

NEI DE OLIVEIRA
Chefe da SCDP/SR/SC

Ilmo. Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Brasília - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 257

MJ-DPF-SRA/BSB
13 SET 10 9 12 0E0100
RECEBIDO POR

127

Prefeitura Municipal de Itajaí

ESTADO DE SANTA CATARINA

DPF
DCDP
Fls. N.º 129
Rubrica

Ilmº. Sr.
Drº. Ney de Oliveira
DD. Chefe da Divisão de Censura
Departamento de Polícia Federal de Santa Catarina
Seção Fpolis
Estreito
88.000 - Florianópolis - SC

A Secretaria de Educação, Cultura e Esporte da Prefeitura Municipal de Itajaí, através do Departamento de Cultura e Esporte, vem solicitar de V.Sª a liberação da Peça Teatral "AS MÃOS DE EURIDICE" de Pedro Bloch (3 vias em anexo), que ora está sendo ensaiada pelo Grupo Teatral "Charles Chaplin".

N. T.
S. D.

Itajaí, 05 de setembro de 1977.

PROF. ACYR OSMAR DE OLIVEIRA
DIRETOR DE CULTURA E ESPORTE

DEPTO. CULTURA E ESPORTE
SECE
PMI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 258

TEATRO

TÍTULO As Mãos de Eurídice

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior 14 anos

Praça Florianópolis - SC

Obs.:

DF. 19/09/771

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 28 de set. de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF DCDP Fls. N.º 130 Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Quatorze anos
Sem cortes.
Brasília-DF, 29/set/77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 259

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 131
Rubrica

PARECER Nº 4115 / 77

TÍTULO: " AS MÃOS DE EURÍDICE " - Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

Confronto

Pelo confronto do presente texto com o anterior, anexo ao processo, constatei total identidade entre ambos. Assim, sugiro a liberação da peça para a faixa etária de 14 anos, conforme certificado ainda em validade.

Brasília, 26 de setembro de 1977.

Domingos Savio Ferreira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 260

130

1515/77-SCTC/SC/DCDP 28/09 7

Superintendente Regional do DPF em Santa Catarina

"AS MÃOS DE EURÍDICE"

Pedro Bloch

DPF
DCDP
Fls. N.º 132
Rubrica

Superintendente:

FLORIANÓPOIS-SC

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 261

131

DPF
DCDP
Fls. N.º 133
Rubrica

436/77

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

30 JANEIRO 80

29 S E T E M B R O 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 262

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

GRUPO TEATRAL "CHARLES CHAPLIN" - SC

ACYR OSMAR DE OLIVEIRA

28 S E T E M B R O 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

29 SETEMBRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 263

0529

MJ-DPF-SRA/BSB
18 AGO 1037 025986
DPF E.s.º 01 Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR:

OF. Nº 132/77-SCDP/SR/RS Porto Alegre, 12 de agosto de 1977.

FICHADO
S. A. DCDP
SRA/FICHADO

De ordem ao Arquivo em 18.8.77

DPF DCDP Fls. Nº 134 Rubrica

Senhor Diretor

Pelo presente, encaminho a V. Sa. o relatório anexo, relativo a peça teatral "AS MÃOS DE EURÍDICE" de autoria de Pedro Bloch, em atenção ao seu Of. nº 965-SCTC/SC / DCDP/DPF de 15 de julho de 1977.

Na oportunidade, reafirmo a V. Sa. meus protestos de elevada estima e consideração.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 264

DPF
DCDP
Fls. N.º 135
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Visto. Em 11.08.77
JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

RELATÓRIO 062/77-SSC

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa. desloquei-me para a cidade de Sto Ângelo, neste estado, a fim de examinar as peças teatrais da IIª FEMITE .

Dentre os ensaios, foi realizado no dia imediato, o ensaio geral da peça "AS MÃOS DE EURIDICE", da autoria de Pedro Bloch. A referida peça recebeu o certificado de censura nº 436/77 com impropriedade para menores de 14 anos, sem cortes.

A PEÇA : O elenco é formado por apenas um ator, que através de recursos pessoais e mímicos faz uma narração de seu drama familiar. Inicia criticando sua esposa e sua sogra.

Após narra seu romance com Euridice, a quem ama e elogia, embora tratado com certo egoísmo pela mesma. Por fim o ator unico chamado Gumercindo reconhece que sua paixão é injusta e resolve voltar para sua esposa.

O ensaio transcorreu normalmente, com os artistas devidamente caracterizados. O cenário é simples, pois só tem um ator.

Pelo exposto, opino pela liberação do espetáculo conforme o certificado original expedido pela DCDP/BSB.

Era o que me cumpria relatar a V.Sa.

Porto Alegre, 10 de agosto de 1977

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura
Mat. 2.018:156

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 265

MJ-DPF-SRA/BSB
28 FEV 10 27 78 005473

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DA SR/PR

OF. Nº 1030-SCDP/SR/PR -78 Em, 27 de fevereiro de 1978

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas da SR/PR
Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Peça teatral para censura (remete)

DPF
DCDP
Fls. N.º 136
Rubrica

Senhor Diretor,

Pelo presente, estamos encaminhando a Vossa Senhoria 03 (três) vias da peça teatral intitulada "AS MÃOS DE EURÍDICE", de autoria de Pedro Bloch, para fins de censura.

Ao ensejo, renovamos a Vossa Senhoria os / protestos de consideração e apreço.

José Augusto Costa.
Técnico de Censura.
Chefe do SCDP/SR/PR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-266

135

Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF.

DPF
DCDP
Fls. N.º 137
Rubrica

O abaixo assinaso, Flávio Fanucchi, portador do Certificado de Reservista da 5ª RM, nº 235937, residente na rua General Carneiro, 296, centro, Ponta Grossa - Paraná, vem pelo presente solicitar se digne Vossa Senhoria providenciar a liberação da peça teatral intitulada "AS MÃOS DE EURÍDICE", drama em dois atos, de autoria de Pedro Bloch.

Outrossim, solicita a devolução do material, após sua liberação, à Superintendência Regional do DPF no Estado do Paraná.

Curitiba, 27 de fevereiro de 1978.
Nestes Termos
Pede Deferimento

ASS Flávio Fanucchi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 267

TEATRO

R/136

TÍTULO AS MÃOS DE EURÍDICE

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça Curitiba - PR

Obs.:

DF. 01 / 03 / 781

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. [illegible] dois certificados, com [illegible] para menores de quatorze anos. Sem cortes e [illegible] querimento de censura [illegible] ao exame [illegible]

Bsb, 21 de março de 1978

[illegible] L. Gama

Chefe SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF DCDP Fls. N.º 138 Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: Quatorze (14) anos, sem cortes.

Brasília-DF, 23 / março / 1978.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 268

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

187

PARECER Nº 896 / 78

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURIDICE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

Peça teatral de Pedro Bloch

DPF
DCDP
Fls. N.º 139
Rubrica

Procedendo ao confronto da peça epigrafada, enviada pela SR do Paraná, constatei a sua inteira semelhança com originais constantes em nosso processo à página 4, portanto, opino pela manutenção da faixa etária já fixada anteriormente, ou seja 14 anos.

Liberação condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 20 de 1978
Brasília, 20 de março de 1978

Gilberto Hortencio de Souza

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 269

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 2º de Outubro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Telg. SBAT-RIO
Rua de Alcalá, 72 — Madrid

DPF
DCDP
Fls. N.º 140
Rubrica

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 4/74-GB Nº 0170

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: As mãos de Eurídice

Original de Pedro Bloch

Música de —

Tradução de —

No Teatro Carlos Gomes Cidade Goiânia

Emprêsa — Pela Cia. José Bloch

nos dias 26 e 27/3

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% Dez por cento da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Goiânia, 20 de março de 19 81

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

100 Blocos 50x50 - 0001 a 5.000 - 5/74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 270

TEATRO

139

TÍTULO "As mãos de Eurídice"

Pedro Bloch

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 anos

Praça Goiania - GO

Obs.:

DF. 21 / 03 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de fls, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 21 de março de 19 78

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 141
Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: quatorze anos, sem cortes
Brasília-DF, 24 / 03 / 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 271

140

395/78-SCTC/SC/DCDP 21/03 8

Superintendente Regional do DPF no Paraná

DPF
DCDP
Fls. N.º 142
Rubrica

"AS MÃOS DE EURIDICE"

Pedro Bloch

Superintendente:

CURITIBA-PR

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p-272

* AS MÃOS DE EURÍDICE *

PEDRO BLOCH

MANOEL GALARDINO/SANTOS/SP

31 AGOSTO 78

PROIBIDO P/MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DE SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

31 AGOSTO 78

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0961, p. 273

DPF
DCDP
Fls. N.º 156
Rubrica

154

436/78

* AS MÃOS DE EURÍDICE *

PEDRO BLOCH

30 JANEIRO 80

31 AGOSTO 78

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
QUINZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.274

DPF
DCDP
Fls. N.º 145
Rubrica

436/78

" AS MÃOS DE EURÍDICE "

PEDRO BLOCH

30 JANEIRO 80

21 MARÇO 78

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 275

- AS MÃOS DE EURÍDICE -

PEDRO CHOCH

GO-

28 SETEMBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21 MARÇO 78

FMFN/.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 276

DPF
DCDP
Fls. N.º 193
Rubrica

436/78 ,

: AS MÃOS DE EURÍDICE

: PEDRO BLOCH

30 JANEIRO 80

27 MARÇO

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 277

AS MÃOS DE EURÍDICE

BLOCH

PR

O FANUCCHI

21 MARÇO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO
SAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
HADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

MARÇO 78 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 278

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

21/3 78

DPF DCDP Fls. N.º 144 Rubrica

Certificado Nº 436/78

PEÇA " AS MÃOS DE EURÍDICE "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

VÁLIDO ATÉ 30 de JANEIRO de 19 80

Brasília 21 de MARÇO de 19 78

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p.279

Certifico constar do livro nº_____ fôlha nº_____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

- AS MÃOS DE EURÍDICE -

Original de **PEDRO CHOCH**

Tradução de

Adaptação de

Produção de **CO-**

Tendo sido censurada em **28** de **SETEMBRO** de 19**77** e recebido a seguinte classificação: **IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

Brasília, **21** de **MARÇO** de 19**78**

FMFN/.

p/ **CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO**
Chefe do Serviço de Censura

DPF- Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 280

SRA/FICHADO
MJ - DPF - SRA/BSB
16 AGO 1048 78 022728

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS

OF.
Nº 201/78-SCDP/SR/SP Em, 09 de agosto de 1978.

De ordem ao Arquivo em 16.8.78

DPF
DCDP
Fls. N.º 146
Rubrica

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de leitura e de ensaio geral das peças teatrais "AS MÃOS DE EURÍDICE" de Pedro Bloch; "ASSUNTA DO 21" de Nery Gomide e "DOIS NA GANGORRA" de Willian Gibson.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.281

PROTOCOLO N.º 2090
SCDP - DIV. D.P.F. / Santos
Santos, 07 / 06 / 78

ILMO.SR.
CHEFE DA SCDP/DPF/STS

Ministério da Justiça
Departamento de Polícia Federal
CENSURA FEDERAL

As Censoras Dirce e Maria Lucia
para os devidos fins, exame de texto e parecer
SCDP-DPF-STS. 07 / 06 / 78

CHEFE DA SCDP

Eu, MANOEL GALARDINO, R.G. nº 3.212.967, residente à rua Martim Afonso nº 5, solicito a VSª., se dgne mandar - censurar e expedir o respectivo certificado, da peça "AS MÃOS DE EURIDICE", de autoría de PEDRO BLOCH.

Anexo, três scripts da referida peça.

DPF
DCDP
Fls. N.º 147
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SR/SP
DPF-SANTOS

Nestes têrmos
P. Deferimento

Santos, 07 de junho de 1.978.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 282

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 248
Rubrica

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE" - Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Para maiores de 14 anos

ENSAIO GERAL

Monólogo dramático em 2 atos.

O texto, representado por MANOEL GALARDINO, conta o drama de GUMERCINDO TAVARES, pelas suas recordações, voltando após 7 anos de abandono do lar.

Cansado das futilidades e pretensos conhecimentos/ culturais e artísticos da esposa; das conversas ininterruptas da sogra; da egiptologia do sogro; do barulho dos filhos, é / campo fértil para o escapismo, consumado no amor por EURÍDICE. Com ela foge para Mar-Del-Plata onde a mesma perde toda a sua fortuna nos cassinos (fortuna que era de DULCE, sua esposa), recusa-se a ajudá-lo com uma das jóias ofertadas por ele e , ainda, deixa-o. Completamente arrasado, retorna. Descobre estar sua mulher vivendo com outro, sua filha casada e seu fi - lho morto tuberculoso. Estes fatos, principalmente, o último, fazem-no tocar o mundo da insanidade mental. Seus remorsos, de silusão, solidão, enfim, infelicidade e desespero atingem o / ápice. Surge, então, com toda a força, a valoração minimizada - a família.

ENSAIO:

O monólogo, sem intervalos, é dinamicamente montado pela utilização do poder enfático da linguagem vibrante, gesticulação e mímica, notadamente, a facial onde se estampam as emoções do personagem em seu grau crescente. Ainda, como fa - tor de quebra da estaticidade, alia-se o fictício diálogo com/ o público na amostragem de provas (fotos, cartão de visitas, radiografia, carta, etc.) e nas tentativas de justificação / dos atos.

Visto, na encenação, estar tudo conforme as normas / censórias vigentes, opinamos pela aprovação do espetáculo para a faixa etária de 14 anos.

Santos, 23 de junho de 1978

De acordo

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Chefe Substituto do SCDP/SR/SP.

BEL. MARIA CELESTE FARIA CAMPANHOLO
TÉCNICA DE CENSURA
2.416.900

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.283

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 149
Rubrica

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURIDICE". Peça Teatral de: PEDRO BLOCH

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS.

I- TEXTO:

Espécie de catarse auto-biográfica, onde um homem situa-se no plano existencial como um historiógrafo. GUMERCINDO TAVARES revive num monólogo remissivo, um período de 7 anos que marcaram como cicatriz, toda sua existência. Seu casamento com DULCE, filha de familia abastada, logo transforma-se numa insuportável rotina, esta agravada pela insistência absurda da esposa em discutir, sem total conhecimento de causa, estilos e obras artisticas. Num entrechoque dinamico, Portinari, Rubinstein, Chopin, Brailowski e Prokofief misturam-se às divagações da sogra sobre a cultura egipcia. Consequentemente, ás travessuras dos filhos acabam por concluir este contexto. Ainda se faz presente a figura de FREDERICO, um suposto fã de DULCE, que dá origem à necessidade de GUMERCINDO revoltar-se, e porissso, surge EURIDICE. Esta, aparece naquele instante como sua homônima: uma táboa de salvação. A - perfeição humanizada. Em suma, o toque do encantamento, que no monólogo, assume a forma de um hino à vida. Em suas mãos está toda a fôrça da imaginação e da sensibilidade. Contudo, esta magnificência é apenas sentida, não real. GUMERCINDO deixa a familia e acompanha EURIDICE a Mar-Del-Plata, onde consomem nas mesas dos Cassinos o que restava daquele momento onírico. E ainda uma vez mais, manifesta-se a ingratidão de EURIDICE. quando nega a GUMERCINDO alienar a mais humilde de suas jóias para ajudá-lo a resgatar uma de suas dívidas. Este é o ocaso trágico de um idealismo de beleza que o recoloca novamente de frente à dura realidade. Então, os valores são refeitos: Passa a compreender e entender o amor de DULCE, mas esta agora está casada com outro. Porisso sofre, mas nada pode alterar. De volta à antiga casa, remexendo antigos papéis, vem a descobrir que sua filha se casara e que seu filho, morrera tuberculoso internado num sanatório. Este desfecho esmagador faz recair sobre sua consciencia toda a intensidade da - culpa, e o faz recuar até a tênue linha que separa o homem da completa destruição. Seus momentos finais em cena, parecem um holocausto à vida: quando simbològicamente elimina com uma pistola imaginária, a miragem de EURIDICE, que aparece em cena. Em suma, a mensagem proposta é um retorno às origens, aos valores esquecidos pela vivência da rotina. A uma herança nem sempre perdida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 284

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 150
Rubrica

148

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURIDICE". Peça Teatral de: PEDRO BLOCH

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

II- PARECER.

Obra antológica em nosso ambiente de dramaturgia.Pedro Bloch é um autor que se faz notar pelo teor trágico e doloroso que empresta às suas obras.Força o domínio do sensível que faz do intérprete o catalisador do enredo.Na presente obra a técnica dos gestos,das expressões,dos ritos faciais e dos movimentos cênicos são elementos indissolúveis para o perfeito andamento textual.Assume, pois,o autor a responsabilidade pelo nivel dogmático e perene da temática, em toda sua forma de expressão.

Opinamos, pelo exposto, pela liberação da obra sob a faixa etária de 14 anos, pois sentimos a viabilidade no adolescente de suprir com seu entendimento, as múltiplas conotações inseridas no texto.

Santos, 13 de junho de 1978.

Dirce Camargo de Abreu-TC

Ensaio Geral

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Chefe Substituto do SCDP/SR/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p.285

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 151
Rubrica

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE" - Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Para maiores de 14 anos

Drama em 2 atos.

ASSUNTO:

Monólogo de cunho intimista, aspectos confessionais, assume, no entanto, caráter dinâmico e chocante pelo acervo de revelações paulatinas até o desfecho final da maior dramaticidade. Na figura central de GUMERCINDO TAVARES espelham-se todas as emoções decorrentes de uma vida de anseios e frustrações. É sob sua visão que nos surgem os fatos, através de suas reminiscências, sete anos após o abandono do lar. Casado com DULCE mulher que, de simples, transforma-se em "snob" social. com pretensões artísticas e discussões culturais sem conhecimento de causa; vivendo com o sogro egiptólogo e filatelista; a sogra faladora e os filhos, crianças irriquietas, um de patinete todo o tempo e a outra brincando de boneca, torna-se um mero acessório, espectador de sua família, acumulando mágoas dia após dia. O tratamento dispensado pela mulher preocupada pelas convenções sociais; a casa semelhante a um "Grêmio artístico e cultural"; as múmias e os falatórios; a barulheira dos filhos, tudo, enfim, contibui para que ele atinja um clima de saturação propício à fuga para o universo dos sonhos. Estes ganham forma na figura de EURÍDICE, idealizada, endeusada, em resumo, um ser humano sem falhas, na ótica de Gumercindo. Fogem para Mar-Del-Plata e lá, jogando, ela perde toda a fortuna , que nem dele era, e sim, de Dulce. São suas mãos perfeitas que mais ele recorda, mãos que o destruiram. Finalmente, a realidade: ela recusa-se a dar uma jóia, mínima que seja, para salvá-lo da ruína e ainda confessa não mais o amar. Volta, desesperado, tentando retomar seu lugar, no entanto, sabe-o preenchido por FREDERICO, antigo cortejador de Dulce; descobre estar morto o filho e casada a filha. Revolta-se, chegando às raias da alucinação. Num último gesto, mata, simbolicamente, Eurídice, conscientiza-se do real valor de Dulce e termina, chorando, implorando seu retorno.

PARECER:

O texto poderia ser englobado na linha do romantismo pelas características de subjetivismo, evasão, sonho, idealização da mulher e mesmo de certas conotações de morbidez num contexto de análise interiorista. Linguagem rica , plena de imagens, misturando o eruditismo ao coloquial, utilizando citações artísticas, demonstra um autor e obra elitizantes. Entretanto ,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 286

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 152
Rubrica

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE" - Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Para maiores de 14 anos

CONTINUAÇÃO

nada do que foi enunciado, prejudica a assimilação e entendimento da mensagem : a supremacia dos valores familiares.

Em síntese, nada mais coerente do que proceder à / afirmação de que nela estão presentes o conhecimento nato das funções cênicas e dos meios de comunicabilidade, fatores estes que quebram a estaticidade, geralmente evidenciada na maioria dos monólogos.

Para que haja uma verdadeira receptividade da problemática humana do texto, opinamos pela classificação para maiores de 14 anos, quando existirá melhor capacidade de compreensão da estrutura da obra.

Santos, 15 de junho de 1978

BEL. MARIA CELESTE FARIA CAMPANHOLO
TÉCNICA DE CENSURA
2.416.900

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Chefe Substituto do SCDP/SR/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 287

TEATRO

TÍTULO As mãos de Eurídice

Pedro Bloch

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo - S.P.

Obs.:

DF. 25 / 8 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de fls., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 31 de agosto de 1978

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF DCDP Fls. N.º 153 Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Ver Port. 2446

Carlos A. Medinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura DCDP

31/8/78

BR DFANBSB N5.0.PR.TEA.PT. 0461, p. 288

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 154
Rubrica

PARECER Nº 3.146 / 78

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE" (CONFRONTO)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) ANOS

AUTOR: PEDRO BLOCH

Comparando o texto com o anterior, já aprovado por este SCDP, constatamos a sua semelhança, pelo que propomos a ratificação da faixa etária anterio: PARA MAIORES DE 14 (QUATORZE) anos.

Brasília, 30 de agôsto de 1978.

Solange Vaz dos Santos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 289

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

153
14

1343/78 -

BSB, 30/8/78.

em São Paulo

DPF
DCDP
Fls. N.º 155
Rubrica

- 201/78-SCDP-SR/SP.

"AS MÃOS DE EURÍDICE", de Pedro Bloch.

SRA/FICHADO

MJ-DPF-SRA/BSB

28 JUN 1049 PF 018476

DPF - SRA
Fl. nº 1
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR:

OF. Nº 135/79-SCDP/SR/RS P.Alegre, 18 de junho de 1979

FICHADO
S.A. DCDP

DPF
DCDP
Fls. N.º 157
Rubrica

Ao Arquivo,
em 28.6.79

Senhor Diretor:

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada " AS MÃOS DE EURÍDICE ", de autoria de Pedro Bloch

2 - ~~relatórios da comissão técnica~~;

3 - relatórios do ensaio geral;

4 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 290

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 291

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 154-SCC/79

Em 18.06.79

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.483
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

DPF
DCDP
Fls. N.º 158
Rubrica

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa., compareci no dia 15 p.p. na cidade de Novo Hamburgo/RS, a fim de proceder ao exame do ensaio geral da peça teatral da autoria de Pedro Bloch, intitulada "AS MÃOS DE EURÍDICE" .

Resumo: Trata-se da estória de Gumercindo, unico ator casado com filhos, que não esta bem relacionado com sua família. Desiludido procura uma amante "Eurídice" que o leva a falência e ao desespero pela sua sedução e egoísmo.

Durante a dramatização são enfocados problemas sôbre deficiencias na vida conjugal e o desatino a que chega Gumercindo, matando sua amante de modo passional e trágico.

No cenário uma escada liga a platéia ao palco, pois o ator em certas cenas fala diretamente da platéia. O palco esta dividido em duas partes, a 1ª mostrando a entrada de uma casa e a 2ª com uma sala de estar com poltronas, mesa, e uma cômoda com um quadro ao centro. Ao fundo uma rotunda com os dizeres: "Rio de Janeiro , época atual".

Parecer: Considerando o aspecto trágico e passional dos amantes, terminando em homicídio, caracterizando a mensagem para público a altura, opino pela liberação da obra para maiores de 16 anos.

Era o que me cumpria relatar, nesta oportunidade.

Porto Alegre, 18 de junho de 1979.

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura
Mat. 2.018:156

BR DFANBSB NS.0.PR.TEA... 0961, p. 292

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 159
Rubrica

Certificado Nº 054/79/RS

PEÇA " AS MÃOS DE EURÍDICE "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELA ~~D.C.D.P.~~ SCDP/SR/RS
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de AGOSTO de 19 79

PORTO ALEGRE, ~~Brasília~~ 18 de JUNHO de 19 79

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 16 ANOS

JOÃO BISPO DA HORA
Chefe do SCDP/SR/RS
~~Diretor da DCDP~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0961, p. 293

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " AS MÃOS DE EURÍDICE "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por JAIME LUIZ FERREIRA DA SILVA - NOVO HAMBURGO/RS

Tendo sido censurada em 18 de JUNHO de 19 79 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RS.

P.Alegre,
Brasília, 18 de JUNHO de 19 79

Renato Faria

RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
~~Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS~~
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.294

TEATRO

TÍTULO AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

DPF
DCDP
Fls. N.º 160
Rubrica

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14

Praça RS

Obs.:

DF. 03 / 7 / 79 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 anos, Sem cortes, condicionado ao exame do ensaio.

Obs.: certificado definitivo

Brasília-DF, 03 de Julho de 1979

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 115 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Liberado na forma do parecer, 16 (dezesseis) anos.

Em, 09/07/79

Eliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.295

" AS MÃOS DE EURIDICE "

PEDRO BLOCH

RS/

03 JULHO 79

PROIBIDA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS)ANOS.

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICAD SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP

05 JULHO 79

ELIEL JOSE DE SOUSA (SUBST.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.296

DPF
DCDP
Fls. N.º 161
Rubrica

436/79

"AS MÃOS DE EURIDICE "

PEDRO BLOCH

18 AGOSTO 84

05 JULHO 79

p/ JOSE VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
16
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 297

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

160

OF.
nº 310/79 - SA/DCDP

06 de julho de 1979

DPF
DCDP
Fls. N.º 162
Rubrica

RS

135/136/137/138/79-SCDP/SR/RS

: " AS MÃOS DE EURÍDICE" de Pedro Bloch, " A BOMBA ", de Alexandrino de Souto, " AS CARTAS MARCADAS ", de Ivo Bender, e " A FOSSA ", de Ronald Radde.

Na oportunidade reiteramos a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP
Substituto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 292

SRA / FICHADO
MJ - DPF - SRA/BSB

DPF - SRA
Fl. nº
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 025290

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR

OF. Nº 216/79-SCDP/SR/RS P.Alegre, 23 de agosto de 1979

De ordem
ao Arquivo
E- 07.09.79

DPF
DCDP
Fls. N.º 163
Rubrica

Senhor Diretor:

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada " AS MÃOS DE EURÍDICE ", de autoria de Pedro Bloch;

2 - relatórios da comissão técnica;

3 - relatórios do ensaio geral;

4 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-299

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM RIO GRANDE/RS
CENSURA FEDERAL

DPF
D DP
Fls. N.º 164
Rubrica

Ref.: Relatório (faz)
Assunto: Ensaio geral da peça teatral " AS MÃOS DE EURÍDICE", de Pedro Bloch.

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa., procedemos o ensaio geral da peça acima, monólogo encenado por Luiz Carlos Corrêa da Silva.

A PEÇA: Conta-nos a estória de uma pessoa / que perdeu sua amante e retorna a sua casa, encontra toda a realidade causado pelo seu ato de insensatez.

O CENÁRIO: Ator, em fundo neutro. Durante o desenrolar da peça, há um fundo musical e o cenário permanece o mesmo.

GUARDA-ROUPA: O ator usa um traje comum, em combinação com seu cabelo, em desalinho.

COREOGRAFIA: O ator apresenta um conjunto / de expressão corporal da cintura para cima onde destaca-se a persuação manual.

CONCLUSÃO: Em face do produtor e ator observarem as exigências legais e estando o texto de acordo com o "script", opinamos pela expedição do Certificado de Censura, sugerindo a V.Sa., baseados no respectivo ensaio geral a classificação de: Imprópria a menores de 14 anos, sem cortes.

CENSURA FEDERAL/RS
Protocolado sob nº
06507
P. Alegre, 22/8/79.

Rio Grande, 13 de agosto de 1979.

VALTER DA SILVA
CH/SCDP

Rui Duarte Enderle
APF/Lotado na Seção
de Censura

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe da SCDP/SR/DPF/RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 300

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SCC / SR / RS

Relatório nº 145/78

DPF
DCDP
Fls. N.º 165
Rubrica

Visto.
Em 17.10.78 *

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Mátr. 2.324.483
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

Senhor Chefe:

Em cumprimento a sua determinação fiz o exame da peça teatral "As mãos de Eurídice", de Pedro Bloch.

A PEÇA:

A peça desenrola-se em dois atos, com um único personagem, Gumercindo, trazendo em sua fisionomia uma expressão de derrota, de desespero, de angústia e de tragédia. Era um homem comum e de ambições comuns, queria uma vida de compreensão, de solidariedade, de companheirismo. Cansado do trabalho chegava em casa e não encontrava paz. A mulher, os filhos, os sogros deixavam-o devastadao, aniquilado. Um dia encontra Eurídice e com ela segue para Buenos Aires. Eurídice acaba com todo o seu dinheiro nas roletas de Mar del Prata e o abandona. Ele tenta empenhar as jóias que havia lhe dado, mas Eurídice era grande até na desgraça, e negou sua ajuda. Desesperado, ele a mata, e volta para seu antigo lar, com as jóias, a procura dereconciliação. Encontra a ex-esposa com outro homem, expulsa-os de casa e remexe todas as gavetas a procura de umaprova da infidelidade da mulher. Entre os papéis, encontra fotografias da filha casando-se, deixando-o vaidoso e preocupado por temer o futuro dela. Encontra, também, o boletim de aula de seu filho, fica feliz e orgulhoso; uma consulta do sanatório, onde seu filho estava internado e telegramas de pêsames pela morte do menino. Gumercindo fica louco e em sua loucura revê Eurídice, seus filhos, os sogros e a volta para Dulce.

PARECER:

Sou de parecer que a peça seja liberada para maiores de 16 anos, por ela conter desentendimentos e situações anti

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 301

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Continuação-fl.02

familiares, decorrendo disso, a prática de um crime, o que poderá ser apreciado erradamente pelo expectador.

Nada mais tendo a relatar, submeto à apreciação de V.Sa.

Porto Alegre, 21 de setembro de 1978

Maria Eli Almeida Lima
Técnica de Censura - Matr. 2.417.070

DPF
DCDP
Fls. N.º 166
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 302

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 167
Rubrica

Certificado Nº 076/79/RS

PEÇA " AS MÃOS DE EURÍDICE "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

SCDP/SR/RS
APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de OUTUBRO de 19 79

PORTO ALEGRE,
~~Brasília~~, 23 de AGOSTO de 19 79

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 16 ANOS

JOÃO BISPO DA HORA
Chefe do SCDP/SR/RS
~~Diretor da DCDP~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 305

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " AS MÃOS DE EURÍDICE "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por LUIZ CARLOS CORRÊA DA SILVA - PELOTAS/RS

Tendo sido censurada em 23 de AGOSTO de 1979 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RS.

P.Alegre,
Brasília, 23 de AGOSTO de 1979

Renato Faria
RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-304

TEATRO

TÍTULO "As Mãos de Eurídice"

Pedro Bloch."

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça Porto Alegre (RS)

Obs.:

DF. 1 06 / 09 / 79

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 anos, sem cortes, cuja duração ao todo é de ensaio.

Obs.: certificado definitivo

Brasília-DF, 10 de Setembro de 1979

Hellé Dalente Carvalheda
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 168
Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do paracer
Em, 10 / 09 / 1979

Eliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 305

DPF
DCDP
Fls. N.º 169
Rubrica

436/79

"AS MÃOS DE EURÍDICE"

PEDRO BLOCH

10 SETEMBRO 84

10 SETEMBRO 79

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.306

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

LUIZ CARLOS CORRÊA DA SILVA - PELOTAS (RS)

23 AGOSTO 79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

10 SETEMBRO 79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 307

167

11 de setembro de 1979

Of. nº 604/79-DCDP

RS

DPF
DCDP
Fls. N.º 170
Rubrica

216-219/79-SCDP/SR/RS

1 -"AS MÃOS DE EURÍDICE", de Pedro Bloch.
2 - "A LIBERTAÇÃO DO DIRETOR-PRESIDENTE", de Júlio Zanotta / Vieira.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p-308

MJ - DPF - DCDP - SSB
16 MAI 1633 005396
RECEBIDO POR MACHADO DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SERGIPE

Ofício n.º 27/80-SCDP/SR/SE — Em 14.05.80

Assunto: Encaminhamento (faz)

DPF DCDP Fls. N.º 171 Rubrica

Senhor Diretor:

Em anexo, estamos enviando a V.Sª., para exame prévio, três (03) vias do script da peça teatral intitulada " AS MÃOS DE EURÍDICE ", de autoria de Pedro Cloch, requerida por Jonaldo Andrade dos Santos, em nome do Grupo de Teatro Nova Esperança, a fim de que possa ser apresentada em todo território nacional.

Na oportunidade, renovamos a V.Sª., os protestos de estima e consideração.

Bel. CARLOS AUGUSTO MACHADO LIMA
Delegado de Polícia Federal
Superintendente

Ilmº. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Departamento de Policia Federal
Brasilia - D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.309

SENHOR DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA DE DIVERÇOES PÚBLICA DO D.P.F.
EM BRASILIA

DPF
DCDP
Fls. N.º 172
Rubrica

Eu JONALDO ANDRADE DOS SANTOS, abaixo assinado, brasileiro, solteiro, portador da Carteira Profissional nº 25.063 série 309 residente e domililiado nesta Capital a rua Claúdio Batista, nº 680, bairro Sanatório, responsável pelo GRUPO DE TEATRO NOVA ESPERANÇA, vem mui respeitosamente requerer a V. Sas., que se designe em liberar a peça Teatral intitulada " AS MAÕS DE EURÍDICE" autoria de PEDRO BLOCH, para que a mesma possa ser apresentada em todo território Nacional, com a liberação conpetente.

Neste Têrmo
Pede Defirimento.

Aracaju (SE), 12 de Maio de 1.980

Jonaldo Andrade dos Santos
JONALDO ANDRADE DOS SANTOS

Soc. Bras. de Aut. Teatrais - SBAT
HERMANO NOVAES DANTAS
REPRESENTANTE EM SERGIPE
RUA LARANJEIRAS 1200 SALA 2

Objeto para receber autorização autos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.310

AS MÃOS DE EURÍDICE

EM DOIS ATOS: DE PEDRO BLOCH.

Personagem único: GUMERCINDO DE TAVARES.

CENÁRIO:

Uma escada liga a platéia ao palco. A metade esquerda do palco mostra-nos a entrada de uma casa. De cada lado da porta de entrada há uma banqueta de mármore. A metade direita não apresenta a fachada, de maneira que se pode divisar o interior, que nos mostra uma sala de estar com poltronas, uma mesinha com uma estátueta, uma cômoda com várias gavetas e um quadro. O quadro está "no ar", suspenso por fios invisíveis.
Atrás do cenário, uma rotunda.

DPF DCDP Fls. N.º 143 Rubrica

Época: Atual
Ação: Rio de Janeiro.

PRIMEIRO ATO:

Gumercindo vem entrando por uma porta lateral direita da platéia. Se esta não existir êle pode vir pela mesma porta onde entrou o público.
Vem com uma expressão de alucinado. Traz estampado no rosto o mêdo, a angustia, o desespêro. Sua roupa gasta, seu cabelo em desalinho, sua barba por fazer, seu andar, e - sobretudo - o seu olhar, falam de tragédia e derrota.
Gumercindo atravessa a platéia em direção ao palco. Olha os espectadores, entre assustado e ameaçador, cumprimenta um e outro e pára diante da escadinha que liga a platéia ao palco.
Olha para o palco, muito triste, como quem estivesse vendo a parede anterior de uma casa. Olha para os (dois) lados da "rua". Sobe os degraus e dirige-se para a porta. Toca a campainha, após uma ligeira indecisão. Torna a tocar. Ninguém atende. Procura algo nos bolsos. Não encontra aparentemente resignado senta-se na banqueta de mármore.
Começa a assobiar, calmamente, um "Noturno", de Chopim, observando a platéia, analisando os espectadores. Um foco de luz acompanha Gumercindo, do começo ao fim da peça, como se aquela luminosidade fizesse parte de seu ser. Quando está na platéia ou no palco êle "carrega" aquela luz consigo. Esta luz independe da iluminação que se queira dar ao cenário.
Gumercindo, dizíamos, estava assobiando um "Noturno", de Chopim, e analisando a platéia com uma expressão indefinível.

GUMERCINDO - Chopin !....
Parece que foi ontem ! Foi há sete anos ! Lá estava aqui, Dulce, Lolinha, Ricardinho, dona Geryásia, o Dr. Hermengardo, Eurídece.... Não. Eurídece, não. Frederico.
O Grêmio Feminino... As reuniões... As valsas de Chopin... As múmias.... As botas... botas... botas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 311

(Declamando)

"Ruega por nosotros, los pobres, que banos, en débiles barcas, en busca del pan y por los amores que en tierra dejamos, Señora del Mar ! "

(Começa a rir baixinho e reprova com a cabeça).

Oh, as declamadoras !

(A cabeça e o indicador da mão direita começam a girar como quem acompanha a bolinha da roleta)

Prêto... 26 !
Vermelho... 32 !
Prêto... 29 !
Vermelho...36!

DPF DCDP Fls. N.º 144 Rubrica

E a bolinha da roleta girando - girando - girando - girando - girando.. E Eurídice comprando fichas, jogando e perdendo... comprando, jogando e perdendo... comprando, jogando e perdendo.

(Volta a declamar)

E "Ruega por las pobres mujeres que esperan, Señora del Mar ..."
E as valsas de Chopin !

(Cantarola com revolta uma valsa de Chopin, enquanto, suas mãos raivosas massacram teclas invisíveis)

E o piano da menina !

(Solfeja desesperado)

Dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - in - da - ma - to - es - ta - me - ni - na - dó - ré - mi - fá....

(Subitamente apavorado)

E, de repente, a múmia de Ramsés II !
Descoberto o túmulo de Tutancâmen !
(Irônico)
Sartre e o existencialismo.

(Em ton de conferência)

Meus Senhores ! Eu queria explicar o existencialismo.
Começãndo do comêço devo dizer que o existencialismo.....
Isto é... Não. Não é nada disso.

(Como quem tem visões assustadoras)

Faraós em procissão...
Hieróglifos.....
Sarcófagos.....
Metempsicose....
Osíris....
Ramsés e Cleópatra....

(Jacoso)

E então o faraó gritou: - prêto, 29 !
Façam jôgo, senhores, Façam jôgo.
Vermelho..... 36 !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 312

(Noutro Tom)

Heródoto....
Egito....
" O Egito é uma dádiva do Nilo."
Nilo Branco, Nilo vermelho, nilo Azul.
Nilo de tôdas as côres....
Cores...
Portinari !
Azul de Portinari !

(Com naturalidade)

Com licença !

(Esgue-se e toca a campainhia novamente)

Ninguém !

(Irritado)

Ninguém atende o telefone.
Ninguém responde a esta maldita campainha.

(Bate na porta)

Dulce =! ... Dulce ! ... Sou eu, Dulce!... É o Gumercindo...

(Suplicante)

Gumercindo !

(Explode)

Vai ver que ninguém está em casa. Isto, aliás, era uma das coisas que mais me irritavam. Dulce não parava em casa. Telefonava da rua. Trrrrrrriiiiiii Trrrriiiiiiiiiiiiiinnnnn !
Nada.
O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.
Gostava.
Mas compreendam bem. Compreendam, pelo amor de Deus !
Um Sorriso e uma múmia....
E a "Señõra del Mar"....
E o dó - ré - mi - fá - sol - da menina.
E a patinete do menino..... Fuuuiiiiiiiiiiiinnnn ! Fuuuiiiiiiinnnnn !
E a D. Gervásia, minha sogra, falando-falando - patati - patatá - patati - patatá - patati - patatá....

(Como na roleta)

Prêto!.... 33!
Façam fôgo, senhores !
Ested habla castellano ? Vayamos a Mar del Plata.
Hagan juego, señores !
Jagan juego! No va mas !

(Afasta uma ficha hipotética e censura)

No va mas !

(a um espectador)

DPF DCDP Fls. N.º 175 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.313

O senhor, naturalmente, que não me conhece, vai dizer que eu estou louco.

(entrega-lhe um cartão de visitas)

Gumercindo Tavares, um seu criado.

(Com naturalidade)

A princípio eu gostava, imensamente, de Dulce. Até seguro de vida eu fiz.

(Procura aflito nos bolsos e acaba encontrando um papel)

DPF DCDP Fls. N.º 176 Rubrica

Está aqui.

(Mostra-o aos espectadores)

Seguro de quinhentos contos.

(Desce à platéia e entrega o papel a um espectador. Fica falando da platéia, enquanto volta, lentamente, à escada).

Mas o diabo eram as múmias. Era como se o indivíduo morasse dentro da pirâmide de Miquerinos.

E a esfinge silenciosa.....

"Quarenta séculos vos contemplam ! "

De um lado a esfinge silenciosa e indecifrável. do Outro dona Gervásia falando - falando - falando - patati - patatá - patati - patatá.

(Tétrico)

E do fundo da noite negra, do meio dos pesadelos, já me surgiam vozes soturnas e misteriosas, tristes e profundas, com aquêle interminável "Ruega por los rudos y blancos abuelos, ruega por nosotros, Reina de los Cielos, Señora del Mar! "

(Lamentoso)

Eu amava Dulce.

(Terno)

Eu amava Dulce.

Aqui está, senhores.

(Tira uma fotografia do bloso e mostra-a ao publico).

Aqui está.

(Tira outras fotografias e deixa-as com os espectadores).

A nossa lua de mel. Vejam quanta ternura e quanto amor ! Quem diria que hoje...

Mas a coisa começou de uma maneira bem simples. Dulce não parava em casa Um dia era Dulce que ia visitar as exposições de pintura. No outro dia.. Portinari !

E surgiam do meio do dó - ré - mi - fá - sol , da"Señora del mar", das múmias, dos faraós, das botas.... botas.... botas....

(como quem tem visões dantescas).

Os pés de Dor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 314

Os pés de Portinari....
As mãos de Portinari...
As caras de Portinari....

(Contençoa horrorizado as próprias mãos).

Onde estão minhas mãos?

(Desesperado)

Onde estão minhas mãos?
Estas não são as minhas mãos.....
São as mãos de Portinari !

(continuando a ter visões apavorantes).

E eram pés descalços, pés humildes, pés cansados, pés mecerados, Sofridos, torturados, triturados.
Eram pés sem "botas... botas... botas..."

(acelerando o ritmo).

E eram mãos e pés e ventre e espantalhos !
Espantalhos de faraós declamando pés de Ramsés e ventre de Cleópatra.
E a cobra vinha subindo - subindo - subindo - subindo para sugar-lhe o seio

(Doce e sonhador)

E o rosto de Eurídece| ! De minha Eurídice !

(quase em êxtase)

De minha Eurídice !

(descreve suave e ternamente)

E as mãos de Eurídice vinham coleantes, suaves, ternas, acariciantes, mão ' plácidas, serenas.
Eu as cobri de anéis e pulseiras.
Aquelas mãos conheciam o segrêdo da expressividade.
Mãos fúgidas da estátua de Vênus, mãos admirávies !
Naquelas mãos cabiam os mais belos sonhos, os mais elevados ideais.
Naquelas mãos havia o mistério do acorde não soado.
Mãos pedindo harpas, mãos pedindo asas, mãos clamando preces, ternura e ' amor.
Mãos.....
As mãos de Eurídice !
Mãos pedindo preces....

(com naturalidade)

Eurídice é existencialista.....
Eurídice não sabe, como nenhum de nós, o que é existencialismo.

(a um espectador)

O senhor sabe ?
Eu, também, não sei.
Muitos supõem que o existencialismo....
Não.

(salta de um assunto a outro com a maior naturalidade).

Quando casei com Dulce ela era uma menina simples e sem cultura.
Pensava que Beethoven era jogador de futebol.
Meses depois se mascarou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 315

Envolvida na rêde da granfinagem e da cretinice cômicas, ela - que mal sabia a diferença entre um dó e um sol,.
Ela - que mal sabia distinguir uma sanguínea de um quadro a óleo,
Ela - que mal sabia assinar o nome, começou a dar opiniões sôbre música e arte modernas.
E porque Vila Lobos isso.
E porque Prokofief faz e acontece.
E porque Stravinsky e Copland e Schoenberg e Bela Bartok e Camargo Guarnieri.....
E Dulce se tornou sócia da Cultura artística e da Orquestra sinfônica.
E eu já estava esperando o dia em que Dulce fôsse ensinar ao maestro Koussevitsky a reger Beethoven.
E dulce dava opinïões !
E porque o fagote isso e porque o aboé está meio tom abaixo e porque o côrno inglês desafinou.....

(Furioso)

E eu juro aos senhores que Dulce nem sequer sabia destinguir um fagote de um aboé e muito menos conhecia um côrno inglês.
E a transformação de Dulce não foi só nosso !
E porque Brailowsky toca Chopin melhor do que Firkusny.
E porque Firkusny é melhor do que Rubinstein.
E como se isso não bastasse ainda se pôs a estudar piano !
Em pintura Dulce já discutia Picasso, Salvador Dali, Van Gogh, Matisse, Corot, Manet, Rivera, Portinari.....
E porque Portinari Isso.
E porque Portinari aquilo.
E porque o azul de Portinari, porque o amarelo de Portinari, porque o côr-de-abóbora de Portinari.....
Um dia encontrei Dulce explicando Portinari a Portinari.
"Não, senhor Portinari. Não é daqui que se deve olhar êste seu quadro. Os quadros de Portinari devem ser vistos a dois metros e meio de distância."

Naturalmente)

Dava Opiniões técnicas.
E porque Shostakovich é um cretino.
E porque Miaskowsky é formidável.
E porque Prokofief em "Pedro e o Lôbo" andou querendo não sei o quê.
E porque Vila Lobos entende é de Bilhar. Não entende nada de música.

(Furioso)

Um Inferno !
Uma loucura !
E Dulce sorridente, radiosa, festiva, intranquila, buliçosa.
Comigo era um inferno. Nem uma palavra. Nem um comentário.
Só falava comingo para me chamar de maluco pra cima.

(Calmo)

Eu não sei se os senhores conheceram o Dr. Hermengado Santos, meu sogro. Especialista em assuntos egípcios e filatelista.
Qualquer um deixaria aquela casa porque aquilo se tornava insuportável.

DPF DCDR Fls. N.º 178 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 316

(A um espectador)

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.
Gostava.

(justificando-se)

Mas o senhor compreende.
Por mais amor que se tenha, por mais que se sinta, um dia a gente explode.
Explode ou não explode ? Explode.

(Crescendo a irritação)

O senhor sabe o que é ter em casa um verdadeiro Grêmio Lítero-Musical e esportivo ?
Dulce era a presidenta.
Dá para acabar com um Gumerdindo Tavares ou não dá ?,

(entre revoltado e irônico)

E as pianistas com as suas valsinhas de Chopin ! E as declamadoras !

(declama imitando)

"Ruega por los niños que están en la cuna, ruega por los hijos que un dia vendrán y irán a sus olas a buscar fortuna, Señora del Mar ".

(Tira uma fotografia do bôlso, contempla-a e fala com ternura)

Esta é a fotografia de Eurídice.
Na vida de todo homem deveria existir uma Eurídice.

(Lê a dedicatória).

"Ao Cidinho do coração com o amor sincero de sua Eurídice".

(confessa meio envergonhado)

Meu nome é Gumerdindo, mas para Eurídice eu sempre fui o Cidinho.

(em desespêro crescente)

Em casa eu não podia abrir a bôca.
Como podia eu arir a boca se Dulce falava, se D. Gervásia falava, se o Dr. Hermengardo falava, se todo mundo falava, gritava, tocava, declamava, bramia, zurrava, genia, azucrinava, rugia !
Um Inferno !

(Pianíssimo, terno, amoroso).

Com Eurídice era diferente.
Nós tínhamos um ninho só para nós dois.
Eurídice era a ternura, a doçura, a poesia feita mulher.
Tudo o que eu sonhava de paz e amor.
Um dia Eurídice surgiu em minha vida....
Eu acho que todos compreendem, não é verdade ?
O senhor compreende ?
A senhora compreende ?

(Vai-se irritando)

De um lado Dulce, grafina, presidenta de Clube, despótica, verbarrágica, desumana, cataclísmica.
De um lado um egiptólogo com as suas múmias.
De um lado D. Gervásia falando - falando - falando - patati - patatá....

(Amorosamente)

E do outro..... Eurídice !

DPF DCDP Fls. N.º 179 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.046/, p. 317

Bonita como um poema !
Os olhos de Eurídice !
A boca de Eurídice !
A pureza de Eurídice !
Todas as descrisções serão inúteis.

(Entrega a fotografia a um espectador e diz com naturalidade).

Vejam o seu retrato e não me digam mais nada. Sobretudo as mãos .
As mãos de Eurídice exprimiam todas as emoções.
Riam, às vêzes, Ficavam furiosas, Choravam.
Juntavam-se em súplica.
Projetavam-se em desespêro.

(Cai em si de repente).

Ainda há uma certa confusão em meu espírito. Acho que não me expliquei bem.
Compreendam.
Eu sou um homem comum, de idéias comuns, ideais comuns, ambições comuns, tudo comum.
Como todos quero uma vida de compreensão, de solidariedade, de companheirismo. Nada demais.
Entretanto não encontrei nada disso.
Voltava do meu trabalho e não encontrava a paz. Eu vinha do meu trabalho '
Cautelosamente, prudentemente, vagarosamente.
Entrava em casa.
Ao abrir a porta a primeira pessoa que me surge é o Dr. Hermengardo, um indivíduo que faz com que qualquer um se sinta mumificado.
Mumifica a alegria, a esperança, a alma.
Todas as esperanças tinham ficado la fora, como no inferno, de Dante.
"Lasciate ogni speranza, voi ch"entrate ".

(começa a desesperar-se).

Depois surgia a figura apocalíptica de dona Gervásia.
Com o Dr. Hermengardo eu me sentia mumificado.
Com dona Gervásia eu me sentia devastado, arrassado, aniquilado.
E depois vinha Dulce.

(Imita-a)

" E faça a barba. E não me envergonhe. E vista-se direito. E não jogue a cinza no chão.
E porque não trabalha mais. E porque isso. E escove os dentes. E pentei-se direito. E porque aquilo..... "
E eu calado, aguentando sempre.....
Sempre !

(Naturalmente, outra vez)

Não sei se já lhes disse que meu nome é Gumercindo Tavares e que de profissão sou escritor. As minhas obras ainda estão inéditas.

(Fazendo comício com ardor e revolta.).

Inéditas sim, brasileiros !

DPF DCDP Fls. N.º 186 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046/p. 318

Porque uma campanha de inveja, inveja - repito ! acompanha o meu trabalho intelequitual.
Inveja de José Lins do Rêgo !
Inveja de èrico Veríssimo !
Inveja de Joraci Camargo !
Inveja de Jorge Amado !
Sim.....
Porque no dia em que as obras de Gumercindo Tavares (Sou eu) saírem do prelo.....

(cai em si, parece perceber o próprio ridículo e tenta justificar-se).

DPF DCDP Fls. N.º 181 Rubrica

Um dia comecei a sentir uns sintomas estranhos. Ouvia vozes.
Ouvia gritos. Ouvia ruídos esquisitos.
Acordava sobressaltado. Já não podia fixar-me em nada.
Eu me sentia num torvelinho, num turbilhão. Com mêdo de enloquecer !
Sim, meus senhores = Quase enlouqueci.
Um dia comecei a ouvir vozes.....

(Imita Dulce).

"Eu sou uma infeliz, Gumercindo. Gumercindo, eu sou uma infeliz ! "

(Apavorado).

E as pirâmides imensas, Majestosas, colossais, se erguiam em minha frente.
E maior que todas as pirâmides se erguia majestosa D. Gervásia falando.. .. falando... falando.....
Amenemat I.... Amenemat II..... Amenemat. III!.....
E a esfinge falava, gritava, urrava.....
Desvendado o segrêdo da esfinge.
A esfinge falou, senhores !
A esfinge falou !
E do fundo do areal imenso surgia a voz da declamadora insaciável, incansável, infindável.....

(Imita-a).

"Con tu amor sñamos, por tu fe vivimos, señora del Mar ".

(volta a"ver" a roleta).

Prêto !...23 !
Vermelho ! 34 !
No va mas !
Hagan juego, imbecilies !
Hagan juego !
As mãos de Eurídece pediam fichas, mais fichas, mais fichas.....
E a roleta engolindo insaciável, incansável, infindável.....

(Solfeja com revolta).

Dó - Ré - Mi - Fá - Sol - Fá - Mi - Ré - Dó - Ré - Mi - Fá - Sol.....

(Imita Dulce)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 319

(Imita Dulce).

Chegou a Modista ?.... O plissé ?... O babado?... O bordado?... O aplique?... Tem figurino ? Madame Mendonça chamou ? Hoje tem "Buraco" ?

(como na roleta)

Hagan juego, señores. Hagan juego.

(Descreve dom ternura).

As mãos de Eurídice depositam fichas, docemente, suavemente.

(com angustia).

E a valsa de Chopin atravessa a sala como se fôsse escrita com serpentes com cobras venenosas, a envenenar a alma com açúcar, com a doçura pegajosa de Chopin.

(com pavor).

E surgem pés monstruosos e mãos monstruosas !

Mãos e pés de Portinari carregando pedras monstruosas, ao som de uma valsa de Chopin....

Ao som das Polonaises.....

Milhares e milhares de escravos epípcios desfilam arrastando pedras gigantescas para a construção da grande pirâmide de Quéops.

E o garoto vinha com a patinete pela sala. Fuuuiiiiinnnnn=!.....

E a menina acalentava a boneca em seus braços:

"Dirme, filhinha, do meu tolatão".

(desesoerado).

E eu queria fugir, fugir para muito longe. Para longe de D. Cervásia. Ir longe de Chopin, longe da patinete, longe de Dulce, longe de Señora del' Mar", longe de Portinari, longe de todos.

(Acalma-se).

Foi aí que surgiu Eurídice em minha vida.

Eurídice, a doce, a meiga, a pura, e existencialista.

Fuji. Fugimos para a Argentina.

O Dr. Frederico andava em atitudes suspeitas diante de Dulce.

O Dr. Frederico vinha com orquídeas, com rosas. Rosas de todas as cores. Rosas amarelas, rosas vermelhas e até rosas côr-de-rosa.

Vinha com poemas de Geraldu. "Toi et Moi". de Rabindranath Tagore.

Sem falar nas caixinhas de bombons.

(Imita o Dr. Frederico melíflou).

Estezinho aqui tem licor, dona Dulce.

Estezinho tem recheio de amêndoas, dona Dulce.

Ih, Ih, Ih, !"

E toca a declamar Tagore:

"Quando, ràpidamente, ela passou por mim, a fímbria de sua veste me roçou".

DPF DCDP Fls. N.º 182 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.320

(com fúria).

Vá roçar na... "fímbria do inferno". Uma pouca vergonha !
Até andou fazendo poemas para a minha mulher ! Um dêles começava assim:
"Teus olhos são planêtas cintilantes"!
Planêta Cintilante é a "Finbria do Inferno "!

(a um espectador).

Veja o senhor ! Planêtas cintilantes !
Afinal de contas eu queria que o senhor me explicasse uma coisa.
Talvez eu seja um débil mental. Talves eu não compreenda.
Eu queria que o senhor me explicasse a título de quê um sujeito manda ' flôres a uma senhora casada!
Livros a uma senhora casada! Bombons de licorzinho e recheio de amêndoa a uma senhora casada!

(Noutro Tom).

Mas o que interessa é que eu fugi com Eurídice para a Argentina.
Sim, porque eu não suportava mais !
Eu compreendo que se goste de Portinari.
Pessoalmente eu sou o maior fã de Portinari. Mas pelo amor de Deus !
Ninguém venha me dizer que Dulce entende de Portinari, que Dulce gosta' de Portinari.
Diabos, senhores ! Eu conheço Dulce !

(entrega com naturalidade um cartão de visitas a um espectador).

Gumercindo Tavares, seu criado.

(natural ainda).

Fui para a Argentina com Eurídice. Deixei Dulce.
Ali conheci todos os mistérios da roleta
Uma bolinha mantém o destino de uma porção de pessoas prêso aos seus caprichos.

(com admiração, quase orgulho).

Eurídice jogava com insuperável elegância.
Era alvo da atenção geral.
Sabia perder com superioridade, com displicência, sem nervos, absolutamente sem nervos.... O meu dinheiro.
As minhas mãos é que tremiam.
As mãos de Eurídice não se alteravam.

(Com amor).

Mãos brancas, mãos doces, mãos delicadas, quando surgiam no pano verde, entre todas as outras mãos, eram como se fôssem tímidas e puras gazelas castas e serenas, entre lôbos famintos e chacais assassinos.....

(Cai em si).

Mas um dia a roleta nos venceu. Ficamos a zero.
Deixemos então Mar del Plata, com seus malditos boleiros, seus sórdidos croupiers, sua jogatina imoral e desenfreada.
Carreguei a minha doce Eurídice para Buenos Aires.
Ali percebi que nada mais restava da minha fortuna. Absolutamente nada.
Apelei para Eurídice.

DPF DCDP Fls. N.º 183 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 321

Eu queria que ela empenhasse, que ela me emprestasse, uma das jóias que eu lhe havia dado, para tirar-me daquela situação.
Eurídice, entretanto, era grande até na desgraça.

(Imita-a).

"Não. Não me separarei desta jóias nunca ! São as únicas recordações que me restam de um amor que já findou".

(Ingênuo)

Coitada! Queria recordar o passado.
Poucos seriam capazes de compreender uma existencialista. Eu compreendi. Compreendi e me afastei.
A última lembrança que me ficou de Eurídice foramsas suas mãos.
Mãos pedindo preces Mãos pedindo harpas. Mãos pedindo asas, ternura amor

(Começa a olhar, fixamente, o fundo da platéia, como que m tem visões. Começa a tropelar no tempo como se o tivesse esquecido).

Eurídece era tôda..... a minha.... vida... Eurídice, para mim, era a própria vida... a própria... vida.....

(de repente sua fisionomia ganha uma extraordinária alegia. Agora sim ! Ele tem a certeza absoluta de que Eurídice ali está, lá no fundo da platéia. Nas frases anteriores Gumercindo se encontrava na escadinha. Sai correndo alucinado até o fundo da platéia gritando).

Eurídice =! EURÍDICE ! EURÍDICE !!!!!!!

(Mas ao chegar ao fundo se sesilude e volta desalentado).

Não é ela ! Não é ela!

(Sobe a escada e fala entre saudoso e terno).

Quando perdi Eurídice eu me lembrei de Dulce.
De Dulce e de nossos filhos.
Ricardonho já deve esta um homenzinho. Lolinha já deve estar uma môça:
Não Brinca mais com bonecas.

(Aproxima-se da porta e torna a tocar a campainha).

Ninguém. Mas onde andará essa maldita chave ?

(Procura nos bolsos e acaba achando).

AH !!! Está aqui.

(Abre a porta e diz para a platéia).

Quando quiserem aparecer é aqui que eu moro, Gumercindo Tavares, um criado às ordens. Boa noite !

(começa a abrir a porta, enquanto o pano cai).

Fim do Primeiro Ato.

DPF D. DP Fls. N.º 184 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 322

187

SEGUNDO ATO:

Gumercindo está "dentro" de casa. Está na sala e o público o vê porque falta a fachada daquela parte da casa. Passou muito pouco tempo. Minutos ou horas. Ao abrir-se o pano Gumercindo está gritando, dirigindo-se a pessoas que, hipotéticamente, estão no "hall", onde a presença da fachada impede que sejam vista.

Gumercindo - Isot não fica assim! Voces não podem me condenar sem me Ouvir ! Porque ninguém fala ?
Respondam. Digam alguma coisa.
Chamem-me de crápula, de canalha, de qualquer coisa, mas digam alguma coisa, pelo amor de Deus !
(Seplicante).
Dulce. Compreenda, Dulce. Foi uma loucura, mas a vida para mim era intolerável. Eu não podia mais suportar.
E eu quero saber de meus filhos. Tenho direito a uma explicação.
E o que faz o senhor, Dr. Frederico, dentro de minha casa? Poderia contentar-se em conquistar minha mulher fora da minha casa, fora desta casa.
Respeitar o teto daquilo que um dia foi um lar. Cale-se. Não diga nada!
Eu quero saber onde voces estiveram, Eu quero saber de onde voces Voltaram. Eu quero saber tudo.
E parem com êsse maldito silêncio !
Onde está Iolinha, Dulce?
Pela última vez eu lhe pergunto: - Onde está Iolinha ?
E Ricardinho ? Que é feito de Ricardinho ?
(Raivoso e sarcástico).
AH! já sei ! Naturalmente intermou seus filho para poder estar mais à vontade com o seu amante.
Mas isso não fica assim ! Torna-me a vida intolerável, faz com que eu abandone minha casa e meus filhos, para quê ?
Responda ! Para quê ?
(Furioso).
E o senhor não se meta, Dr. Frederico. O senhor não tem nada com isso.
Cale-se !...Não. Fale. Diga alguma coisa. Falem !
Ah, não quer falar ? !
Pois eu descobrirei tudo. Tudo !
Nem que tenha de cemolir esta casa, tijolo por tijolo, pedra por pedra.
De tudo o que voces fizeram deve ter ficado um rastro, um perfume, uma perfídia, uma carta, uma confissão, uma mancha.
Esta é a minha casa. Podem sair, ouviram ? Podem sair. Rua ! Rua! Sacripantas ! Metidos a requintados ! Metidos a blasés!!!

DPF D...DP Fls. N.º 185 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 323

Vão pro infermo voces e Chopin e a"Señora del Mar" e Geraldy e Tagore e as múmias e o doabo que os carregue !!!! Egoístas ! Cínicos! Hipócritas !

(Começa a remexer nas gavetas da comoda. Reúne papeis e coisas que traz para a banqueta anterior da casa, dentro de uma gaveta. Desta vez êle não usa a porta. A parte da fachada ausente permit*lhe sair da casa como se atravessasse a parede).

(Aos espectadores)

DPF DCDP Fls. N.º 186 Rubrica

Voces viram, não viram ???

(Pausa a gaveta no chão).

Depois de tudo o que eu tenho feito por Dulce ! E apresenta-se com êsse sujeito na minha frente, na minha casa, na minha cara !

Pouca vergonha !

O que vale é que voces estão assistindo a tudo isso e vêem que eu não sou culpado.

Ah, mas eu hei de descobrir ! Ainda há justiça neste mundo.

Eu hei de mostrar tudo o que aconteceu nestes sete anos.

Enquanto eu estava sofrendo, ela estava aqui, ouvindo as serestas do Dr Frederico.

Dr. Frederico !

Doutor em quê ?

Todo mundo aqui é doutor ! Doutor em quê? O senhor sabe? Nem eu.

Doutor em poemas de Geraldy, Doutor em bombons com recheios de amêndoas e licorzinho.

Doutor !

(Furioso).

Na minha cara, na minha frente, na minha casa !

(voltando-se para onde Dulce e Frederico supostamente saíram).

Cínicos ! Velhacos ! Sacripantas !

(começa a contemplar papéis que retira da gaveta que está a seus pés. A proporção que os vai tirando deixa-os no chão).

Dívidas, dívidas, dívidas.....

Como sabe fazer dívidas ! É verdade que o dinheiro não era meu. Era do pai dela. Mas ela precisava pensar no futuro de nosso filhos.

(Pega em um cartão)

Boletim do Ginásio Rio Branco.

Aluno Ricarod Tavares.

Ricardinho.

Boletim do Terceiro Trimestre.

"Português - Oito e meio ".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.324

(começa a interessar-se entre calmo e terno).

Boa nota, não é ?
"História - nove".
"Inglês".....
(começa a comover-se).
Veja o senhor ! Ricardinho falando inglês !
"Inglês - nove e meio". Como o tempo passa, não é verdade?
Não sei se todos os pais setem da mesma maneira, mas tenho a impressão de que meus filhos cresceram de repente.
Falando inglês = !
(Ri baixinho e comovido).

DPF DCDP Fls. N.º 187 Rubrica

Ricardinho faldno inglês ! É o fim do mundo !
(continua a ler o boletim).

"Ciências - Dez".
É crânio. Saiu ao pai.
(Revolta-se ao lembrar).
Mas aquela patinete me tornava a vida insuportável. Fuuiiiiiiinnnnn ! o dia inteiro ! Depois a tosse, a cachumba, a catapora, o sarampo. a co - queluche, o diabo que o carregue !
(Furioso).
O garôto parecia ter um contrato de exclusividade com os micróbios!
Seu filho tem patinete ? (A um espectador, já mais calmo).

Seu filho tem patinete ?
(Volta ao boletim).
"Conto orfeônico - Três" !
(volta-lhe a fúria).
É isto= Eu estou dizendo = Mania de ensinar conto orfeônico nas escolas coisas de Vila Lobos mesmo ! Para que Canto orfeônico ?
(Lê o boletim).
"Matemática - Zero" = !!!!
Ah, mas é natural ! quem poderia estudar com as maditas recepções de D! Dulce ? E depois.... matemática ! Mete-se uma porção de noções na cabeça de um garôto...
O senhor se lembra, por acaso, da fórmula das equações do segundo grau?
Não se lembra, é claro.
Deixe ver: - AB mais ou menos a raiz quadrada do diabo que o carregue ! menos não sei o quê.....
Não é nada disso.
A culpa não é do menino.

Eu sou partidário da educação com grande base psicológica.
É preciso compreender a criznça, estimular a criança, dar-lhe apoio, carinho, confiança, ternura, proteção.
Se eu estivesse em casa, Ricardinho nunca, ouviram bem ? - nunca ! nunca..

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 325

185

teria tirado zero em matemática.

(Pega em outros papeis).

Telegramas.... Telegramas....

Uma carta. Isto é que eu estava procurando: - uma carta de Frederico e Dulce.

Radiografias.....

Contas... Receitas... Uma fotografia.....

(contempla a fotografia e começa a rir sem parar, um riso nervoso, infindável. A incredulidade se estampa em seu rosto).

Não é possivel, não é possivel, não é possível, não é possivel !

Lolinha casada= !

Minha filha casada!

DPF DCDP Fls. N.° 188 Rubrica

(A uma espectadora).

A senhora está vendo, não é verdade ?

Fizeram tudo sem me consultar a mim.... O PAI !

Afinal de contas eu sou o pai. Posso não ser um pai tão bom quanto o senhor ou o senhor, mas um pai.

Mas é uma criança, meu Deus !

Casaram uma criança de dez..... (corrige) dezessete anos.

Com certeza Frederico foi o padrinho do casamento. É insinuante, maneiroso, hábil, sutil, requintado.

Dulce é tão infantil !

Deixa-se levar pelo primeiro cretino que aparece.

E se o marido de minha filho não prestar ?

E se a abondonar ? se fugir ?

Sim, porque há de tudo neste mundo.

O senhor está compreendento, não é verdade ? até que ponto eu tenho razão ?

Depois um sujeito estrangula, dá dois tiros na mulher e passa a ser um assassino, um criminoso, um inimigo da civilização, condenado pelo céu e pela terra.

Dulce vai me prestar contas do que fêz de minha filha.

Naturalmente a menina estava atrapalhando o Grêmio Feminino.

(a revolta vai crescendo.).

Naturalmente estava atrapalhando os seus amôres com Dr. Frederico !

Não podiam comer bombonzinhos com licorzinho com a menina ao lado.

E pronto.

Entregue-se Lolinha ao primeiro imbecil que aparecer.

(Volta a olhar a fotografia).

O diabo é que eu nem conheço o marido da Lolinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 326

186

(desce à platéia e vai consultar uma espectadora mostrando-lhe a foto. Quando desce ja traz consigo outras coisas e papeis além da fotografia.).

Tem cara de bom sujeito, não tem ? E tudo sem me consultar !

(Lê num pedaço de papel).

DPF DCDP Fls. N.º 189 Rubrica

"Teu riso tem cristais desconhecidos".....

Já escrevi isto há tanto tempo!

(Lê noutro papel).

"Três camisas, duas toalhas.....

(Súbito sua fisionomia se alegra. Encontrou um seu retrato e mostra-o a todos).

Meu retrato. Veja. o meu retrato. Vejam o retrato de um homem feliz. A milha cara de antigamente.

(Volta a ter em mãos a carta).

Isto. Isto é que eu queria mostrar a vocês. A carta de Frederico a Dulce.

(Revoltado).

Cínicos!

(A esta altura Gumercindo está recostado na escada que liga a platéia ao palco. comça a ler a carta.).

"Minha querida Dulce".

(Aos espectadores).

Estão ouvindo bem?Osenhor está ouvindo ? A senhora ? Muito obrigado.

"Minha querida Dulce". Querida, Compreendem ?

"Deveria existir um dicionário de silêncio, de palavras inexistentes palavras nunca pronunciadas, paralvras nunca ditas".

Dicionario de silêncio! Dicionário de pouca vergonha, seu canlha !

"Gumercindo há sete anos não dá notícias suas e você, querida Dulce"

Querida Dulce, Compreendem?

"..... e voce, querida Dulce",

"..... sempre fiel, sempre boa, sempre dedicada à recordação daquele crápula".

O crápula sou eu

".... um crápula que fugiu com uma vagabunda qualquer e gastou todo o dinheiro, todo o dinheiro que pertencia a vode, Dulce, nas roletas de Mar del Platas".

Quem perdeu não fui eu. Foi Eurídice.

"Só eu seu da pureza que voce possui, do que voce tem sofrido, da sua dedicação, do seu grande amor por Gumercindo ".

Amor por mim? Ah.... Ah.... Ah. !!!!!

"Chegou o momento de pensar em nós. Pense um pouco em nós, Dulce.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 327

187

Seu eterno - Frederico".

Pensar nêles !!!
Cínicos ! Egoístas ! Hipócritas !
Pensar neles enquanto eu caminhava derrotado, enquanto eu sofria calado as perdas da roleta, enquanto Eurídice me abandonava solitário e triste!
Pensar neles enquanto eu sofria a fome, a tortura moral, a desgraça de não poder ver meus filhos.
Pensar neles !

Chegou a hora de pensar neles !
Sacripantas !

DPF DCDP Fls. N.º 140 Rubrica

(Rele mais calmo).
"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".
(como quem descobriu algo).
Esta carta foi forjada para que eu a encontrasse e acreditasse nela. Souberam que eu viria, escreveram a carta e pronto. O imbecil será enganado. O idiota engolirá qualquer pílula.
(Rele).
"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".
Onde estava êsse amor quando eu estava aqui? Onde ? !
(Lê a carta).
"Não continue a chorar, Dulce. Aquele bandido não merece uma única lágrima..
"Esqueça-o". Esquecer a mim. Pensa que é fácil.
Ela precisa lembrar-se a lembrar-se muito do que me fêz, de tudo o que eu sofri, da tortura por que passei.
(Rele).
"Só eu sei... do seu grande amor... por... Gumercindo.
(Concessivo).
Bem. Eu não digo que êla não me amasse. Mas compreendam bem.
Qual é o papel de uma mulher que ama quando o homem que ela ama se apaixona por uma vaga....
(corrige depressa).
... por uma outra mulher? pE lutar por ele. Fazer algo por ele.
Procurar reconquista-lo.
Foi isso que ela fêz??
Não.

Fechou-se em seu orgulho, procurou elevar-se, procurou esquecer, afogando-se nas reuniões monótonas, nas exposições sombrias, nos concertos da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 328

188

(Lamentoso).

Eu precisava de uma mulher que me dissesse: - Gumercindo, isto é uma loucura Isto é uma loucura, Gumercindo".

(Revoltado).

Ela não moveu um dedo para me salvar. Deixou que eu me atolasse. Renunciou covarde, imoral e infamemente.
Cinsequencia: - atolei-me até aqui.

(Humilde e saudos).

Agora estou de Volta.
Não é tarde para recomeçar. Seria tão bom! Ter Lolinha ao lado.Ter ' Ricardinho....
Ricardinho falando inglês: "How do You do, fther ? "
Tudo como antigamente.

(Irritando-se).

Mas ela não quer falar ! Não quer explicar nada, absolutamente nada! Não quer.
E aquele doutor Frederico ? Aquele canalha sempre ali, sempre firme' e fiel como um cão.

(Acalma-se e pega num paple).

Receita.....

(Vai pegando em outras coisas).

Radiografia de pulmão..... Receita de Estreptomicina... Dr. Mendonça ..... Menor Ricardo Tavares....

(começa a preocupar-se, comea a assustar-se).

Ricardinho .....doente....

(A um espectador).

O senhor é médico ? Doutor, para que é que se dá estreptomicina, hei heim??

(Aflige-se).

É coisa ruim, doutor ?
Veja esta (Mostra ao espectador a radiografia).
Veja esta chapa. É grave, doutor ? É GRAVE ? É GRAVE ????

(Olha assustado e angustiado em tôrno de si).

Porque estão calados ?
Porquer me olham assim ?

(começa a resonstituir os fatos com angústia quando vê outros papéis).

Conta do Sanatório Boa Esperança.... Conta do Menor Ricardo Tavares. Ricardinho... Campos do Jordão.... Sanatório... Deve estar muito f ' frio.... frio... Estreptomicina... Ricardinho....

(Num crescendo de angústia).

Porque me olha assim ? Eu não tenho culpa de nada. Eu não fiz nada' voces viram eu nem sequer estava aqui. Porque não salvam meu filho ?

DPF DCDP Fls. N.º 191 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.329

(Grita desesperado).

Porque estão me olhando ? Corram ! Ricardinho está doente. Doente.

(Olha desvirando e fala baixo).

Meu filho está doente....

Sanatório.....

Estreptomicina.....

Frio.....

(Olha as suas mãos. Nelas ainda estão papéis, telegramas.....)

DPF DCDP Fls. N.º 192 Rubrica

Telegramas.....

Telegramas....

(Lê assombrado um dos Telegramas).

"Simceros pêsames falecimento nosso inesque... cí....vel... Ri..... car...".

(Deixa cair o que tem nas nãos e contempla a platéia desvairado. Neste momento Gumercindo entra em completa alucinação.).

Madame. Pro favor ! Não me olhe assim. Eu não tive culpa.

Frio.... Está muito frio... Dezem que, às vezes, até cai neve em ' Campos do Jordão.

(Fita para o palco).

Pare! Pare de tossir, Ricardinho. Papai já vai. Tome o remédio....

(volta-se furioso para a platéia).

Bandidos ! Ladrões !

Eurídice ! Não jogue nesta roleta. São todos uma cambada de ladrões

(Grita choroso para o palco).

Eu já vou. Eu já vou, Ricardinho. Mas pare com essa tosse, Ricardinho.

Pare com essa tosse, pelo amor de Deus !

(de repente "vê surgir Dulce na sala e sobe delirando de alegria da platéia ao palco).

Dulce, Dulce Voce voltou, Dulce!*Dulce! Eu sabia, Dulce, que voce ' Voltaria.

Que mala é essa ? veio buscar suas coisas ? Dulce. Eu já sei de tudo. Já sei que Lolinha casou. Já sei que Ricardinho MMMMMM.....

Sei que voce tem sido fiel sempre... sempre.... sempre.....

Não vá, por favor !

(Suplicante).

Não me deixe só.

Não me abandone, pelo amor de Deus ! Eu preciso de voce, Dulce.

Eu preciso de suas palavras e dos seus cuidados.....

(Docemente).

"Gumercindo. Faça a barba, Gumercindo ".

"Gumercindo, vista outro termo!"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.330

"Gumercindo, descanse um pouco".

(Suplica quase chorando)

Eu preciso de seu piano e de suas valsas. Eu preciso de sua pureza e de suax grandeza de alma. Não me deixe, Dulce. Não me deixe.....
Dulce Peça ao Ricardinho para parar com essa tosse. Pare com essa tosse, Ricardinho! Pare com essa tosse, pelo amor de Deus !

(Explode dirigindo-se à platéia).

Ladrões! Bandidos ! Essa roleta é um roubo! Quero o dinheiro de meu fulho.
São todos uma cambada de ladrões.
Não, Eurídice. Não jogue mais ! Todos são culpados.
Voces mataram meu filho. Todos . Assasinos !

(Desesperado).

Parem. Parem. Parem com essas pedras. Não arrastem essas pedras, pelo amor de Deus! Não é preciso. Não é preciso construir as pirâmides, não Ricardinho. Ouça, Ricardinho. Está Frio ?
Muito frio? Dulce, o suéter azul de Ricardinho. Mau filho. Fale um pouco, fale inglês, meu filho... Papai quer ouvir.
Lolinha ! Estava bonita o seu casamento ? Marcha Nupcial e tudo ? Que beleza! Voce botou o mesmo vestido de sua mãe? O vestido de Dulce? Que saravilha! E o padre... o que disse? "Proteger o lar... Zelar pelos filhos.... construir um futuro de felicidade, de imensa felicidade..."
Dulce. Não me deixe agora. Agora não Dulce. Podemos começar tudo de novo. Parem. A Marcha fúnebre, não. Eu quero as valsas, de Chopin. Parem ! Podemos começar tudo de novo!
Ricardinho vai ficar bom. Vai ser uma maravilha ! Vai ser como antigamente ! Tão bom, Dulce !
Voce e suas valsas de Chopin.... E a declamadora com "Ruega por los niños, Señõra del Mar".
Que coisa linda, Dulce !Veja que coisa linda! Ruega por los niños !
Vai ser tudo como antigamente. Como antigamente ?
Sinceros Pêsames.....
Onde ouvi isso ?
Sinceros Pêsames."
Pêsames por que, Dulce? Não Dulce ! Não é possível ! As crianças não morrem nunca , Não devem morrer.

(Apontando um espectador).

O que o senhor está fazendo aí?
Deixou a mulher e os filhos em casa e veio ? Sàzinho? Sua vida é um inferno ? intoleravél? Surgiu uma Eurídice em sua vida, tambem ?
Para salvar os filhos é preciso acabar com todas as Eurídices do mundo.Qu.
Vai cuidar de seus filhos ?
Quem manterá o seu lar ?

DPF DCDP Fls. N.º 193 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.331

Concordo. Já sei.
Mas seus filhos não tme nada com isso.
Ah ! Tudo seria tão fácil se não fossem os filho ! Se as crianças não nascessem e, sobretudo, se as crianças não morressem.

(Deseperado, alucinado).

Estas mãos! Estas mão não são minhas! Parem com êsse Chopin. Parem ! com essa declamadora. Parem com essas gargalhadas.
Ricardinho está dormindo. Parem com essa roleta.

(Tentando Justificar-se ainda).

Voces viram. Todos Viram que eu sou inocente de tudo o que aconteceu Dona Gervásia falando - falando - patati - patará - patati - patatá. E as múmias e o dó - ré - mi - fá - sol - e Vila Lobos e Prokofief e e isso e mais aquilo e porque o azel de Portinari e porque o amarelo de Portinari e porque o côr de abobora de Portinari e não sei o que. mais.....
Patati - patatá - patati - patatá.....

DPF DCDP Fls. N.º 194 Rubrica

E os escravos ameaçam.
Enormes pedras são arrastadas para a construção da grande pirâmide de Quéops

(Gargalhada Histérica)

Para que as Pirâmides ?
"Quarenta séculos vos contemplam". Para que os quarenta séculos ? e' mais angustia.... e mais confusão.... e mais guerras... e mais bom - bas atômica....

(Transição como na roleta).

Vermelho....32!
Prêto....27 !
Hagan juego, señores! Hagan juego!
A bomba vem caindo sobre Hiroxima ! Fuuuiiiiiiinnnnnn Pum!
Acabou Hiroxima.
Hagan Juego, señores. Hagan juego.

(Neste Momento, diante da porta de sua casa, ele parece vislumbrar Eurídice. Dirige-se a ela suplicante).

Eurídice !
Eu preciso de voce, Eurídice !
Minha vida está em suas mãos. Essas mãos tão puras, Eurídice !
"Deus gosta mais das mãos puras que das mãos cheias".
Onde está a linha da vida, Eurídice ?
Como é linda a sua mão !!
Eu preciso de voce, Eurídice. Eu preciso de uma dessas jóias que cobrem as suas mãos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 332

O menor de seus anéis me salvará a vida.

Dei a voce tudo o que eu tinha.
Toda a minha fortuna. Tudo Eurídice. Por voce ceixei tudo, renunciei a tudo. Não quero nada demais. Só quero o menor de sues anéis.
Os menor de seus colares me salvará. Ouça, Eurídice. Toda a minha fortuna esta em suas mãos. Maos suaves, ternas, acariciantes.....
Mãos que eu cobri de anéis e de pulseiras. Maos pedindo preces, ternura amor. Voce se lembra, Eurídice ? O "Poema das Mãos".
Em tudo eu só via as suas mãos. Na carícia e na roleta. Por favor, Eurídice! eu quero o menor de seus anéis. O menor !

(Irritando-se).

Ah, não quer ?
Unicas lembranças de um amor que já morreu?
Cínica !
canalha !!!!

(Ergue um revólver fictício contra "Eurídice" e dispara acompanha a queda do corpo. Quando o corpo cai êle grita).

Morre ! Assim! .... Assim....
Pensou que eu não me vingaria ?
Pensou que eu ia ficar sem as minhas jóias, deixando em ruínas a mim e aos meus?

(ajoelha*se desesperado diante d "Corpo").

Eurídice ! Eurídece! Eurídice! Não, Eurídice!
Eu não queria matar voce. Eu juro. Eu juro que não queria.
Este revólver era para eu me suicidar. Mas não tive coragem.
Sou um covarde, Eurídece. Um covarde.

(Chora. depois repete Saudos).

Maõs pedindo preces, ternura e amor.....

(Riso histerico).

Ninguem. Ninguem vai descobrir que eu matei voce, Eurídice.
Ninguem. Voce pensa que foi facil? Pensa que foi fácil iludir toda a policia de Buenos Aires ? Mas recuperei tudo.
Arranquei de seu pescoço e de suas mãos todas as jóias... toda a milha fortuna estava em suas mãos. todas as jóias....

(Tira do bloso, maquinalmente, colares, anéis, pulseiras, e os vai deixando cair no chão.).

Vim para reconstruir minha vida.
Vim para erguer-me novamente.

DPF DCDP Fls. N.º 195 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-333

(Neste momento êle se ergue e enquanto diz as primeiras palavras se
pintes as ultimas jóias escapam de suas mãos. Uma luz azulada vai
se infiltrando para substituir a luz clara do ambiente.
Suas lampadas estão acesas sobre a comoda desde o começo deste at
o. XX A luz azul vai tomando conta do ambiente e vai-se concen -
trando na figura de Gumercindo que fala com emoção e lagrimas
crescentes.).

Eu quero cobrir as suas mãos de jóias. eu quero as suas mãos, Dulce.
Mãos que tocavam Chopin, as mãos que educavam meus filhos.
Mãos que me consolavam e me davam ternura e amor, sem pedi nada
em troca.
Eu quero suas mãos, Dulce. Mãos que não podem harpas, que não pe -
dem nada.
Mãos que só sabem dar. Eu quero suas mãos, Dulce.
Vivemos tudo de novo. Eu voltei para ouvir de novo o riso de Io-
landa, o dó - ré - mi - fá - sol, a "Señora del Mar", Vila Lobos ,
Debussari as múmias, os faraós, as valsas de Chopin !
Dulce! Dulce ! Eu voltei, Dulce ! Dulce! Eu voltei Dulce! !!!!!!!
(chora e ri ao mesmo tempo e cai de joelhos como em prece).

EU VOLTEI ! EU VOLTEI ! EU VOLTEI !

DPF
DCDP
Fls. N.º 196
Rubrica

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P-334

TEATRO

TÍTULO " AS MÃOS DE EURÍDICE "

PEDRO BLOCH

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça SERGIPE- SE-

Obs.:

DF. 19 / 05 / 80 /

XAVIER
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 anos, em 2 cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: confronto

Brasília-DF 29 de 05 de 1980

Nelly Prudente Carvalhedo

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 197
Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Libere-se, de acordo com o despacho retro, do setor competente.

Bsb 02/6/80

Wilson de Queiroz Garcia
Chefe de SC/SCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p. 333

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

195

PARECER Nº 492 / 80

TÍTULO: " AS MÃOS DE EURÍDICE " (PEÇA TEATRAL)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (DEZESSEIS) ANOS

AUTOR: PEDRO BLOCH - (CONFRONTO)

DPF
DCDP
Fls. N.º 198
Rubrica

Pelo confronto do texto encaminhado pelo Grupo de Teatro Nova Esperança, Aracaju-SE, com o anterior, anexado ao processo, constatei identidade entre ambos. Assim sugiro a liberação da peça para a faixa etária de dezesseis anos, conforme certificado ainda em validade de nº 436/79.

Brasília, 28 de maio de 1980.

N. Fernandes Rosa-TC
Mat. 2.096.558

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 336

196

DPF
DCDP
Fls. N.º 199
Rubrica

436

"AS MÃOS DE EURÍDICE"

PEDRO BLOCH

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

30 MAIO 85

30 MAIO 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P. 337

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

JONALDO ANDRADE DOS SANTOS - ARACAJÚ (SE)

29 MAIO 80

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

30 MAIO 80

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p-338

(PR)

148
44

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"AS MÃOS DE EURÍDICE"

DPF
DCDP
Fls. N.º 201
Rubrica

AUTOR: "PEDRO BLOCH"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.339

197

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 200
Rubrica

1984/80-DCDP 30/05/80

Chefe do Serviço de Censura da SR/SE

"AS MÃOS DE EURÍDICE"

Pedro Bloch

Chefe:

ARACAJÚ (SE)

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
- Subst.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.340

28 SET 1981 012022
RECEBIDO POR

149

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS

OFÍCIO nº 5354/81-SCDP Curitiba, EM, 24 de Setembro de 1.981

DO Chefe do SCDP/SR/PR

ENDEREÇO SR/DPF/PR

AO Ilmo Sr Diretor da DCDP/DPF

ASSUNTO ENCAMINHAMENTO (faz)

FICHADO DCDP

DPF DCDP Fls. N.º 202 Rubrica

Senhor Diretor

Com vistas à expedição do Certificado Definitivo, de exclusiva competência dessa DCDP, estamos encaminhando o Processo em anexo, referente à peça teatral de Pedro Bloch intitulada " AS MÃOS DE EURÍDICE ", liberada por este Serviço com impropriedade para menores de 16 anos a requerimento de Hugo Correa Duarte desta Capital.

Na oportunidade, renovamos nossos protestos de alta consideração e estima.

TC Benedito Tunas Filho
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P. 391

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

02520

200

DPF
DCDP
Fls. N.º 203
Rubrica

Hugo Moreira Duarte
Requerente

Brasileira . ATOR
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 798709 SSP
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à TV. Terezio Porto, 23
Copacabana, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça Teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Pedro Bloch

Título (s) AS MÃOS DE EURÍDICE

Nestes termos,

Pede deferimento.

Rio de Janeiro 17 de Junho 1981
Local e Data

Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P-342

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: _____ CGC: _____

Sede: _____

_____ CEP: _____

Diretor ou Responsável: Danilo Arelledo

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: Pedro Block

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

3 – **PARCERIA**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 17 DE JUNHO DE 1981.

Ass.: _____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P.343

20/M

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Curitiba , 16 de Junho de 1981

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia DF

DPF
DCDP
Fls. N.º 204
Rubrica

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

AS MÃOS DE EURÍDICE

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Próxima apresentação de

Teatro GUAIRA Cidade CURITIBA

Estado PARANÁ

A estréia está prevista para 1ª quinzena de Agôsto/81

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

40 blocos 50x2
Setembro 76

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-344

16 ANOS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

202

Curitiba, 25 de junho de 1 981

Dos TCs Regina Maria Abil Russ, Francisco Surek e Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 102/81 (encaminham)

Análise de texto teatral

DPF
DCDP
Fls. N.º 205
Rubrica

TÍTULO: "As mãos de Eurídice"
AUTOR: Pedro Bloch
REQUERENTE: Hugo Corrêa Duarte
PARECER: PARA MAIORES DE 16 ANOS

A peça é o relato do desabafo e do pedido de perdão de um chefe de família, quando retorna ao lar, após 07 anos de afastamento.

Após o casamento, à medida que o tempo passava, o homem foi se saturando e se desiludindo a ponto de abandonar a família, pois:

- a esposa, de um momento para o outro adquiriu uma pseudo-cultura que queria propalar a todo custo, além de desenvolver uma vida social bastante intensa;
- seus sogros o podavam. Ele pelo único interesse nas múmias e pirâmides do Egito e ela, pelo seu muito falar, incansável.

A tudo isto se somava a doença constante do filho, o linguajar infantil da filha que aprendia a falar e suas brincadeiras ruidosas.

Para ter paz e amor, foge com uma rapariga pela qual é abandonado justamente quando a sua fortuna termina. No entanto a mata, recuperando jóias e regressando ao lar.

Aí, através de papéis e fotos, descobre que a mulher tinha um admirador a quem nunca deu esperanças, que a filha casara e que o filho morrera.

Após culpar a esposa por tudo o que ocorrera, pede-lhe perdão, reconhecendo que ela lhe fazia falta.

Considerando que a peça contém certificado permanente, ratificamos a classificação PARA MAIORES DE 16 ANOS, estabelecida pela DCDP.

Regina Maria Abil Russ
Tecnica de Censura
Chefe da SF/SCDP/SR/PR

Francisco Surek
Técnico de Censura

Lilian Filus
Técnica de Ce...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 345

16 ANOS

MINISTERIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

203

PARECER DE ENSAIO GERAL nº 0.167/81-SCDP Curitiba, 24/09/81

TITULO: " As Mãos de Euridice "
ESPÉCIE: texto teatral
GÊNERO : Monólogo dramático
AUTOR: Pedro Bloch
PRODUÇÃO: Hugo Corrêa Duarte
REQTE. : Hugo Corrêa Duarte
CENSOR : TC Benedito Zumas Filho
CLASSIFICAÇÃO: Imprópria p/menores de 16 anos

DPF
DCDP
Fls. N.º 206
Rubrica

Comparecemos às 17:00 hs. de 23/09/81 ao Teatro de Bolso da Fundação Cultural de Curitiba, localizado à Pça. Ruy Barbosa nesta Capital, onde presidimos o Ensaio Geral da peça teatral da referência.

Durante os 120 minutos em que se desenrolou o monólogo, com observância " ipsis literis " do texto liberado, o único ator não se excedeu em seu comportamento cênico de forma a merecer qualquer restrição censória.

O enrêdo trata do desespero de Gumercindo Tavares, um escritor de obras inéditas, que recorda os últimos 7 anos de sua vida. Não suportando seu ambiente familiar, pelo desprêzo da espôsa, pelo incômodo "piano" da filha, pela interminavel tosse do filho, pelo aborrecimento do sogro, pelas ingerências da sogra e, de outro lado, pelo aparecimento em sua vida da " encantadora e terna " Euridice, abandona tudo e com esta se muda para a Argentina. Mas lá sua " doce amada " dilui sua fortuna nas roletas do cassino : desesperado, e ao lhe ser negada uma única jóia sequer da amante para salvar suas finanças, esgana-a e foge para o Brasil.. Cá chegando, depara-se com situação mais lamentável: a esposa se juntara a um tal Dr. Frederico, que já antes de sua partida cortejava-lhe a mulher, abandonando sua casa; sua filha casara-se com apenas 17 anos e seu filho morrera de tuberculose. Termina dizendo à esposa que voltara para reconstruir sua vida e gritando por ela, em vão...

Considerando o exposto, por nada conter que contrarie a moral e os bons costumes mas, de outra parte, pela situação trágica do ocorrido, pelas desgraças, desamores e abandonos mútuos, pela destruição de uma familia, visando evitar influências perniciosas na sã formação de menores, ratificamos a classificação estabelecida quando da análise do texto, aliás corroborando o que já consta nos arquivos da DCDP, somos pela liberação da encenação ao público maior de 16 (dezesseis) anos.

É o parecer.

Benedito Zumas Filho
Técnico de Censura
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0461, p. 346

204

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
Sub-Regional no Paraná

0.077/81-SCDP/SR/PR + PROVISÓRIO +

DPF
DCDP
Fls. Nº 207
Rubrica

AS MÃOS DE EURIDICE

PEDRO BLOCH

Curitiba, 24 Novembro 81
XXXXXXX 24 Setembro 81

16 ANOS

TC Benedito Dumas Filho
Chefe do SCDP/SR/PR

XXXXXXXXXXXXXXXXX

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 347

AS MAOS DE EURIDICE

Pedro Bloch

xxx...xxx

xxx...xxx

Hugo Correa Duarte

Hugo Correa Duarte

23 Setembro 81

Imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos. Condicionada ao exame de Ensaio Geral. Este Certificado somente terá validade quando acompanhado do texto devidamente carimbado e rubricado pelo SCDP / SR/PR. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Curitiba,
XXXXXX 24 Setembro 81

Lilian Filus

TC Lilian Filus

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Subst.Event.SF/SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P.348

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA ____/____/____
AS _____ HRS.
_____
Assinatura Legível

CONTROLE
Nº 17 JUN 1981 22403

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

3ª VIA

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP – CMG

CHADO
DCDP

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO: CTBA/PR 2793 3Ø 17/1545
RECEPÇÃO: PPC-552 PL/ALT 171555

RECEBIDO EM ____/____/____ AS _____
ENCAMINHADO A: DCDP
EM ____/____/____ AS _____
RUBRICA: _____

END. DCDP/BSA

TEXTO E ASSINATURA

Nº 2793/SCDP DE 17/Ø6/81 PT SOL IN Fº OQC DCDP SOBRE PECA TEATRAL "AS MAOS DE EURIDICE", VG AUT PEDRO BLOCH PT

DPF DCDP Fls. N.º 208 Rubrica

SR/PR

ARQUVO/DCDP

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍPEDICE - AUTORIA DE "PEDRO BLOCH" CONSTA REGISTRO. Reg: 436, Liv: 01, Pág: 14, Clas: 16 Anos, Censura em: 21.03.78.

Bsb, 19.06.81

Mª da Penha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 461, p 349

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

DPF
DCDP
Fls. N.º 209
Rubrica

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SR/PR - CTA -

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 520/DCDP de 19 . 6 . 81

RERA NR 2793/SCDP/PR DE 17.6.81 VG
INFO PEÇA " AS MÃOS DE EURIDICE " LIB 16 ANOS PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor: Hélio Oiticica Pereira Peixoto

Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-350

207

TEATRO

TÍTULO "AS MÃOS DE EURÍDICE"

AUTOR: "PEDRO BLOCH"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça CURITIBA / PR

Obs.:

DF. / 29 / 09 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emite-se o certificado, de acordo com requerimento da [illegible] classificação: impróprio para menores de 16 (dezesseis) anos, [illegible] corte, com [illegible] do ensaio

Ob Cert. Provisório - SR/PR

[illegible] 30 09 de 1981

Nelly Hildente Carvalhedo
Matr. 2.415.791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 16 (dezesseis) anos

Brasília-DF 02 10 81

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF
DCDP
Fls. N.º 210
Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.351

2802/81-SE/DCDP 02-10-81

DPF
DCDP
Fls. N.º 212

Chefe do Serviço de Censura da SR/PR

AS MÃOS DE EURÍDICE

PEDRO BLOCH

Chefe:

Curitiba

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 352

DPF
DCDP
Fls. N.º 211
Rubrica

436

"AS MÃOS DE EURÍDICE"

PEDRO BLOCH

02 OUTUBRO 86



BRASÍLIA 02 OUTUBRO 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DIRETOR DA DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 353

AS MÃOS DE EURIDICE

PEDRO BLOCH

HUGO CORRÊA DUARTE CURITIBA/PR

23 SETEMBRO 81

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

16
IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

BSB 02 OUTUBRO 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 354

007331

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

DPF
Rubrica

Ofício nº 845/85-SCDP/SR/RJ Em, 30 / 09 /1985
Da: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Para: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref.Prot. 9120/85-SCDP/SR/RJ

DPF
DCDP
Fls. 03
Rubrica

Encaminho a V.Sª cópias do Certificado Definitivo, texto e pareceres da peça teatral .....
....."AS MÃOS DE EURIDICE".....
de ....PEDRO BLOCH.....
..... o exame foi requerido por .MARIA MAGDALENA FERREIRA D'AZEVEDO LOUREIRO.

Atenciosamente,

LUIZ MAURO GIESTAS
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ.

ZFB/

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 355

DPF DCDP Fls. N.º 1 Rubrica

ILMº SR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/DPF

POLÍCIA FEDERAL - DPF SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS PROTOCOLO DATA 28/08/85 ASSINATURA

MARIA MAGDALENA FERREIRA D'Azevedo Loureiro.
REQUERENTE

BRASILEIRA, ADMINISTRADORA TEATRAL.
NACIONALIDADE PROFISSÃO

CARTEIRA DE IDENTIDADE Nº 1473235, EXPEDIDA POR

RESIDENCIA: AV. RUI BARBOSA - 170 - BL. C - APT. 807

FLAMENGO, , 551-0579
BAIRRO CEP TELEFONE

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, que se digne mandar examinar, de acordo com as normas censórias vigentes, a (s) TEXTO abaixo relacionadas de autoria de
ESPÉCIE

PEDRO BLOCH - "AS MÃOS DE EURÍDICE"

TÍTULOS :

DPF DCDP Fls. Nº 214 Rubrica

ESTRÉIA PREVISTA: 27/09/85

N TERMOS
P DEFERIMENTO
RIO DE JANEIRO, 28 / AGÔSTO / 1985

Maria Magdalena F. D'Azevedo Loureiro
REQUERENTE

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p.356

1 - EMPRESA OU GRUPO (SE HOUVER)
NOME Loureiro Produções Artísticas Ltda. CGC 42597773/0001-47
SEDE: Av. Almirante Barroso 95. 3º andar parte
DIRETOR/RESPONSÁVEL: Oswaldo Loureiro Filho.

2 - DADOS DO AUTOR
NOME: Pedro Bloch.
PSEUDÔNIMO: — FILIAÇÃO —

3 - PARCERIA
NOME: —
PSEUDÔNIMO — FILIAÇÃO —

4 - PARCERIA
NOME: —
PSEUDÔNIMO: — FILIAÇÃO —

5 - PARCEIRA
NOME: [redacted]
PSEUDÔNIMO: — FILIAÇÃO —

6 - PARCERIA
NOME: —
PSEUDÔNIMO: — FILIAÇÃO —

DECLARO QUE A MATÉRIA A SER EXAMINADA NUNCA FOI SUBMETIDA À APRECIAÇÃO DESSA DCDP (EXETUANDO OS PEDIDOS DE RENOVAÇÃO DE CERTIFICADO OU DE CONFRONTO DO TEXTO), ASSUMINDO?, INTEIRA RESPONSABILIDADE PELAS INFORMAÇÕES AQUI PRESTADAS.

DATA: Rio, 28 de Agôsto de 1985
ASS. Maria Magdalena F. D'Azevedo Xavier

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.357

DPF
DCDP
Fls. N.º 9
Rubrica

SCDP/SR/DPF-RJ

-1 SET 85 28 009576

ILMº SR.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RIO DE JANEIRO = RJ

NOME: Somma Produções Artísticas Ltda.

vem solicitar de V.Sª que se digne marcar o ensaio geral da peça: "Jo mãos de Eurídice"

da autoria de: Pedro Bloch

a ser realizado no seguinte local: Teatro América Rua Campos Sales nº 118

no dia: 19 setembro as 16 hs horas.

DPF
DCDP
Fls. N.º 215
Rubrica

Rio de Janeiro, 11/ 9 /198 5

Maria Magdalena F. A. Somma

TÉCNICOS DE CENSURA: Carmem
Angela
Eliane

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.358

DPF
DCDP
Fls. N.º 2
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

RIO DE JANEIRO , 8 de agosto de 1985

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - DF.
SERVIÇO CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 9120
DATA 28/08/1985
ASSINATURA

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

DPF
DCDP
Fls. N.º 216
Rubrica

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

" AS MÃOS DE EURIDICE"

Original de PEDRO BLOCH
Tradução de
Próxima apresentação de LOUREIRO PRODUÇÕES ART.LTDA
Teatro DIVERSOS Cidade DIVERSOS
Estado DIVERSOS
A estréia está prevista para 2ª QUINZENA DE AGOSTO DE 85

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - RIO

MARIA JOSÉ VIANNA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P389

DPF
DCDP
Fls. N.º 4
Rubrica

DPF
DCDP
Fls. N.º 218
Rubrica

DPF/RS
02 SET 1988
DEPARTAMENTO GERAL

[illegible] BP
C114611PEFA BP

DF BRASILIA MP 7640 01 [illegible]

SCDF/SR/RS/RJO

MB 750/SA/DCDP DF 000005 FT PEFA 004/FS/SCDF/SR/RJ DF 051885 VG
INFO CONSTA APS DCDP PEF PFCA TFATRAL ASPAS AS MAOS DE EURIDICE VG
PFO MP 436 VG CLASSE 14 ANOS VG VAL [illegible] FT

DCDP
=

KNNN
DF POR FS 001618/S
PEC POR004
[illegible] FT
C114611PEFA BP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 360

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

DPF
DCDP
Fls. N.º 3
Rubrica

CARIMBO DA ESTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
30 AGO 1985
S.E.T.E.L. - S / J

NR ..... PLS ..... DT ..... HR .....

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

ENDEREÇO PRIORIDADE

DCDP/BSB

TEXTO E ASSINATURA

NR 224/85-SCDP/SR/RJ 290835 PT SOL INFO PEÇA TEATRAL ASPAS AS MAOS DE EURIDICE ASPAS VG AUT PEDRO BLOCH PT

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

DPF
Fls. N.º 217
Rubrica

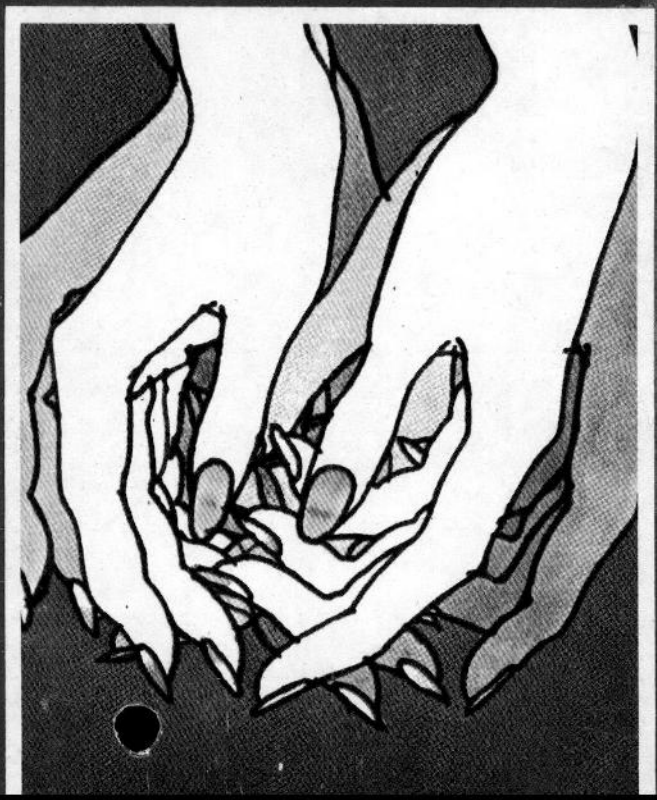
ZFB/

Pedro Bloch

As Mãos de Eurídice

e Esta Noite Choveu Prata!

com
Biografia, opiniões críticas
e apêndice didático



COLEÇÃO PRESTÍGIO

EDIOURO/40754

Pedro Bloch

DPF
DCDP
Fls. N.º 5
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 362

DPF
Fls. N.º 219
Rubrica

Preço
Os preços da Ediouro são sempre os menores. Evite enganos e CONSULTE A TABELA nesta Livraria.

DPF
DCDP
Fls. N.º 220
Rubrica

AS MÃOS DE EURÍDICE
E
ESTA NOITE CHOVEU PRATA!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 363

Pedro Bloch

DPF
DCDP
Fls. N.º 221
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 364

AS MÃOS DE EURÍDICE
E
ESTA NOITE CHOVEU PRATA!

Com apêndice que se
destina essencialmente a
finalidade didática

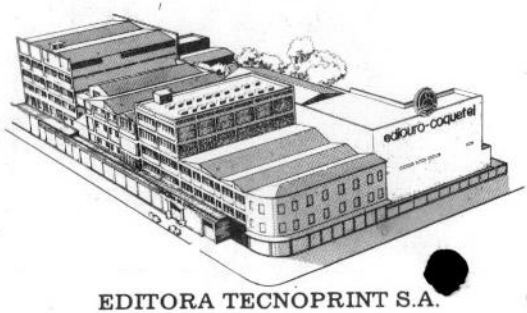
EDIOURO
GRUPO COQUETEL

Direitos Reservados

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0456, P-369



EDITORA TECNOPRINT S.A.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0061, P 366

DPF
DCDP
Fls. N.º 222
Rubrica

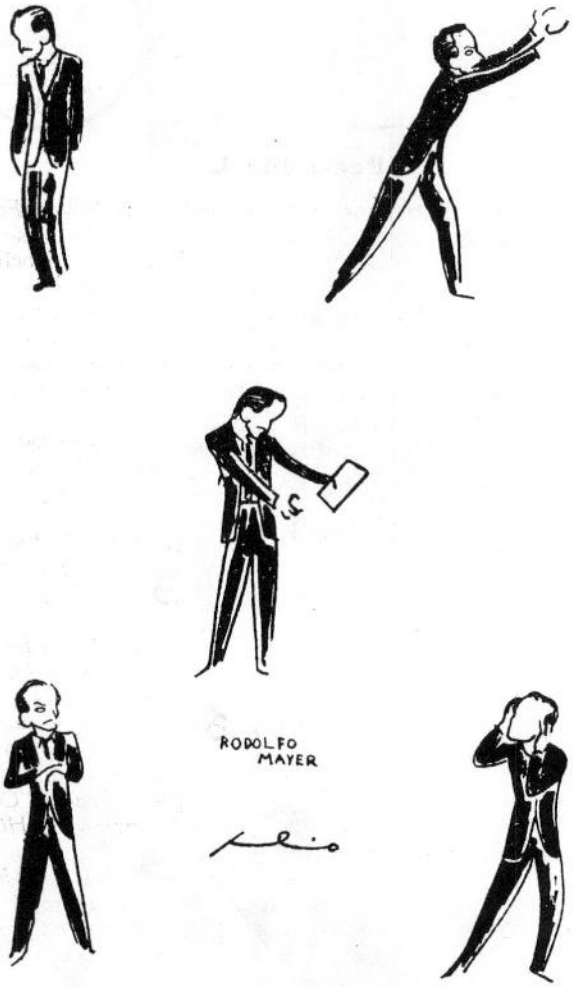
Índice

Biografia — *7*
Algumas Opiniões Críticas — *9*
O Teatro de Pedro Bloch — *13*
Vinte Curiosidades Sobre As Mãos de Eurídice — *15*
As Mãos de Eurídice — *19*
Notas — *69*
Esta Noite Choveu Prata! — *71*



Rodolfo Mayer, em As Mãos de Eurídice, *visto pelo desenhista do jornal português* República.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.



Rodolfo Mayer (Prêmio de Melhor Ator do Ano, com As Mãos de Eurídice*) visto, nesta peça, pelo desenhista do* Diário Popular, *de Lisboa.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 367

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P368

DPF DCDP Fls. N.° 223 Rubrica

DPF DCDP Fls. N.° 5 Rubrica

Pedro Bloch

*Pedro Bloch, médico especialista em problemas de Voz, Fala, Linguaguem e Audição (*Comunicologia*), escritor (autor de quase cem livros), jornalista (com seções permanentes nas revistas da* Manchete *e* O Globo*, compositor e poeta, nasceu na* Ucrânia*, a 17 de maio de 1914, tendo chegado ao Brasil ainda criancinha. Aqui fez o primário, o secundário (Colégio Pedro II), o superior (na Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha), tendo colaborado em jornais e revistas, desde muito cedo, alcançando uma série de prêmio de contos, inclusive no famoso concurso do jornal "Dom Casmurro".*

Em sua especialidade médica exerceu a vice-presidência da associação internacional (IALP) e fundou a Sociedade Brasileira de Foniatria e Logopedia, tendo produzido inúmeros livros e artigos de seu campo e sido relator do Congresso Internacional de Viena.

"Seu Filho Fala Bem?", "Você Quer Falar Melhor?", "Sua Voz e Sua Fala", "O Problema da Gagueira", "A Voz Humana", "A Conquista da Fala", "Falar É Viver", "Voz e Fala da Criança" são alguns de seus livros de divulgação.

Trabalhou em sua especialidade no "National Hospital for Speech Disorders" de Nova York. Dirige o Serviço de Foniatria da ABBR, que tem o seu nome. Hoje é até, nome de rua em Lençóis Paulista.

Lidando com a criança e o adolescente, de forma constante, produziu muitos livros em que focaliza o que a criança diz, resultado de seus diálogos no consultório e numerosos volumes para adolescentes.

"Criança Diz Cada Uma", "O Menino Falou e Disse", "Criança É Isso aí", "Criança Sabe das Coisas", "Esses Meninos de Hoje" são alguns dos livros que enfocam coisas de crianças.

Na faixa do jovem escreveu "Miro Maravilha", "O Segredo Azul", "Me Dá Uma Força, Gente!", "Chuta o Joãozinho pra cá", "Pai, me Compra um Amigo", "O Mistério de Irene", "O Velho Careta", "O Garotão", "Tininho, o Folgado", "O Segredo de Taquinho", "O Som da Pesada", "Um Barco Para a Lua" e muitos outros.

No teatro ele escreveu cerca de 30 obras. As mais conhecidas e traduzidas são "As Mãos de Eurídice", "Esta Noite Choveu Prata!", "Dona Xepa", "Os Inimigos não Mandam Flores", "Morre um Gato na China", "O Sorriso de Pedra" etc... etc...

No teatro de Malmo (Suécia), quando da direção de Ingmar Bergmann, duas das peças de Pedro Bloch *foram ali apresentadas com extraordinários atores.*

Foi o primeiro autor brasileiro a alcançar a Broadway (Booth Theatre), onde também teve encenada sua peça "Os Inimigos não Mandam Flores" (Provincetown Playhouse). Sua peça "As Mãos de Eurídice" foi apresentada, por centenas de atores, teve cerca de 60.000 apresentações, fez parte do "Festival de Edinburgo". As traduções de suas obras teatrais correm mu[illegible].

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046,P.369

Há pouco escreveu com o maestro Francisco Mignone, *glória da música brasileira, um musical baseado em sua obra* "Bodó, o Bobo Alegre".

Pedro Bloch *obteve o Prêmio de Melhor Autor (da Crítica), a Medalha de Ouro de Produção Teatral (da Sbat) e o "Prêmio Artur Azevedo" (Teatro) da Academia Brasileira de Letras.*

É casado com Miriam, *há muitos e muitos anos, e juntos trabalham na recuperação de pacientes da comunicação.*



Enrique Guitart, em As Mãos de Eurídice, *visto por um desenhista de revista argentina.*



Enrique Guitart em As Mãos de Eurídice.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.370

DPF
DCDP
Fls. N.º 224
Rubrica

Algumas Opiniões Críticas

"Se *As Mãos de Eurídice* é uma amostra de seu teatro, eis um autor que precisamos conhecer melhor."

Scotchman (Edinburgh)

"Sucesso sensacional. Algo não visto há anos, dentro ou fora do Festival."

Evening Dispatch (Edinburgh)

"Essa peça, que se pode proclamar diferente, é algo digno de ser visto."

Evening News

"*As Mãos de Eurídice* assume nesta temporada um caráter excepcional, vivido por Marcelo Moretti, que já pode abandonar, sem arrependimento, a máscara do Arlequim que o tornou famoso."

La Fiera Latteraria, (Itália)

"*Os Inimigos não Mandam Flores* — É grato encontrar, na Broadway ou fora dela, autores com esse acabamento profissional."

New York Times

"*As Mãos de Eurídice* merece ser vista por todos os que se dedicam seriamente ao teatro."

Daily News

"Pedro Bloch criou uma forma cênica nova: peças de 3.000 personagens com um só ator."

France-Soir

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.371

"Pedro Bloch desafiou os dois piores inimigos do teatro: o relato e o monólogo, dando-nos uma peça maravilhosa, a que maior vibração e entusiasmo despertou em nosso público, de quantas assistimos até hoje."

La Nación (Buenos Aires)

"*As Mãos de Eurídice* exercem estranha fascinação. Autor moderno, de técnica supermoderna."

Heym (Alemanha)

"Para um artista é o que de mais belo se pode oferecer."

Crítica de *Bragaglia*

"Um grande ator servindo um grande autor, servindo à cultura."

Diário de Lisboa

"O impossível que se realiza."

Jornal do Brasil

"Tudo está impressionantemente bem."

Diário de Notícias

"Autor teatral de muito boa qualidade."

O Globo

"Se o teatro possuía um segredo, Pedro Bloch o desvendou. Fez com que o espectador pudesse tocar o argumento com os próprios dedos. Pedro Bloch demonstrou que, mesmo em teatro, ainda cabe a originalidade."

Acción, de Montevidéu

"Quando a peça terminou, gritos de "bravo" eram ouvidos de todos os recantos do teatro."

Bulletin, de Filadélfia

"Creio que esse tipo de representação, esse tipo de peça é único no teatro."

Elionor Hughes, Boston

"É uma experiência considerável e fascinante."

Hawkins, em *New York World Telegraph and Sun*

"Quem está na platéia esquece a ficção e acaba participando do drama."

Incom, de Roma

"Triunfo. As mais destacadas figuras do nosso teatro ovacionaram, de pé."

Yá, de Madri

"O público, de pé, premiou largamente o melhor trabalho cênico da temporada."

Madrid

"Uma fórmula de teatro inédita e revolucionária."

Depèche Marocain

"Sinfonia para um homem só, merece a atenção dos mais ferventes admiradores da arte dramática, de todos os que buscam na cena obras originais que sejam, ao mesmo tempo, sondagem do inexplorado, reflexo alucinante de nossa época. Autor, tradutor, diretor, intérprete, cenarista, criaram a harmonia no caos. *As Mãos de Eurídice* possui ressonâncias profundas no clima do nosso tempo."

Le Soir, de Bruxelas

"Sucesso do maior ator finlandês em 44 cidades."

Helsinque

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 (p. 37)

DPF
DCDP
fls. N.º 225
Rubrica



Rodolfo Mayer, em As Mãos de Eurídice, *visto pelo* Diário de Lisboa



Enrique Guitart (Prêmio Maior — Interpretação Masculina etc.), o intérprete espanhol que já alcançou cerca de 4.000 representações com As Mãos de Eurídice.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P373



Maurice Schwartz, o intérprete norte-americano de *As Mãos de Eurídice.*

O Teatro de Pedro Bloch

"Homem de seu tempo e de seu povo é Pedro Bloch. O teatro, para Pedro Bloch, não é um passatempo; é seu instrumento de trabalho, o veículo de sua mensagem humana.

Mensagem de amor, de confiança, de solidariedade. Homem de generoso coração, admirável presença e sensibilidade capaz de captar a dor e a esperança onde quer que se encontrem, Pedro Bloch coloca em cada peça sua, em cada uma de suas comédias, o seu coração e a vibração de sua alma. Essa bondade permanente e essa visão comovida da existência, são a substância de que se alimenta seu teatro tão aplaudido não só no Brasil mas em todo o mundo.

Falar bem do teatro de Pedro Bloch é repetir o que tem sido afirmado pelos críticos de países os mais diversos, do mundo capitalista e do mundo socialista. Em todas as partes suas peças têm encontrado a mesma entusiástica acolhida, as platéias comovidas e vibrantes. Consegue ele o que é dado a poucos autores: interessar os intelectuais e interessar o grande público.

Seu teatro não fala apenas à inteligência, fala também ao coração. Essa é sua força e sua grandeza."

JORGE AMADO
(Em *Leitura*, 61)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 379

DPF
DCDP
N.º 226
Rubrica



Jean Nergal, intérprete belga de As Mãos de Eurídice, *prêmio máximo de interpretação em seu país, com esse original brasileiro.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p.375







O imenso ator português, o saudoso João Villaret, nos três personagens de Esta Noite Choveu Prata!



Procópio Ferreira que viveu, com seu extraordinário talento, centenas de vezes os três personagens de Esta Noite Choveu Prata!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 P. 376

DPF
DCDP
Fls. N.º 227
Rubrica

Vinte Curiosidades Sobre As Mãos de Eurídice

1

As Mãos de Eurídice, peça para um só ator, de Pedro Bloch, conta hoje com cerca de 15.000 representações em todo o mundo, Já foi vivida nos cinco continentes e nos mais estranhos idiomas.

2

As Mãos de Eurídice é a peça que tem sido mais representada, clandestinamente. Em certos países, quando um ator não consegue direitos para representá-la, usa de mil e um recursos, os mais pitorescos, para viver o Gumercindo Tavares.

3

Muitos atores dedicaram, praticamente, sua existência artística à interpretação desta peça. Como exemplos mais conhecidos temos Rodolfo Mayer e o espanhol Enrique Guitart. Tanto um como o outro já viveram esta peça cerca de 3.000 vezes.

4

Além dos inúmeros prêmios que obteve, *As Mãos de Eurídice* fez parte do programa oficial de um congresso europeu de neuropsiquiatria, valendo a eleição de Pedro Bloch para acadêmico da Real Academia de Medicina de Saragoça.

5

É uma das peças de que mais se tem feito paródias, "respostas", sátiras em espetáculos e caricaturas, versões de diversa natureza. Mereceu muitos milhares de artigos

da imprensa de todo o mundo, ensaios, estudos, debates, concursos.

6

É curioso notar que, quando a peça estreou, no Pen Clube do Rio, a 13 de maio de 1950 *(foi escrita em janeiro de 1948)* fotografou-se a platéia. Ao se fotografar a estréia em outro teatro viu-se muitas caras repetidas. Ao fim de certo tempo, confrontando-se fotografias verificou-se que as pessoas viam a peça duas, três, dez, quinze vezes. Esta é a razão por que toda vez que a peça é reprisada o sucesso se repete em toda parte.

7

Por que um só personagem?

"— Não houve pretensa originalidade. Embora muitos tenham tentado peças de um só personagem mais curtas, elas fracassavam em virtude de algo que não funcionava. Ao fim de alguns minutos entediavam o espectador. Ocorre que o crítico de *La Nación*, de Buenos Aires, observou que *As Mãos de Eurídice* havia vencido os dois maiores inimigos do teatro que são o *relato* e o *monólogo*, provocando a mais vibrante reação jamais vista no teatro da Argentina. Por quê?"

O comentarista de *France-Soir* parece dar a resposta quando diz:

"Pedro Bloch inventou as comédias de 3.000 personagens com um único ator".

8

Diz Bloch:

"Muitos críticos conseguiram ver o que eu queria mostrar. O público, do mais culto ao menos esclarecido, percebe instintivamente o tipo peculiar de "psicodrama" que eu quis realizar.

"Mostro o homem redoma, o homem isolado, o homem-monólogo de nossos dias. O homem de hoje não procura solução para os seus erros. Limita-se a encontrar justificativas para continuar errando. Não procura remédios mas entorpecentes. Uma vez encontradas as justificativas ele restabelece um pseudo-equilíbrio emocional e persiste no erro até o momento em que se encontra só, absolutamente só, isolado em sua angústia, ilhado em seu desespero."

9

As mãos de Eurídice valeu a Pedro Bloch o *Prêmio Artur Azevedo* da Academia Brasileira de Letras e a *Medalha de Ouro* da crítica como melhor autor do ano.

10

Já foram realizadas inúmeras edições impressas e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 397
BR DFANBSB NS.CPR.

gravadas da peça, todas esgotadas. Duas edições argentinas, para dar um exemplo, se esgotaram numa semana: 10.000 exemplares.

11

O estabelecimento do diálogo com o público, provocado pela peça, tem gerado as mais pitorescas situações. Momentos houve em que se travaram diálogos longos e inflamados entre ator e espectador.

Três exemplos dessas situações:

Rodolfo Mayer estava representando numa cidadezinha pequena quando, a certa altura, mostrando uma receita, pergunta a um espectador:

— O senhor quer ver se é mesmo estreptomicina que está escrito aí?

O homenzinho ergue os olhos e confessa:

— Desculpe... Eu não sei ler.

* * *

Enrique Guitart, entrando pela platéia, foi abordado por um conhecido que não percebera que o espetáculo já tinha começado (Guitart inicia a representação com as luzes acesas e com o público ainda ocupando os lugares.) Travou um diálogo à margem dos acontecimentos. Qual não foi o choque do amigo quando percebeu que estava tomando parte na representação!

* * *

Pitigrilli, ao assistir à peça, em Buenos Aires, travou um debate sobre existencialismo quando o ator pergunta:

— O senhor sabe o que é existencialismo?

12

Um dos mais famosos intérpretes de *As Mãos de Eurídice* foi o ator italiano Marcelo Moretti (do *Piccolo de Milano)* que o público do mundo inteiro consagrou no *Arlequim, Servidor de Dois Amos,* de Goldoni. Calendoli escreveu:

"Agora Moretti pode abandonar, sem arrependimento, a máscara de Arlequim que o tornou famoso."

13

As Mãos de Eurídice foi a primeira peça brasileira a ser apresentada num dos maiores teatros da Broadway: *Booth Theatre* (15 de maio de 1952), numa apresentação do famoso empresário Shubert.

14

As Mãos de Eurídice já foi capa de revistas européias e americanas cerca de vinte vezes.

DPF
DCDR
Fls. N.º 228
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 378

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 379

15

O autor de *As Mãos de Eurídice* recusou verdadeira fortuna para que a peça fosse transformada em novela radiofônica.

16

Se todos os intérpretes de *As Mãos de Eurídice* fossem reunidos, se poderia encher a platéia de um bom teatro.

17

Um crítico escreveu:

"Pedro Bloch realizou o que ninguém havia feito, logrou o que ninguém havia logrado. Pôs o teatro ao alcance pleno do espectador, fazendo com que este pudesse tocar o argumento com seus próprios dedos, fazendo com que este seja parte, carne e osso do argumento, dando ao espectador ares de ator. Pedro Bloch demonstrou que, mesmo em teatro, ainda cabe a originalidade."

18

Rodolfo Mayer obteve prêmio de interpretação com a peça e Enrique Guitart, por sua criação, é considerado o maior ator de seu país. Disse a crítica:

"A obra nos impressionou profundamente. Afasta-se de todos os caminhos trilhados. Ao longo de toda a minha carreira de crítico esta é a primeira vez em que, sem a sombra do mais leve reparo, posso lançar ao ar os mais encomiásticos adjetivos."

19

O relator do Prêmio de Teatro da Academia escreveu:

As Mãos de Eurídice *é um milagre. Pedro Bloch surpreende pelo seu maravilhoso senso de teatralidade. Quem com um único ator, com um único tema, um único estado de alma, consegue, durante todo um espetáculo, empolgar uma platéia, tem, forçosamente, a faísca do gênio teatral. E que homem feliz! Encontrou um intérprete à altura de sua obra."*

20

Muitos atores, durante a representação, perdem cerca de dois quilos de peso. Ocorre, porém, um fenômeno interessante: a tensão, a vibração, o viver o personagem, lhes trazem, através de uma verdadeira catarse, um curioso bem-estar após cada espetáculo. Rodolfo Mayer, Enrique Guitart e muitos outros representam a peça, depois de milhares de atuações, com maior entusiasmo que da primeira vez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 P. 380



AS MÃOS DE EURÍDICE

(Peça em dois atos para um só ator)



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0961 D.
381



Cenário

Uma escada liga a platéia ao palco. A metade esquerda do palco mostra-nos a entrada de uma casa. De cada lado da porta de entrada há uma banqueta de mármore. A metade direita não apresenta a fachada, de maneira que se pode divisar o interior, que nos mostra uma sala de estar com poltronas, uma mesinha com uma estatueta, uma cômoda com várias gavetas e um quadro. O quadro está "no ar", suspenso por fios invisíveis.

Atrás do cenário uma rotunda.

(Rio de Janeiro — Época atual)



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p-382

DPF
DCDP
Fls. N.º 231
Rubrica

Primeiro Ato

GUMERCINDO vem entrando por uma porta lateral direita da platéia. Se esta porta não existir ele pode vir pela mesma por onde entrou o público.

Vem com uma expressão de alucinado. Traz estampado no rosto o medo, a angústia, o desespero. Sua roupa gasta, seu cabelo em desalinho, sua barba por fazer, seu andar, e — sobretudo — o seu olhar, falam de tragédia e derrota.

GUMERCINDO atravessa a platéia em direção ao palco. Olha os espectadores, entre assustado e ameaçador, cumprimenta um e outro e pára diante da escadinha que liga a platéia ao palco.

Olha para o palco, muito triste, como quem estivesse vendo a parede anterior de uma casa. Olha para os dois lados da "rua". Sobe os degraus e dirige-se para a porta. Toca a campainha, após uma ligeira indecisão. Torna a tocar. Ninguém atende. Procura algo nos bolsos. Não encontra. Aparentemente resignado senta-se na "banqueta" de mármore.

Começa a assobiar, calmamente, um No-

D.P.F. DELEGACIA REGIONAL - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p.383

turno, de Chopin, observando a platéia, analisando os espectadores.

Um foco de luz acompanha GUMERCINDO, do começo ao fim da peça, como se aquela luminosidade fizesse parte de seu ser. Quando está na platéia ou no palco ele "carrega" aquela luz consigo. Esta luz independe da iluminação que se queira dar ao cenário.

GUMERCINDO, dizíamos, estava assobiando um Noturno, de Chopin, e analisando a platéia com uma expressão indefinível.

GUMERCINDO — Chopin!...
Parece que foi ontem! Foi há sete anos!
Eu estava aqui, Dulce, Lolinha, Ricardinho, dona Gervásia, o Dr. Hermengardo, Eurídice... Não. Eurídice, não. Frederico.
O Grêmio Feminino... As reuniões... As valsas de Chopin... As múmias... As botas... botas... botas...

Declamando

"Ruega por nosotros, los pobres, que vamos en debiles barcas, en busca del pan y por los amores que en tierra dejamos, Señora del Mar!"

Começa a rir baixinho e reprova com a cabeça

Oh, as declamadoras!

A cabeça e o indicador da mão direita começam a girar como quem acompanha a bolinha da roleta

Preto... 26!
Vermelho... 32!

Preto... 29!
Vermelho... 36!
E a bolinha da roleta girando-girando-girando-girando-girando...
E Eurídice comprando fichas, jogando e perdendo... Comprando, jogando e perdendo... Comprando, jogando e perdendo...

Volta a declamar

E "Ruega por las pobres mujeres que esperan, Señora del Mar"...

E as valsas de Chopin!

Cantarola com revolta uma valsa de Chopin, enquanto suas mãos raivosas massacram teclas invisíveis

E o piano da menina!

Solfeja desesperado

Dó — ré — mi — fá— sol — fá — mi — ré — dó — ré — mi — fá — sol — fá — mi — ré — in — da — ma — to — es — ta — me — ni — na — dó — ré — mi — fá...

Subitamente apavorado

E, de repente, a múmia de Ramsés II! Descoberto o túmulo de Tutancâmen!

Irônico

Sartre e o existencialismo

Em tom de conferência

Meus senhores! Eu queria explicar o existencialismo. Começando do

DPF DCDP Fls. N.º 232 Rubrica
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 389

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,P.385

começo devo dizer que o existencialismo... Isto é... Não. Não é nada disso.

Como quem tem visões assustadoras

Faraós em procissão...
Hieroglifos...
Sarcófagos...
Metempsicose...
Osíris...
Ramsés e Cleópatra...

Jocoso

E então o faraó gritou: — preto, 29!

Como na roleta

Façam jogo, senhores. Façam jogo.
Vermelho... 36!

Noutro tom

Heródoto...
Egito...
"O Egito é uma dádiva do Nilo."
Nilo Branco, Nilo Vermelho, Nilo Azul.
Nilo de todas as cores...
Cores...
Portinari!
Azul de Portinari!

Com naturalidade

Com licença!

Ergueu-se e toca a campainha novamente

Ninguém!

Irritado

Ninguém atende o telefone.
Ninguém responde a esta maldita campainha.

Bate na porta

Dulce!... Dulce!... Sou eu, Dulce!... É o Gumercindo...

Suplicante

Gumercindo!

Explode

Vai ver que ninguém está em casa. Isto, aliás, era uma das coisas que mais me irritavam. Dulce não parava em casa.
Telefonava da rua. Trrriiiiiiiiiiiiiiin!
Trrriiiiiiiiiiiiiiin!
Nada.

A um espectador

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.
Gostava.
Mas compreendam bem. Compreendam, pelo amor de Deus!
Um sorriso e uma múmia...
E a Señora del Mar...
E o dó — ré — mi — fá — sol — da menina.
E a patinete do menino...
Fuiiiiiiiin! Fuiiiiiiiin!
E a dona Gervásia, minha sogra, falando — falando — patati — patatá — patati — patatá — patati — patatá...

Como na roleta

Preto!... 33!...

DPF
DCDB
Fls. N.º 233
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 386

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p387

Façam jogo, senhores!

"Usted habla castellano? Vayamos a Mar del Plata. Hagan juego, señores!
Hagan juego! No va más!

Afasta uma ficha hipotética e censura

No va más!

A um espectador

O senhor, naturalmente, que não me conhece, vai dizer que eu estou louco.

Entrega-lhe um cartão de visitas

Gumercindo Tavares, um seu criado.

Com naturalidade

A princípio eu gostava, imensamente, de Dulce. Até seguro de vida eu fiz.

Procura aflito nos bolsos e acaba encontrando um papel

Está aqui.

Mostra-o aos espectadores

Seguro de quinhentos contos.

Desce à platéia e entrega o papel a um espectador. Fica falando da platéia, enquanto volta, lentamente, à escada

Mas o diabo eram as múmias. Era como se o indivíd[illegible] morasse

dentro da pirâmide de Miquerinos.
E a esfinge silenciosa...
"Quarenta séculos vos contemplam!"
De um lado a esfinge silenciosa e indecifrável. Do outro dona Gervásia falando-falando-falando-patati-patatá-patati-patatá.

tétrico

E do fundo da noite negra, do meio dos pesadelos, já me surgiam vozes soturnas e misteriosas, tristes e profundas, com aquele interminável *"Ruega por los rudos y blancos abuelos, ruega por nosotros, Reina de los Cielos, Señora del Mar!"*

DPF
DCDP
Fls. N.º 234
Rubrica

Lamentoso

Eu amava Dulce.

Terno

Eu amava Dulce.
Aqui está, senhores.

Tira uma fotografia do bolso e mostra-a ao público

Aqui está.

Tira outras fotografias e deixa-as com os espectadores

A nossa lua-de-mel. Vejam quanta ternura e quanto amor! Quem diria que hoje...
Mas a coisa começou de uma maneira bem simples. Dulce não parava em casa. Um dia era Dulce que ia

DPF
CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 388

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.389

visitar as exposições de pintura.
No outro dia...

Como quem se lembra de algo aterrador

Portinari!
E surgiram do meio do dó — ré — mi
— fá — sol, da Señora del Mar,
das múmias,
dos faraós,
das botas... botas... botas...

Como quem tem visões dantescas

Os pés de Portinari...
As mãos de Portinari...
As caras de Portinari...

Contempla horrorizado as próprias mãos

Onde estão minhas mãos?

Desesperado

Onde estão minhas mãos?
Estas não são as minhas mãos...
São as mãos de Portinari!

Continuando a ter visões apavorantes

E eram pés descalços,
pés humildes,
pés cansados,
pés macerados,
sofridos,
torturados,
triturados.
Eram pés sem botas... botas... botas...

Acelerando o ritmo

E eram mãos e pés e ventres e espantalhos!

Espantalhos de faraós declamando,
pés de Ramsés e ventre de Cleópatra.
E a cobra vinha subindo-subindo-subindo para sugar-lhe o seio.

Doce e sonhador

E o rosto de Eurídice! De minha Eurídice!

DPF
DCDP
Fls. N.º 235
Rubrica

Quase em êxtase

De minha Eurídice!

Descreve suave e ternamente

E as mãos de Eurídice vinham coleantes,
suaves,
ternas,
acariciantes,
mãos plácidas,
serenas.
Eu as cobri de anéis e de pulseiras.
Aquelas mãos conheciam o segredo da expressividade.
Mãos fugidas da estátua de Vênus,
mãos admiráveis!
Naquelas mãos cabiam os mais belos sonhos, os mais elevados ideais.
Naquelas mãos havia o mistério do acorde não soado.
Mãos pedindo harpas,
mãos pedindo asas,
mãos clamando preces,
ternura
e amor.
Mãos...
As mãos de Eurídice!
Mãos pedindo preces...

D. P. F.
CENSURA
REGIONAL - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 390

Com naturalidade

Eurídice é existencialista.
Eurídice não sabe, como nenhum de nós, o que é existencialismo.

A um espectador

O senhor sabe?
Eu, também, não sei.
Muitos supõem que o existencialismo...
Não.

Salta de um assunto a outro com a maior naturalidade

Quando casei com Dulce ela era uma menina simples e sem cultura.
Pensava que Beethoven era jogador de futebol.
Meses depois se mascarou.
Envolvida na rede da grã-finagem e da cretinice atômicas,
ela — que mal sabia a diferença entre um dó e um sol,
ela — que mal sabia distinguir uma sanguínea de um quadro a óleo,
ela que mal sabia assinar o seu nome,
começou a dar opiniões sobre música e arte modernas.
E porque Vila Lobos isso.
E porque Prokofief faz e acontece.
E porque Stravinsky e Copland e Schoenberg e Bela Bartok e Camargo Guarnieri...
E Dulce se tornou sócia da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.
E eu já estava esperando o dia em que Dulce fosse ensinar ao

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 f. 391
BR DFANBSB [illegible]

maestro Koussevitsky a reger Beethoven.
E Dulce dava opiniões!
E porque o fagote isso e porque o oboé está meio tom abaixo e porque o corno inglês desafinou...

DPF
DCDB
Fls. N.º 236
Rubrica

Furioso

E eu juro aos senhores que Dulce nem sequer sabia distinguir um fagote de um oboé e muito menos conhecia um corno inglês.

E a transformação de Dulce não foi só nisso!
E porque Brailowski toca Chopin melhor do que Firkusny.
E porque Firkusny é melhor do que Rubinstein.
E como se isso não bastasse ainda se pôs a estudar piano!
Em pintura Dulce já discutia Picasso, Salvador Dali, Van Gogh, Matisse, Corot, Manet, Rivera, Portinari...
E porque Portinari isso.
E porque Portinari aquilo.
E porque o azul de Portinari,
porque o amarelo de Portinari,
porque o cor-de-abóbora de Portinari...
Um dia encontrei Dulce explicando Portinari a Portinari.
— "Não, senhor Portinari. Não é daqui que se deve olhar este seu quadro. Os quadros de Portinari devem ser vistos a dois metros e meio de distância."

Naturalmente

Dava opiniões técnicas.
E porque Shostakovich é um cretino.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 392

CENSURA FEDERAL

E porque Miaskowsky é formidável.
E porque Prokofief em "Pedro e o Lobo" andou querendo não sei o quê.
E porque Vila Lobos entende é de bilhar. Não entende nada de música.

Furioso

Um inferno!
Uma loucura!
E Dulce sorridente, radiosa, festiva, intranqüila, buliçosa.
Comigo era um inferno. Nem uma palavra. Nem um comentário.
Só falava comigo para me chamar de maluco pra cima.

Calmo

Eu não sei se os senhores conheceram o Dr. Hermengardo Santos, meu sogro. Especialista em assuntos egípcios e filatelista.
Qualquer um deixaria aquela casa porque aquilo se tornava insuportável.

A um espectador

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.
Gostava.

Justificando-se

Mas o senhor compreende.
Por mais amor que se tenha, por mais que se sinta, um dia a gente explode.
Explode ou não explode? Explode.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 393

Cresce-lhe a irritação

O senhor sabe o que é ter em casa um verdadeiro Grêmio Lítero-Musical e Esportivo?
Dulce era a presidenta.
Dá para acabar com um Gumercindo Tavares ou não dá?

Entre revoltado e irônico

E as pianistas com as suas valsinhas de Chopin!
E as declamadoras!

DPF
DCDP
Fls. N.º 257
Rubrica

Declama imitando

"Ruega por los niños que están en la cuna, ruega por los hijos que un día vendrán y irán a tus olas a buscar fortuna, Señora del Mar."

Tira uma fotografia do bolso, contempla-a e fala com ternura

Esta é a fotografia de Eurídice.
Na vida de todo homem deveria existir uma Eurídice.

Lê a dedicatória

"Ao Cindinho do coração com o amor sincero de sua Eurídice."

Confessa meio envergonhado

Meu nome é Gumercindo, mas para Eurídice eu sempre fui o Cindinho.

Em desespero crescente

Em casa eu não podia abrir a boca.
Como podia eu abrir a boca se Dulce

DPF
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL
RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P.294

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 315

falava, se dona Gervásia falava,
se o Dr. Hermengardo falava,
se todo mundo falava, gritava, tocava, declamava, bramia, zurrava, gemia, azucrinava, rugia!
Um inferno!

Pianíssimo, terno, amoroso

Com Eurídice era diferente.
Nós tínhamos um ninho só para nós dois.
Eurídice era a ternura, a doçura, a poesia feita mulher.
Tudo o que eu sonhava de paz e amor.
Um dia Eurídice surgiu em minha vida...
Eu acho que todos compreendem, não é verdade?
O senhor compreende?
A senhora compreende?

Vai-se irritando

De um lado Dulce,
grã-fina,
presidenta de Clube,
despótica,
verborrágica,
desumana,
cataclísmica.
De um lado um egiptólogo com as suas múmias.
De um lado dona Gervásia falando — falando — falando — patati — patatá — patati — patatá — patati — patatá...

Amorosamente

E do outro... Eurídice!
Bonita como um poema!

Os olhos de Eurídice!
A boca de Eurídice!
A pureza de Eurídice!
Todas as descrições serão inúteis.

DPF
DCDP
Fls. N.º 238
Rubrica

Entrega a fotografia a um espectador e diz com naturalidade

Vejam o seu retrato e não me digam mais nada. Sobretudo as mãos.

Começa a descrever apaixonadamente

As mãos de Eurídice exprimiam todas as emoções.
Riam, às vezes.
Ficavam furiosas.
Choravam.
Juntavam-se em súplica.
Projetavam-se em desespero.

Cai em si de repente

Ainda há uma certa confusão em meu espírito. Acho que não me expliquei bem.
Compreendam.
Eu sou um homem comum, de idéias comuns, ideais comuns, ambições comuns, tudo comum.
Como todos quero uma vida de compreensão, de solidariedade, de companheirismo.
Nada demais.
Entretanto não encontrei nada disso.
Voltava de meu trabalho e não encontrava a paz.
Eu vinha do meu trabalho cautelosamente, prudentemente, vagarosamente.
Entrava em casa.
Ao abrir a porta a primeira pessoa que me surge é o Dr. Hermen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 396

CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P 397

gardo, um indivíduo que faz com que qualquer um se sinta mumificado.

Mumifica a alegria, a esperança, a alma.

Todas as esperanças tinham ficado lá fora, como no Inferno, de Dante.

"Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate".

Começa a desesperar-se

Depois surgia a figura apocalíptica de dona Gervásia.

Com o Dr. Hermengardo eu me sentia mumificado.

Com dona Gervásia eu me sentia devastado, arrasado, aniquilado.

E depois vinha Dulce.

Imita-a

"E faça a barba. E não me envergonhe. E vista-se direito. E não jogue a cinza no chão.

E porque não trabalha mais. E porque isso.

E escove os dentes. E penteie-se direito.

E porque aquilo...

E eu calado, agüentando sempre...

SEMPRE!

Naturalmente, outra vez

Não sei se já lhes disse que meu nome é Gumercindo Tavares e que de profissão sou escritor. As minhas obras ainda estão inéditas.

Fazendo comício com ardor e revolta

Inéditas sim, brasileiros!

Porque uma campanha de inveja, inveja — repito!, acompanha o meu trabalho intelequitual.

Inveja de José Lins do Rego!
Inveja do Érico Veríssimo!
Inveja de Joraci Camargo!
Inveja de Jorge Amado!
Sim...
Porque no dia em que as obras de Gumercindo Tavares (Sou eu) saírem do prelo...

Cai em si, parece perceber o próprio ridículo e tenta justificar-se

Um dia comecei a sentir uns sintomas estranhos.
Ouvia vozes.
Ouvia gritos.
Ouvia ruídos esquisitos.
Acordava sobressaltado.
Já não podia fixar-me em nada.
Eu me sentia num torvelinho, num turbilhão.
Com medo de enlouquecer!
Sim, meus senhores! Quase enlouqueci.
Um dia comecei a ouvir vozes...

Imita Dulce

"Eu sou uma infeliz, Gumercindo. Gumercindo eu sou uma infeliz!"

Apavorado

E as pirâmides imensas,
majestosas,
colossais,
se erguiam em minha frente.
E maior que todas as pirâmides se erguia majestosa dona Gervásia falando... falando... falando...
Amenemat I... Amenemat II... Amenemat III... e a esfinge falava, gritava, *urrava*...

DPF
DCDR
Fls. N.º 239
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461/P:398

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 399

Desvendado o segredo da esfinge!
A esfinge falou, senhores!
A esfinge falou!
E do fundo do areal imenso surgia a voz da declamadora insaciável, incansável, infindável...

Imita-a

"Con tu amor soñamos,
por tu fe vivimos,
Señora del Mar."

Volta a "ver" a roleta

Preto!... 23!
Vermelho!... 34!
No va más!
Hagan juego, señores!
Hagan juego, imbeciles!
Hagan juego!
As mãos de Eurídice pediam fichas, *mais fichas,* MAIS FICHAS...
E a roleta engolindo insaciável, incansável, infindável...

Solfeja com revolta

Dó — ré — mi — fá — sol — fá — mi — ré — dó — ré — mi — fá — sol — fá — mi — ré — dó...

Imita Dulce

Chegou a modista?... O plissé?... O babado?... O bordado?... O aplique?... Tem figurino?
Cabeleireiro às 10? E as unhas?
Madame Mendonça chamou?...
Hoje tem "buraco"?

Como na roleta

Hagan juego, señores. Hagan juego.

Descreve com ternura

As mãos de Eurídice depositam fichas, docemente, suavemente.

Com angústia

E a valsa de Chopin atravessa a sala como se fosse escrita com serpentes, com cobras venenosas, a envenenar a alma com açúcar, com a doçura pegajosa de Chopin.

Com pavor

E surgem pés monstruosos e mãos monstruosas!

Mãos e pés de Portinari carregando pedras monstruosas, ao som de uma valsa de Chopin... ao som das polonaises...

Milhares e milhares de escravos egípcios desfilam arrastando pedras gigantescas para a construção da grande pirâmide de Quéope.

Revoltado

E o garoto vinha com a patinete pela sala.

Fuiiiiiiin!... Fuiiiiiiin!

E a menina acalentava a boneca em seus braços:

"Dorme, filhinha, do meu tolatão."

DPF DCDR Fls. N.º 240 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461.2.00

D. P. F. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ

Desesperado

E eu queria fugir, fugir para muito longe. Para longe de dona Gervásia, longe de Chopin, longe da patinete, longe de Dulce, longe da Señora del Mar longe de Portinari, longe de vocês todos.

Acalma-se

Foi aí que surgiu Eurídice em minha vida.
Eurídice, a doce, a meiga, a pura, a existencialista.
Fugi. Fugimos para a Argentina.
O Dr. Frederico andava em atitudes suspeitas diante de Dulce.
O Dr. Frederico vinha com orquídeas, com rosas.
Rosas de todas as cores.
Rosas amarelas, rosas vermelhas e até rosas — cor-de-rosa.
Vinha com poemas de Geraldy. "Toi et Moi".
De Rabindranath Tagore.
Sem falar nas caixinhas de bombons.

Imita um Dr. Frederico melífluo

Estezinho aqui tem licor, dona Dulce.
Estezinho tem recheio de amêndoas, dona Dulce.
"Ih, ih, ih!"
E toca a declamar Tagore:
"Quando, rapidamente, ela passou por mim, a fímbria de sua veste me roçou."

Com fúria

Vá roçar na... "fímbria do inferno". Uma pouca-vergonha!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 401

Até andou fazendo poemas para a minha mulher!
Um deles começava assim:
"Teus olhos são planetas cintilantes"!
Planeta cintilante é a "fímbria do inferno"!



A um espectador

Veja o senhor! Planetas cintilantes!
Afinal de contas eu queria que o senhor me explicasse uma coisa.
Talvez eu seja um débil mental.
Talvez eu não compreenda.
Eu queria que o senhor me explicasse a título de que um sujeito manda flores a uma senhora casada! Livros a uma senhora casada!
Bombons de licorzinho e recheio de amêndoas a uma senhora casada!

Noutro tom

Mas o que interessa é que eu fugi com Eurídice para a Argentina.
Sim, porque eu não suportava mais!
Eu compreendo que se goste de Portinari.
Pessoalmente eu sou o maior fã de Portinari.
Mas, pelo amor de Deus!
Ninguém venha *me dizer* que Dulce entende Portinari, que Dulce gosta de Portinari.
Diabo, senhores! Eu conheço Dulce!



Entrega com naturalidade um cartão de visita a um espectador

Gumercindo Tavares, seu criado.

Natural ainda

Fui para a Argentina com Eurídice.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 402

Deixei Dulce.
Ali conheci todos os mistérios da roleta.
Uma bolinha mantém o destino de uma porção de pessoas preso aos seus caprichos.

Com admiração, quase orgulho

Eurídice jogava com insuperável elegância.
Era alvo da atenção geral.
Sabia perder com superioridade,
com displicência,
sem nervos,
absolutamente sem nervos...
o meu dinheiro.
As minhas mãos é que tremiam.
As mãos de Eurídice não se alteravam.

Com amor

Mãos brancas,
mãos doces,
mãos delicadas,
quando surgiram no pano verde,
entre todas as outras mãos,
eram como se fossem tímidas e puras gazelas, castas e serenas,
entre lobos famintos e chacais assassinos...

Cai em si

Mas um dia a roleta nos venceu.
Ficamos a zero.
Deixamos então Mar del Plata,
com seus malditos boleiros,
seus sórdidos "croupiers",
sua jogatina imoral e desenfreada.
Carreguei a minha doce Eurídice para Buenos Aires.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 403

Ali percebi que nada mais restava da minha fortuna. Absolutamente nada.

Apelei para Eurídice.

Eu queria que ela empenhasse, que ela me emprestasse, uma das jóias que eu lhe havia dado, para tirar-me daquela situação.

Eurídice, entretanto, era grande até na desgraça.



Imita-a

"Não. Não me separarei destas jóias nunca, disse ela. São as únicas recordações que me restam de um amor que já findou."

Ingênuo

Coitada! Queria recordar o passado.

Poucos seriam capazes de compreender uma existencialista.

Eu compreendi.

Compreendi e me afastei.

A última lembranca que me ficou de Eurídice foram as suas mãos.

Mãos pedindo preces.

Mãos pedindo harpas.

Mãos pedindo asas,
ternura
e amor.

Começa a olhar, fixamente, o fundo da platéia, como quem tem visões. Começa a tropeçar no texto como se o tivesse esquecido.

Eurídice era toda... a minha... vida... Eurídice, para mim, era a própria vida... a própria... vida...



De repente sua fisionomia ganha uma extraordinária alegria. Agora sim. Ele tem a certeza absoluta de que Eurídice ali está, lá no

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 pp 404

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 405

fundo da platéia. Nas frases anteriores Gumercindo se encontrava na escadinha. Sai correndo alucinado até o fundo da platéia gritando:

Eurídice! EURÍDICE! EURÍDICE!

Mas ao chegar ao fundo se desilude e volta desalentado

Não é ela! Não é ela!

Sobe a escada e fala entre saudoso e terno

Quando perdi Eurídice eu me lembrei de Dulce.
De Dulce e de nossos filhos.
Ricardinho já deve estar um homenzinho.
Lolinha já deve estar uma moça. Não brinca mais com bonecas.

Aproxima-se da porta e torna a tocar a campainha

Ninguém. Mas onde andará essa maldita chave?!

Procura nos bolsos e acaba achando

Ah! Está aqui.

Abre a porta e diz para a platéia

Quando quiserem aparecer é aqui que eu moro.
Gumercindo Tavares, um criado às ordens.
Boa noite!

Começa a abrir a porta, enquanto o pano cai

Fim do Primeiro Ato

GUMERCINDO está "dentro" de casa. Está na sala e o público o vê porque falta a fachada daquela parte da casa. Passou muito pouco tempo. Minutos ou horas. Ao abrir-se o pano GUMERCINDO está gritando, dirigindo-se a pessoas que, hipoteticamente, estão no hall, onde a presença da fachada impede que sejam vistas.

GUMERCINDO — Isto não fica assim!
Vocês não podem me condenar sem me ouvir!
Por que ninguém fala?
Respondam. Digam alguma coisa.
Chamem-me de crápula, de canalha, de qualquer coisa, mas digam alguma coisa, pelo amor de Deus!

Suplicante

Dulce. Compreenda, Dulce.
Foi uma loucura, mas a vida, para mim, era intolerável. Eu não podia mais suportar.
E eu quero saber de meus filhos.
Tenho direito a uma explicação.
E o que faz o senhor, Dr. Frederico, dentro de minha casa? Poderia contentar-se em conquistar minha mulher fora da minha casa, fora desta casa.
Respeitar o teto daquilo que um dia foi um lar.
Cale-se! Não diga nada!
Eu quero saber onde vocês estiveram.
Eu quero saber de onde vocês voltaram.
Eu quero saber tudo.

DPF DCDP Fls. N.º 243 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 04 fls. 406
D. P. F. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p-407

E parem com esse maldito silêncio!
Onde está Lolinha, Dulce?
Pela última vez eu lhe pergunto: — Onde está Lolinha?
E Ricardinho?
Que é feito de Ricardinho?

Raivoso e sarcástico

Ah, já sei! Naturalmente internou seus filhos para poder estar mais à vontade com o seu amante.
Mas isso não fica assim!
Torna-me a vida intolerável, faz com que eu abandone minha casa e meus filhos, para quê?
Responda! Para quê?!

Furioso

E o senhor não se meta, Dr. Frederico.
O senhor não tem nada com isso.
Cale-se!... Não. Fale.
Diga alguma coisa.
Falem!
Ah, não quer falar?!
Pois eu descobrirei tudo.
Tudo!
Nem que tenha de demolir esta casa, tijolo por tijolo, pedra por pedra.
De tudo o que vocês fizeram deve ter ficado um rastro,
um perfume,
uma perfídia,
uma carta,
uma confissão,
uma mancha.
Esta é a minha casa.
Podem sair, ouviram?
Podem sair.
Rua! RUA!
Sacripantas!

Metidos a intelectuais.
Metidos a requintados!
Metidos a blasés!!
Vão pro inferno vocês
e Chopin
e a Señora del Mar
e Geraldy
e Tagore
e as múmias
e o diabo que os carregue!!!
Egoístas! Cínicos! Hipócritas!

DPF
DCDR
Fls. N.º 244
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 408

Começa a remexer nas gavetas da cômoda. Reúne papéis e coisas que traz para a "banqueta" anterior da casa, dentro de uma gaveta. Desta vez ele não usa a porta. A parte da fachada ausente permite-lhe sair da casa como se atravessasse a parede.

Aos espectadores

Vocês viram, não viram?

Pousa a gaveta no chão

Depois de tudo o que eu tenho feito por Dulce!
E apresenta-se com esse sujeito na minha frente, na minha casa, na minha cara!
Pouca-vergonha!
O que vale é que vocês estão assistindo a tudo isso e vêem que eu não sou culpado.
Ah, mas eu hei de descobrir!
Ainda há justiça neste mundo.
Eu hei de mostrar tudo o que aconteceu nestes sete anos.
Enquanto eu estava sofrendo, ela estava aqui, ouvindo as serestas do Dr. Frederico.
Doutor Frederico!
Doutor em quê?

D. P. F.
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

Todo mundo aqui é doutor!
Doutor em quê?
O senhor sabe?
Nem eu.
Doutor em poemas de Geraldy. Doutor em bombons com recheio de amêndoas e licorzinho.
Doutor!

Furioso

Na minha cara, na minha frente, na minha casa!

Voltando-se para onde Dulce e Frederico supostamente saíram

Cínicos! Velhacos! Sacripantas!

Começa a contemplar papéis que retira da gaveta que está a seus pés. À proporção que os vai tirando deixa-os no chão

Dívidas, dívidas, dívidas...
Como sabe fazer dívidas!
É verdade que o dinheiro não era meu. Era do pai dela.
Mas ela precisava pensar no futuro de nossos filhos.
Dívidas.

Pega de um cartão

Boletim do Ginásio Rio Branco.
Aluno Ricardo Tavares.
Ricardinho.
Boletim do terceiro trimestre.
Português — oito e meio.

Começa a interessar-se entre calmo e terno

Boa nota, não é?
"História — Nove".
Inglês...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 409

Começa a comover-se

Veja o senhor! Ricardinho falando inglês!
"Inglês — Nove e meio".
Como o tempo passa, não é verdade?
Não sei se todos os pais sentem da mesma maneira, mas tenho a impressão de que meus filhos cresceram de repente.
Falando inglês!



Ri baixinho e comovido

Ricardinho falando inglês! É o fim do mundo!

Continua a ler o boletim

"Ciências — Dez".
É crânio. Saiu ao pai.

Revolta-se ao lembrar

Mas aquela patinete me tornava a vida insuportável.
Fuiiiiiiin! Fuiiiiiiiin!
O dia inteiro!
Depois a tosse,
a caxumba,
a catapora,
o sarampo,
a coqueluche,
o diabo que o carregue!



Furioso

O garoto parecia ter um contrato de exclusividade com os micróbios!

A um espectador, já mais calmo

Seu filho tem patinete?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 410

Volta ao boletim

"Canto orfeônico — Três!"

Volta-lhe a fúria

É isto! Eu estou dizendo!
Mania de ensinar canto orfeônico nas escolas!
Coisas de Vila Lobos mesmo!
Para que canto orfeônico?

Lê o boletim

"Matemática — Zero!"
Ah, mas é natural! Quem poderia estudar com as malditas recepções de Dulce? E depois... matemática!
Mete-se uma porção de noções na cabeça de um garoto...

A um espectador

O senhor se lembra, por acaso, da fórmula das equações do segundo grau?
Não se lembra, é claro.
Deixe ver: — AB mais ou menos a raiz quadrada do diabo que o carregue menos não sei o quê...
Não é nada disso.
A culpa não é do menino.
Eu sou partidário da educação com grande base psicológica.
É preciso compreender a criança, estimular a criança, dar-lhe apoio, carinho, confiança, ternura, proteção.
Se eu estivesse em casa, Ricardinho nunca, ouviram bem? — nunca!, nunca teria tirado zero em matemática.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 411

Pega em outros papéis

Telegramas... Telegramas...
Uma carta.
Isto é que eu estava procurando: uma carta de Frederico a Dulce.
Radiografias...
Contas...
Receitas...
Uma fotografia...

Contempla a fotografia e começa a rir sem parar, um riso nervoso, infindável. A incredulidade se estampa em seu rosto.

Não é possível, não é possível, não é possível, *não é possível,* NÃO É POSSÍVEL!
Lolinha casada!
Minha filha casada!

A uma espectadora

A senhora está vendo, não é verdade?
Fizeram tudo sem me consultar a mim... O PAI!
Afinal de contas eu sou o pai.
Posso não ser um pai tão bom quanto o senhor ou o senhor, mas um pai.
Mas é uma criança, meu Deus!
Casaram uma criança de dez... *(Corrige)* dezessete anos.
Com certeza Frederico foi o padrinho do casamento.
É insinuante, maneiroso, hábil, sutil, requintado.
E Dulce é tão infantil!
Deixa-se levar pelo primeiro cretino que aparece.
E se o marido de minha filha não prestar?
E se a abandonar? Se fugir?
Sim, porque há de tudo neste mundo.

DPF DCDP Fls. N.º 246 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 412

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,0413

O senhor está compreendendo, não é verdade?, até que ponto eu tenho razão?
Depois um sujeito estrangula, dá dois tiros na mulher e passa a ser um assassino, um criminoso, um inimigo da civilização, condenado pelo céu e pela terra.
Dulce vai *me prestar* contas do que fez de minha filha.
Naturalmente a menina estava atrapalhando o Grêmio Feminino.

A revolta vai em crescendo

Naturalmente estava atrapalhando os seus amores com o Dr. Frederico!
Não podiam comer bombonzinho com licorzinho com a menina ao lado.
E pronto.
Entregue-se Lolinha ao primeiro imbecil que aparecer.

Volta a olhar a fotografia

O diabo é que eu nem conheço o marido de Lolinha.

Desce à platéia e vai consultar uma espectadora, mostrando-lhe a foto. Quando desce já traz consigo outras coisas e papéis, além da fotografia.

Tem cara de bom sujeito, não tem?
E tudo sem me consultar!

Lê num pedaço de papel

"Teu riso tem cristais desconhecidos..."
Já escrevi isto há tanto tempo!

Lê noutro papel

"Três camisas, duas toalhas..."
Lavadeira.

Súbito sua fisionomia se alegra. Encontrou um seu retrato e mostra-o a todos

Meu retrato. Vejam o meu retrato.
Vejam o retrato de um homem feliz.
A minha cara de antigamente.

Volta a ter em mãos a carta

Isto. Isto é que eu queria mostrar a vocês.
A carta de Frederico a Dulce.



Revoltado

Cínicos!

A esta altura Gumercindo está recostado na escada que liga a platéia ao palco. Começa a ler a carta

"Minha querida Dulce".

Aos espectadores

Estão ouvindo bem? O senhor está ouvindo? A senhora? Muito obrigado.
"Minha querida Dulce". *(Querida, compreendem?)*
"Deveria existir um dicionário de silêncio, de palavras inexistentes, palavras nunca pronunciadas, palavras nunca ditas".
Dicionário de silêncio! Dicionário de pouca-vergonha, seu canalha!
"Gumercindo há sete anos não dá notícias suas e você, querida Dulce",

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 P-479

Querida Dulce, compreendem?

"...e você, querida Dulce,"

Querida Dulce!

"...sempre fiel, sempre boa, sempre dedicada à recordação daquele crápula,"

O crápula sou eu

"...um crápula que fugiu com uma vagabunda qualquer e gastou todo o dinheiro, todo o dinheiro que pertencia a você, Dulce, nas roletas de Mar del Plata."

Quem perdeu não fui eu. Foi Eurídice.

"Só eu sei da pureza que você possui, do que você tem sofrido, da sua dedicação, do seu grande amor por Gumercindo".

Amor por mim? Ah... ah... ah...

"Chegou o momento de pensar em nós. Pense um pouco em nós, Dulce. Seu eterno — Frederico."

Pensar neles!

Cínicos! Egoístas! Hipócritas!

Pensar neles enquanto eu caminhava derrotado, enquanto eu sofria calado as perdas da roleta, enquanto Eurídice me abandonava solitário e triste!

Pensar neles enquanto eu sofria a fome, a tortura moral, a desgraça de não poder ver meus filhos.

Pensar neles!

Chegou a hora de pensar neles!

Sacripantas!

Relê mais calmo

"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".

Como quem descobriu algo

Esta carta foi forjada, [illegible]jada para

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p 415

que eu a encontrasse e acreditasse nela. Souberam que eu viria, escreveram a carta e pronto. O imbecil será enganado. O idiota engolirá qualquer pílula.



Relê

"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".
Onde estava esse amor quando eu estava aqui? Onde?!

Lê a carta

"Não continue a chorar, Dulce. Aquele bandido não merece uma única lágrima.
Esqueça-o. Já sofreu bastante minha *querida* Dulce".

Furioso

Vejam bem os conselhos desse miserável!

"Esqueça-o". Esquecer a mim. Pensa que é fácil.
Ela precisa lembrar-se e lembrar-se muito do que me fez, de tudo o que eu sofri, da tortura por que passei.

Relê

"Só eu sei... do seu grande amor... por... Gumercindo".



Concessivo

Bem. Eu não digo que ela não me amasse. Mas compreendam bem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 4/6

Qual é o papel de uma mulher que ama quando o homem que ela ama se apaixona por uma vaga...

Corrige depressa

...por uma outra mulher?
É lutar por ele. Fazer algo por ele.
Procurar reconquistá-lo.
Foi isso que ela fez?
Não.
Fechou-se em seu orgulho,
procurou elevar-se,
procurou esquecer,
afogando-se nas reuniões monótonas, nas exposições sombrias, nos concertos da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

Lamentoso

Eu precisava de uma mulher que me dissesse: — "Gumercindo, isto é uma loucura. Isto é uma loucura Gumercindo".

Revoltado

Ela não moveu um dedo para me salvar.
Deixou que eu me atolasse.
Renunciou covarde, imoral e infamemente.
Conseqüência: — atolei-me até aqui.

Humilde e saudoso

Agora estou de volta.
Não é tarde para recomeçar.
Seria tão bom!
Ter Lolinha ao lado.
Ter Ricardinho...
Ricardinho falando ingl[illegible]: "How do

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, f. 417

you do, father?
Tudo como antigamente

Irritando-se

Mas ela não quer falar! Não quer explicar nada, absolutamente nada! Não quer.
E aquele Doutor Frederico?
Aquele canalha sempre ali, sempre firme e fiel como um cão.

Acalma-se e pega num papel

Receita...

Vai pegando em outras coisas

Radiografia de pulmão...
Receita de Estreptomicina...
Dr. Mendonça...
Menor Ricardo Tavares...

Começa a preocupar-se, começa a assustar-se

Ricardinho... doente...

A um espectador

O senhor é médico? Doutor, para que é que se dá Estreptomicina, hem?

Aflige-se

É coisa ruim, doutor?

Mostra ao espectador a radiografia

Veja esta chapa. É dele. É grave, doutor? É GRAVE?

Olha assustado e angustiado em torno de si

Por que estão calados?
Por que me olham assim?

DPF
DCDP
Fls. N.º 249
Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461.P.418
D.P.F.
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
POLÍCIA FEDERAL

Começa a reconstituir os fatos com angústia, enquanto vê outros papéis

Conta do Sanatório Boa Esperança... Conta do menor Ricardo Tavares... Ricardinho... Campos do Jordão... Sanatório... Deve estar muito frio... Muito frio... Estreptomicina... Ricardinho...

Num crescendo de angústia

Por que me olham assim?
Eu não tenho culpa de nada.
Eu não fiz nada.
Vocês viram. Eu nem sequer estava aqui.
Por que não salvam meu filho?

Grita desesperado

Por que estão me olhando?
Corram! Ricardinho está doente. Doente...
Meu filho está doente...

Olha desvairado e fala baixo

Meu filho está doente...
Sanatório...
Estreptomicina...
Frio...

Olha as suas mãos. Nelas ainda estão papéis, telegramas...

Telegramas...
Telegramas...

Lê assombrado um dos telegramas

"Sinceros pêsames falecimento nosso inesque... cí...vel... Ri...car..."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p419

Deixa cair o que tem nas mãos e contempla a platéia desvairado. Neste momento GUMERCINDO entra em completa alucinação

Madame. Por favor! Não me olhe assim. Eu não tive culpa.

Frio... Está muito frio...

Dizem que, às vezes, até cai neve em Campos do Jordão.

DPF
DCDB
Fls. N.º 250
Rubrica

Grita para o palco

Pare! Pare de tossir, Ricardinho.
Papai já vai. Tome o remédio...

Volta-se furioso para a platéia

Bandidos! Ladrões!
Eurídice! Não jogue nesta roleta.
São todos uma cambada de ladrões.

Grita choroso para o palco

Eu já vou.
Eu já vou, Ricardinho. Mas pare com essa tosse, Ricardinho. Pare com essa tosse, pelo amor de Deus!

De repente "vê" surgir Dulce na sala e sobe delirando de alegria da platéia ao palco

Dulce! Dulce! Você voltou, Dulce! Eu sabia, Dulce, que você voltava.
Que mala é essa? Veio buscar suas coisas?
Dulce. Eu já sei de tudo. Já sei que Lolinha casou.
Já sei que Ricardinho m...
Sei que você tem sido fiel sempre... sempre... sempre...
Não vá, por favor!

POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 420

Suplicante

Não me deixe só.
Não me abandone, pelo amor de Deus!
Eu preciso de você, Dulce.
Eu preciso de suas palavras e dos seus cuidados...

Docemente

"Gumercindo. Faça a barba, Gumercindo".
"Gumercindo, vista outro terno".
"Gumercindo, descanse um pouco".

Suplica quase chorando

Eu preciso do seu piano e de suas valsas.
Eu preciso de sua pureza e de sua grandeza de alma.
Não me deixe, Dulce. Não me deixe...
Dulce. Peça ao Ricardinho para parar com essa tosse.
Pare com essa tosse, Ricardinho!
Pára com essa tosse, pelo amor de Deus!

Explode dirigindo-se à platéia

Ladrões! Bandidos!
Essa roleta é um roubo!
Quero o dinheiro de meu filho.
São todos uma cambada de ladrões.
Não, Eurídice. Não jogue mais!
Todos são culpados.
Vocês mataram meu filho.
Todos. Assassinos!

Desesperado

Parem. Parem. Parem com essas pedras.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 421

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 422

Não arrastem essas pedras, pelo amor de Deus! Não é preciso. Não é preciso construir as pirâmides, não.

Ricardinho. Ouça, Ricardinho. Está frio?

Muito frio? Dulce, o suéter azul de Ricardinho.

Meu filho. Fale um pouco. Fale inglês, meu filho.

Papai quer ouvir.

Lolinha! Estava bonito o seu casamento?

Marcha Nupcial e tudo? Que beleza!

Você botou o mesmo vestido de sua mãe? O vestido de Dulce?

Que maravilha?

E o padre... o que disse? "Proteger o lar... Zelar pelos filhos... construir um futuro de felicidade, de imensa felicidade..."

Dulce. Não me deixe agora. Agora não, Dulce. Podemos começar tudo de novo.

DPF DCDB Fls. N.º 251 Rubrica

Parem. A Marcha Fúnebre, não.

Eu quero as valsas, de Chopin.

Parem!

Podemos começar tudo de novo.

Ricardinho vai ficar bom.

Vai ser uma maravilha! Vai ser como antigamente!

Tão bom, Dulce!

Você e suas valsas de Chopin...

E a declamadora com *"Ruega por los niños, Señora del Mar"*.

Que coisa linda, Dulce! Veja que coisa linda!

P.F. CENSURA FEDERAL REGIONAL - RJ

"Ruega por los niños!"

Vai ser tudo como antigamente.

Como antigamente?

"Sinceros pêsames"...

Onde ouvi isso?

"Sinceros pêsames..."

Pêsames por quê Dulce?
Não, Dulce! Não é possível!
As crianças não morrem nunca. Não devem morrer.

Apontando um espectador

Que é que o senhor está fazendo aí?
Deixou a mulher e os filhos em casa e veio?
Sozinho?
Sua vida é um inferno? Intolerável?
Surgiu uma Eurídice em sua vida, também?
Para salvar os filhos é preciso acabar com todas as Eurídices do mundo.
Quem vai cuidar de seus filhos?
Quem manterá o seu lar?
Concordo. Já sei.
Mas seus filhos não têm nada com isso.
Ah! Tudo seria tão fácil se não fossem os filhos! Se as crianças não nascessem e, sobretudo, se as crianças não morressem.

Desesperado, alucinado

Estas mãos!
Estas mãos não são minhas!
Parem com esse Chopin. Parem com essa declamadora. Parem com essas gargalhadas.
Ricardinho está dormindo.
Parem com essa roleta.

Tentando justificar-se ainda

Vocês viram. Todos viram que eu sou inocente de tudo o que aconteceu.
Dona Gervásia falando-falando-falando-patati-patatá-patati-patatá-patati-patatá... E as múmias e o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-123

dó — ré — mi — fá — sol e Vila Lobos e Prokofief e isso e mais aquilo e porque o azul de Portinari e porque o amarelo de Portinari e porque o cor-de-abóbora de Portinari, e não sei o que mais...

Patati-patatá-patati-patatá-patati-patatá.

E os escravos avançam.

Enormes pedras são arrastadas para a construção da grande pirâmide de Quéope.

Gargalhada histérica

Para que as pirâmides?

"Quarenta séculos vos contemplam".

Para que os quarenta séculos?

E mais angústia...

e mais confusão...

e mais guerras...

e mais bomba atômica...

Transição. Como na roleta

Vermelho!... 32!

Preto!... 27!

Hagan juego, señores!

Hagan juego!

A bomba vem caindo sobre Hiroxima.

Fuiiiiiiiiiiiiiiiiiiin! Pum!

Acabou Hiroxima.

Hagan juego, señores

Hagan juego.

Neste momento, diante da porta de sua casa ele parece vislumbrar Eurídice. Dirige-se a ela suplicante.

Eurídice!

Eu preciso de você, Eurídice!

Minha vida está em suas mãos.

Essas mãos tão puras, Eurídice!

Deus gosta mais das mãos puras que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,8,424
DPF DCDR Fls. N.º 352 Rubrica
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

das mãos cheias.
Onde está a linha da vida, Eurídice?
Como é linda a sua mão!
Eu preciso de você, Eurídice.
Eu preciso de uma dessas jóias que cobrem as suas mãos.
O menor de seus anéis me salvará a vida.
Dei a você tudo o que eu tinha.
Toda a minha fortuna.
Tudo, Eurídice.
Por você deixei tudo, renunciei a tudo.
Não quero nada demais.
Só quero o menor de seus anéis.
O menor de seus brincos.
O menor de seus colares me salvará.
Ouça, Eurídice.
Toda a minha fortuna está em suas mãos.
Mãos suaves, ternas, acariciantes...
Mãos que eu cobri de anéis e de pulseiras.
Mãos pedindo preces, ternura e amor.
Você se lembra, Eurídice? O "Poema das Mãos".
Em tudo eu só via as suas mãos.
Na carícia e na roleta.
Por favor, Eurídice!
Eu quero o menor de seus anéis. O menor!

Irritando-se

Ah, não quer?
"Únicas lembranças de um amor que já morreu?"
Cínica!
Canalha!!!

Ergue um revólver fictício contra "Eurídice" e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461/F.425

dispara acompanhando a queda do corpo. Quando o corpo cai ele grita

Morre! Assim!... Assim...
Pensou que eu não me vingaria?
Pensou que eu ia ficar sem as minhas jóias, deixando em ruínas a mim e aos meus?

Ajoelha-se desesperado diante do "corpo"

DPF
DCDB
Fls. N.º 253
Rubrica

Eurídice!
EURÍDICE!
Não, Eurídice!
Eu não queria matar você.
Eu juro.
Eu juro que não queria.
Este revólver era para eu me suicidar.
Mas não tive coragem.
Sou um covarde, Eurídice.
Um covarde.

Chora. Depois repete saudoso

Mãos pedindo preces, ternura e amor.

Riso histérico

Ninguém. Ninguém vai descobrir que eu matei você, Eurídice.
Ninguém.
Você pensa que foi fácil?
Pensa que foi fácil iludir toda a polícia de Buenos Aires?
Mas recuperei tudo.
Arranquei de seu pescoço e de suas mãos todas as jóias... Toda a minha fortuna estava em suas mãos... Todas as jóias...

Tira do bolso, maquinalmente, colares, anéis, pulseiras, e os vai deixando cair no chão

D. P. F.
PERÍCIA CRIMINAL
SETOR REGIONAL - RJ

Vim para reconstruir minha vida.
Vim para erguer-me novamente.

Neste momento ele se ergue e enquanto diz as

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 4.26

primeiras palavras seguintes as últimas jóias escapam de suas mãos.
Uma luz azulada vai-se infiltrando para substituir a luz clara do ambiente.
Duas lâmpadas estão acesas sobre a cômoda desde o começo deste ato.
A luz azul vai tomando conta do ambiente e vai-se concentrando na figura de GUMERCINDO que fala com emoção e lágrimas crescentes

Eu quero cobrir as suas mãos de jóias. Eu quero as suas mãos, Dulce.
As mãos que tocavam Chopin,
as mãos que educavam meus filhos.
as mãos que me consolavam e me davam ternura e amor, sem pedir nada em troca.
Eu quero suas mãos, Dulce.
Mãos que não pedem harpas,
que não pedem preces,
mãos que não pedem nada.
Mãos que só sabem dar.
Eu quero suas mãos, Dulce.
Comecemos tudo de novo.
Eu voltei.
para ouvir de novo
o riso de Lolinha,
o dó — ré — mi — fá — sol,
a Señora del Mar,
Vila Lobos,
Portinari,
as múmias,
os faraós,
as valsas de Chopin!

DULCE! EU VOLTEI, DULCE!

Chora e ri ao mesmo tempo e cai de joelhos como em prece.

EU VOLTEI!

Fim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046 | p. 427

DPF
DCDR
Fls. N.º 254
Rubrica

Esta peça só tem um personagem porque não pode *ter mais de um. Um homem sozinho com o seu desespero.*

Os papéis e documentos que Gumercindo Tavares apresenta devem ser os mais "autênticos" que for possível.

Esta "veracidade" dentro do absurdo de Gumercindo Tavares cria um clima psicológico muito curioso e decisivo na comunhão de sentimentos.

Quando Gumercindo Tavares dá um cartão de visitas é um cartão de visitas autêntico, onde se lê Gumercindo Tavares, escritor.

Quando ele lê um telegrama, esse telegrama é "de verdade".

Assim são "verdadeiros" o boletim, a radiografia, o seguro de vida, as fotografias, as receitas e assim por diante.

Todas essas coisas permitem um contato mais direto, servem de pretexto para uma aproximação maior entre o ator e a platéia. Às vezes se travam diálogos curiosíssimos, devendo o ator estar prevenido para qualquer emergência. Cremos que este é um dos pontos em que existe inovação indiscutível.

A participação da platéia é real, positiva. Não existem comparsas.

Quando Gumercindo Tavares pergunta por exemplo, "o seu filho tem patinete?" o espectador pode confirmar, negar ou manter-se indiferente, disto dependendo a própria representação.

Se o espectador diz que sim, o ator atalha:

— "Então o senhor deve compreender o que isto significa".

Se o espectador não diz nada o ator prossegue normalmente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 428

Na cena em que ele pergunta:

— "O senhor se lembra da fórmula das equações do segundo grau? — pode acontecer que o espectador diga que sim. Neste caso o artista o obriga a dar a fórmula em voz alta.

Se o espectador não se lembra ou não quer dizer o ator atalha:

— "Não se lembra. É claro!"

O soneto que Gumercindo Tavares escreveu e que se inicia com "Teu riso tem cristais desconhecidos" deve ser completo embora ele só leia a primeira linha. Para isso basta completar o soneto sem muito talento, pois o personagem assim o requer, e deixá-lo com a platéia.

Mas o principal elo desta união entre texto, ator e platéia não está no fato de o artista descer do palco, não está somente nesta intimidade que se estabelece. A comunhão se dá pelo fato de a platéia participar do drama, sentindo-se parte dele, sentindo-se cada um dos espectadores como fragmento da história de Gumercindo Tavares e na recomposição desses fragmentos toda a platéia está dentro da história, sentindo-a e emocionando-se com ela.

*

* *

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0961,P.429

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.430



ESTA NOITE CHOVEU PRATA!

(Peça em três atos, para um só ator, que vive três personagens diferentes.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.431

DPF
DCDP
Fls. N.º256
Rubrica

Depois do extraordinário êxito de As Mãos de Eurídice, *peça de um só personagem e que realizou a façanha de, em todos os países em que foi representada, mostrar e provar que um "monólogo" pode ser altamente teatral, pensou-se que o autor não seria capaz de repetir a façanha com uma outra peça para um só ator.*

A façanha teve lugar. Pedro Bloch, evidentemente, não repetiu a técnica que usou em As Mãos de Eurídice, *mas foi para caminho completamente diferente.*

Em Esta Noite Choveu Prata! *quis Bloch proporcionar a um grande ator a possibilidade de mostrar toda a sua capacidade cênica. O intérprete vive um personagem diferente em cada ato, mas os três estão ligados intimamente pela história.*

No original o ator vive no primeiro ato o personagem português Francisco Rodrigues; no segundo ato ele é o maestro italiano Pietro Bonardi e no último é o ator brasileiro Camilo, envelhecido, no final de sua "glória" e de sua carreira, abandonado por todos, salvo pelos amigos Francisco e Pietro

Por que as nacionalidades diferentes?

Em primeiro lugar em função da própria história a ser teatralmente contada. Além disso, as diferentes nacionalidades, permitem ao ator uma diferenciação interpretativa mais flagrante, mais funda, uma separação de tipos mais perfeita, através da maneira de ser, do temperamento, do caráter, do gesto, do sotaque, das expressões, das citações, de tudo.

Mais ainda: procurou o autor, na versão brasileira, dar ao português um caráter-síntese da nacionalidade portuguesa, nessa rusticidade cheia de ternura, nas explosões simplórias mas cheias de coração, nessa rudeza de mãos e de gestos que escondem uma alma transbordante de amor, mas com imensa vergonha da bondade que transborda. Procura mascarar na frase brusca e "violenta", sua solidariedade, sua amizade, sua invencível generosidade, bem portuguesas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P-932

O italiano procura resumir a alma de seu país. Procura, através de gestos e do modo de ser, através de uma verbosidade cheia de bemóis, cheia de paixão e vibração, contar sua "tragédia", à maneira de um "terceiro ato de ópera", até o final "grandioso", quando, percebendo o que perdeu, vive a cena culminante do segundo ato.

No terceiro ato o indivíduo que está oculto por um biombo, mas cuja presença cresce, desde o início até o fim da peça, ergue-se de seu leito, após a visita dos dois amigos (nos dois primeiros atos) e vive seu papel. É aí que nós descobrimos que estamos diante de um velho ator brasileiro.

Cada ator, de acordo com o seu passado, revive "ad libitum" a certa altura do terceiro ato, seus grandes êxitos passados. Isto tem um propósito: — não o de encaixar cenas parasitas, mas o de unir o ator ao personagem, de maneira a criar a ilusão de que não se poderá separar o ator do intérprete, o personagem real do personagem de ficção.

Nas versões para outros idiomas é lógico que o português foi transformado num tipo rústico de outros países. O maestro italiano é um tipo familiar em toda parte, continua como "maestro" e o ator passa a ser ator do país da ação da peça.

Pode-se achar, à primeira vista, que a peça possui, freqüentemente, sentimentos primários, frases muito diretas, uma fuga de "sutileza". Psicologicamente é a única maneira de interessar e prender o público nesse gênero de obras. Deve a peça ser representada em "tom maior".

Sim, a peça tem muita coisa simples e primária. Não tenhamos vergonha nem da simplicidade, nem do primarismo. É a volta ao sentimento primário, o pisar de novo a terra com pé descalço, que dão à vida sua verdadeira beleza, sua autenticidade verdadeira. O mundo atravessa os momentos que atravessa porque ignora a profundidade das coisas mais simples.

* * *

Marcel Achard disse desta peça: — "É obra de um extraordinário homem de teatro!"

* * *

Procópio Ferreira já representou esta peça muitas centenas de vezes no Brasil e em Portugal. João Villaret (o saudoso e grande ator português) viveu Esta Noite Choveu Prata!, *em Portugal e na Argentina, tendo percorrido grande parte da África somente com esse original, transformando-o em seu maior êxito teatral. Zygmunt Turkow apresentou-a no Brasil, em Israel, na Argentina, no Chile, no Uruguai, na Austrália e em vários outros Países. A versão de Willy Keller foi vivida na Alemanha.*

Grande número de atores continuam representando Esta Noite Choveu Prata! *que, a exemplo do que ocorreu com* As Mãos de Eurídice, já alcançou milhares de representações em todo o mundo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P-433

DPF
DCDP
Fls. N.º 234
Rubrica

Cenário

Idêntico para os três atos. Um quarto de uma casa do interior brasileiro. Ao fundo uma cama com um biombo, colocada de tal maneira, que fica oculta, quase completamente, para o público. Fotografias pelas paredes, algumas representando um ator em diferentes criações e a de uma mulher lindíssima.

Diante do biombo duas poltronas surradas. Uma pequena mesa com telefone. Cabide com roupas diversas, chapéu e robe-de-chambre. Deve-se tornar plausível a existência da pessoa que está deitada no divã. Suas pernas cobertas por um lençol podem entreaparecer. Também não é proibido que um auxiliar esteja ali realmente deitado; isto, porém, é dispensável e roubaria um pouco do "tour de force" do intérprete.

Portas laterais. Janela ao fundo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p-434



Primeiro Ato

Rodrigues, um português de cerca de cinqüenta anos, é o primeiro personagem que chega.

Rodrigues é todo bondade, mas tem vergonha de seu imenso coração que ele procura ocultar, sem resultado, por detrás de expressões violentas, de rudezas e impropérios em que ninguém acredita.

Sua falta de cultura, sua simplicidade, fazem com que empregue as piores palavras com as melhores intenções.

RODRIGUES

Vai mal, senhores! Vai muito mal. Por favor! Não me façam barulho, pelo amor de Deus! *(Olhou o amigo no leito e sacudiu a cabeça, preocupado. Fala, alternadamente, com o público e com o homem estendido no leito, homem este que o público não consegue ver.)* O doutor já cá veio? Ainda não? *(Olha o relógio de bolso, preso a uma solene corrente.)* Quem havia de di-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p-435

zer, hem? A vida não vale mesmo nada. Um dia o gajo está bem. No outro... Bonardi já apareceu por cá? Não? Então o raio desse italiano não sabe que o Camilo não pode estar só? Silêncio, por favor!

Rodrigues, lentamente, na ponta dos pés, torna a aproximar-se do leito, analisa o enfermo, faz "não" com a cabeça e suspira profundamente.

Ai, ai, ai, ai, ai,! Como é, seu Camilo? Isto melhora ou não melhora? Que diabo, homem! Fica bom duma vez! Afinal de contas já lá vão dez, vinte, trinta, quarenta dias... que eu te trouxe a esta minha casa e tu não abres o raio desta boca nem para pedir um copo d'água! Fica bom, Camilo! Fica bom. E olha: não te preocupes. Todas as despesas... por minha conta. E não se fala mais nisso. "Tudo por minha conta". Este é o lema do velho Rodrigues. Sabias? Pois se não sabias, ficas a saber. Se te curas, muito bem. Conta comigo. Mas se Nosso Senhor resolve chamar-te à doce paz do Paraíso... também não há nada. Faço-te o raio de um enterro! Flores, missa, o diabo! Quando se trata de um amigo não se olha as despesas. Vão-se dez, vinte, trinta, quarenta mil... O que for preciso. E não me abras esta boca porque senão pioras... já sabes. *(Ri baixinho, comovidamente.)* Como o tempo passa, hem? Como passa! Olha: eu ainda nem acabei de dizer que o tempo passa e o raio do tempo já passou. Eu cá cheguei ao Brasil... um

miúdo deste tamanito... Cresci... forte como um toiro e corado como uma cereja. Casei e fui feliz, tu sabes. Depois... ela veio vindo... veio vindo... como quem não quer nada... a manhosa... a enroscar-se na alma da gente... Veio vindo aquela saudade amarga da santa terrinha. Eu já não podia mais. Eu precisava ver de novo a colheita das azeitonas. Eu queria derramar de novo, fazer escorrer goela abaixo aquele vinho bom. Fui. Não te conto nada. Ou por outra: — conto! Quando cheguei perto de minha casa, depois de haver corrido pelo campo como um doido... lá encontrei tudo como dantes. Minto. Melhor do que antes. Era o *antes* pintado de saudade. Lá estava minha mãe... minha doce mãezinha a lavar a roupa. Não te conto nada. Ou por outra: — conto. Deu-me um aperto no raio do coração que parecia que ia estoirar. O céu se misturou com a terra e as lágrimas eram como estrelas a mostrar o caminho da saudade.

— "Mãe!" — gritei eu. "Mãe"! "Minha mãe"!

Ela não me esperava. Não me reconheceu. Olhou-me bem no fundo dos olhos e perguntou:

— Quem és tu, raio d'homem?!

— *(Desesperado)* "Mãe! Sou o teu filho Francisco Rodrigues que chega do Brasil"!

Ela olhou-me bem, examinou-me e disse:

"— Se és o meu filho Francisco Rodrigues, mostra-me o dente de oiro

DPF DCDR Fls. N.º 1259 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 436

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 437

que tinhas quando de cá partiste."
Mostrei. Por sorte não mo haviam arrancado. Então foi aquela coisa. Eu me pus a chorar, ela se pôs a chorar, toda gente se pôs a chorar e foi um tal de dizer nomes e coisas que nunca mais acabava. Bebi o meu bom vinho, vi os amigos, beijei minha mãe, abracei os irmãos, matei a saudade e voltei ao Brasil. Sim, porque a minha falecida aqui estava, pois não? E cá estava o teu filho, pois não? Esse miserável que não volta. Estás a ver, hem? Cria-se um miserável desses, dá-se-lhe comida, educação, carinho, passa-se noites sem dormir... e para quê? PARA QUÊ? *(grita para o público.)* Sim, para quê? *(mais tranqüilo)* Vocês todos são gente boa, gente preparada... devem saber para que... porque eu, palavra de honra!, não sei. *(sofrendo)* Desaparece. Foge. Deixa um pai viúvo e doente como tu e um padrinho viúvo e rico como eu. E foge. Bem, que fuja de um padrinho como eu... vá lá! Compreende-se. Mas que fuja de um pai como tu!!! Tu foste rei, Camilo! Tu foste mais rei que todos esses reis juntos. *(Aponta para o público e ri, com ironia.)* Eles não acreditam. E por que haviam de acreditar? Não te conheceram. Que rei! Olhava-se para ti e dizia-se logo: — *"Sim, senhores! É um rei!"*

Soa o telefone. Pede licença ao público e atende

Alô! Então, seu filho de uma peixeira

napolitana, tu me deixas cá só e não vens tomar conta do nosso amigo? Sim, espero. Mas não me tragas essa *rebeca* desafinada. Respeita um moribundo, ouviste?



Desliga. Para o público

Raio de italiano! Os senhores me desculpem a falta de educação, mas um sujeito se dana todo quando fala com esse gajo. *(Transição, depois de pausa.)* Ah, Camilo, Camilo! Ela era linda... a tua mulher! Palavra d'honra que eu era capaz de ter casado com ela. Mas eu sou bronco, desajeitado, não sei onde ponho as mãos nem onde estão as palavras certas. Minhas palavras saem do coração e vão direto à boca, tu sabes. Não passam pelo pensamento.

Era bela a tua mulher, hem? Chegaste com todas aquelas palavras doces e cheias de melaço... e pronto. Ela não resistiu. Mas queres saber a minha impressão? Não era de ti que ela gostava. Era do Bonardi, esse maestro italiano. "Maestro!" Nosso amigo Bonardi é um "número", pois não? *(Ao público)* O raio do homem diz que já andou a dirigir grandes orquestras, que já foi isto, mais aquilo, mais aquiloutro, mas não passa de um rabequista de terceira. Não pára de falar num tal de... como é o nome?... ah!, *Foscanini!* Pra mim o homem foi mesmo é engraxate e anda por cá a inventar coisas. Um momento. Não está na hora do remédio? *(Encontra o remédio*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 438

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,V.2-439

sobre a mesinha, verifica, coloca-o na colher e vai para trás do biombo para dá-lo a Camilo.) Toma. É amargo. Eu sei que é amargo. Mas tu sabes: "o que é amargo cura... e o que aperta, segura". Não é que eu acredite nessas panacéias... Mas já está pago, não é?... Pra mim... vale mais um padre-nosso rezado com fervor que todas essas porcarias... *(Subitamente aflito)* Camilo! Camilo! Estás a sentir algo, Camilo?... Que é que tu tens, Camilo? Abre os olhos, pelo amor de Deus! Camilo, não me faças uma coisa dessas! Sou teu amigo, Camilo. Sou o Rodrigues. Olha!... Ah, meu Deus! *(Desesperado, para o público.)* Corram. Façam qualquer coisa. Por que ninguém se levanta? Depressa! Um médico! Um doutor!

Corre ao telefone e fala

Telefonista... O doutor. Depressa, o doutor! Que doutor?... Qualquer doutor. Não, diabo! Advogado não serve. Doutor em medicina. Espere. O doutor Castro. Isto. O número? A menina não sabe o número? É 275... Não, espere. É 257. Um instante, diabo! 257 é o número do Agostinho-Alfaiate. É 572. Isto: 572. Depressa, por favor. Alô! Doutor. Depressa, Doutor. Depressa!

Aqui é o Rodrigues, Doutor... Do "Bar Coração Lusitano"... O senhor podia... Ah, o senhor não é o doutor? É o *insistente?* E o doutor? Está longe? Onde? Daqui a uma hora? Mas eu não posso esperar uma

hora. O senhor não vê que eu não posso esperar? Olhe só a cara do Camilo. *(Quase estende o fone, como se o outro pudesse ver através do fone a cara do enfermo.)* Encontre-me o doutor que eu pago, ouviu? Pago tudo. Pago dez, vinte, trinta, quarenta, o que for preciso, compreendeu? E mande a conta pro "Bar Coração Lusitano", Francisco Rodrigues, português com muita honra e brasileiro de coração.

DPF
DCDB
Fls. N.º 261
Rubrica

Pendura o fone e enxuga a testa suada. Corre para Camilo e percebe que este melhorou. Suspira aliviado

Ai! Já estás melhor, Camilo? *(Começa a rir, meio assustado, meio aliviado, num riso que começa indeciso mas que vai se definindo.)* Tu ainda me matas com esses sustos. Não te afobes, Camilo. O doutor vem já. Doutor em medicina. Paga-se o que for preciso. Enquanto ele não vem eu cá te distraio. *(Ainda com restos de inquietação.)* Estás melhor, não é verdade? Vê-se logo que estás melhor. Olha, não fiques a pensar tolices. Pensa em coisas agradáveis, pensa em coisas boas e melhoras logo. Pronto. Pensa no teu enterro, nas missas, no diabo! Pensa no nosso tempo... Ah, nosso tempo! Quem havia de dizer, hem? Agora... a minha Joaquina morreu... Tua Celeste fugiu... A mulher do Bonardi... ainda está por nascer. Esse pobre-diabo perdeu toda a vida por causa dessa mania do violino

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0261, P. 440

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 P-441

e de que já foi grande coisa em Nápoles, Gênova e o diabo que o carregue... mas que o traga de volta. *(Pausa.)* É só não te afobares que ficas bom. Mas, também, se não ficares não te preocupes porque vai ser um enterro como nunca se viu nestas redondezas. Mando botar uma *estauta* em tua sepultura... e mando escrever na pedra... ouves bem?... na pedra!... "Aqui jaz Camilo, meu amigo." Meu amigo! Sim, porque *amigo* é a melhor coisa que se pode dizer de um gajo. Amigo diz muito mais que doutor. Para ser doutor basta ter um diploma. Mas amigo... *(Ao público)* Os senhores não assistiram ao meu casamento, pois não? *(Tira uma foto do bolso e mostra-a de longe.) Aqui está!* Vejam. Este sou eu. Esta cá é a Joaquina. Que casamento! Tudo do melhor! Correu cerveja como um rio. Um tanque cheio de galinha assada. E vinho! E quanto fado! E os guitarristas? Por pouco que cá não vinha a Amália e mais a Santa do Fado. Mas os fadistas eram bons. Como era mesmo aquele fadito? *(Tenta recordar cantarolando, até que acerta.)*

"Pensas que eu vivo contente
Afirmas que sou feliz
Quem fala mais menos sente
Quem mais sente menos diz"

Que beleza! Ai tempo bom! Mas, como diz o ditado... *(Tenta recordar)* Como é mesmo? Bem, não interessa... Um dia... Ah, dia miserá-

vel... a minha Joaquina morreu. Era... era... sei lá!... era como se a noite caísse de repente. Era como se... como... Eu já não sabia mais o que fazer de minhas mãos, de meu coração, do meu dinheiro.

Eu só vivia me dizendo a mim mesmo: *"Ó Rodrigues, sua besta! Por que acumulaste toda a vida esse dinheiro todo? De que te serve ele... se ela está morta e nada ta pode restituir?"* Então não encontrei resposta e me pus a chorar. Chorei tanto que acabei com o raio de todas as lágrimas que tinha.

Continuei à testa do meu bar... mas já sem testa nem cabeça. Quando alguém me pedia um aperitivo e dizia: *"à sua saúde"* eu pensava comigo mesmo: *"Saúde? Saúde pra quê? Pra sofrer?"* Palavra d'honra, Camilo, que se eu pudesse ter, de novo, Joaquina perto de mim eu era capaz de dar toda a minha fortuna e mais o relógio que me deixou meu falecido pai. Eu me deixaria arrancar braços e pernas para poder olhar para ela ainda uma vez, ver seus cabelos trançados e seus olhos tristes. Que olhos e que tristeza!

Eu olhava pra ela e sonhava. Sonhos pequenitos, tu sabes. Gente como eu sonha de cabeça baixa. Sabes, Camilo, ela fingia amar-me e eu fingia acreditar nesse amor. A pobrezita não me dava amor. Dava caridade. Ela me via tão apaixonado, a mendigar seu carinho que — de quando em quando — deixava cair alguns trocados de con-

DPF DCDP N.º 262 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 448

solo... e ternura. Mas eu a queria assim mesmo. *(Ao público)* O amor que eu tinha cá dentro dava pra dois, pra dez, pra vinte, pra trinta... Dava pra quarenta. Ouviste, Camilo? Dava pra quarenta.

Aproximando-se do público

De quem ela gostava mesmo... era do Bonardi... o nosso maestro italiano. Eu fingia nada ver, nada perceber. Não, não, não... que tudo foi muito limpo e decente. Eles se gostavam. Joaquina ficava doida quando ele se punha a falar de música. E porque o "Rigoleto" e porque o "Barbeiro" e porque a "Madame *Vuterfly!!!*" e mais o diabo que o carregue! A pobrezita não entendia nada... mas achava bonito. Eu... palavra d'honra... também não entendia... mas gostava.

Depois chegaste tu e toda aquela gente, Camilo. Até hoje não entendo como um gajo como tu, Camilo, deixa tudo e vem morar num lugar como este. Tu és um sujeito formidável! Tu dizes coisas como se fossem de Camões... ou do outro Camilo. E depois... tu amas de um modo engraçado, delicado. Parece que tens o "Lusíadas" na cabeça!

Eu não. Eu... quando quero bem sempre troco as palavras e embrulho os sentimentos. Ou bem que a gente fala ou bem que a gente sente. Este negócio de pensar e sentir ao mesmo tempo...

Foste feliz no começo, palavra d'honra! Abandonaste até a tua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,2-943

carreira por ela, não foi? Mas bem no fundo... continuaste o grande Camilo de sempre. Depois veio o teu filho...

Não te conto nada! Deu-me uma coisa! Eu era mais pai que tu. Eu era o padrinho!

Eu rebentava de alegria. Estoirava. Não cabia em mim de contente. Que ninguém tocasse no meu afilhado. Que tudo do melhor... do melhor!... viesse pro meu afilhado. Pago tudo!

Lembro-me de tudo do nosso pequeno Ernesto. Mesmo do dia em que me molhou as calças novas de casimira inglesa que eu havia comprado no Nagib e feito no Agostinho-Alfaiate. Não me importei. Juro que não me importei. Depois ele cresceu. E foi aquilo que se viu. *(Suspira contristado.)* Eles crescem, arruinam o coração da gente, rebentam com a alma da gente. De repente, vai-se ver, vai-se olhar... e já não estão mais ali.

Primeiro fugiu-te a esposa, a Celeste, depois o teu filho Ernesto. Quem diria, hem? Ernesto... Onde andará? E onde estará agora tua esposa? Sim, porque tu, Camilo, não és viúvo de mulher morta. Tu és viúvo de mulher fugida.

Mas queres saber duma coisa? Deixa tudo por conta do velho Rodrigues. Hoje... palavra d'honra!... resolvo tudo. Hoje... tive uma idéia.

Telefona

Senhorita! Dê-me o Gonçalo. — Gon-

DPF DCDP Fls. N.º 263 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, P. 444

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 445

çalo? Aqui é o Rodrigues. Olha! Continua mal! Que queres que eu faça? Fazem três noites que não durmo! Já se fez tudo. Sangrias, injeção, suadoiro, rezas, o diabo! Mais de quarenta!

Ouve, Gonçalo. Tu me fazes um favor? Passas pela farmácia do Tenório e me perguntas se o raio dessas pílulas são pra hoje ou pro ano... Espera. Tomas um táxi — eu pago! — e vais até São João... me encontras o Detetive Xavier... e o mandas descobrir, de qualquer maneira, a mulher do Camilo mais o filho. Mortos ou vivos! Espera! Vivos! E olha: — Se for preciso... ele que ponha dez, vinte, trinta, quarenta detetives... mas eu quero essa mulher aqui. Quero esse filho também! Quero que vejam o que fizeram do meu amigo Camilo. Não tem mais amor e nada...

Nem à saúde... nem à vida. Quero que essa mulher lhe venha pedir perdão de joelhos... de joelhos, ouviste?... pelo mal que lhe fez. E que o vagabundo do Ernesto venha cá pedir a bênção ao pai... e ao padrinho também. Procurem nas espeluncas... em toda parte... Eu pago...

Dirige-se ao público, depois de haver desligado, em tom lacrimoso

Eu mesmo procuro... eu mesmo ajudo a procurar... Os senhores não viram? Uma mulher linda... de olhos azuis... Que ninguém a olhe muito

porque não resiste... e um canalha que abandona o pai e desaparece. Ajudem-me, por favor. Ajudem-me, senhores. Parece aquela... mas não é... A outra é mais alta. Ela se chama Celeste... E ele se chama Ernesto.

O melhor é tomarem nota que é para não esquecer. Se calhar... podem dar com eles por aí.



Aflige-se cada vez mais

Oh, meu Deus! Meu Deus! E esse doutor que não vem! E Camilo que não melhora!

Olha para o alto e, com emoção crescente, se dirige a Deus

Meu Deus!

Tu que és grande, que estás no céu e que tudo podes. Por favor, meu Deus! Que diabo! É o Rodrigues quem está a pedir. Faze com que meu amigo Camilo melhore, ouviste? Mas faze mesmo! Salva Camilo, pelo amor de Deus!... E olha: se ele melhora... tu me conheces, não é verdade?... Se ele melhora... mando erguer o raio de uma capela para a glória eterna do Teu Santo Nome... Vinte... trinta... quarenta, ouviste? Quarenta capelas!

Chora e grita, desesperado.

Ouviste?... Eu pago tudo! Tudo! EU PAGO TUDO!

Fim do Primeiro Ato

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, 0473

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-447

Mesmo cenário. Tudo igual. Entra Pietro Bonardi, um italiano de meia-idade. Tudo nele denota o artista fracassado. A cabeleira tenta denunciar um gênio em qualquer coisa. A gravata em laço sublinha mais sua vontade de parecer um eleito da arte. A caixa do violino, "grudada" ao braço, completa o quadro.

Sua roupa é antiga, seu ar triste e sonhador.

Aproxima-se de Camilo, sempre sem largar o violino, olha-o e faz que não, lamentosamente, com a cabeça.

BONARDI

Ma che cosa, eh! Ma che cosa!... Amigo Camilo! La vita... La vita... é la vita... Parola de honore! Juro. Você fica bom, Camilo. Ma che cosa! Fica bom.

Dirige-se aos espectadores, com a maior naturalidade.

Per favore, signori! Por favor. Um poco de silenzio per che Camilo está doente.

A um espectador

O senhor não acha que ele fica bom? Fica, não fica?

Grita para o palco

Ouviste, Camilo? Fica bom.

NOTA DO AUTOR: — Nem sempre aí vão corretas as palavras italianas que Bonardi profere. A razão é simples: sua fala já é deturpada e temos a intenção de transmitir, ainda que em parte, a maneira de falar de um italiano que ainda não aprendeu o suficiente de português, mas que já deturpou o seu próprio italiano.

A outro espectador

O senhor quer me fazer um favor? Sobe lá em cima e diz pro Camilo que ele fica bom. Faz favor. É um favor que o senhor faz ao maestro Bonardi. Sono io. Não me conhece? Mas como não me conhece?! Signori! Io sono Pietro Bonardi, maestro! Io ere direttore di grand'orchestri di Napoli... Triesti... Milano... Pisa... Torino... Gênova... Roma. Bene... Roma, propriamente, non era. Vicino Roma, capisce? Perto de Roma, compreende?

Io era violinista ma la mia gran passione era dirigere grandi orchestri cosi come Toscanini... Questo violino é um violino Guadagnini... Vale cem mil cruzeiros. Tenho todos os certificados de autenticidade. Molto sensibile, poveretto... Piange e canta e ride, capisce?

Grita a Camilo

Fica bom, Camilo. Você fica bom. *(Ao público.)* Bene. Vocês já me conhecem: — Sono Pietro Bonardi, maestro. Si... porque la vita é la música e la música é la vita... La vita é melodia, harmonia, ritmo, capisce? L'armonia della fraternitá humana... La melodia delle fanciulle... *(Aponta uma moça bonita.)* Olha ali. Como é bela, mama mia!

Faz um gesto tentando descrever o corpo da moça

Melodia...

DPF DCDB Fls. Nº 365 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, B.448

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 449

La vita tem ritmo. Il ritmo del cuore che palpita... pumpum... ritmo... capisce? pum-pum-pum... Il tempo que marcia... Tic-tac-tic-tac-tic-tac... Ritmo...

Falando ritmicamente

La vita é la música e la música é la vita...

Alisa o violino, carinhosamente

Mio Guadagnini! Ancora sento gli aplausi del público... I miei concerti... Questo violino é tutta la mia famiglia, la famiglia de Bonardi... il famoso maestro Pietro Bonardi... Sono io... Napoli... Trieste... Milano... Gênova... Torino... Pisa... Ro... No! Roma, no. Perto de Roma. Vicino Roma.

Hoje escrevi uma carta a Arturo, sabe? A Toscanini. Aqui, entre nós, somos amigos íntimos. Amicissimi. Toscanini também é bom, eh!

Espero que todos aqui gostem de música porque uma pessoa "antimusicale" é uma persona antisociale, vero?

Ele fica bom, não fica?

Pausa

Quando nasceu o Ernesto, o filho do meu amigo Camilo, eu disse — será maestro, come Arturo Toscanini. E ele disse: giammai! Nunca! Quando nasceu Ernesto ficamos todos comovidos. Tutti comossi... Camilo, Celeste, Rodrigues, anche

io. Un bambino, non é vero? Una cosa cosi simplice. Un bambino. Não precisa chorar, precisa? Má...

DPF
DCDP
Fls. N.º 266
Rubrica

A um espectador

Se o senhor não sabe tocar violino também não tem importância, porque a música não está no violino. Está nel anima, nel cuore.

Toca o telefone. Bonardi corre a atendê-lo

Com permesso! Alô! Parla il Maestro Pietro Bonardi, regente di... Ah... Rodrigues? Io... Estou conversando com uns amigos... amici...

Ele fica bom.

À platéia

Não fica?

No telefone

Fica. Todo mundo aqui está dizendo que ele fica bom. Detective? Oh, Rodrigues. Para que detective? Não deixe a Celeste vir aqui. Será um golpe. Poderá matá-lo. Oh, Rodrigues! Celeste caiu tanto! Tem na cara a marca do vício e da vergonha.

Pobre Camilo! Não. Não vi Celeste. Me contaram. Horrível.

Ela está com uma cara que parece feita dos sete pecados mortais e mais alguns que eu não conheço, Rodrigues. Por favor! Não deixa Celeste vir aqui. Por favor! Está bem, Rodrigues. Está bem. Eu tomo conta dele.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 450

Todos nós tomamos conta dele.

À platéia

Não tomamos?

Ao telefone

Tomamos, sim. Tchau.

Desliga. Aproxima-se do leito onde Camilo está e diz

Ma che cosa, eh! Está dormindo, Camilo? Cuidado, pessoal. Camilo está dormindo.

Verifica que Camilo dorme e aproxima-se dos espectadores, para confidenciar

Eu estava esperando mesmo que ele adormecesse para falar mais à vontade.

Torna a olhar o leito e começa como em segredo

Quando cheguei da Itália trabalhei no Rio de Janeiro. Uma cidade belíssima. Claro não é como Napoli, Gênova, Veneza, Roma... mas também é bonita. Bela, eh!
Trabalhei. Depois começou a me dar um reumatismo nas articulações... e não pude continuar...
Eu carrego o violino comigo mas não toco ele. Reumatismo.
Se alguém sabe um remédio bom para reumatismo fala comigo, vá bene?
Camilo nesse tempo estava trabalhando no Rio de Janeiro. Fazia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 451

grande sucesso. Mamma mia! Que sucesso! Teve pena de mim, sabe? Me levou com ele em suas excursões. Cuore de artista, capisce?

Quando chegamos a esta cidade, Camilo conheceu Celeste.

Foi uma alegria geral quando casou. Nesse dia até o meu reumatismo melhorou e eu pude tocar "umas" tarantela.

Um belo dia, quando Camilo estava viajando... eu contei a Celeste toda a minha vida. Falamos de óperas, de música, de meus concertos passados... Falava e bebia... um vinho português que Rodrigues tinha mandado para Camilo.

Súbito... não sei como... a casa começou a girar... a girar... Eu já via tudo confuso... tudo misturado... olhava e só via sombras e mais sombras... De vez em quando uma luz como que explodia dentro de mim... Eu já não era mais eu. Eu tinha a impressão de que estava na Itália... Diante da minha doce e amada Margherita. A Margherita dos olhos negros e das tranças longas. Parecia que Pietro Bonardi estava correndo outra vez pelos campos, pelos bosques... Visitando Capri... Passeando, outra vez, em gôndolas venezianas... Aquela Margherita que me desprezou para casar com um conde rico, um conde com um castelo, estava na minha frente. E eu sentia seu hálito, il suo profumo. Ela casou com o conde. Chorei muito... depois. Mas naquela hora em que ela passava pela rua e o seu chofer quase me atropelou para dar pas-

DPF
Fls. N.º 267
Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 452

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 453

sagem ao carro da Condessa Margherita... naquela hora eu não podia falar, nem chorar, nem sentir.

Ah, Margherita, Margherita! Que fizeste dos sonhos que sonhamos juntos? Dos castelos que ambos construímos? Das nossas lágrimas e dos nossos sonhos? Dos nossos risos e de nossas nuvens?...

Margherita queria ser condessa. Não uma condessa de sonhos, mas uma condessa de verdade. Não queria um castelo de nuvens, mas um castelo de pedra mesmo. Agora eu sei que ela tem um castelo de pedra e chora, todos os dias, pelo violinista louco, pelo maestro Pietro Bonardi que fugiu para o Brasil, para esquecer.

Tudo isso me passava pela cabeça, enquanto eu e Celeste estávamos bebendo o vinho.

Estou contando tudo isto porque todos aqui são pessoas de confiança, eh! amici!...

Eu juro... juro por todos os santos do calendário romano, que eu não sabia que estava com a Celeste. Para mim... aquela mulher que estava ali, bebendo comigo, era a minha Margherita, a esposa sonhada.

Só quem é artista (vocês todos são artistas, non é vero? Têm almas de artistas)... Só quem é artista é que pode compreender até que ponto aquela fantasia era real depois de uns copos de vinho. Eu estava feliz, radiante, *ubriaco* de vinho e felicidade.

Mais tarde descobri que Celeste me

embriagara de propósito... e que eu havia traído o meu amigo Camilo.

Sofri horrores, passei noites alucinado.

Eu, Pietro Bonardi, tinha traído o meu amigo Camilo. *(Em crescendo.)* Io, Pietro Bonardi, tinha enganado aquele homem extraordinário que me salvou da ruína total, que me achou com fome na rua e me protegeu e me ajudou a continuar vivo. *(Crescendo mais.)* Eu, Pietro Bonardi, tinha traído o homem que me deu seu prato, seu abrigo, que me deu sua palavra de consolo quando eu estava disperato senza fé, senza speranza. *(Desesperado.)* Era assim que eu lhe pagava? Era assim que eu recompensava tudo o que tinha feito por mim?

Agora pergunto, signori: — Eu traí meu amigo?

Não, por favor! Digam que não.

Como traí meu amigo, se aquela mulher, naquele momento, para mim, não era senão a minha Margherita, se era a ela que eu me dirigia, se era a ela que eu amava naquele instante?

Eu traí o conde italiano. Não traí meu amigo. Eu nem sabia o que estava acontecendo, o que estava dizendo, o que estava fazendo!

Comecei a recordar com Celeste e, súbito, depois do vinho, aquela já não era mais a Celeste, capisci?

Não foi a Celeste que eu amei. Foi a Margherita. Como posso ser culpado? Como posso ser acusado de traidor?

Um momento.

DPF DCDP N.º 268 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 457

Dirige-se ao leito em que está Camilo, olha e volta

Está dormindo.

Doce

Ele fica bom, não fica?

Pausa

Que é que vocês acham? Eu devo contar a Camilo a verdade? Toda a verdade?

Porque, afinal de contas, o filho fugiu. A maior dor de Camilo é ter um filho que fugiu. É isso que o torna doente. É isso que o deixa alucinado. Alucinado de dor, compreendem?

Se io, Pietro Bonardi, digo a ele que o filho não é dele... que o filho é meu... talvez ele não sofra... talvez até melhore... porque não terá perdido nada.

Não terá perdido um filho, compreendem?

Ah! *Se assustaro?* Estão *surpresi?*

Sim, o filho de Camilo é meu filho. Foi o que Celeste me contou... depois. Mas compreendam, por favor! — aquele filho não era meu e de Celeste. Aquele filho eu tive com Margherita, a Margherita dos olhos negros e dos *longhe capelli.*

Meu filho e de Margherita.

Celeste contou ao filho que o pai sou eu para separá-lo de Camilo.

Ernesto não quer voltar, não quer olhar Camilo, não quer ver...

Mas nós todos, aqui, vamos colaborar numa grande mentira, stá bene? Olha! Eu vou pedir, vou fazer Er-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P-455

nesto vir aqui. Vou até pedir pro Ernesto para tratar Camilo com todo o respeito e carinho. Vou pedir pro Ernesto para dizer ao pai que quer ser ator como ele, um ator como foi o grande Camilo, um dos maiores atores que já vi trabalhar nos palcos do Brasil.

Camilo precisa ficar bom.

Eu sou capaz de me deixar matar pelo amigo que me deu um teto quando eu precisava, que me deu pão quando eu tinha fome e de quem eu tirei a esposa e o filho sem saber.

DPF DCDP Fls. N.º 269 Rubrica

Toca o telefone

Alô! Parla Pietro Bonardi, Maestro. Quem? CELESTE!... *Sei* tu, Celeste?

Sai do telefone e corre a ver se Camilo ainda está dormindo

Está dormindo.

Volta ao telefone

Si... No, por favor! Não venha, Celeste. Se Camilo vê você ele não suporta o golpe. Eu sei. Eu sei que você é a esposa de Camilo... mas, por favor!... Não. Não há nada para herdar. Ele está quase na miséria. Eu juro. Olhe. Você sabe onde está o Ernesto? Está bem, Celeste. Já sei que não é filho dele...

Como?... Mas, por favor, Celeste. É preciso salvá-lo. Mande o Ernesto aqui. Faz ele tratar bem o Camilo. Depois... o que acontecer não tem importância... Não tem a menor importância, Celeste. Celeste, você não tem coração?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P-456

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.457

Ao público

Não tem.

Ao telefone, novamente

Celeste, manda o Ernesto aqui que eu te dou toda a minha fortuna... Dinheiro não tenho, Celeste... Celeste... eu te dou... dou meu violino. É um Guadagnini legítimo... Vale cem mil cruzeiros... Eu juro... Tenho todos os documentos de autenticidade.

Todos os documentos dos maiores liotistas de Gênova, Napoli, Trieste, Milano, Pisa... e Roma. Anche Roma...

Eu mando... Sim... Mando o violino mas manda o Ernesto ver o Camilo.

Eu mando. Mando já. Mariana... Travessa Abreu, 32.

Ao público

Tomem nota, por favor, que eu não tenho lápis.

"Mariana. Travessa Abreu. Número 32".

Desliga o telefone e caminha derrotado

Eu mando, Celeste. Eu mando.

Abraça, carinhosamente, o violino — Ouve-se, neste momento, um solo triste de violino, que prossegue até o final do ato.

Mio Guadagnini!

Alisa o violino e caminha, depois, com ele, falando, até à porta da direita, onde alguém o

recebe de suas mãos. Ele carrega o violino e o acarinha como se fosse uma criança

DPF
DCDR
Fls. N.º 276
Rubrica

Pobre violino! Poveretto.

Recomendando

Muito cuidado com ele, por favor. Muito cuidado com os documentos. Está tudo dentro da caixa. Leva e entrega a Dona Celeste, em Mariana. Travessa Abreu, número... Como é mesmo o número?... Ecco... 32. Mas muito cuidado, ouviu, paisano? Muito cuidado!

Volta, lentamente, para o palco, sem saber o que fazer de suas mãos e falando consigo mesmo, tropeçando derrotado em seus próprios passos

Pobre violino! Ele é que sabe toda a verdade. Tutta la veritá. Ele é que sabe que eu nunca fui nada mesmo... Nem regente... nem bom violinista... Io vivo sempre no mundo da fantasia. Nunca regi orquestra nem de Napoli, nem de Trieste, nem de Milano, nem de Pisa, nem de Torino... nem de Roma... Também não conheço Arturo Toscanini.

Toscanini nem sabe que existe um infeliz chamado Pietro Bonardi. Não sou nada e nada fui, mas tenho coração de artista, alma de artista, capisce? Mas não nasci nem para regente, nem para violinista. Só alma e coração de artista não chega.

Oh, Margherita, Margherita! Por que n[illegible] quiseste Bonardi "cosi" como

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0061 P.458

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 p. 459

ele era? Por que quiseste um castelo de pedra e um conde para casar? Poderíamos ter sido tão felizes!...

Unos bambini... filhos... Eu seria um piscatore...

Não piscatore de pérola... Piscatore de peixe mesmo. Tu prepararias para Pietro Bonardi... um spaghetti... uma macarronada... tagliarini... gnocchi... polenta... pizza à napolitana.

Passearíamos com nossos sonhos nos canais de Veneza em gôndolas, Margherita.

Ah, Margherita, Margherita. És uma pobre condessa infeliz e io sono um Pietro Bonardi fracassado.

Aproxima-se do leito de Camilo e diz

Camilo, ouve, Camilo! É Bonardi que parla. Camilo, teu filho vem aí, ouviste? (*Chora.*) Teu filho vem aí, capisci? Tu ficas bom, Camilo. Agora tu ficas bom... Teu filho vem aí.

De repente cai em si. Percebe que já não tem mais o violino. Desespera-se

Onde está? Meu violino, onde está? Não. Não! Corram! Procurem!... Corram!... Meu violino... Minha vida!... Tutta mia vita! Mio Guadagnini... Mio povero Guadagnini... Por favor... corram todos... Mio violino! Mio violino... Perdi tudo... Toda a vida... todos os sonhos... tudo... Vendi minha alma, vendi minha arte, vendi il cuore... Tudo vendido... Perdão, meu vio-

lino. Perdão, mio Guadagnini... Perdão...

Não quero ver a mais ninguém. A ninguém!
Não olhem para mim... Não olhem para mim, por favor!
Não olhem para mim que eu tenho vergonha... Vergonha...
EU TENHO VERGONHA!...

DPF
DCDP
Fls. N.º 271
Rubrica

Cai, chorando, numa poltrona

Fim do Segundo Ato

Terceiro Ato

Mesmo cenário. Ao erguer-se o pano verifica-se que o biombo foi afastado, deixando ver o leito, agora vazio. Sobre a mesa dos medicamentos, vê-se um álbum de fotografias e recortes.

Camilo está em cena. Veste o robe-de-chambre que vimos no cabide, durante o primeiro e o segundo atos. É um homem de cabeça quase branca; de uma elegância decadente, mas em quem se adivinha, ainda, o artista que ele imaginou ser em outros tempos. Fala em direção à porta aberta da esquerda, de onde nos chega o ruído das teclas de uma máquina de escrever. É noite.

CAMILO

Não, Gonzaga! Eu já disse que não! Não adianta insistir. Afinal de contas pra que isto?
Eu já disse que não quero espetáculo algum!
Não quero festival, nem benefício. Não quero coisa alguma!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 460

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 461

E não adianta ficar aí dentro, escrevendo esse discurso de apresentação porque, hoje, eu não re-presen-to.

Ouviu bem? Eu não trabalho!

Nem mesmo a minha voz está colocada! *(Experimenta a voz e acaba caindo num acesso de tosse.)* Não está impostada.

Ao público

Os senhores não me conheceram. Por isso não podem imaginar o que foi a minha vida de artista. Ninguém imagina. O artista é essa massa informe, plasmável, que se ajusta a todas as emoções e a todos os sofrimentos.

Não, Gonzaga! Estou fora de forma. Eu já nem seria capaz de encontrar os tons e as inflexões justas como fazia naquele tempo em que era capaz de expressar de mil maneiras as mesmas palavras. Você lembra, Gonzaga? Como era mesmo aquela frase? *(Tenta recordar.)* "Eu estava esperando... justamente... por este instante... instante, não! por este momento. Vamos! Responda! Eu mereço isso? Mereço?" Achei: "Eu estava esperando, justamente, por este momento. Vamos! Responda! Eu mereço isso? Mereço?" *(Repete a mesma frase enunciando-a com tom velhaco, triste, cômico, amoroso, irônico, ameaçador, hipócrita...)*

Não, Gonzaga. Hoje eu não represento. Hoje, não.

É terrível quando temos consciência

do poder das palavras e do silêncio. Cada coisa dita ou cada silêncio pode alterar o destino dos seres ou das coisas. Imaginem uma cena, durante a qual o meu interlocutor não dissesse nada, uma cena em que ele se calasse, num momento em que eu tinha necessidade que ele dissesse: *"Este homem está inocente"*. E imaginem que, em vez de calar, ele tivesse realmente dito *"este homem está inocente; ele diz a verdade"*, mas num tom falso, onde se perceberia que não estava convencido daquilo que afirmava.

E imaginem que ele se limitasse a sorrir e que cada qual procurasse interpretar à sua maneira aquele sorriso. Piedade? Ironia? Amargura? Sofrimento? Sarcasmo? Desilusão? Satânico?

Compreendem?

Devemos estar sempre atentos a tudo, na vida e no palco. Devemos prestar atenção, não somente ao que dizemos, mas sobretudo ao que nós calamos, ao que o nosso silêncio pode provocar nas almas alheias.

Devemos fiscalizar a expressão do rosto e os gestos das mãos. As nossas mãos fazem muitas coisas que não desejamos, não queremos. Algumas vezes o tom, a inflexão, tudo parece perfeito, tudo parece indicar calma e segurança, mas as mãos desmentem o que as palavras e o rosto querem dizer. As mãos crispadas gritam mais que o grito. As mãos entrelaçadas podem exprimir humildade. As mãos [redacted] se escondem por trás escon-

DPF DCDB N.º 272 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0961, P. 462

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461/p.463

dem também sentimentos e pensamentos. As mãos que se protegem uma na outra, podem exprimir terror. As mãos que parecem nos arranhar são mãos ambiciosas e doidas. As mãos... Mas que importa falar dessas tolices agora?

Não, Gonzaga. Não quero nenhum festival. Não quero nada. Hoje eu não represento. *(Enerva-se.)* Já disse que não quero. Então eu, o grande Camilo, sou ator de festivais? Então você acha que eu posso representar sem estar preparado para enfrentar o público? Tenho um nome a zelar, Gonzaga. Muitos já o esqueceram... mas eu não esqueço nunca!

Pega no álbum de fotos e artigos

Está aqui... Vejam. Tudo o que fui. Tudo o que sonhei... "O doente imaginário"... "O Avarento"... *(Saboreia relembrando uma cena do "Avarento": Ladrões! Assassinos!...)*... Cirano de Bergerac... *(Declama um trecho de Cirano.)* Não. Não quero festivais. Não quero absolutamente nada. E não adianta ficar aí dentro, escrevendo o discurso de apresentação porque eu não represento. Ouviste bem, Gonzaga? Eu não represento. Ah, meu Deus! Meu Deus! Eu já estava morto, deitado nesse leito e a vida me veio de novo. Afinal... para quê?

Toca a campainha da porta da direita e ele para lá se dirige, abre e pergunta

Uma carta para mim? Obrigado. *(Re-*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 469

cebe a carta aflito e lê.) Gonzaga, Bonardi deixou esta cidade para sempre. Você sabia? Sabia...

DPF
DCDP
Fls. N.º 273
Rubrica

Ao público

Vocês também sabiam!
Mas por que não me disse ele nada? Por que não falou comigo? Por que não se despediu?

Acaba de ler a carta

"Addio senza rancore." *Maestro Pietro Bonardi.*

Dirige-se ao telefone

Senhorita, o Bar do Rodrigues, por favor... Rodrigues? Aqui é o Camilo.
Claro que estou de pé!
Não. Não me venhas com tuas dez, vinte, trinta, quarenta poltronas vendidas, porque eu sei, perfeitamente, que foi você quem comprou sozinho toda a lotação do teatro para que eu me entusiasme, para que eu ganhe novo amor à vida. Não jures, que é pecado.
Ora, Rodrigues! Quem iria comprar bilhetes, nesta cidade, para me ver trabalhar? Somente por caridade.
Sei, sim. Você comprou e distribuiu pela cidade inteira. Eu sei.
Rodrigues, você precisa perder essa mania de ter o coração no bolso!
Então o Bonardi nos deixou, não é? Você também sabia?...

Desliga admirado

Sabia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 465

Ah, Camilo, Camilo! É preciso coragem! Afinal de contas toda a cidade quer homenagear você. Homenagem! Obriga-se o público a pagar, a contribuir: "Compre um bilhete! É caridade! É para o pobre Camilo. Lembra-se dele? Um que diz que já foi ator. O grande ator Camilo!"

Ao público

Mas eu não posso representar hoje, não devo representar. Seria preciso botar toda a minha alma no espetáculo para ser digno desta cidade.

Estou melhor, graças a Deus. Fiquei estendido no leito, durante meses, mas estou melhor, graças aos meus amigos, graças a... Mas querem saber a verdade mesmo? O que realmente me curou? O que me curou *mesmo?* Foi a visita de meu filho Ernesto.

Que rapagão! Que figura, hem? Diz que quer ser artista como o pai. Imaginem! Artista! Apesar de tudo... não pode negar a voz do sangue. Quer ser artista!

E... como diria o Rodrigues... juro que ele seria um artista dez, vinte, trinta, quarenta vezes melhor do que eu.

Minha esposa, senhores, está ausente. Quero que todos me perdoem sua ausência. Está fora... viajando. Estou certo de que todos adorariam conhecer Celeste. É loura... de olhos azuis... e linda! Boa esposa... boa mãe... Perfeita! *(Muda de assunto quase sem perceber.)* Quando vi entr[illegible] meu filho,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P466

aquele rapagão, senti que renascia.

E — depois — como se parece comigo, não é mesmo? Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo andar, a mesma maneira de falar!

Diz que quer ser artista como o pai. Artista! Pensou que me dava uma grande alegria. Não deu. Artista! Não. Não quero meu filho artista!

Não quero que ele passe pelas angústias, pela tristeza, amargura... por que passa um artista que sente realmente sua profissão, que respeita realmente seu público!

DPF DCDP Fls. N.º 274 Rubrica

Artista... para quê? Por quê?

Diante dele está aquela multidão anônima que ele não sabe se é amiga ou inimiga.

Aquele ali sorri. Será ironia? Piedade?

Aquele cochicha. Estará faltando alguma coisa?

Estarei representando tão mal assim? Ou estará longe daqui, falando de outras coisas, sem prestar atenção ao que eu digo?

E o sofrimento terrível da gargalhada que deveria explodir no momento justo em que se diz uma coisa engraçada e ninguém ri... E a emoção e a lágrima que deveriam vir naquele momento certo em que só se consegue arrancar uma gargalhada de mofa, de zombaria, de desprezo.

E essa cara séria da terceira fila, agressiva, amarga, para quem nada está bom, nada presta, nada está certo!

E as palmas frias que fecham o ato, deixando a alma em frangalhos para enfrentar o ato seguinte!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 467

E as críticas! E os comentários! E o bando de recalcados e fracassados dispostos a saltarem sobre a vítima, sem dó nem piedade!

E a palavra que deve vir justa e sem tropeços, apesar do que vemos e do que sentimos.

E depender sempre de uma multidão anônima que nem sempre tem piedade.

Não, meu filho não será artista.

Não conhecerá a tristeza, a tortura, a angústia daquela vaia que recebi em 1938...

A maior vaia da América do Sul!

Não conhecerá as lágrimas que derramei quando, depois de ter posto toda a minha alma na interpretação daquela peça, aquele gordo do camarote veio me dizer: "Sim, "seu" Camilo... Não estava mal. Não estava nada mal. Estava até bonzinho!"

Eu não estava mal, senhores! EU... NÃO ESTAVA... MAL!!!

Eu havia deixado correr toneladas de alma em cada palavra.

Cada palavra vinha envolta em quilômetros de sentimento e coração...

E ele achou que eu "não estava mal", eu "estava até bonzinho"! Esqueceram tudo o que eu sou... tudo o que eu fui! *(Mostra cena de uma grande criação.)*

Não, meu filho não sera artista... por mais vocação que tenha... Por mais que...

E quanta angústia... e quanta insônia para integrar o personagem... para chegar ao monólogo impenetrável do "Hamlet" — "To be or not to

be..." *(Recita o monólogo do "Hamlet.")*

Não! Meu filho não será artista! Meu...



Cai em si, repentinamente

Oh, meu Deus! Mas eu estou representando de novo! Eu... Perdão! Por que tentar iludir meus amigos... se todos devem saber a verdade? Por que toda essa representação se todo mundo deve saber que eu estou mentindo... se conhecem a verdade melhor do que eu? Porque toda a cidade, a esta hora, deve estar rindo de mim, zombando, debochando, ironizando...

Todos sabem... Todos devem estar fartos de saber que minha mulher não está viajando... que eu só estou representando, tentando salvar as aparências. Ela fugiu. FUGIU! compreendem? FUGIU!

Com pena

Mas dizem que caiu muito, coitada!

Dolorosamente

E meu filho... Meu filho... Mas será mesmo que já não sabem? Para que fingir? Para que tentar enganar, se toda a cidade conhece a história muito melhor do que eu? Todos sabem, não é?

Eu só vim a descobrir, hoje.

A carta de Bonardi.

Pausa. Lentamente

Ele [redacted] é... meu filho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 468

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.469

Imaginem o que eu senti... o que eu sofri.

Imaginem o que eu continuo sentindo e sofrendo neste momento.

Raciocinando, dolorosamente

A um filho que perde o pai... se dá o nome de órfão. Que nome se dá a um pai que perde um filho?

Isto não tem nome.

Isto não pode ter nome.

E que nome se dá ao pai que perde um filho que não é... seu?

Isto... tem nome.

Se eu tivesse morrido ontem... teria morrido... tendo um filho. Hoje... não tenho mais. Simplesmente porque me disseram. Simplesmente por causa de algumas palavras.

Cuidado com as palavras, senhores!

Muito cuidado com as palavras!

As palavras podem ser flores e podem ser serpentes!

Cada uma tem uma significação que pode trazer risos e que pode trazer lágrimas, que pode curar e pode matar. Apenas algumas palavras... destruíram o filho que eu tinha ontem.

Não. Eu não poderia representar esta noite, sabendo o que sei e sabendo que o público também sabe de tudo.

Vocês estão acostumados comigo, me vêem todos os dias... assim... e não sabem o que eu fui.

Eu já fui o grande Camilo, de letras luminosas nas fachadas dos maiores teatros do mundo. Empresários lutavam pelos meus contra-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p470

DPF DCDP Fls. N.º 276 Rubrica

tos. O mundo inteiro passava pelo meu camarim.

Hoje... com que alegria eu me lançaria num abismo!

Com que alegria eu daria fim a este tormento... definitivamente.

"Ser ou não ser... Eis a questão". Mas não há questão alguma, senhores.

Não ser! Não ser! Não ser!

Vocês têm aqui um homem derrotado. Um homem que sonhou ser o grande Camilo e hoje não é ninguém. Um homem que sonhou ter um lar e uma esposa e hoje não tem esposa nem lar. Um homem que tinha um filho e que o perdeu da maneira mais absoluta e definitiva que se pode perder um filho.

Quando se perde um filho que morre... pode-se continuar chorando sua morte. Pode-se levar flores à sua sepultura. Pode-se recordá-lo com carinho, entre lágrimas ternas e doces...

Mas meu filho está vivo... e não é mais meu filho.

Não há nada a lembrar, nada a recordar, nada a chorar. Nada. Nada.

Aqui está um homem que tinha fortuna e perdeu tudo o que possuía. Da casa nada ficou. Falta a mão da mulher que a ajeita, que a arruma, que lhe dá um clima de ternura e calor.

Aqui está um homem que, até ontem, tinha cabelos negros.

Da noite para o dia, ficaram brancos.

Cada cabelo branco significa uma dor, uma ilusão perdida.

Aponta espectadores

Este sofreu a perda de um ente que-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P-471

rido? — Cabelo branco.
Aquele sofre uma desgraça qualquer? — Cabelo branco.
E aquele ali não sofreu nada... mas sofre por não ter sofrido. — Cabelo branco.

Toca o telefone. Camilo atende

Alô, Rodrigues? Não, hoje não posso. Não, Rodrigues. Tudo, menos caridade! Como? Não é possível! Ela quer... O QUÊ?!... Quer assistir ao meu festival? Celeste? Você jura que não teve nada a ver com isto? Você jura que foi ela... ela mesma... quem pediu? Oh, meu Deus! Meu Deus! Pode vir! Claro que ela pode vir! Dê-lhe a melhor poltrona... Não! Dê-lhe um camarote. Sim, represento. Para ela eu represento. Ela vem para cá?... Para esta casa? Deve estar chegando?... Obrigado, Rodrigues! Muito obrigado.

Desliga o telefone

E esta casa como está feia para recebê-la!

Tenta ir arrumando as coisas

Ela pediu para assistir ao espetáculo.
Por favor, senhores! Recebam-na com carinho. Não a humilhem, por favor! Não a humilhem, pelo amor de Deus!
Ela sabe que errou e volta arrependida. Volta envergonhada e de cabeça baixa.
E eu a perdôo, meus amigos. Eu a perdôo de todo o meu coração.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461/2 492

DPF
DCDP
N.º 277
Rubrica

Afinal de contas o que é a vida, senão um grande, um imenso perdão?

Estou bem? Vejam se estou bem. Obrigado.

A culpa não é toda dela. É possível que eu, também, tenha sido culpado. Talvez não lhe tenha dado todo o cuidado e todo o carinho que ela merecia?

É tão fácil salvar uma pessoa que cai! É só estender o braço, a mão terna cheia de perdão e carinho.

Sei que ela vem mudada... mas... por favor!... finjam que não reparam na mudança. É possível que muitos nem a reconheçam mais. Sei que ela envelheceu e que tem a cabeça branca. Cada cabelo branco é um recibo de perdão que Deus nos dá por faltas cometidas. É por isso que os velhos são quase anjos.

Hoje darei o meu último espetáculo nesta cidade. Enfrentarei o público pela última vez. Porei toda a minha alma em meu trabalho... Depois... pedirei perdão a Celeste pelas faltas que ela cometeu... Sim... porque cada um de nós é também responsável pelas faltas alheias... pelos pecados alheios...

Um coro religioso surge suavemente

Eu a pegarei pela mão e não lhe farei perguntas. E sairemos, mundo afora, à procura de um pouso, de um canto tranqüilo de paz e perdão.

Eu a levarei para muito longe... e a fa-

rei esquecer tudo... e lhe enxugarei as últimas lágrimas.

Toca a campainha da porta. Ele se choca. A emoção o invade, mas não se apressa. Dirige-se lentamente para abrir, enquanto fala quase em devaneio, enquanto a música sacra vai crescendo

E passearemos, à noite, ao relento... olhando a lua... e quando chover... acordaremos de cabelos brancos... porque uma chuva de prata cairá sobre as nossas cabeças. E seremos dois velhinhos... caminhando por uma estrada sem fim... debaixo de uma chuva de prata...

A campainha soa de novo e ele, desta vez, se dirige para a porta chorando, rindo e gritando, como numa libertação

Celeste!... Celeste... CELESTE!!!...

Fim da Peça

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 473

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461-P-474
DPF
DCDP
Fls. N.º 278
Rubrica

Apêndice Didático

AS MÃOS DE EURÍDICE

UM DOS MAIS IMPRESSIONANTES MONÓLOGOS DO TEATRO BRASILEIRO, COM MAIS DE TRINTA MIL REPRESENTAÇÕES EM TODO O MUNDO! PEÇA QUE FAZ O ESPECTADOR VIBRAR DE EMOÇÃO E PARTICIPAR DELA COMO SE FOSSE TAMBÉM UM FIGURANTE.

Nas mãos de Eurídice estava atado o destino de um homem que nelas havia procurado um refúgio para suas desilusões. No entanto, foram elas que acabaram de jogar por terra todos os seus sonhos e de sepultar a sua última esperança.

1 — Estudo da Obra (para debates escolares)

1. *Qual a impressão que lhe deixou a leitura da peça?*
2. *Quais as frases que achou mais irônicas?*
3. *Qual o trecho que achou mais comovente?*
4. *O personagem evoca vários artistas famosos. Aponte os que você conhece. Faça uma pesquisa para saber quem são aqueles que você não conhece.*
5. *Encontrou na peça palavras cujo sentido você ignora? Não deixe de recorrer a um bom dicionário.*
6. *E os trechos em espanhol? Entendeu? Procure com a ajuda dos colegas e de um professor traduzi-los corretamente para o português.*
7. *Que achou do início da peça?*
8. *E de seu final?*
9. *"O Egito é uma dádiva do Nilo," (pág. 26) Já ouviu falar sobre isso? Dê sua opinião.*
10. *"Quarenta séculos vos contemplam." (pág. 29) É parte de uma frase atribuída a um famoso vulto da História Francesa. Qual?*
11. *Que impressão deixou Dulce na alma de Gumercindo?*
12. *Qual o motivo que levou Gumercindo, na sua alucinação, a falar sobre coisas do Egito?*
13. *Por que, ao pensar em Eurídice, recordava frases espanholas?*
14. *Como Gumercindo perdeu sua fortuna?*
15. *Qual o motivo que o levou mais ao desespero?*
16. *Que fim teve Eurídice?*
17. *Gumercindo amava realmente Dulce?*
18. *O desespero maior de Gumercindo teria sido provocado pela perda de sua fortuna ou por outro fracasso?*

2 — Elementos Para a Criatividade

1. *Você acabou de ler um monólogo. Como deve ter observado, escrito com muita vivacidade. Pode-se monologar sobre muitas coisas na vida. Seria você capaz de escrever um monólogo para uma festinha em seu colégio? Tenha*

o cuidado de destacar a indicação dos gestos do personagem. É só encontrar um assunto, de preferência dramático.

2. *Gumercindo, além de contar com o destino adverso em seu lar, viu a desgraça atingi-lo por meio da jogatina. O jogo em que se perde muito dinheiro é um vício dos mais condenáveis. Faça um comentário sobre o jogo e suas conseqüências.*
3. *Gumercindo, alucinadamente, fala sobre coisas do Egito. Você deve já ter lido e ouvido parte da História do Egito. Também já tem conhecimentos das maravilhas do Egito. Quem não gostaria de visitar esse velho e atraente país? Eis um belo motivo para agradável redação.*
4. *Gumercindo fala sobre diversos artistas famosos. Faça uma redação falando sobre os artistas de sua preferência, músicos, poetas, pintores etc.*
5. *E* as mãos? *Você leu* As Mãos de Eurídice. *Importante é o papel das mãos no teatro da vida humana: as mãos do mestre, as do operário, as mãos da mãe que acalenta os filhos, as mãos do médico em uma cirurgia etc. Cabe a você estender-se sobre o assunto.*

*

* *

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 475

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 046[illegible]

COLEÇÃO UNIVERSIDADE

SHAKESPEARE
40981 MACBETH E CORIOLANO (AG)
30973 SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO/MERCADOR DE VENEZA (AG)
10983 HAMLETO (CV)
40978 ROMEU E JULIETA/TITO ANDRONICO (LE)
90984 OTELO (CP)
20979 ANTÔNIO E CLEÓPATRA • JÚLIO CÉSAR (CP)
60266 OS DOIS CAVALHEIROS DE VERONA • TRABALHOS DE AMOR PERDIDOS (CV)
40267 O REI LEAR (CV)
40270 AS ALEGRES COMADRES DE WINDSOR • A MEGERA DOMADA (LE)
80282 TRÓILO E CRESSIDA • TIMÃO DE ATENAS (AG)
60283 A TEMPESTADE • A COMÉDIA DOS ERROS (LE)
20285 CIMBELINO • PÉRICLES (AG)
10286 MEDIDA POR MEDIDA • CONTO DO INVERNO (LE)
70288 MUITO BARULHO PARA NADA • BEM ESTÁ O QUE BEM ACABA (LE)
50289 COMO GOSTAIS • NOITE DE REIS (LE)

HOMERO
70548 ILÍADA (em versos) (LE)
70470 A ILÍADA (em narrativa) (AG)
50549 ODISSÉIA (em versos) (LE)
10473 A ODISSÉIA (em narrativa) (2CR)

PLATÃO
81271 DIÁLOGOS (Mênon, Banquete, Fedro) (AG)
61272 DIÁLOGOS (Fédon, Sofista Político) (2CR)
41273 DIÁLOGOS (A República) (2CR)
80119 APOLOGIA DE SÓCRATES (CV)

ARISTÓTELES
20190 A POLÍTICA (2CR
21422 ARTE RETÓRICA E ARTE POÉTICA (2CR)
80234 A ÉTICA (CP)

VOLTAIRE
30195 DICIONÁRIO FILOSÓFICO (CR)
80749 CÂNDIDO OU O OTIMISMO (CV)
90452 ZADIG OU O DESTINO (CV)

KANT
61465 CRÍTICA DA RAZÃO PURA (AG)
60624 CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA (CR)

DOSTOIÉVSKI
10837 IRMÃOS KARAMÁZOVI (2AG)
51264 CRIME E CASTIGO (PL)
20996 MEMÓRIAS DA CASA DOS MORTOS (AG)
31296 NOITES BRANCAS E OUTROS CONTOS (AG)

NIETZSCHE
80590 ECCE HOMO (CP)
41452 ASSIM FALAVA ZARATUSTRA (LE)

GORKI
10408 OS MAIS BRILHANTES CONTOS (LE)
61174 A MÃE (LE)

TOLSTOI
60929 RESSURREIÇÃO (LE)
11610 A MORTE DE IVAN ILITCH (CV)

SPINOZA
10845 TRATADO POLÍTICO (ES)
50342 ÉTICA (LE)

SCHOPENHAUER
20254 DORES DO MUNDO (CV)
41466 O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO (CP)

OUTROS AUTORES
90250 O INFERNO (AG)
21274 A CIDADE DO SOL (CP)
31024 O ASNO DE OURO (CR)
71201 CONTOS (CP)
41211 O FANTASMA DE CANTERVILLE E CONTOS (LE)
90368 POEMAS EM PROSA E SALOMÉ (CV)
71196 MARIA STUART (CP)
11025 A VOLTA DO PARAFUSO (CP)
70193 ORAÇÃO DA COROA (ES)
90399 ENEIDA (LE)
90099 DISCURSO DO MÉTODO (CV)
80279 SATIRICON (LE)
90426 EDUCAÇÃO SENTIMENTAL (LE)
90385 ELOGIO DA LOUCURA (CV)
41175 O VERMELHO E O NEGRO (LE)
91463 ELECTRA • ALCESTE • HIPÓLITO (CR)
31444 ALMAS MORTAS (AG)
81464 REI ÉDIPO • ANTÍGONE • PROMETEU ACORRENTADO (AG)
20304 O PRÍNCIPE (LE)
51247 O CONTRATO SOCIAL (CP)
20318 A UTOPIA (CV)
30794 FAUSTO (AG)
81027 A PAZ • O MISANTROPO (ES)
10238 DA REPÚBLICA (ES)
51457 A COMÉDIA LATINA (2LE)
10210 DOS DELITOS E DAS PENAS (LE)
10781 A ARTE DE AMAR (CV)
90278 AS METAMORFOSES (2CR)
30276 PARAÍSO PERDIDO (2CR)
90550 MEDÉIA (CV)
31654 A METAMORFOSE (CR)
10241 A VIDA DOS DOZE CÉSARES (2CR)
30469 HISTÓRIA (2PL)
31458 O EPICURISMO (CR)
20349 FLORES DAS FLORES DO MAL (ES)
50177 O RETRATO DE DORIAN GRAY (LE)
50180 MANON LESCAUT (CP)
10277 A DAMA DAS CAMÉLIAS (LE)
91253 MORRO DOS VENTOS UIVANTES (LE)
10229 MEU DESTINO É PECAR (LE)
10120 MADAME BOVARY (PL)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0486/P.477

— REALISMO FANTÁSTICO —

50275 CIVILIZAÇÕES PERDIDAS (CR)
90340 AS GRANDES PROFECIAS DE NOSTRADAMUS (CR)
60672 CANDOMBLÉS DA BAHIA (CP)
70629 DICIONÁRIO DE SATANISMO (PL)
30780 MISTÉRIOS DO ESPIRITISMO (CP)
80783 ATLÂNTIDA — O ENIGMA DOS DEUSES (CV)
60798 A BÍBLIA E OS DISCOS VOADORES (2CV)
90774 PROFECIAS ATÉ O PRÓXIMO SÉCULO (LE)
98647 PARAPSICOLOGIA (CP)
60736 ENIGMAS DA ANTIGUIDADE (CV)
30858 MÉDIUNS, ESPÍRITAS E VIDENTES (CP)
10747 OS FENÔMENOS PARANORMAIS DE THOMAS GREEN (CP)
70744 MISTICISMO (CR)
90869 UFOS — ILUSÃO OU REALIDADE? (CP)

— COLEÇÃO ASTRAL —

28189 INICIAÇÃO À ASTROLOGIA (CR)
90183 COMO INTERPRETAR SEU MAPA ASTROLÓGICO (AG)
98039 HIPNOTISMO PRÁTICO (PL)
30066 COMO INTERPRETAR OS SONHOS (PL)
98003 COMO LER AS MÃOS (CR)
28032 COMO TIRAR A SORTE PELAS CARTAS (CP)
70064 CONHECE-TE PELA LETRA (CP)
90404 GRAFOLOGIA (CR)
10098 AJUDA PESSOAL PELA AUTO-HIPNOSE (CR)
60008 SIMPATIAS PARA TODOS OS FINS (CR)
40138 MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL (2CV)
90791 OS NÚMEROS DA SORTE (LE)
80962 MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR (CR)
10854 AS LINHAS DA VIDA (ES)
10742 COMO LER OS PENSAMENTOS (ES)

— ESPIRITUALISMO —

30746 O PODER DOS PASSES E DAS CURAS ESPIRITUAIS (CR)
50745 O PODER DA MACUMBA (CR)



— DIVERSOS —

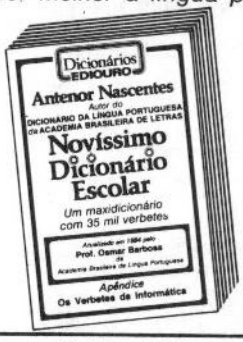
98073 APRENDA A FAZER VERSOS (CR)
28144 APRENDA A FAZER O SEU BIORRITMO (CR)
98123 O LIVRO DO CAMPING (2CR)
98552 MARAVILHAS DO CORPO HUMANO (CR)
98588 COMUNICAÇÃO — CAMINHO PARA O SUCESSO (LE)
88561 AS VOCAÇÕES E COMO DESCOBRI-LAS (LE)
18556 PROTEÇÃO E SEGURANÇA (AG)
28550 GENEALOGIA (LE)
48014 MANUAL ILUSTRADO DE ESTILOS ARTÍSTICOS (PL)
38541 TÉCNICAS DE EDUCAÇÃO NA ESCOLA E NA EMPRESA (CR)
78584 ESCOLHA SUA PROFISSÃO (AG)
28595 APRENDA A CONVERSAR (AG)
18601 POR QUE LEMOS MAL E COMO LER E ESTUDAR MELHOR (CR)
90085 O FUNDAMENTAL NA PESCA DE LINHA (ES)
80072 ESTILOS DE ORNAMENTOS (3AG)
50034 MANUAL DO ARTISTA (CR)
70324 O CORPO HUMANO (2LE)
90328 VOCÊ VAI CASAR? (CR)
90077 CONSERTE TUDO EM SUA CASA (LE)
20142 TUDO SOBRE SELOS — FILATELIA (LE)
10174 FAIXA DO CIDADÃO (CV)
10336 OS GRANDES BENFEITORES DA HUMANIDADE (AG)
90273 GIGANTES DA CIÊNCIA (AG)
61045 MOBILIÁRIO — As Artes Plásticas no Brasil (CR)
50454 VOCÊ É CRIATIVO? (CV)
80251 OS NÚMEROS GOVERNAM O MUNDO (2CV)
40074 TODOS OS SEGREDOS DO TELEVISOR (AG)
10599 COMO GANHAR DINHEIRO SEM SAIR DE CASA (CP)
90242 GUIA DE SUBSTITUIÇÃO DE TRANSISTORES (CP)
40852 EXPLICANDO ASTRONÁUTICA (CR)
10949 PROVERBIOS BRASILEIROS (CV)
30004 140 LISTA DE ITENS PARA TODOS OS FINS (LE)
50776 EXPLICANDO O COSMOS (CR)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P478

NOVÍSSIMO DICIONÁRIO ESCOLAR

O moderno dicionário de bolso que vai ajudá-lo a compreender melhor a língua portuguesa.

COM UM APÊNDICE DE TERMOS DE **INFORMÁTICA**



672 PÁGINAS

N.º 51443
Formato BOLSO

Atualizado em 1984 pelo
Prof. Osmar Barbosa
da Academia Brasileira de Língua Portuguesa

São 35.000 vocábulos com definições do *Prof. Antenor Nascentes* — consideradas as mais precisas até hoje.

Neste dicionário, sempre que se faz necessário um esclarecimento maior:

- As palavras vêm exemplificadas em frases
- Certos substantivos são acompanhados de seus adjetivos adequados
- Serão encontrados o feminino, o plural e o grau de alguns substantivos e adjetivos, bem como os coletivos mais importantes
- São apresentadas as formas irregulares dos verbos, assim como a indicação dos defectivos
- Os prefixos e sufixos aparecem com sua significação, acompanhados de exemplos
- Numerosas expressões e gírias, próprias do linguajar brasileiro, são explicadas de maneira bem simples e clara

O *Prof. Antenor Nascentes*, autor deste dicionário, sempre se empenhou no estudo do idioma português e tem, sobre o assunto, diversas e importantes obras.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, 1473

Livrarias



Livraria Matriz Av. Brasil, 5840 — Rio

GRANDE RIO

Centro:
- Largo da Carioca (esquina de Uruguaiana)

SÃO PAULO

Centro:
- Rua Conselheiro Crispiniano, 403
- Rua Benjamim Constant, 162

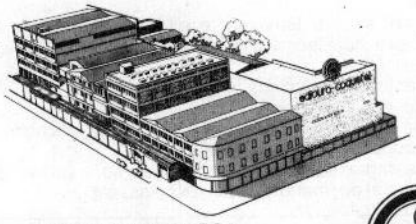
BELO HORIZONTE
- Av. Afonso Penna, 1707 (perto do Palácio das Artes)

PORTO ALEGRE
- Av. Osvaldo Aranha, 426 (em frente ao Inst. de Educação)

FORTALEZA
- Rua Major Facundo, 680

RECIFE
- Rua do Hospício, 202 – loja 2

SALVADOR
- Av. 7 de Setembro, esq. da Rua Politeama de Cima (Mercês)



EDITORA TECNOPRINT S.A.
Sede: Dep. de Vendas e Expedição
Rua da Proclamação, 109 – Rio de Janeiro – RJ
Correspondência: Caixa Postal 1880
20001 – RIO DE JANEIRO – RJ

EDIOURO
GRUPO COQUETEL

EDIOURO
GRUPO COQUETEL

Por Reembolso Postal

CX. POSTAL 1880

CEP 20001 — RIO DE JANEIRO — RJ

(Não mande nada adiantado)
Você paga no Correio ao retirar o volume. Leve Identidade (indispensável).

Desejo receber por **Reembolso Postal** os livros: Escreva sempre o número e a letra, quando houver.

Quant.	N.º	Quant.	N.º	Quant.	N.º	Quant.	N.º	Quant.	N.º

Nome:

Endereço:

Bairro:

CEP n.º

Cidade:

Estado:

Para uso da Editora	
Lote	N.º C. G. A.

PREÇOS Os livros serão remetidos ao preço atual, conforme as séries ou categorias abaixo. (Pelo preço do livro que tem em mãos, é possível avaliar os outros).
BOTÃO (BT) • GOTA (GT) • SELO (SL) • ESTRELA (ES) – os mais baratos • COPA (CP) • COROA (CR) • CAVALO (CV) • LEÃO (LE) • ÁGUIA (AG) • PALMA (PL) • 2 COROAS (2CR) • 2 CAVALOS (2CV) • 2 LEÕES (2LE) • 2 ÁGUIAS (2AG) • 2 PALMAS (2PL)

304—FL64

Para pedidos pequenos será cobrado uma taxa de despesas.

Escreva com letras *MAIÚSCULAS* ou à máquina

Use este talão para pedir livros pelo **Reembolso Postal**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461/2480

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461/p. 481

Os livros da EDIOURO pedidos pelo reembolso postal, serão remetidos pelo preço em vigor, conforme as séries ou categorias abaixo. (Pelo preço do livro que tem em mãos, é possível avaliar os outros.)

BOTÃO(BT) • GOTA(GT) • SELO(SL) • ESTRELA(ES) — Os mais baratos — COPA(CP) • COROA(CR) • CAVALO(CV) • LEÃO(LE) • ÁGUIA(AG) • PALMA(PL) • 2 BOTÕES(2BT) • 2 SELOS(2SL), etc.

ISR - 52-312/81
UP. CT PRINCIPAL
DR/RIO

CARTÃO-RESPOSTA-COMERCIAL

Não é necessário selar

O selo será pago por:

EDITORA TECNOPRINT S.A.

20299

RIO DE JANEIRO – RJ

BR DFANBSB NS.OPR.TEA.PTE. 046, p. 482

CAROLINA NABUCO
A Sucessora
A mulher e os tabus e preconceitos, a luta para se livrar dos tradicionalismos superados. Adaptado pela Rede Globo para novela no horário nobre, tornou-se um dos maiores sucessos.
N.º 90653

CASIMIRO DE ABREU
Poesias Completas
N.º 30083

CASTRO ALVES
Poesias Completas
N.º 71313

CLÁUDIO MANOEL DA COSTA
Poemas Escolhidos
N.º 61370

CRUZ E SOUZA
Poesias Completas
N.º 11213

DIAS GOMES
O Pagador de Promessas
N.º 91391
O Santo Inquérito
N.º 20786

DOMINGOS OLYMPIO
Luzia-Homem
N.º 70727

EÇA DE QUEIROZ
A Cidade e as Serras
N.º 40477
Crime do Padre Amaro
N.º 60476
O Primo Basílio
N.º 71473
O Mandarim
N.º 51474
A Relíquia
N.º 31475
Contos
N.º 91477
A Ilustre Casa de Ramires
N.º 81478
A Capital
N.º 61479
O Conde de Abranhos
N.º 91480
A Correspondência de Fradique Mendes
N.º 81481
Os Maias
N.º 11471

EUCLIDES DA CUNHA
Os Sertões
N.º 71280

FRANKLIN TÁVORA
O Cabeleira
N.º 91312

GONÇALVES DIAS
Poemas
N.º 51376

GRAÇA ARANHA
Canaã
N.º 90676

GUILHERME DE ALMEIDA
Meus Versos Mais Queridos
N.º 10630

HERMAN LIMA
Tigipió
O nordestino e a terra ressequida, a luta pela sobrevivência, os amores e sonhos, é o tema de Tigipió, que será um filme.
N.º 60543

INGLEZ DE SOUZA
O Missionário
Corajoso sacerdote, em missão religiosa na Amazônia, enfrenta os perigos da floresta, mas não resiste aos encantos da jovem tapuia.
N.º 70534

J. CARLOS LISBOA
A Casa do Bode
N.º 91978

JOAQUIM CARDOZO
O Coronel de Macambira
(Bumba Meu Boi)
N.º 71392

JOAQUIM NABUCO
Minha Formação
Um dos livros mais importantes na formação da cultura.
N.º 70243

JORACY CAMARGO
Deus lhe Pague
N.º 10683

JORGE DE LIMA
Invenção de Orfeu
N.º 81349

JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO
Se Eu Morrer Telefone Para o Céu
N.º 60705

JOSÉ CONDÉ
O Mistério dos MMM
Romance policial escrito por Rachel de Queiroz, Antônio Callado, Dinah Silveira de Queiroz, Orígenes Lessa, Viriato Corrêa, José Condé, Jorge Amado, Lúcio Cardoso, João Guimarães Rosa e Herberto Sales
N.º 80671

JOSÉ DE ALENCAR
Lucíola
N.º 90698
A Pata da Gazela
N.º 10725
Senhora
N.º 90670
O Guarani
N.º 11230
A Viuvinha — 5 Minutos
N.º 10697
Iracema
N.º 91222
O Tronco do Ipê
N.º 11227
Ubirajara
N.º 61224
Diva
N.º 50695
O Sertanejo
N.º 71229

JOSÉ LINS DO REGO
Meus Verdes Anos
História autobiográfica da infância do autor, passada num engenho.
N.º 80654

LIMA BARRETO
Triste Fim de Policarpo Quaresma
N.º 30701
Recordação do Escrivão Isaías Caminha
N.º 10702
Clara dos Anjos
N.º 90703

LUIZ LOPES COELHO
A Morte no Envelope
Contos policiais escritos por um homem de leis, deixando emergir toda a sua experiência.
N.º 40690

MACHADO DE ASSIS
Esaú e Jacó
N.º 81318
Quincas Borba
N.º 90726
A Mão e a Luva
N.º 20724
Brás Cubas
N.º 61417
Dom Casmurro
N.º 50700
Helena
N.º 75412
Iaiá Garcia
N.º 50969
Memorial de Aires
N.º 91317
Ressurreição
N.º 80699
O Alienista
N.º 61336
Contos Consagrados
N.º 21033

2.º Grau

COLEÇÃO PRESTÍGIO — LITERATURA

Textos completos

Os livros da *Coleção Prestígio* foram criteriosamente escolhidos entre as obras dos melhores autores nacionais e portugueses, de diferentes épocas e de diversos gêneros literários.

Ao chegar à Coleção Prestígio, considera-se que o aluno/leitor já adquiriu o hábito da leitura e deve, portanto, ser levado a raciocinar mais profundamente sobre a obra, o tipo dos personagens, o gênero literário e o autor.

Para encaminhar o aluno a esse estudo, incluímos no final de cada livro um apêndice didático que faz considerações sobre a obra e sobre o autor e levanta questões relativas ao texto.

Os livros contam, ainda, com introduções e/ou biografias de importantes nomes da literatura brasileira: M. Cavalcanti Proença, Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Darcy Damasceno, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Antonio Houaiss, Josué Montello, Francisco de Assis Barbosa, Tasso da Silveira, Augusto Pissarra, Rachel de Queiroz, Américo Facó, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Silveira Bueno.

ADOLFO CAMINHA
A Normalista
N.º 91334
Bom-Crioulo
N.º 41340

ADONIAS FILHO
Os Servos da Morte
Uma das maiores obras da literatura brasileira! A vingança de uma mulher que, mesmo depois de morta, continua atormentando aquele que havia transformado a sua existência num inferno.
N.º 20609

AFONSO ARINOS
Pelo Sertão
N.º 20674

AFRÂNIO PEIXOTO
Maria Bonita
A fatalidade, a desgraça acompanhavam todos os que se aproximavam da linda sertaneja, atraídos pela sua beleza, ardendo em desejo pelo seu corpo sedutor.
N.º 30665
Bugrinha
N.º 80668
Sinhazinha
N.º 40687

ALEXANDRE HERCULANO
Eurico, o Presbítero
N.º 21257
O Bobo
N.º 30178
Histórias Heróicas
N.º 81268

ALMEIDA GARRET
Viagens na Minha Terra
N.º 90684

ALUÍSIO AZEVEDO
O Cortiço
N.º 71490
O Mulato
N.º 51488
Casa de Pensão
N.º 31489
Uma Lágrima de Mulher
N.º 10661
A Condessa de Vésper
N.º 90662
Livro de Uma Sogra
N.º 70663

AMANDO FONTES
Rua do Siriri
Na rua do Siriri, único lugar onde podiam se instalar por ordem do delegado, aquelas mulheres chamadas "de vida fácil" viam surgir e morrer as suas ilusões.
N.º 90760

ARTUR AZEVEDO
Histórias Brejeiras
N.º 31315

ASSIS BRASIL
Beira Rio Beira Vida
N.º 50681

AUTRAN DOURADO
Uma Vida em Segredo
N.º 11390

BERNARDO GUIMARÃES
A Escrava Isaura
N.º 21419
O Garimpeiro
N.º 91228
O Seminarista
N.º 41418

CAMILO CASTELO BRANCO
Amor de Perdição
N.º 91259
Amor de Salvação
N.º 81528
A Queda dum Anjo
N.º 10398

CAMÕES
Os Lusíadas
N.º 70386

CARLOS HEITOR CONY
Balé Branco
Nos Bastidores de um teatro, a bela dançarina é possuída por uma paixão devastadora pela companheira.
N.º 70680

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p483

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.10461, p.484

OS MELHORES CLÁSSICOS

60655 A CARNE (CV)
80900 DOM CASMURRO (CV)
10904 QUINCAS BORBA (AG)
70906 CONTOS CONSAGRADOS DE MACHADO DE ASSIS (CP)
40902 IRACEMA (CV)
50907 A VIUVINHA — CINCO MINUTOS (GR)
10909 SENHORA (AG)
60901 O CORTIÇO (LE)
20903 MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS (CV)
30908 A MORENINHA (CR)
90905 O GUARANI (2CR)
20545 GUIA DE OURO PRETO (CV)
98163 LENDAS BRASILEIRAS (LE)
40429 APRESENTAÇÃO DA POESIA BRASILEIRA (2AG)
91696 ANTOLOGIA ESCOLAR DE POEMAS PARA A JUVENTUDE (LE)
71697 ANTOLOGIA ESCOLAR DE POEMAS PARA A INFÂNCIA (LE)

CONTOS UNIVERSAIS

90371 CONTOS RUSSOS (CR)
70372 CONTOS FRANCESES (CR)
50373 CONTOS ITALIANOS (CR)
30374 CONTOS ALEMÃES (CV)
10375 CONTOS ÁRABES (LE)
90376 CONTOS CHINESES (CV)
80377 CONTOS NORTE-AMERICANOS (CV)
60378 CONTOS SOVIÉTICOS (CR)
40379 CONTOS JAPONESES (LE)
80380 CONTOS INDIANOS (CV)
60381 CONTOS AFRICANOS (CR)
90449 LIVRO DE OURO DOS CONTOS INGLESES (2CV)

— OS GRANDES FILÓSOFOS —

10255 PLATÃO (CR)
90256 ARISTÓTELES (CR)
70257 FRANCIS BACON (CR)
50258 NIETZSCHE (CR)
30259 ESPINOSA (CR)
70260 EMANUEL KANT (CR)
50261 SCHOPENHAUER (CR)
30262 HERBERT SPENCER (CR)
10263 VOLTAIRE (CR)

COLEÇÃO AFRODITE

60431 SENSUALIDADE (CP)
40432 MADEMOISELLE DE MAUPIN (ES)
10361 AS GRANDES CORTESÃS (CP)
70436 CONTOS GALANTES (LE)
60896 HISTÓRIAS DE AMOR (ES)
40642 AS CORTESÃS GREGAS (ES)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 48

MANOEL A. DE ALMEIDA
Memórias de um Sargento de Milícias
N.º 10448

MANOEL DE MACEDO
A Moreninha
N.º 60445

MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA
Dona Guidinha do Poço
N.º 50664

MANUEL BANDEIRA
Meus Poemas Preferidos
N.º 51331
Apresentação da Poesia Brasileira
N.º 40429

MARQUES REBELO
A Estrela Sobe
A ascenção da jovem cantora estava condicionada a certos favores...

História envolvente, magistralmente interpretada no cinema por Beth Faria.
N.º 30651
Marafa
N.º 20657
Três Caminhos — Vejo a Lua no Céu
N.º 50759

MARTINS PENA
O Noviço
N.º 60669
Comédias
N.º 71327

MENOTTI DEL PICCHIA
Juca Mulato
N.º 91388
Máscaras — O Amor de Dulcinéia
N.º 90998
Dente de Ouro
Dois homens violentos, um delegado e um facínora, apaixonados pela mesma mulher. História inspirada no ambiente político do interior, com suas intrigas, violência e indiferença à miséria.
N.º 70756

NELSON RODRIGUES
Meu Destino É Pecar
Romance escrito por Nelson Rodrigues sob o peseudônimo de Suzana Flag. Transformado em série para a televisão, obteve grande sucesso de audiência.
N.º 10229

ODORICO TAVARES
Bahia — Imagens da Terra e do Povo
N.º 90894

OLAVO BILAC
Poesias de Olavo Bilac
N.º 20710
Olavo Bilac: Vida e Obra
N.º 11218

PEDRO BLOCH
As Mãos de Eurídice
N.º 40754

RAUL POMPÉIA
O Ateneu
N.º 10439

RIBEIRO COUTO
Cabocla
Emocionante história de amor, transformada em novela que arrebatou milhares de telespectadores da Rede Globo.
N.º 70694

RUI BARBOSA
Oração aos Moços
N.º 71425

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
Marília de Dirceu
N.º 31346

VISCONDE DE TAUNAY
Inocência
N.º 50440
A Retirada da Laguna
N.º 21484

CONTOS, ANTOLOGIAS E PEQUENAS HISTÓRIAS

ALBERTO DA COSTA E SILVA
Lendas do Índio Brasileiro
N.º 50955

CÂMARA CASCUDO
Contos Tradicionais do Brasil
N.º 71442

EURICO SANTOS
Histórias, Lendas e Folclore de Nossos Bichos
N.º 52060

GRACILIANO RAMOS
Histórias Agrestes
N.º 91455

HENRIQUETA LISBOA
Antologia Escolar de Poemas Para a Juventude
N.º 91696 — Cr$ 10.000
Antologia Escolar de Poemas Para a Infância
N.º 71697

HERBERTO SALES
Antologia Escolar de Contos Brasileiros
— Noite do Almirante
— Contrabandista
— A Nova Califórnia
— O Relógio do Hospital
— O Peru de Natal
— A Morte da Porta Estandarte
— O Bloco das Mimosas Borboletas
— Apólogo Brasileiro sem Véu de Alegoria
— Afinação da Arte de Chutar Tampinhas
— O Sorvete
— A Hora e a Vez de Augusto Matraga
— Os Cavalinhos de Platiplanto
— Emboscada
— Conto de Circo
— Uma Vela Para Dario ("fac-símile")
— Uma Vela Para Dario
— Amor
— A Última Vez
N.º 11194

Antologia Escolar de Crônicas
Com alguns dos mais admiráveis cronistas brasileiros da atualidade!
— Paulo Mendes Campos
— Carlos Heitor Cony
— Sérgio Porto
— Lêdo Ivo
— Otto Lara Resende
— José Cândido de Carvalho
N.º 40995

LUIZ VIANA FILHO
Antologia de Rui Barbosa
N.º 91424

RENARD PEREZ
Antologia de Escritores Brasileiros de Hoje
N.º 91396

DPF
DCDR
Fls. N.º 279
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 486

COLEÇÃO PRESTÍGIO

As Mãos de Eurídice



Pedro Bloch

Um bem montado monólogo mostra ao público o quanto podem as mãos. "As Mãos de Eurídice" trazem, a Gumercindo Tavares, a angústia, a alegria, a misèria; as mãos nos seus afagos, nos seus vícios, enfim, no seu extremo poder, mostrando, acima de tudo, o quanto conseguem os males do homem penetrar fundo no seu íntimo e deixar marcado o símbolo de seus atos: as mãos.

Mais que tudo, as representações em palcos de todo o mundo provam o efeito universal de "As Mãos de Eurídice".

Os livros de bolso da Ediouro são publicados a preços acessíveis e formatos convenientes. Além de leves e portáteis cabem no bolso de um paletó ou na bolsa de uma mulher.

EDIOURO
GRUPO COQUEIRO

As Mãos de Eurídice

4075

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-488

DPF
DCDP
Fls. N.º 6
Rubrica

MJ = SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

PARECER Nº 776/85 DATA: 09/ 09 /1985

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE"

DPF
DCDP
Fls. N.º 280
Rubrica

AUTOR/ES.: PEDRO BLOCH

GÊNERO: Leitura de Texto para Teatro

CLASSIF.ETÁRIA: Impropriedade para menores de 16 (dezesseis) anos

JUST.IMPROPRIEDADE:

Toda trama central gira em torno do comportamento infiel de seu personagem principal, Gumercindo Dias, que apaixona se perdidamente por Eurídice e abandona sua mulher e filhos. O ponto de atração de Eurídice são suas mãos; por ela, Gumercindo cobre-a de jóias, enquanto dilapida sua fortuna. Fogem juntos; Eurídice gasta-a toda em jogo e após não quer devolver a Gumercindo as jóias que conseguira através dele adquirir, enquanto o rejeita firmemente. Sentindo-se traído, Gumercindo, mata-a, recupera as jóias e retorna a sua família, mas também não mais a encontra. Sua mulher casara-se com outro, seus filhos perdera definitivamente: o menino falecera e a menina já encontra casada. Fica em desespero pela solidão em que se encontra.

MENSAGEM PRINCIPAL: Negativa, pelo assassinato de Eurídice, sem nenhuma punição sofrida, o esfacelamento de sua família, a paixão desmedida por uma mulher.

LINGUAGEM: Coloquial.

GRÁU DE PERSUAÇÃO: Negativa, pela temática desenvolvida de contrúdo amoral adotada pelo personagem central.

PÚBLICO ALVO: Presume-se adequar-se ao adolescente/adulto, pela mensagem e impressão final proposta pelo autor do texto.

Pelo exposto, opino por sua LIBERAÇÃO com impropriedade para menores para menores de 16 (dezesseis) anos, condicionando-o, no entanto, ao exame do Ensaio Geral.

É o Parecer.

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1985.

Carmen Lucia Do Valle Vieira

CARMEN LUCIA I. DO VALLE VIEIRA
TÉC. CENSURA - matr. 022.1188

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P-489

DPF
DCDP
Fls. N.º 7
Rubrica

MJ = SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

PARECER Nº 777/85 DATA: 18 / 09 / 1985

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE"

DPF
DCDP
Fls. N.º 281
Rubrica

AUTOR/ES.: PEDRO BLOCH

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

CLASSIF.ETÁRIA: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 ANOS

JUST.IMPROPRIEDADE: CERTIFICADO JÁ EXISTENTE E C/VALIDADE

A peça em questão é obra já bastante conhecida e festejada da dramaturgia brasileira.

Conta a estória de Gumercindo Dias, da sua avassaladora paixão por Eurídice, mulher interesseira, e o consequente desmoronamento de seu casamento e vida familiar.

Eurídice leva-o a falência, esbanjando o seu dinheiro no jogo e na compra de jóias carissimas. Desesperado Gumercindo ao ser por ela rejeitado, mata-a e tenta retornar à família. Este retorno porém é impossível pois toda a situação anterior estava mudada. Sua mulher tinha tomado novos rumos, sua filha casara-se e o filho morrera. O que lhe restava mesmo era somente uma profunda solidão e um sofrido amargor.

Como o texto possui certificado com validade até 02.10.86, opino pela liberação com a classificação etária constante do mesmo a saber imprópria para menores de 16 anos.

Sel. Eliane Maria Couto de Faria
Censura - S DP/SR/RJ
Mat. 2.416.890

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 490

DPF
DCDP
Fls. N.º 9
Rubrica

MJ = SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

PARECER Nº 778/85 DATA: 18 / 09 / 85

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

DPF
DCDP
Fls. N.º 282
Rubrica

AUTOR/ES.: PEDRO BLOCH

GÊNERO: TEATRO

CLASSIF.ETÁRIA: 16 ANOS

JUST.IMPROPRIEDADE:

Texto clássico do teatro brasileiro que narra a paixão de Gumercindo Dias por Eurídice.Casado,com filhos, abandona tudo por ela.

Eurídice tem as mãos mais belas do mundo.Para Gumercindo elas são como um fetiche - o objeto de atração sexual que provoca o desejo e o fixa.Gasta toda a sua fortuna em jóias para que aquela mulher ficasse mais bela.

Mas Eurídice não tinha capacidade de amar.Era fútil e traiçoeira.Gasata todo o dinheiro no jogo e depois não quer saber mais do amante.Desesperado,Gumercindo mata-a.

O desejo de retorno à família é inútil. Sua mulher casara-se de novo.O filho falecera e a filha já estava casada.

Uma dolorosa solidão é o fim de Gumercindo.

Adequada para o público adolescente,mantemos a impropriedade de 16 anos em razão do texto ter certificado com validade até 2/10/86.

Rio de Janeiro,18 de setembro de 1985

Angela Maria B. P. de Azevedo
Téc. Censura - Mat. 2.416.889

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P-491

DPF
DCDP
Fls. N.º 10
Rubrica

MJ = SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

PARECER Nº 779/85 DATA: 19 / 09 / 85

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

AUTOR/ES.: PEDRO BLOCH

DPF
DCDP
Fls. N.º 283
Rubrica

GÊNERO: ENSAIO GERAL

CLASSIF. ETÁRIA: 16 ANOS

JUST. IMPROPRIEDADE:

Cumprindo determinação desta Chefia, comparecemos ao Teatro América no dia 19 do corrente às 16 horas, a fim de proceder ao ensaio geral da peça em epígrafe.

Cenário - praticável, abaixo do palco, no nível da platéia, onde o ator representa quase todo o primeiro ato. Ao fundo, módulos de aço espelhado que deformam a figura do ator.

Um piano de 1/4 de cauda que ele toca, com um castiçal com velas em cima dele.

Um malão com vários pertences do personagem, que representam sua vida passada.

Um lustre da época, modelo pingo d'água, e um tapete avermelhado e envelhecido no centro do palco, entre o piano e o malão.

Uma boneca que ele estrangula. Não tem o tiro que havia antes. Há o estrangulamento.

As jóias estão escondidas sob a roupa do personagem.

Vestuário - o ator entra vestido de smoking com um guarda-chuva branco. Usa este smoking durante todo o espetáculo. Tira-o no final, ficando de calça somente, e sem sapatos.

Iluminação - no primeiro ato, focos dirigidos ilumunam tênuamente o malão e o piano. Ao acender as velas, a luz aumenta um pouco. Quando o ator está no praticável, focos coloridos se revezam sobre ele. E um canhão o acompanha.

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.492

DPF
DCDP
Fls. N.º 11
Rubrica

MJ = SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

PARECER Nº 779/85 DATA: ___/___/___

TÍTULO: _____

_____

DPF
DCDP
Fls. N.º 284
Rubrica

AUTOR/ES.: _____

_____

GÊNERO: _____

CLASSIF.ETÁRIA: _____

JUST.IMPROPRIEDADE: _____

Som - ao final da peça ouve-se uma gravação de uma das valsas de Chopin.

Marcação - toca pequeno trecho de Chopin ao piano e canta um trecho da Ópera "Orfeu de Eurídice".

Em razão do texto ter o certificado liberatório com validade até 2/10/86, mantemos a impropriedade já existente - 16 anos.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1985

Bel. Eliane Maria Couto de Farro
Censura - S DP/SR/RJ
Mat. 2.416.890

Angela Maria B. P. de Azevedo
Téc. Censura - Mat. 2.416.889

Carmen Lucia Valle Vieira.

CARMEN LUCIA I. DO VALLE VIEIRA
TÉC. CENSURA - matr. 022.1188

LG.

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.P. 0461,P 493

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 285
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 12
Rubrica

Certificado Nº 039/85/RJ

PEÇA "AS MÃOS DE EURIDICE"

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE:
TEMÁTICA COMPLEXA.

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
PARA
MENORES
DE
16 ANOS

VÁLIDO ATÉ 25 de SETEMBRO de 19 90

Brasília, RJ. 25 de SETEMBRO de 19 85

Maria Selma Miranda Chaves
Chefe do SCDP|SR|RJ
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.494

M.J- D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "AS MÃOS DE EURÍDICE"

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por MARIA MAGDALENA FERREIRA D'AZEVEDO LOUREIRO

Tendo sido censurada em 19 de SETEMBRO de 1985 e recebido a seguinte classificação: 16 ANOS / ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ.////

ENSAIO GERAL REALIZADO PELO SCDP/SR/RJ, EM 19/09/85.////

Válido em todo Território Nacional

Brasília, 25 de SETEMBRO de 1985

RJ.
xxxxx
ZFB/

BEL. - MARIA LUIZA LOPES REZENDE
Chefe do Serviço de Censura
Subst. Chefe da SCC/SCDP/SR/RJ
Mat. 022.222

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 495

DPF
DCDP
Fls. N.º 287
Rubrica

MJ 11.483 002322

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESP. SANTO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº465/86-SCDP/SR/DPF/ES Em 08 de abril de 1986

Do: Chefe da SCDP/SR/DPF/ES
Ao: Dr. Coriolano de Loiola Cabral Fagundes
M.D. Diretor da DCDP/DPF
Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor

Estamos encaminhando a V.Sa. os processos nºs: 00469; 01 140; 02589; 00204; 00188; 00190; 00189; 00461, relativos às peças teatrais: O GATALHAÇO de autoria de Ronaldo Ferreira dos Santos; ZONA- PRINCÍPIO E FIM de autoria de Ricardo Barnabé; AS MÃOS DE EURÍDICE de autoria de Pedro Block; AS TRAPALHAÇADAS DO VILÃO de autoria de Esio Evandro Sampaio Meirelles e às letras musicais: BROTINHO BELEZA; PRECISO E GOSTO DE VOCÊ; VOCÊ É LINDA; MEU LINDO AMOR, de autoria de João Carlos Vieira, SEU NOME de autoria de Vilarino Barcelos, Elizabete Lirio de Jesus, Cláudia Andréa Costa Loureiro e MISTER MAGU de autoria de Hélio Marques, Vilarino Barcelos e Cláudia Andréa Costa Loureiro e BATE CORAÇÃO DE autoria de Carlos Henrique Barros Trancoso que foram liberadas nesta SCDP.

Respeitosamente
MBViana
Marília Perazo Viana
Chefe da SCDP/SR/DPF/ES, em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.496

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 286
Rubrica

TÍTULO " AS MÃOS DE EURÍDICE "

AUTOR DA PEÇA: " PEDRO BLOCH "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 16 ANOS "

Praça " SCDP/SR/RJ "

Obs.:

DF. 09 / OUT. / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Em ordem;
Encaminhe-se ao Arquivo.
Bsb, 11/10/85

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p. 497

DPF
DCDP
Fls. N.º 288
Rubrica

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF/SR/ES
SUPERINT. REG. DO ESPÍRITO SANTO
4 DEZ 1985
02589
DPF/SR/ES/DCDP: 0825

Manoel Pereira Louzi
Requerente

Brasileira — Jornalista
Nacionalidade — Profissão

Carteira de Identidade 5.333.902 SP.
N.º e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Caxambú, 308 - Nanuque - MG.

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Peça Teatral - Monólogo abaixo relacionada(s)
Espécie

de autoria de: Pedro Block

As Mãos de Eurídice
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Vitória, 04 de dezembro de 1985
Local e Data

Manoel Pereira Louzi
Requerente

Anexos: 3 cópias

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 498

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: Manoel Pereira Louzi CGC: _____

Sede: Rua Caxambu, 308 - MG - Nanuque

CEP: 39.160

Diretor ou Responsável: o mesmo

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: Pedro Block

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: Brasileiro Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: Escritor

Endereço: _____

CEP: _____

3 – **PARCERIA**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Vitória, 04 de dezembro de 1985.

Ass.: Pedro Block

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.499

DPF SC...P/RS Fls. 389 Rubrica

AS MÃOS DE EURÍDICE

GUMERCINDO- Chopin!...

Parece que foi ontem! Foi há sete anos!

Eu estava aqui, Dulce, Lolinha, Ricardinho, dona Gervásia, o Dr. Hermengardo, Eurídice... Não. Eurídice, não. Frederico.

O Grêmio Feminimo... As reuniões...As valsas de Chopin... As músicas... As botas... botas... botas...

(Declamando)

"Ruega por nosotros, los pobres, que vamos en debiles barcos, en busca del pan y por los amores que en tierra dejamos, Señora del Mar!"

(Começa a rir baixinho e reprova com a cabeça)

Oh, as declamadoras!

(A cabeça e o indicador da mão direita começam a girar como quem acompanha a bolinha da roleta)

Preto... 26! Vermelho...32! Preto... 29! Vermelho... 36!

E a bolinha da roleta girando-girando-girando girando-girando...

E Eurídice comprando fichas, jogando e perdendo... comprando, jogando e perdendo... comprando, jogando e perdendo...

(Volta a declamar)

E "Ruega por las pobres mujeres que esperan, Señora del Mar"...

E as valsas de Chopin!

(Cantarola com revolta uma valsa de Chopin, enquanto suas mãos raivosas massacram teclas invisíveis)

E o piano da menina!

(Solfeja desesperado)

Dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - fé - in - da - ma - to - es - ta - me - ni - na - dó ré - mi - fá...

(Subitamente apavorado)

E, de repente, a múmia de Ramsés II! Descoberto o túmulo de Tutancâmen!

(Irônico)

Sarte e o existencialismo.

(Em tom de conferência)

Meus senhores! Eu queria explicar o existencialismo. Começando do começo devo dizer que o existencialismo... Isto é... Não é nada disso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-500

(Como quem tem visões assustadoras)

DPF
SCOR ES
Fls. 240
Rubrica

Faraós em procissão...
Hieroglifos...
Sarcófagos...
Metempsicose...
Osíris...
Ramsés e Cleópatra...

(Jocoso)

E então o faraó gritou: - preto, 29!

(Como na roleta)

Façam jogo, senhores. Façam jogo. Vermêlho... 36!

(Noutro tom)

Heródoto...
Egito...
"O Egito é uma dádiva do Nilo."
Nilo Branco, Nilo Vermelho, Nilo Azul.
Nilo de todas as cores...
cores...
Portinari!
Azul de Portinari!

(Com naturalidade)

Com licença!

(Ergueu-se e toca a companhia novamente)

Ninguém!

(Irritado)

Ninguém atende o telefone.
Ninguém responde a esta maldita campainha

(Bate na porta)

Dulce!...Dulce!... Sou eu, Dulce!... É o Gumercindo...

(Suplicante)

Gumercindo!

(Explode)

Vai ver que ninguém está em casa.
Isto, aliás, era uma das coisas que mais me irritavam. Dulce não parava em casa.
Telefonava da rua. Trriiiiiiiiiiiiiiin!
Trriiiiiiiiiiiiiiin!
Nada.

(A um espectador)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.501

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce. Gostava.

Mas compreendam bem. Compreendam, pelo amor de Deus!

Um sorriso e uma múmia...

E a Señora del Mar...

E o dó - ré - mi - fá - sol - da menina.

E a patinete do menino...

Fuiiiiiiiin! Fuiiiiiiiin!

E a dona Gervásia, minha sogra, falando - falando - patati - patatá - patatá - patati - patatá...

DPF SCP-ES Fls. 291 Rubrica

(Como uma roleta)

Preto!... 33!...

Façam jogo, senhores!

"Usted habla castellano? Vayamos a Mar del Plata. Hagan juego, señores!

Hagan juego! No va más!

(Afasta uma ficha hipotética e censura)

No va más!

(A um espectador)

O senhor, naturalmente, que não me conheco, vai dizer que eu estou louco.

(Entrega-lhe um cartão de visitas)

Gumercindo Tavares, um seu criado.

(Com naturalidade)

A princípio eu gostava, imensamente, de Dulce. Até seguro de vida eu fiz.

(Procura aflito nos bolsos e acaba encontrando um papel)

Está aqui.

(Mostra-o aos espectadores)

Seguro de quinhentos contos.

(Desce à platéia e entrega o papel a um espectador. Fica falando da platéia, enquanto volta, lentamente, à escada)

Mas o diabo eram as múmias. Era como se o indivíduo morasse dentro da pirâmide de Miquerinos.

E a esfinge silenciosa...

"Quarenta séculos vos contemplam!"

De um lado a esfinge silenciosa e indecifrável. Do outro dona Gervásia falando-falando-patati-patatá-patati-patatá.

(tétrico)

E do fundo da noite negra, do meio dos pesadelos, já me surgiam vo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 502

zes soturnas e misteriosas, tristes e profundas, com aquele interminável "Ruega por los rudos y blancos abuelos, ruega por nosotros, Reina de los Cielos, Señora del Mar!"

(Lamentoso)

Eu amava Dulce.

292
DPF
SCDP/ES
Fls. N. 292
Rubrica

(Terno)

Eu amava Dulce.
Aqui está, senhores.

(Tira uma fotografia do bolso e mostra-a ao público)

Aqui está.

(Tira outras fotografias e deixa-as com os espectadores)

A nossa lun-de-mel. Vejam quanta ternura e quanto amor! Quam diria que hoje...
Mas a coisa começou de uma maneira bem simples. Dulce não parava em casa. Um dia era Dulce que ia visitar as exposições de pintura.
No outro dia...

(Como quem se lembra de algo aterrador)

Portinari!
E surgiram do meio do dó - ré - mi - fá - sol, da Señora del mar, das múmias, dos faraós, das botas... botas... botas...

(Como quem tem visões dantescas)

Os pés de Potinari...
As mãos de Portinari...
As cartas de Portinari...

(Contempla horrorizado as próprias mãos)

Onde estão minhas mãos?

(Desesperado)

Onde estão minhas mãos?
Estas não são minhas mãos...
São as mãos de Portinari!

(Continuando a ter visões apavorantes)

E eram pés descalços, pés humildes, pés cansados, pés macerados, sofridos, torturados, triturados.
Eram pés sem botas... botas... botas...

(Acelerando o ritmo)

E eram mãos e pés e ventres e espantalhos!
Espantalhos de faraós declamando, pés de Ramsés e ventre de Cleópatra.
E a cobra vinha subindo-subindo-subindo- para sugar-lhe o seio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 503

(Doce e sonhador)

E o rosto de Eurídice! De minha Eurídice!

293
DPF
SCDP/ES
Fls. n. 293
Rubrica

(Quase em êxtase)

De minha Eurídice!

(Descreve suave e ternamente)

E as mãos de Eurídice vinham coleantes, suaves, ternas acariciantes, mãos plácidas, serenas.

Eu as cobri de anéis e de pulseiras.

Aquelas mãos conheciam o segredo da expressividade.

Mãos fugidas da estátua de Vênus, mãos admiráveis!

Naquelas mãos cabias os mais belos sonhos, os mais elevados ideiais.

Naquelas mãos havia o mistério do acorde não soado.

Mãos pedindo harpas, mãos pedindo asas, mãos clamando preces, ternura e amor.

Mãos...

As mãos de Eurídice!

Mãos pedindo preces...

(Com naturidade)

Eurídice é existencialista.

Eurídice não sabe, como nenhum de nós, o que é existencialismo.

(A um espectador)

O senhor sabe?

Eu, também, não sei.

Muitos supõem que o existencialismo...

Não.

(Salta de um assunto a outro com a maior naturalidade)

Quando casei com Dulce ela era uma menina simples e sem cultura.

Pensava que Beethoven era jogador de futebol.

Meses depois se mascarou.

Envolvida na rede da grã-finagem edda cretinice atômicas, ela - que mal sabia a diferença entre um dó e um sol, ela - que mal sabia distinguir uma sanguínea de um quadro a óleo, ela que mal sabia assinar o seu nome, começou a dar opiniões sobre música e arte modernas.

E porque Vila Lobos isso.

E porque Prokofief faz e acontece.

E porque Stravinsky e Copland e Schoenberg e Bela Bartok e Camargo Guarnieri...

E Dulce se tornou sócia da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

E eu já estava esperando o dia em que Dulce fosse ensinar ao maestro Koussevitsky a reger Beethoven.

E Dulce dava opiniões!

E porque o fagote isso e porque o oboé está meio tom abaixo e porque ocorno inglês desafinou...

(Furioso)

E eu juro aos senhores que Dulce nem sequer sabia distinguir um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 504

fagote de um oboé e muitos menos comhecia um corno inglês.

E a transformação de Dulce não foi só nisso!

E porque Brailowski toca Chopin melhor do que Firkusny.

E porque Firkusny é melhor do que Rubinstein.

E como se isso não bastasse ainda se pôs a estudar piano!

Em pintura Dulce já discutia Picasso, Salvador Dali, Van Gogh, Matisse, Corot, Manet, Rivera, Portinari...

E porque Portinari isso.

E porque Portinari aquilo.

E porque o azul de Portinari, porque o amarelo de Portinari, porque o cor-de-abóbora de Portinari...

Um dia encontrei Dulce explicando Portinari a Portinari.

- "Não, senhor Portinari. Não é daqui que se deve olhar este seu quadro. Os quadros de Portinari devem ser vistos a dois metros e meio de distância."

(Naturalmente)

Dava opiniões técnicas.

E porque Shostakovich é um cretino.

E porque Miaskowsky é formidável.

E porque Prokofief em "Pedro e o Lobo" andou querendo não sei o quê.

E porque Vila Lobos entende é de bilhar - Não entende nada de música.

(Furioso)

Um inferno!

Uma loucura!

E Dulce sorridente, radiosa, festiva, intranquila, buliçosa.

Comigo era um inferno. Nem uma palavra. Nem um comentário.

Só falava comigo para me chamar de maluco pra cima.

(Calmo)

Eu não sei se os senhores conheceram o Dr. Hermengardo Santos, meu sogro. Especiaista em assuntos egípcios e filatelista.

Qualquer um deixaria aquela casa porque aquilo se tornava insuportável.

(A um espectador)

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.

Gostava.

(Justificando-se)

Mas o senhor compreende.

Por mais amor que se tenha, por mais que se sinta, um dia a gente explode ou não explode? Explode.

(Cresce-lhe a irritação)

O senhor sabe o que é ter em casa um verdadeiro Grêmio Lítero-Musical e Esportivo?

Dulce era a presidenta.

Dá para acabar com um Gumercido Tavares ou não dá?

DPF SCI/P/ES Fls. 294 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 505

DPF SCOR/ES 295 Rubrica

(Entre revoltado e irônico)

E as pianistas com as suas valsinhas de Chopin!
E as declamadoras!

(Declamando imitando)

"Ruega por los niños que están en la cuna, ruega por los hijos que un día vendrán y irán a tus olas a buscar fortuna, Señora del Mar."

(Tira uma fotografia do bolso, contempla-a e fala com ternura)

Esta é a fotografia de Eurídice.
Na vida de todo homem deveria existir uma Eurídice.

(Lê a dedicatória)

"Ao Cindinho do coração com o amor sincero de sua Eurídice."

(Confessa meio envergonhado)

Meu nome é Gumercindo, mas para Eurídice eu sempre fui o Cindinho.

(Em desespero crescente)

Em casa eu não podia abrir a boca.
Como podia eu abrir a boca se Dulce falava, se dona Gervásia falava, se o Dr. Hermengardo falava, se todo mundo falava, gritava, tocava, declamava, bramia, zurrava, gemia, azucrinava, rugia!
Um inferno!

(Pianíssimo, terno, amoroso)

Com Eurídice era diferente.
Nós tínhamos um ninho só para nós dois.
Eurídice era a ternura, a doçura, a poesia feita mulher.
Tudo o que eu sonhava de paz e amor.
UM dia Eurídice surgiu em minha vida...
Eu acho que todos compreendem, não é verdade?
O senhor compreende?
A senhora compreende?

(Vai-se irritando)

De um lado Dulce, grã-fina, presidenta de Clube, despótica, verborrágica, desumana, cataclísmica.
De um lado um egiptólogo com as suas múmias.
De um lado dona Gervásia falando-falando-patati-patatá-patati-patatá...

(Amorosamente)

E do outro... Eurídice!
Bonita como um poema!
Os olhos de Eurídice!
A boca de Eurídice!
A pureza de Eurídice!
Todas as descrições serão inúteis.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 506

(Entega a fotografia a um espectador e diz com naturalidade)

Vejam o seu retrato e não me digam mais nada. Sobretudo as mãos.

DPF
SCOPES
Fls. 296
Rubrica

(Começa a descrever apaixonadamente)

As mãos de Eurídice exprimiam todas as emoções.
Riam, às vezes.
Ficavam furiosas.
Choravam.
Juntavam-se em súplica.
Projetavam-se em desespero.

(Cai em si de repente)

Ainda há uma certa confusão em meu espírito. Acho que não me expliquei bem.
Compreendam.
Eu sou um homem comum, de idéias comuns, ambições comuns, tudo comum.
Como todos quero uma vida de compreensão, de solidariedade, de companheirismo.
Nada demais.
Entretanto não encontrei nada disso.
Voltava de meu trabalho e não encontrava a paz.
Eu vinha do meu trabalho cautelosamente, prudentemente, vagarosamente.
Entrava em casa.
Ao abrir a porta a primeira pessoa que me surge é o Dr. Hermengardo, um indivíduo que faz com que qualquer um se sinta mumificado.
Mumificada a alegria, a esperança, a alma.
Todas as esperanças tinham ficado lá fora, como no Inferno, de Dante.
"Lasciate ogni speranza, vai ch'entrate".

(Começa a desesperar-se)

Depois surgia a figura apocalíptica de dona Gervásia.
Como o Dr. Hermengardo eu me sentia mumificado.
Com dona Gervásia eu me sentia devastado, arrasado, aniquilado.
E depois vinha Dulce.

(Imita-a)

"E faça a barba. E não me envergonhe. E vista-se direito. E não jogue a cinza no chão.
E porque não trabalha mais. E porque isso.
E escove os dentes. E penteie-se direito.
E porque aquilo...
E eu calado, aguentando sempre...
SEMPRE!

(Naturalmente, outra vez)

Não sei se já lhes disse que meu nome é Gumercindo Tavares e que de profissão sou escritor. As minhas obras ainda estão inéditas.

(Fazendo comício com ardor e revolta)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.507

Inéditas sim, brasileiras!

Porque uma campanha de inveja, inveja- repito!, acompanha o meu trabalho intelequitual.

Inveja de José Lins do Rego!

Inveja do Érico Veríssimo!

Inveja de Joraci Camargo!

Inveja de Jorge Amado!

Sim...

Porque no dia em que as obras de Gumercindo Tavares (Sou eu) sairem do prelo...

DPF SCOR/ES Fls. 289 Rubrica

(Cai em si, parece perceber o próprio ridículo e tenta justificar-se)

Um dia comecei a sentir uns sintomas estranhos.

Ouvia vozes.

Ouvia gritos.

Ouvia ruídos esquisitos.

Açordava sobressaltado.

Já não podia fixar-se em nada.

Eu me sentia num torvelinho, num turbilho.

Com medo de enlouquecer!

Sim,meus senhores! Quase enlouqueci.

Um dia comecei a ouvir vozes...

(Imita Dulce)

"Eu sou uma infeliz, Gumercindo. Gumercindo eu sou uma infeliz!"

(Apavorado)

E as perâmides imensas, majestosas, colossais, se erguiam em m nha frente.

E maior que todas as pirâmides se erguia majestosa dona Gervásia falando... falando... falando...

Amenemat I... Amenemat II... Amenemat III... e a esfinge falava, gritava, urrava...

Desvendado o segredo da esfinge!

A esfinge falou, senhores!

A esfinge falou!

E do fundo do areal imenso surgia a voz da declamadora insaciável, incansável, infimdável...

(Imita-a)

"Con tu amor soñamos, por tu fe vivimos, Señora del Mar."

(Volta a "ver" a roleta)

Preto!... 23!

Vermelho!... 34!

No va mas!

Hagan juego, señores! Hagan juego, imbeciles!

Hagan juego!

As mãos de Eurídice pediam fichas, mais fichas, mais fichas...

E a roleta engolindo insaciável, incansável, infindável..

(Solfeja com revolta)

Dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - dó - ré - mi - - fá - sol - fá - mi - ré - dó ...

(Imita Dulce)

Chegou a modista?... O plissé?... O babado?... O bordado?... O aplique?... Tem figurino?

Cabeleireiro às 10? E as unhas?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 508

298
DPF
SCOP/ES
Fls. 298
Rubrica

Madame Mendonça chamou?...
Hoje tem "buraco"?

(Como na roleta)

Hagan juego, señores. Hagan juego.

(Descreve com ternera)

As mãos de Eurídice depositam fichas, docemente, sua - vemente.

(Com angústia)

E a valsa de Chopin atravessa a sala como se fosse escrita com serpentes, como cobras venenosas, a envenenar a alma com açúcar, com a doçura pegajosa de Chopin.

(Com pavor)

E surgem pés monstruosos e mãos monstruosas!
Mãos e pés de Portinari carregando pedras monstruosas, ao som de uma valsa de Chopin... ao som das polonaises...
Milhares e milhares de escravos egípcios desfilam arrastando pedras gigantescas para a construção da grande pirâmide de Queope.

(Revoltado)

E o garoto vinha com a patinete pela sala.
Fuiiiiiiin!... Fruiiiiiii!....
E a menina acalentava a boneca em seus braços:
"Dorme, filhinha, do meu tolatão."

(Desesperado)

E eu queria fugir, fugir para muito longe. Para longe de dona Gervásia, longe de Chopin, longe da patinete, longe de Dulce, longe da Señora del Mar longe de Portinari, longe de vocês todos.

(Acalma-se)

Foi aí que surgiu Eurídice em minha vida.
Eurídice, a doce, a meiga, a pura, a existencialista.
Fugi. Fugiamos para a Argentina.
O Dr. Frederico andava em atitudes suspeitas diante de Dulce.
O Dr. Frederico vinha com orquídeas, com rosas.
Rosas de todas as cores.
Rosas amarelas, rosas vermelhas e até rosas - cor-de-rosa.
Vinha com poemas de Geraldy. "Toi et Moi".
De Rabindranath Tagore.
Sem falar nas caixinhas de bombons.

(Imita um Dr. Frederico melífluo)

Estezinho aqui tem licor, dona Dulce.
Estezinho tem recheio de amêndoas, dona Dulce.

"Ih, ih, ih!"
E toca a declamar Tagore:
"Quando, rapidamente, ela passou por mim, a fímbria de sua veste me roçou."

(Com fúria)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 509

Vá roçar na... "fímbria do inferno". Uma pouca-vergonha!

Até andou fazendo poemas para a minha mulher!
UM deles começava assim:
"Teus olhos são planetas cintilant es"!
Planetas cintilante é a "fímbria do inferno"!

DPF SCOPES Fls. 289 Rubrica

(A um espectador)

Veja o senhor! Planetas cintilantes!
Afinal de contas eu queria que o senhor me explicasse uma coisa.
Talvez eu seja um débil mental.
Talvez eu não comprenda.
Eu queria que o senhor me explicasse a título de quê um sujeito manda flores a uma senhora casada! Livros a uma senhora casada!
Bombons de licorzinho e recheio de amêndoas a uma senhora casada!.

(Noutro tom)

Mas o que interessa é que eu fugi com Eurídice para Argentina.
Sim, porque eu não suportava mais!
Eu compreendo que se goste de Portinari.
Pessoalmente eu sou o maior fã de Portinari.
Mas, pelo amor de Deus!
Niguém venha me dizer que Dulce gosta de Portinari.
Diabo, senhores! Eu conheço Dulce!

(Entrega um naturálidade um cartão de visita a um espectador)

Gumercindo Tavares, seu criado.

(Natural ainda)

Fui para a Argentina com Eurídice.
Deixei Dulce.
Ali conheci todos os mistérios da roleta.
Uma porção de pessoas preso aos seus caprichos.

(Com admiração, quase orgulho)

Eurídice jogava com insuperável elegância.
Era alvo da atenção geral.
Sabia perder com superioridade, com displicência, sem nervos, absolutamente sem nervos... o meu dinheiro.

As minhas mãos é que tremiam.

As mãos de Eurídice não se alteravam.

(Com amor)

Mãos brancas, mãos doces, mãos delicadas, quando surgiram no pano verde, entre todas as outras mãos, eram como se fossem tímidas e puras gazelas, castas e serenas, entre lobos famintos e chacais assassinos...

(Cai em si)

Mas um dia a roleta nos venceu.
Ficamos a zero
Deixamos então Mar del Plata, com seus malditos boleiros, seus sórdidos "croupiers", sua jogatina imoral e desenfreada.
Carreguei a minha doce Eurídice para Buenos Aires.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.510

Ali percebi que nada mais restava da minha fortuna. absolutamente nada.
Apelei para Eurídice.
Eu queria que ela empenhasse, que ela me emprestasse, uma das jóias que lhe havia dado, para tirar-me daquela situação.
Eurídice, entretanto, era grande até na desgraça.

(Imita-a)

"Não. Não me separarei destas jóias nunca, disse ela. São as únicas recordações que me restam de um amor que já findou."

DPF SCOP/ES Fls. N. 300 Rubrica

(Ingênuo)

Coitada! Queria recordar o passado.
Pouces seriam capazes de compreender uma existencialista.
Eu compreendi.
Compreendi e me afastei.
A última lembrança que me ficou de Eurídice foram as suas mãos.
Mãos pedindo preces.
Mãos pedindo harpas.
Mãos pedindo asas, ternura e amor.

(Começa a olhar, fixamente, o fundo da platéia, como quem tem visões. Começa a tropeça no texto como se o tivesse esquecido.)

Eurídice era toda... a minha... vida... Eurídice, para mim, era a própria vida... a própria...vida...

(De repente sua fisionomia ganha uma extraordinária alegria. Agora sim. Ele tem a certeza absoluta de que Eurídice ali está, lá no fundo da platéia. Nas frases anteriores Gumercindo se encontrava na escadinha. Sai correndo alucinado até o fundo da plateia gritando:)

Eurídice! EURÍDICE! EURÍDICE!

(Mas ao chegar no fundo se desilude e volta desalentado.)

Não é ela! Não é ela!

(Sobe a escada e fala entre saudoso e terno)

Quando perdi Eurídice eu me lembrei de Dulce.
De Dulce e de nossos filhos.
Ricardinho já deve estar um homenzinho.
Lolinha já deve estar uma moça. Não brinca mais com boneca.

(Aprixima-se da porta e torna a tocar a campanhia)

Ninguém. Mas onde andará essa maldita chave?!

(Procura nos bolsos e acaba achando)

Ah! Está aqui.

(Abre a porta e diz para a platéia)

Quando quiserem aparecer é aqui que eu moro
Gumercindo Tavares, um criado às ordens.
Boa noite!

(Começa a abrir a porta, enquando o pano cai)
FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 511

DPF
SCDP/ES
Fls. N. 301
Rubrica

SEGUNDO ATO

GUMERCINDO- Isto não fica assim!
Vocês não podem me condenar sem me ouvir!
Porque ninguém fala?
Respondam. Digam alguma coisa.
Chamem-me de crapula, de canalha, de qualquer coisa, mas digam alguma coisa, pelo amor de Deus!

(Suplicante)

Dulce.Compreenda, Dulce.
Foi uma loucura, mas a vida, para mim, era intolerável . Eu podia mais suportar.
E eu quero saber de meus filhos.
Tenho direito a uma explicação.
E o que faz o senhor, Dr. Frederico, dentro de minha casa? Poderia contentar-se em conquistar minha mulher fora da minha casa, fora desta casa.
Respeitar o teto daquilo que um dia foi um lar.
Cale-se! Não diga nada!
Eu quero saber onde vocês estiveram.
Eu quero saber de onde vocês voltaram.
Eu quero saber tudo.
E parem com esse maldito silêncio!
Onde está Lolinha, Dulce?
Pela ultima vez eu lhe pergunto:- Onde está Lolinha?
E Ricardinho?
Que é feito de Ricardinho?

(Raivoso e sacástico)

Ah! já sei! Naturalmente internou seus filhos para poder estar mais à vontade com seu amante.
Mas isso não fica assim!
Torna-me a vida intolerável, faz com que eu abandone minha casa e meus filhos, para quê?
Responda! Para quê?!

(Furioso)

E o senhor não se meta, Dr. Frederico.
O senhor não tem nada com isso.
Cale-se!... Não. Fale.
Diga alguma coisa.
Falem!
Ah! não quer falar?!
Pois eu descobrir tudo.
Tudo!
Nem que tenha de demolir esta casa, tijolo por tijolo, pedra por pedra.
De tudo o que vocês fizeram deve ter ficado um rasto, ficado um rastro, um perfume, uma perfídia, uma carta, uma confissão, uma mancha.
Esta é a minha casa.
Podem sair, ouviram?
Podem sair.
Rua$ RUA!
Sacripantas!
Metidos a intelectuais.
Metidos a requintados!
Metidos a blasés!!!
Vão pro inferno vocês e Chopim e a Señora del Mar e Geraldy e Tagore e as múmias e o diabo que os carregue!!!
Egoístas! Cínicos! Hipócritas!

(Começa a remexer nas gavetas da cômoda. Reúne papéis e coisas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.512

que traz para a "banqueta" anterior da casa, dentro de uma gaveta. Desta vez ele não usa a porta. Aparte da fachada ausente permite-lhe sair da casa como se atravessasse a parede.)

DPF SCP/ES Fls. 392 Rubrica

(Aos espectadores)

Vocês viram, não viram?

(Pousa a gaveta no chão)

Depois de tudo o que eu tenho feito por Dulce!
E apresenta-se com esse sujeito na minha frente, na minha casa, na minha cara!
Pouca- vergonha!
O que vale é que vocês estão assistindo a tudo isso e vêem que eu não sou culpado.
Ah! mas eu hei de descobrir!
Ainda há justiça neste mundo.
Eu hei de mostrar tudo o que aconteceu nestes sete anos.
Enquanto eu estava sofrendo, ela estava aqui, ouvindo as serestas do Dr. Frederico.
Doutor Frederico!
Doutor em quê?
Todo mundo aqui é doutor!
Doutor em quê?
O senhor sabe?
Nem eu.
Doutor em poemas de Geraldy. Doutor em bombons com recheio de amêndoas e licorzinho.
Doutor!

(Furioso)

Na minha cara, na frente, na minha casa!

(Voltando-se para onde Dulce e Frederico supostamente saíram)

Cínicos! Velhacos! Sacripantas!

(Começa a contemplar papéis que retira da gaveta que está a seus pés. À proporção que os vai tirando deixa-os no chão)

Dívidas, dívidas, dívidas...
Como sabe fazer dívidas!
É verdade que o dinheiro não era meu. Era do pai dela.
Mas ela precisava pensar no futuro de nossos filhos
Dívidas.

(Pega de um cartão)

Boletim do Ginásio Rio Branco.
Aluno Ricardo Tavares.
Ricardinho.
Boletim do terceiro trimestre.
Português- oito e meio.

(Começa a interessar-se entre calmo e terno)

Boa nota, não é?
"História - nove".
Inglês...

(Começa a comover-se)

Veja o senhor!Ricardinho falando inglês!
"Inglês - Nove e meio".
Como o tempo passa, não é verdade?
Não sei se todos os pais sentem da mesma maneira, mas tenho a impressão de que meus filhos cresceram de repente.
Falando inglês!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P-513

DPF
SCOP/ES
Fls. N. 303
Rubrica

(Ri baixinho e comovido)

Ricardinho falando inglês! É o fim do mundo!

(Continua a ler o boletim)

"Ciências - Dez".
É crânio. Saiu ao pai.

(Revolta-se ao lembrar)

Mas aquela patinete me tornava a vida insuportável.
Fuiiiiiiin! Fuiiiiiii!
O dia inteiro!
Depois a tosse, a caxumba, a catapora, o sarampo, a coqueluche, o diabo que o carregue!

(Furioso)

O garoto parecia ter um contrato de exclusividade com os micróbios!

(A um espectador, já mais calmo)

Seu filho tem patinete?

(Volta ao boletim)

"Canto orfeônico - Três!"

(Volta-lhe a fúria)

É isto! Eu estou dizendo!
Mania de ensinar canto orfeônico nas escolas!
Coisas de Vila Lobos mesmo!
Para que canto orfeônico?

(Lêr o boletim)

"Matemática - Zero!"
Ah, mas é natural! Quem poderia estudar com as malditas recepções de Dulce? E depois... matemática!
Mete-se uma porção de noções na cabe a de um garoto...

(A um espectador)

O senhor se lembra, por acaso, da fórmula das equações do segundo grau?
Não se lembra, é claro.
Deixe ver: - AB mais ou menos a raiz quadrada do diabo que o carregue menos não sei o quê...
Não é nada disso.
Aculpa não é do menino.
Eu sou partidário da educação com grande base psicológica.
É preciso compreender a criança, estimular a criança, dar-lhe apoio, carinho, confiança, ternura, proteção.
Se eu estivesse em casa, Ricardinho numca, ouviram? - numca!, nunca teria tirado zero em matemático.

(Pega em outros papéis)

Telegramas...Telegramas...
Uma carta.
Isto é que eu estava procurando:- uma car ta de Frederico a Dulce.
Radiografias... Contas... Receitas... Uma fotografia...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.514

(Contempla a fotografia e começa a rir sem parar, um riso nervoso, infindável. Aincredulidade se estampa em seu rosto.)

Não é possível, não é possível, não é possível, não é possível, NÃO É POSSÍVEL!
Lolinha casada!
Minha filha casada!

DPF
SCOP/ES
Fls. 304
Rubrica

(A uma espectadora)

A senhora está vendo, não é verdade?
Fizeram tudo sem me consultar a mim... O PAI!
Afinal de contas eu sou o pai.
Posso não ser um pai tão bom quanto o senhor ou o senhor, mas um pai.
Mas é uma criança, meu Deus!
Casaram uma criança de dez... (Corrige) dezessete anos.
Com certeza Frederico foi o padrinho do casamento.
É insinuante, maneiroso, hábil, sutil, requintado.
E Dulce é tão infantil!
Deixa-se levar pelo primeiro cretino que aparece.
E se o marido de minha filha não prestar?
E se a abandonar? Se fugir?
Sim, porque há de tudo neste mundo.
O senhor está compreendendo, não é verdade?, até que ponto eu tenho razão?
Depois um sujeito estrangula, dá dois tiros na mulher e passa a ser um assassino, um criminoso, um inimigo da civilização, condenado pelo céu e pela terra.
Dulce vai me prestar contas do que fez de minha filha.
Naturalmente a menina estava atrapalhando o Grêmio Feminino.

(A revolta vai em crescendo)

Naturalmente estava atrapalhando os seus amores com o Dr. Frederico!
Não podiam comer bombonzinho com licorzinho com a menina ao lado.
E pronto.
Entregue-se LOlinha ao primeiro imbecil que aparecer.

(Volta a olhar a fotografia)

O diabo é que nem conheço o marido de LOlinha.

(Desce à platéia e vai consultar uma espectadora, mostrando-lhe a foto. Quando desce já traz consigo outras coisas e papéis, além da fotografia.)

Tem cara de bom sujeito, não tem?
E tudo sem me consultar!

(Lê num pedaço de papel)

"Teu riso tem cristais desconhecidos..."
Já escrevi isto há tanto tempo!

(Lê noutro papel)

"Três camisas, duas toalhas..."
Lavadeira.

(Súbito sua fisionomia se alegra. Encontrou um seu retrato e mostra-o a todos)

Meu retrato. Vejam o meu retrato.
Vejam o retrato de um homem feliz.
A minha cara de antigamente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.515

(Volta a ter em mãos a carta)

Isto. Isto é que eu queria mostrar a vocês.
A carta de Frederico a Dulce.

DPF
SCOP/ES
Fls. 395
Rubrica

(Revoltado)

Cínicos!

(A esta altura Gumercindo está recostando na escada que liga a platéia ao palco. Começa a ler a carta)

"Minha querida Dulce".

(Aos espectadores)

Estão ouvindo bem? O senhor está ouvindo? A senhora? muito obrigado.
"Minha querida Dulce".(Querida, compreendem?)
"Deveria existir um dicionario de silencio, de palavras numca pronunciadas, palavras oumca ditas".
Dicionario de Silêncio! Dicionário de pouca- vergonha, seu canalha!
"Gumercindo há sete anos dá notícias suas e você, querida Dulce", Querida Dulce, compreendem?
"...e você, querida Dulce," Querida Dulce!
"...sempre fiel, sempre boa, sempre dedicada à recordação daquele crápula," O crápula sou eu
"...um crápula que fugiu com uma vagabunda qualquer e gastou todo o dinheiro, todo o dinheiro que pertncia a você, Dulce, nas roletas de Mar del Plata."

Quem perdeu não fui eu. Foi Eurídice.
"Só eu sei da pureza que você possui, do que você tem sofrido, da sua dedicação, do seu grande amor por Gumercindo".
Amor por mim? Ah...âh...ah...
"Chegou o momento de pensar em nós. Pense um pouco em nós, Dulce. Seu eterno - Frederico".
Pensar neles!
Cínicos! Egoistas! Hipócritas!
Pensar neles enquanto eu caminhava derrotado, enquanto eu sofria calado as perdas da roleta, enquanto Eurídice me abandonava solitário e triste!
Pensar neles!
Chegou a hora de pensar neles!
Sacripantes!

(Relê mais calmo)

"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".

(Como quem descobriu algo)

Esta carta foi forjada, forjada para que eu a encontrasse nela. Souberam que eu viria, escreveram a carta e pronto. O imbecil será enganado. O idiota engolirá qualquer pílula.

(Relê)

"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".
Onde estava esse amor quando eu estava aqui? Onde?

(Lê a carta)

"Não continue a chorar, Dulce. Aquele bandido não merece uma única lagrima,
Esqueça-o. Já sofreu bastante minha querida Dulce".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 516

DPF SCP/ES Fls. 306 Rubrica

(Furioso)

Vejam bem os conselhos desse miserável!

"Esqueça-o". Esquecer a mim. Pensa que é fácil.
Ela precisa lembrar-se e lembrar-se muito do que me fez, de tudo o que eu sofri, da tortura porque passei.

(Relê)

"Só eu sei... do grande amor por... Gumercindo".

(Concessivo)

Bem. Eu não digo que ela não me amasse. Mas compreendam bem.
Qual é o papel de uma mulher que ama quando o homem que ela ama se apaixona por uma vaga...

(Corrige depressa)

...por uma outra mulher?
É lutar por ele. Fazer algo por ele.
Procurar reconquistá-lo.
Foi isso que ela fez?
Não.
Fechou-se em seu orgulho, procurou elevar-se, procurou esquecer, afogando-se nas reuniões monótonas, nas exposições sombrias, nos concertos da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

(Lamentoso)

Eu precisava de mulher que me dissesse:- "Gumercindo, isto é loucura. Isto é uma loucura Gumercindo".

(Revoltado)

Ela não moveu um dedo para me salvar.
Deixou que eu me atolasse.
Renunciou covarde, imoral e infamemente.
Consequência: - atolei-me até aqui.

(Humilde e saudoso)

Agora estou de volta.
Não é tarde para recomeçar.
Seria tão bom!
Ter Lolinha ao lado.
Ter Ricardinho...
Ricardinho falando inglês: "How do you do, father?
Tudo como antigamente

(Irritando-se)

Mas ela não quer falar! Não quer explicar nada, absolutamente nada! Não quer.
E aquele Doutor Frederico?
Aquele canalha sempre ali, sempre firme e fiel como um cão.

(Acalma-se e pega num papel)

Receita...

(Vai pegando em outras coisas)

Radiografia de pulmão...
Receita de Estreptomicina...
Dr. Mendonça...
Menor Ricardo Tavares...

(Começa a preocupar-se , começa a ssustar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p. 517

Ricardinho... doente...

(A um espectador)

O senhor é médico? Doutor, para que é que se dá Estreptomicina, hem?

(Aflige-se)

DPF SCOP/ESP Fls. 207 Rubrica

É coisa ruim, doutor?

(Mostra ao espectador a radiografia)

Veja esta chapa. É dele. É grave, doutor? É GRAVE?

(Olha assustado e angustiado em torno de si)

Porque estão calados?
Por que me olham assim?

(Começa a reconstituir os fatos com angústia, enquanto vê outros papéis)

Conta do Sa atório Boa Esperança... conta do menor Ricardo Tavares... Ricardinho... Campos do Jordão... Sanatório... Deve estar muito frio...muito frio... Estreptomicina... Ricar - dinho...

(Num crescendo de angústia)

Por que me olham assim?
Eu não tenho culpa de nada.
Eu não fiz nada.
Vocês viram. Eu nem sequer estava aqui.
Por que não salvaram meu filho?

(Grita desesperado)

Porque estão me olhando?
Corram! Ricardinho está doente. Doente...
Meu filho está doente...

(Olha desvairado e fala baixo)

Meu filho está doente...
Sanatório...
Estreptomicina...
Frio...

(Olha as suas mãos. Nelas ainda estão papéis telegramas...)

Telegramas...
Telegramas...

(Lê assombrado um dos telegramas)

"Sinceros pêsames falecimento nosso inesque... cí... vel... Ri... car..."

(Deixa cair o que tem nas mãos e contempla a platéia desvairado. Neste momento Gumercindo entra em completa alucinação)

Madame. Por favor! Não me olhe assim. Eu não tive culpa.
Frio... Está muito frio...
Dizem que, às vezes, até cai neve em Campos do Jordão.

(Grita para o palco)

Pare! Pare de tossir, Ricardinho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.518

Papai já vai. Tome o remédio...

(Volta-se furioso para a platéia)

DPF SCDP/ES Fls. 308 Rubrica

Bandidos! Ladrões!
Eurídice! Não jogue nesta roleta.
São todos uma cambada de ladrões.

(Grita choroso para o palco)

Eu já vou.
Eu já vou, Ricardinho. Mas pare com essa tosse, Ricardinho. Pare com essa tosse, pelo amor de Deus!

(De repente "vê" surgir Dulce na sala e sobe delirando de alegria da platéia ao palco)

Dulce! Dulce! Você voltou, Dulce! Eu sabia, Dulce, que você voltava.
Que mala é essa? Veio buscar suas coisas?
Dulce. Eu já sei de tudo. Já sei que Lolinha casou.
Já sei que Ricardinho m...
Sei que você tem sido fiel sempre...sempre... sempre...
Não vá, por favor!

(Suplicante)

Não me deixe só.
Não me abandone, pelo amor de Deus!
Eu preciso de você, Dulce.
Eu preciso de suas palavras e dos seus cuidados...

(Docemente)

"Gumercindo. Faça a barba, Gumercindo",
"Gumercindo, vista outro terno".
"Gumercindo, descanse um pouco".

(Suplica quase chorando)

Eu preciso do seu piano e de suas valsas.
Eu preciso de sua pureza e de sua grandeza de alma.
Não me deixe, Dulce. Não me deixe...
Dulce. Peça ao Ricardinho para parar com essa tosse.
Pare com essa tosse, Ricardinho!
Para com essa tosse, pelo amor de Deus!

(Explode dirigindo-se à platéia)

Ladrões! Bandidos!
Essa roleta é um roubo!
Quero o dinheiro de meu filho.
São todos uma cambada de ladrões.
Não, Eurídice. Não jogue mais!
Todos são culpados.
Vocês mataram meu filho.
Todos. Assassinos!

(Desesperado)

Parem. Parem. Parem com essas pedras.
Não arrastem essas pedras, pelo amor de Deus! Não é preciso. Não é preciso. Não é preciso construir as pirâmides,não.
Ricardinho. Ouça, Ricardinho. Está frio?
Muito frio? Dulce, o suéter azul de Ricardinho.
Meu filho. Fale um pouco. Fale inglês, meu filho.
Papai quer ouvir.
Lolinha! Estava bonito o seu casamento?
Marcha Nupcial e tudo? Que beleza!
Você botou o mesmo vestido de sua mãe? O vestido de Dulce?
Que maravilha?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 519

E o padre... o que disse? "Proteger o lar... Zelar pelos filhos... construir um futuro de felicidade, de imensa felicidade de..."

Dulce. Não me deixa agora. Agora não, Dulce. Podemos começar tudo de novo.

Parem. A Marcha Fúnebre, não.

Eu quero as valsas, de Chopin.

Parem!

Podemos começar tudo de novo.

Ricardinho vai ficar bom.

Vai ser uma maravilha! Vai ser como antigamente!

Tão bom, Dulce!

Você e suas valsas de Chopin...

E a declamadora com "Ruega por los niños, Señora del Mar".

Que coisa linda, Dulce! Veja que coisa linda!

"Ruega por los niños!"

Vai ser tudo como antigamente.

Como antigamente?

"Sinceros pêsames"...

Onde ouvi isso?

"Sinceros pêsmes..."

Pêsames por-quê Dulce?

Não, Dulce! Não é possível!

As crianças não morrem nunca. Não devem morrer.

(Apontando um espectador)

Que é que o senhor está fazendo aí?

Deixou a mulher e os filhos em casa e veio?

Sozinho?

Sua vida é um inferno? Intolerável?

Surgiu uma Eurídice em sua vida, também?

Para salvar os filhos é preciso acabar com todas Eurídices do mundo.

Quem vai cuidar de seus filhos?

Quem manterá o seu lar?

Concordo. Já sei.

Mas seus filhos não têm nada com isso.

Ah! Tudo seria fácil se não fossem os filhos. Se as crianças não nascessem e, sobretudo, se as crianças não morressem.

(Desesperado, alucinado)

Estas mãos!

Estas mãos não são minhas!

Parem com esse Chopin. Parem com essa declamadora. Parem com essas gargalhadas.

Ricardinho está dormindo.

Parem com essa roleta.

(Tentando justificar-se ainda)

Vocês viram. Todos viram que eu sou inocente de tudo o que aconteceu.

Dona Gervásia falando- falando- falando- patati- patatá-patati- patatá- patati- patatá... E as múmias e o dó - ré - - mi - fá - sol e Vila Lobos e Prokofief e isso e mais aquilo e porque o amarelo de Portinari e porque o cor-de-abóbora de Portinari, e não sei o que mais...

Patati-patatá-patati-patatá-patati-patatá.

E os escravos avançam.

Enormes pedras são arrastadas para a construção de grande pirâmide de Quéope.

(Gargalhada histérica)

Para que as pirâmides?

"Quarenta séculos vos contemplam".

Para que os quarenta séculos?

DPF SCDP/ES Fls. n. 309 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 520

E mais angústia... e mais confusão... e mais guerras... e mais bomba atômica...

DPF
SCOP/ES
Fls. 320
Rubrica

(Transição. Como na roleta)

Vermelho!... 32!
Preto!... 27!
Hagan juego, señores!
Hagan juego!
A bomba vem caindo sobre Hiroxima.
Fuiiiiiiiiiiiiiiiiiiin! Pum!
Acabou Hiroxima.
Hagan juego, señores
Hagan juego.

(Neste momento, diante da porta de sua casa ele parece vislumbrar Eurídice. Dirige-se a ela suplicante.)

Eurídice!
Eu preciso de você, Eirídice!
Minha vida está em suas mãos.
Essas mãos tão puras, Eurídice!
Deus gosta mais das mãos puras que das mãos cheias.
Onde está a linha da vid a, Eurídice?
Como é linda a sua mão!
Eu preciso de você, Eurídice.
Eu preciso de uma dessas jóias que cobrem as suas mãos.
O menor de seus anéis me salvará a vida.
Dei a você tudo o que eu tinha.
Toda a minha fortuna.
Tudo, Eurídice.
Por você deixei tudo, renunciei a tudo.
Não quero nada demais.
Só quero o menor de seus anéis.
O menor de seus brincos.
O menor de seus colares me salvará.
Ouça, Eurídice.
Toda a minha fortuna está em suas mãos.
Mãos suaves, ternas, acariciantes...
Mãos que eu cobri de anéis e de pulseiras.
Mãos pedindo preces, ternura e amor.
Você se lembra, Eurídice? O "Poema das Mãos".
Em tudo eu só via as suas mãos.
Na carícia e na roleta.
Por favor, Eurídice!
Eu quero o menor de seus anéis. O menor!

(Irritando-se)

Ah, não quer?
"Únicas lembranças de um amor que já morreu?"
Cínica!
Canalha!!!

(Ergue um revólver fictício contra "Eurídice" e dispara acompanhando a queda do corpo. Quando o corpo cai ele grita)

Eurídice! EURÍ ICE!
Não, Eurídice!
Eu não queria matar você.
Eu juro.
Eu juro que não queria.
Este revólver era para eu me suicidar.
Mas não tive coragem.
Sou um covarde, Eurídice.
Um covarde.

(Chora. Depois repete saudoso)

Mãos pedindo preces, ternura e amor.

(Riso histérico)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.521

Ninguém. Ninguém vai descobrir que eu matei você, Eurídice.

Nimguém.

Você pensa que foi fácil?

Pensa que foi fácil iludir toda a polícia de Buenos Aires?

Mas recuperei tudo.

Arranquei de seu pescoço e de suas mãos todas as jóias. Todas a minha fortuna estava em suas mãos... Todas as jóias...

DPF
SCDP/ES
Fls. N. 0311
Rubrica

(Tira do bolso, maquinalmente, colares, anéis, pulseiras, e os vai deixando no chão)

Vim para reconstruir minha vida.

Vim para erguer-me novamente.

(Neste momento ele se ergue e enquanto diz as primeiras palavras seguintes as últimas jóias escapam de sua mãos.
Uma luz azulada vai-se infiltrando para substituir a luz clara do ambiente.
Duas lâmpadas estão acesas sob e a cômoda desde o começo deste ato.
A luz azul vai tomando conta do ambiente e vai-se concentrando na figura de GUMERCIN O que fala com emoção e lágrimas crescentes.)

Eu quero cobrir as suas mãos de jóias. Eu quero as suas mãos, Dulce.

As mãos que tocavam Chopin, as mãos que educavam meus filhos. As mãos que me consolavam e me davam ternura e amor, sem pedir nada em troca.

Eu quero suas mãos, Dulce.

Mãos que não pedem harpas, que não pedem preces, mãos que não pedem nada.

Mãos que só sabem dar.

Eu quero suas mãos, Dulce.

Comecemos tudo de novo.

Eu voltei. para ouvir de novo o riso de Lolinha, o dó-ré - mi - fá - sol -, a Senora del Mar, Vila Lobos, Portinari, as múmias, os faraós, as valsas de Chopin!

DULCE! EU VOLTEI, DULCE!

(Chora e ri ao mesmo tempo e cai de joelhos como em prece.

EU VOLTEI!

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 522

DPF
DCDP
Fls. N.º 312
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESP. SANTO

SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/DPF/ES

ASSUNTO : Leitura de Texto
TÍTULO : " AS MÃOS DE EURÍDICE "
AUTOR : Pedro Block
CLASSIFICAÇÃO : 16 ANOS

Monólogo em dois atos, mostra as situações vividas por um indivíduo, após a separação de um casamento mal sucedido.

Mensagem principal positiva pois focaliza o conflito familiar e suas degenerecências.

Pelo exposto opino pela manutenção da impropriedade de 16 anos.

Vitória-ES 12 de dezembro de 1985

Bel. Luiz Paulo Dias de Mattos
T. Censura - SCDP/DPF/
Mat. 2.415.802

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P. 523

DPF
DCDP
Fls. N.º 313
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESP. SANTO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título da Peça: AS MÃOS DE EURÍDICE
Autor: PEDO BLOCK
Assunto: LIBERAÇÃO DO TEXTO
CLASSIFICAÇÃO: 16 anos

A peça constitui-se em um monólogo apresentado em dois atos focalizando todas as inquietações e alucinações de um personagem que abandona o lar por outra mulher e após arruinado volta e relembra passagens de sua vida.

A mensagem principal é positiva porque focaliza a desestrutura familiar, o caos psicológico em que o indivíduo se encontra por ter sido mal sucedido em sua segunda tentativa de união e o complexo de culpa por ter feito infelizes todos os demais membros da familia.

O público alvo presumível é o adulto, a linguagem é clara e sem termos chulos.

Considerando que é um drama familiar forte sugerimos a manutenção da impropriedade para 16 anos.

Vitória, 12 de dezembro de 1985.

Del. Marilia Perazo Viana
Técnica de Censura
Matr. 022.351

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 529

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
FLS. N.º 314
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 56/85

PEÇA AS MÃOS DE EURÍDICE

ORIGINAL DE PEDRO BLOCK

VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

16 anos.

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

TEMÁTICA ADULTA

VÁLIDO ATÉ 19 de dezembro de 1990.

Vitória, 19 de dezembro de 1985.

Brasília, 19 de dezembro de 1985.

Bel. Rogério Freitas Fróes
CHEFE DA S.C.D.P./SR/ES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p.525

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada AS MÃOS DE EURÍDICE

Original de PEDRO BLOCK

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por

Tendo sido censurada em 19 de dezembro de 1985 e recebido a seguinte classificação: 16 anos. Condicionada a exame do ENSAIO GERAL.

Este Certificado só terá validade quando acompanhado do script devidamente carimbado pela SCDP.

Vitória, ~~Brasília,~~ 19 de dezembro de 1985.

M. Diana

p/ Chefe do Serviço de Censura

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.526

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 315
Rubrica

TÍTULO " AS MÃOS DE EURÍDICE "

AUTOR DA PEÇA: " PEDRO BLOCH "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 16 ANOS "

Praça " SCDP/SR/ES "

Obs.:

DF. 11 / ABRIL / DE / 1986

Resp. pela elaboração do Processo

Adilson

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Ao Arquivo.
BSB 17/04/86

José Daulny Cardoso
CF - Matr. 2096417
Chefe da SCTC/SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

TITEL
511313DPFE [illegible]

Ramos 74.984
1 034

PORTO ALEGRE [illegible] 40 230987 15,20HS

24/07/0-
DCDP

DPF
DCDP
Fls. N.º 316
Rubrica

DCDP/DPF/BSA

NR 053/87-SCDP/SR/RS DE 18-09-87 FIM CUMPRIR ITEM I LETRA C PORT 17/78 VG SOL INFO CONSTA REF PECAS TEATRAIS DIPT ABRASPAS/AN MARGEM DA VIDA/FECHASPAS VG AUTORIA TENESSEE WILLIAMS PTVG ET ABRASPAS/AS MAOS DE EURIDICE/FECHASPAS VG AUTORIA PEDRO BLOCH PT

CHEFE SCDP/SR/RS

NNNN
TR POR ORL EM 230987 AS 1950HS
REC?D
TITEL DSA
511313DPFE DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.527

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 528

DPF
DCDP
Fls. Nº 317
Rubrica

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 9:28 28/09/87

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO: Mielef

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

ENDEREÇO

SCDP/SR/PAE/RS

TEXTO A TRANSMITIR

Nº561/DCDP de 25 _09 _87 ___ RERA NR 053/SCDP/RS 180987 VG INFO PEÇAS "HA HARGEM DA VIDA" LIB 14 ANOS CERT VENC 070586 J.I. NADA CONSTA PTVG "AS MACS DE EURIDICE" LIB 16 ANOS CERT VAL 191290 J.I.TEMATICA ADULTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor .....

Chefe do SCP - DCDP

Substituto

DPF-84

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p-529

DPF
DCDP
Fls. N.º 318
Rubrica

19 NOV 1144 007817

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - SR/DPF/MS

OF. Campo Grande/MS, 18 de novembro de 1987
Nº 058/SCDP/87

Senhor Diretor:

Com o presente, encaminhamos a essa DCDP, para confronto e emissão do certificado, a peça teatral intitulada "AS MÃOS DE EURÍDICE", de autoria de Pedro Bloch, sendo requerido por João Batista Barros Bahia.

Atenciosamente,

Pedro da Mota Flores

Bel. PEDRO DA MOTA FLORES
CENSOR FEDERAL
MATRÍCULA 256/845

Ilmo. Senhor
Dr. RAYMUNDO EUSTÁQUIO DE MESQUITA
MD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 530

DPF
DCDP
Fls. N.º 319
Rubrica

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Departamento de Polícia Federal

JOÃO BATISTA BARROS BAHIA
Requerente

brasileira — Nacionalidade
Professor — Profissão

Carteira de Identidade RG. 376.293 - SSP/MS
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Domingos Sávio, 157 - Sto. Antônio

Campo Grande/MS, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: PEDRO BLOCH

Título (s)
" AS MÃOS DE EURÍDICE "

Nestes termos,

Pede deferimento.

Campo Grande, 17 de novembro de 1987.
Local e Data

João B. B. Bahia
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 531

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: _____ CGC: _____

Sede: _____

_____ CEP: _____

Diretor ou Responsável: _____

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: PEDRO BLOCH

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

3 — PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 17 de novembro de 1987

Ass.: Joaquim B. B. Bahia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.532

DPF
DCDP
Fls. N.º 320
Rubrica

" AS MÃOS DE EURÍDICE "

PEÇA TEATRAL EM 02 ATOS

AUTOR: PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p.533

DPF
DCDP
Fls. N.º 321
Rubrica

ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU "EDWARDS CORRÊA E SOUZA"
TRÊS LAGOAS = MATO GROSSO DO SUL

AS MÃOS DE EURÍDICE

CENÁRIO

Uma escada liga a platéia ao palco. A metade esquerda do palco mostra-nos a entrada de uma casa. De cada lado da' porta de entrada há uma banqueta de mármore. A metade direita não apresenta a fachada, de maneira que se pode divisar o interior, que nos mostra ' uma sala de estar com poltronas, uma mesinha com uma estatueta, um cômoda com várias gavetas e um quadro. O quadro está "no ar", suspenso por fios ' invisíveis.

Atrás do cenário uma rotunda.

1º ATO

Gumercindo vem entrando por uma porta lateral direita da platéia. Se ' esta porta não existir êle pode vir pela mesma por onde entrou o público.

Vem com uma expressão de alucinado. Traz estampado no rosto o mêdo, a angústia o desespero. Sua roupa gasta, seu cabelo em desalinho, sua ' barba por fazer, seu andra, e - sobretudo - o seu olhar, falam de tragédia e derrota.

Gumercindo atravessa a plátéia em direçãoa ao palco. Olha os espectadores, entre assustado e ameaçador, cumprimenta um e outro e para diante da escadinha que liga a plátéia ao palco.

Olha para o palco, muito triste, como quem estivesse vendo a parede anterior de uma casa. Olha para osd dois lados da "rua". Sobe os degraus e dirige-se para a porta. Toca a campainha, após uma ligeira indecisão Torna a tocar. Ninguém atende. Procura algo nos bolsos. Não encontra . Aparentemente resignado senta-se na "banqueta" de mármore.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 534

DPF DCDP Fls. N.º 322 Rubrica

Começa a assobiar, calmamente, um "Noturno", de Chopin, observando a platéia analisando os espectadores.

Um foco de luz acompanha GUMERCINDO, do comêço ao fim da peça, como se aquela luminosidade fizesse parte de seu ser. Quando está na platéia ou no palco êle "carrega" aquela luz consigo. Esta luz independe da iluminação que se queira dar ao cenário.

GUMERCINDO, dizíamos, estava assobiando um "Noturno", de Chopin, e analisando ap platéia com uma expressão indefinível.

GUMERCINDO -- Chopin!...

Parece que foi ontem! Foi há sete anos!

Eu estava aqui, Dulce, Lolinha, Ricardinho, dona Gervásia, o Dr. Hermengardo, Eurídice ... Não. Eurídice, não. Frederico.

O Grêmio Feminino... As reuniões ... As valsas de Chopin ... As múmias... As botas... botas...botas...

(Declamando)

"Ruega por nosotros, los pobres, que vamos en debiles barcas, en busca del pan Y por los amores que en tierra dejamos, Señora del Mar!"

(Começa a rir baixinho e reprova com a cabeça)

Oh, as declamadoras!

(A cabeça e o indicador da mão direita começam a girar como quem acompanha a bolinha da roleta)

Prêto... 26!

Vermelho... 32!

Prêto ... 29!

Vermelho... 36!

E a bolinha da roleta gierando-girando-girando-girando-girando...

E Eurídice comprando fichas, jogando e perdendo... Comprando, jogando e perdendo... Comprando, jogando e perdendo ...

(Volta a declamar)

E "Ruega por las pobres mujeres que esperan, Señora del Mar"...

E as valsas de Chopin!

(Cantarola com revolta uma valsa de Chpin, enquanto suas mãos raivosas massacram teclas invisíveis)

E o piano da menina!

(Solfeja desesperado)

Dó - Ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - in - da - ma - to - es - ta - me - mi - na - dó - ré - mi - fá...

(Subitamente apavorado)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 535

DPF DCDP Fls. N.º 323 Rubrica

E, de repente, a múmia de Ramsés II!

Descoberto o túmulo de Tutancâmen!

(Irônico)

Sartre e o existencialismo.

(Em tom de conferência)

Meus senhores! Eu queria explicar o existencialismo. Começando de começo devo dizer que o existencialismo ... Isto é... Não. Não é nada disso.

(Como quem tem visões assustadoras)

Faraós em procissão...

Hieroglifos...

Sarcófagos...

Metempsicose...

Osiris...

Ramsés e Cleópatra...

(jocoso)

E então o faraó gritou: - prêto, 29!

(como na roleta)

Façam jogo, senhores. Façam jôgo.

Vermelho... 36!

(Noutro tom)

Heródoto...

Egito...

"O Egito é uma dádiva do Nilo"

Nilo Branco, Nilo Vermelho, Nilo Azul.

Nilo de todas as côres...

Côres...

Portinari!

Azul de Portinari!

(Com naturalidade)

Com licença!

(Ergue-se e toca a campainha novamente).

Ninguém!

(irritado)

Ninguém atende o telefone.

Ninguèm responde a esta maldita campainha.

(bate na porta)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.536

DFF DCDP Fls. N.º 324 Rubrica

Dulce!... Dulce!... Sou eu, Dulce!... É o Gumercindo...

(Suolicante)

Gumercindo!

(Explode)

Vai ver que ninguém está em casa. Isto, aliás, era uma das coisas que mais me irritavam. Dulce não parava em casa.

Telefonava da rua. Trrriiiiiiiiiiiin!

Trrriiiiiiiiiiiiiiiii!

Nada.

(A um espectador)

O Senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.

Gostava.

Mas compreendam bem. Compreendam, pelo amor de Deus!

Um sorriso e uma múmia...

E a Señora del Mar...

E o dó - ré - mi - fá - sol - da - menina.

E a patinete do menino...

Fuiiiiiiiiin! Fuiiiiiiiiin!

E a D. Gervásia, minha sogra, falando-falando - patatí - patátá - patatí - patátá- patatí - patáta ...

(como na roleta)

Prêto! ... 33!...

Façam jôgo, senhores!

"Usted habla castellano? Vayamos a Mar del Prata. Hagan juego, señores!

Hagan juego! No va mas!

(Afasta uma ficha hipotética e censura)

No va mas!

(A um espectador)

O senhor, naturalmente, que não me conhece, vai dizer que eu estou louco.

(Entrega-lhe um cartão de visitas)

Gumercindo Tavares, um seu criado.

(Com naturalidade)

A princípio eu gostava, imensamente, de Dulce, Até seguro de vida eu fiz.

(procura aflito nos bolsos e acaba encontrando um papel)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 537

DPF DCDP Fls. N.º 325 Rubrica

Está aqui.

(Mostra-os aos espectadores)

Seguro de quinhentos cruzeiros contos.

(Desce à platéia e entrega o papel a um espectador. Fica falando da platéia, enquanto volta, lentamente, à escada).

Mas o diabo eram as múmias. Era como se o individuo morasse dentro da pirâmide de Miquerinos.

E a esfinge silenciosa...

"Quarenta séculos vos contemplam!"

De um lado a esfinge silenciosa e indecifrável. Do outro dona Gervásia falando-falando-falando-patatí-patatá-patatí-patatá.

(Tétrico)

E do fundo da noite negra, do meio dos pesadelos, já se surgiam ' vozes soturnas e misteriosas, tristes e profundas, com aquêle interminável "Ruega por los rudos y blancos abuelos, ruega por nosotros, Reina de los Cielos, Señora del Mar!"

(Lamentoso)

Eu amava Dulce.

(Terno)

Eu amava Dulce.

Aqui está, senhores.

(Tira uma fotografia do bolso e mostra-a ao público)

Aqui está.

(Tira outras fotografias e deixa-as com os espectadores)

A nossa lua de mel. Vejam quanta ternura e quanto amor! Quem diria que hoje...

Mas ac coisa começou de uma maneira bem simples. Dulce não parava em casa. Um dia era Dulce que ia visitar as exposições de pintura. No outro dia...

(Como quem se lembra de algo aterrador)

Portinari!

E surgiam do meio do dó - ré - mi - fá - sol, da Señora del Mar, das múmias,

dos faraós,

das botas... botas... botas...

(Como quem tem visões dantescas)

Os pés de Portinari...

As mãos de Portinari...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 538

DPF
DCDP
Fls. N.º 326
Rubrica

As Caras de Portinari...

(Comtempla horrorizado as próprias mãos)

Onde estão as minhas mãos?

(Desesperado)

Onde estão minhas mãos?

Estas não são as minhas mãos...

São as maõs de Portinari!

(Continuando a ter visões apavorantes).

E eram pés descalços,

pés humildes,

pés cansados,

pés macerados,

sofridos,

torturados,

triturados,

Eram pés sem botas... botas... botas...

(Acelerando o ritmo)

E eram maõs e pés e ventres e espantalhos!

Espantalhos de faraós declamando, pés de Ramsés e ventre deCleópatra.

E a cobra vinha subindo-subindo-subindo para sugar-lhe o seio.

(Doce e sonhador)

E o rosto de Eurídice! De minha Eurídice!

(Quase em êxtase)

De minha Eurídice!

(Descreve suave e ternamente)

E as mãos de Eurídice vinham coleantes, suaves,

ternas,

acariciantes,

mãos plácidas,

serenas.

Eu as cobri de anéis e de pulseiras.

Aquelas mãos conheciam o segrêdo da expressividade.

Mãos fugidas da estátua de Venus,

mãos admiraveis!

Naquelas mãos cabiam os mais belos sonhos, os mais elevados ideais.

Naquelas mãos havia o mistério do acorde não soado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, R.539

DPF DCDP Fls. N.º 327 Rubrica

Mãos pedindo harpas,
mãos pedindo asas,
mãos clamando preces,
ternura,
e amor.

Mãos...

As mãos de Eurídice!

Mãos pedindo preces...

(Com naturalidade)

Eurídice é existencialista.

Eurídice não sabe, como nenhum de nós, o que é existencialismo.

(A um espectador)

O senhor sabe?

Eu também, não sei.

Muitos supõem que o existencialismo...

Não.

(Salta de um assunto a outro com a maior naturalidade)

Quando casei com Dulce ela era uma menina simples e sem cultura.

Pensava que Beethoven era jogador de futebol.

Meses depois se mascarou.

Envolvida na rêde da granfinagem e da cretinice atômicas,
ela - que mal sabia a diferença entre um dó e um sol,
ela - que mal sabia distinguir uma sanguínea de um quadro de óleo,
ela que mal sabia assinar o seu nome,
começou a dar opiniões sôbre música e arte modernas.

E porque Vila Lobos isso.

E porque Prokofief faz e acontece.

E porque Stravinsky e Copland e Schoenberg e Bela Bartok e Camargo Guarnieri...

E Dulce se tornou sócia da Cultura Artìstica e da Orquestra Sinfônica.

E eu já estava esperando o dia em que Dulce fôsse ensinar ao maestro Koussevitsky a reger Beethoven.

E Dulce dava opiniões!

E porque o fagote isso e porque o oboé está meio tom abaixo e porque o côrno inglês desafinou...

(Furioso)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 540

DPF DCDP Fls. N.º 328

E eu juro aos senhores que Dulce nem sequer sabia distinguir um fagote de um oboé e muito menos conhecia um côrno inglês.

E a transformação de Dulce não foi só nisso!

E porque Brailowski toca Chopin melhor do que Firkusny.

E porque Firkusny é melhor do que Rubinstein.

E como se isso não bastasse ainda se pôs a estudar piano!

Em pintura Dulce já discutia Picasso, Salvador Dali, Van Gogh, Matisse, Corot, Manet, Rivera, Portinari...

E porque Portinari isso.

E porque Portinari aquilo.

E porque o azul de Portinari,
porque o amarelo de Portinari,
porque o côr-de-abóbora de Portinari...

Um dia encontrei Dulce explicando Portinari e Portinari.

- "Não, senhor Portinari. Não é daqui que se deve olhar êste seu quadro. Os quadros de Portinari devem ser vistos a dois metros e meio de distância".

(Naturalmente)

Dava opiniões técnicas.

E porque ShostaKovich é um cretino.

E porque Miaskowsky é formidável.

E porque Prokofief em "Pedro e o Lôbo"
andou querendo não sei o quê.

E porque Vila lobos entende é de bilhar.
Não entende nada de música.

(Furioso)

Um inferno!

Uma loucura!

E Dulce sorridente, radiosa, festiva, intranquila, buliçosa.

Comigo era um inferno. Nem uma palavra
Nem um comentário.

Só falava comigo para me chamar de maluco para cima.

(Calmo)

Eu não sei se os senhores conheceram o Dr. Hermengardo Santos, meu sogro. Especialista em assuntos egípcios e filatelista.

Qualquer um deixaria aquela casa porque aquilo se tornava insuportável.

(A um espectador)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 541

DPF DCDP Fls. N.º 329 Rubrica

O senhor, naturalmente, vai dizer que eu não gostava de Dulce.

Gostava.

(Justificando-se)

Mas o senhor compreende.

Por mais amor que se tenha, por mais que se sinta, um dia a gente explode.

Explode ou não explode? Explode.

(Cresce-lhe a irritação)

O senhor sabe o que é ter em casa um verdadeiro Grêmio Lítero Musical e Esportivo?

Dulce era a presidenta.

Dá para acabar com um Gumercindo Tavares ou não dá?

(Entre revoltado e Irônico)

E as pianistas com as suas valsinhas de Chopin!

E as declamadoras!

(Declama imitando)

"Ruega por los niños que estan en la cuna,
ruega por los hijos que un dia vendrán y irian a tus olas a buscar fortuna, Señora del Mar".

(Tira uma fotografia do bolso, contempla-a e fala com ternura)

Esta é a fotografia de Eurídice.

Na vida de todo homem deveria existir uma Eurídice.

(Lê a dedicatória)

"Ao Cindinho do coração com o amor sincero de sua Eurídice".

(Confessa meio envergonhado)

Meu nome é Gumercindo, mas para Eurídice eu sempre fui o Cindinho.

(Em desespêro crescente)

Em casa eu não podia abrir a bôca.

Cómo podia eu abrir a boca se Dulce falava, se D. Gervásia falava, se o o Dr. Hermengardo falava,
se todo o mundo falava, gritava, tocava, declamava, bramia, zurrava, gemia, azucrinava, rugia!

Um inferno!

(Pianíssimo, terno, amoroso)

Com Eurídice era difierente.

Nós tínhamos um ninho só para nós dois.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 542

DPF
DCDP
Fls. N.º 330
Rubrica

Eurídice era a ternura, a docura, a poesia feita mulher.

Tudo o que eu sonhava de paz e amor.

Um dia Eurídice surgiu em minha via ...

Eu acho que todos compreendem, não é verdade?

O Senhor compreende?

A senhora compreende?

(Vai-se irritando)

De um lado Dulce,

Granfina,

presidente de Clube,

despótica,

verborrágica,

desumana,

cataclísnica.

De um lado um egiptólogo com as suas múmias.

De um lado d. Gervásia falando-falando-falando-patatí-patatá-patatí-patatá-patatí-patatá...

(Amorosamente)

E do outro ... Eurídice!

Bonita como um poema!

Os olhos de Eurídice!

A bôca de Eurídice!

A pureza de Eurídice!

Todas as descrições serão inúteis.

(Entrega a fotografia a um espectador e diz com naturalidade)

Vejam o seu retrato e não me digam mais nada. Sobretudo as mãos.

(Começa a descrever apaixonadamente)

As mãos de Eurídice exprimiam tôdas as emoções.

Riam, às vezes.

Ficavam furiosas.

Choravam.

Juntavam-se em súplica.

Projetavam-se em desespero.

(Cai em si de repente)

Ainda há uma certa confusão em meu espírito. Acho que não me expliquei bem.

Compreendam.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 543

DPF
DCDP
Fls. N.º 331
Rubrica

Eu sou um homem comum, de idéias comuns, ideais comuns, ambições comuns, tudo comum.

Como todos quero uma vida de compreensão, de solidariedade, de companheirismo.

Nada demais.

Entretanto não encontrei nada disso.

Voltava de meu trabalho e não encontrava a paz.

Eu vinha do meu trabalho cautelosamente,
prudentemente,
vagarosamente.

Entrava em casa.

Ao abrir a porta àprimeira pessoa que me surge é o Dr. Hermengardo um indíviduo que faz com que qualquer um se sinta mumificado .

Mumifica a alegria, a esperança, a alma.

Tôdas as esperanças tinham ficado lá fora, como no Inferno, de Dante.

"Lasciate ogni speranza, voi Ch'entrate".

(Começa a desesperar-se)

Depois surgia a figura apocalíptica de dona Gervásia.

Com o Dr. Hermengardo eu me sentia mumificado.

Com dona Gervásia eu me sentia devastado, arrasado, aniquilado.

E depois vinha Dulce.

(Imita-a)

"E faça a barba. E não me envergonhe. E vista-se direito. E não jogue a cinza no chão.

E porque não trabalha mais. E porque isso.

E escove os dentes. E penteie-se direito.

E porque aquilo...

E eu calado, aguentando sempre...

SEMPRE!

(Naturalmente, outra vez)

Não sei se já lhes disse que meu nome é Gumercindo Tavares e que ' de profissão sou escritor. As minhas obras ainda estão inéditas.

(Fazendo comício com ardor e revolta)

Inéditas sim, brasileiros!

Porque uma campanha de inveja, inveja - repito!, acompanha o meu '

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 544

DPF DCDP Fls. N.º 332 Rubrica

trabalho intelequitual.

Inveja de José Lins do Rego!

Inveja de Érico Veríssimo!

Inveja de Joraci Camargo!

Inveja de Jorge Amado!

Sim ...

Porque no dia em que as obrasde Gumercindo Tavares (Sou eu) sairem do prelo...

(Cai em si, parece perceber o próprio ridículo e tenta justificar-se)

Um dia comecei a sentir uns sintomas estranhos.

Ouvia vozes.

Ouvia gritos.

Ouvia ruidos exquisitos.

Acordava sobressaltado.

Já não podia fixar-me em nada.

Eu me sentia num torvelinho, num turbilhão.

Com mêdo de enlouquecer!

Sim, meus senhores! Quase enlouqueci.

Um dia comecei a ouvir vozes...

(Imita Dulce)

"Eu sou uma infeliz, Gumercindo. Gumercindo eu sou uma infeliz!"

(Apavaroda)

E as pirâmides imensas,
majestosas,
colossais,
se erguiam em minha frente.

E maior que todas as pirâmides se erguia majestosa d. Gervásia falando ... falando ... falando...

Amenemat I ... Amenemat II ... Amenemat III... E a esfinge falava, gritava, urrava ...

Desvendado o segrêdo da esfinge!

A esfinge falou, senhores!

A esfinge falou!

E do fundo do areal imenso surgia a voz da declamadora insaciável, infindável...

(Imita-a)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P 545

DPF
DCDP
Fls. N.º 333
Rubrica

"Con tu amor soñamos,
por tu fe vivimos,
Señora del Mar".

(Volta a "ver" a roleta)

Prêto ... 23!

Vermelho! ... 34!

No vas mas!

Hagan juego, señores!

Hagan juego, imbeciles!

Hagan juego!

As mãos de Eurídice pediam fichas, mais fichas, MAIS FICHAS...

E a roleta engulindo insaciável, incansável, infindável ...

(Solfeja com revolta)

Dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - dó - ré - mi - fá - sol - fá - mi - ré - dó ...

(Imita Dulce)

Chegou a modista?... o plissé? ... O babado? ... O bordado?... Tem figurino?

Cabeleiro às 10? E as unhas?

Madame Mendonça chamou?...

Hoje tem "buraco"?

(Como na roleta)

Hagan juego, señores. Hagan juego.

(Descreve com ternura)

As mãos de Eurídice depositam fichas, docemente, suavemente.

(Com angústia)

E a valsa de Chopin atravessa a sala como se fôsse escrita com serpentes, com cobras venenosas, a envenenar a alma com açucar [redacted] com a docura pegajosa de Chopin.

(Com pavor)

E surgem pés monstruosos e mãos monstruosas!

Mãos e pés de Portinari carregando pedras monstruosas, ao som de ' uma valsa de Chopin ...
ao som das polonaises...

Milhares e milhares de escravos egípcios desfilam arrastando pedras gigantescas para a construção da grande pirâmide de Quéope.

(Revoltado)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 546

DPF
DCDP
Fls. N.º 334
Rubrica

E o garoto vinha com a patinete pela sala.

Fuiiiiiiin! ... Fuiiiiiiin!

E a menina acalentava a boneca em seus braços:

"Dorme, filhinha, do meu tolatão".

(Desesperado)

E eu queria fugir, fugir para muito longe.

Para longe de d. Gervásia, longe de Chopin,

longe da patinete, longe de Dulce, longe da Señora del Mar, longe de' Portinari, longe de vocês todos.

(Acalma-se)

Foi aí que surgiu Eurídice em minha vida.

Eurídice, a doce, a meiga, a pura, a existencialista.

Fugi. Fugimos para a Argentina.

O Dr. Frederico andava em atitudes suspeitas diante de Dulce.

O Dr. Frederico vinha com orquídeas, com rosas.

Rosas de tôdas as cores.

Rosas amarelas, rosas vermelhas e até rosas - côr-de-rosa.

Vinha com poemas de Geraldy. "Toi et Moi".

De Rabindranath Tagore.

Sem falar nas caixinhas de bonbons.

(Imita um Dr. Frederico melífluo)

Estezinho aqui tem licor, dona Dulce.

Estezinho tem recheio de amêndoas, dona Dulce.

"Ih, ih, ih!"

E toca a declamar Tagore:

"Quando, rápidamente, ela passou por mim, a fimbria de sua veste me roçou.

(com fúria)

Vá roçar na... "Fímbria do inferno". Uma pouca vergonha!

Até andou fazendo poemas para a minha mulher!

Um dêles começava assim:

"Teus olhos são planêtas cintilantes"!

Planeta cintilante é a "fímbria do inferno"!

(A um espectador)

Veja o senhor! Planêtas cintilantes!

Afinal de contas eu queria que o senhor me explicasse uma coisa.

Talvez eu seja um débil mental.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 547

DPF DCDP Fls. N.º 335 Rubrica

Talvez eu não compreenda.

Eu queria que o senhor me explicasse a título de que um sujeito manda flôres a uma senhora casada! Livros a uma senhora casada!

Bombons de licorzinho e recheio de amêndoas a uma senhora casada!

(Noutro tom)

Mas o que interessa é que eu fugi com Eurídice para a Argentina.

Sim, porque eu não suportava mais!

Eu compreendo que se goste de Portinari.

Pessoalmente eu sou o maior fan de Portinari.

Mas, pelo amor de Deus!

Ninguém venha me dizer que Dulce entende Portinari, que Dulce gosta de Portinari.

Diabo, senhores! Eu conheço Dulce!

(Entrega com naturalidade um cartão de visitas a um espectador)

Gumercindo Tavares, seu criado.

(Natural ainda)

Fui para a Argentina com Eurídice.

Deixei Dulce.

Ali conheci todos os mistérios da rolêta.

Uma bolinha mantém o destino de uma porção de pessoas prêso aos seus caprichos.

(Com admiração, quase orgulho)

Eurídice jogava com insuperável elegância.

Era alvo da atenção geral.

Sabia perder com superioridade,
com displicência,
sem nervos,
absolutamente sem noervos...
o meu dinheiro.

As minhas mãos é que tremiam.

As mãos de Eurídice não se alteravam.

(Com amor)

Mãos brancas,
mãos doces,
mãos delicadas,
quando surgiam no pano verde, entre todas as outras mãos,
eram como se fossem tímidas e puras gazelas,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 548

DPF DCDP Fls. N.º 336 Rubrica

castas e serenas,
entre lôbos famintos e chacais assassinos...

(cai em si)

Mas um dia a roleta nos venceu.

Ficamos a zero.

Deixamos então Mar del Prata,
com seus malditos boleiros,
seus sórdidos "croupiers",
sua jogatina imoral e desenfreada.

Carreguei a minha doce Eurídice para Buenos Aires.

Ali percebi que nada mais restava da minha fortuna. Absolutamente nada.

Apelei para Eurídice.

Eu queria que ela empenhasse, que ela me emprestasse, uma das jóias que eu lhe havia dado, para tirar-me daquela situação.

Eurídice, entretanto, era grande até na desgraça.

(Imita-a)

Não, Não me separarei destas jóias nunca, disse ela. São as úni - cas recordações que me restam de um amor que já findou".

(Ingênuo)

Coitada! Queria recordar o passado.

Poucos seriam capazes de compreender uma existencialista.

Eu compreendi.

Compreendi e me afastei.

A última lembrança que me ficou de Eurídice foram as suas mãos.

Mãos pedindo preces.

Mãos pedindo harpas.

Mãos pedindo asas,
ternura
e amor.

(Começa a olhar, fixamente, o fundo da platéia, como quem tem visões. Começa a tropeçar nos texto como se tivesse esquecido)

Eurídice era toda ... a minha... vida...
Eurídice, para mim, era a própria vida ... a própria vida...

(De repente sua fisionomia ganha uma extraordinária alegria. Agora sim. Êle tem a certeza absoluta de que Eurídice ali está, lá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 549

DPF DCDP Fls. N.º 337 Rubrica

no fundo da platéia. Nas frases anteriores Gumercindo se encontrava na escadinha. Sai correndo alucinando até o fundo da platéia gritando.)

Eurídice! EURÍDICE! E U R Í D I C E!

(Mas ao chegar ao fundo se desilude e volta desalentado).

Não é ela! Não é ela!

(Sobe a escada e fala entre saudoso e terno)

Quando perdi Eurídice eu me lembrei de Dulce.

DeDulce e de nossos filhos.

Ricardinho já deve estar um homenzinho.

Lolinha já deve estar uma moça. Não brinca mais com bonecas.

(Aproxima-se da porta e torna a tocar a campainha).

Ninguém.Mas onde andrá essa maldita chave?!

(Procura nos bolsos e acaba achando)

Ah! Está aqui.

(Abre a porta e diz para a platéia)

Quando quiseram aparecer é aqui que eu moro.

Gumercindo Tavares, um criado às ordens.

Boa Noite!

(Começa a abrir a porta, enquanto o pano cai)

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 550

DPF
DCDP
Fls. N.º 338
Rubrica

2º ATO

GUMERCINDO está "dentro" de casa.
Está na sala e o público o vê porque falta a fachada daquela parte da casa. Passou muito pouco tempo. Minutos ou horas. Ao abrir-se o pano GUMERCINDO está gritando, dirigindo-se a pessoas que, hipotéticamente estão no "Hall", onde a presença da fachada impede que sejam vistas.

GUMERCINDO - Isto não fica assim!
Vocês não podem me condenar sem me ouvir!
Por que ninguém fala?
Respondam. Digam alguma coisa.
Chamem-me de crápula, de canalha, de qualquer coisa, mas digam alguma coisa, pelo amor de Deus!

(Suplicante)

Dulce. Compreenda, Dulce.
Foi uma loucura, mas a vida, para mim, era intolerável. Eu não podia mais suportar.
E eu quero saber de meus filhos.
Tenho direito a uma explicação.
E o que faz o senhor, Dr. Frederico, dentro de minha casa? Poderia contentar-se em conquistar minha mulher fora da minha casa, fora desta casa.
Respeitar o teto daquilo que um dia foi um lar.
Cale-se! Não diga nada!
Eu quero saber onde vocês estiveram.
Eu quero saber de onde vocês voltaram.
Eu quero saber tudo.
E parem com êsse maldito silêncio!
Onde está Lolinha, Dulce?
Pela última vez eu lhe pergunto: - Onde está Lolinha?
E Ricardinho?
Que é feito de Ricardinho?

(Raivoso e sarcástico)

Ah, já sei! Naturalmente internou seus filhos para poder estar mais à vontade com o seu amante.
Mas isso não fica assim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,R 551

DPF
DCDP
Fls. N.º 339
Rubrica

Torna-me a vida intolerável, faz com que eu abandone minha casa e meusfilhos, para que?

Responda! Para que?!

(Furioso)

E o senhor não se meta, Dr. Frederico.

O senhor não tem nada com isso.

Cale-se!... Não. Fale.

Diga alguma coisa.

Falem!

Ah, não quer falar?!

Pois eu descobrirei tudo.

Tudo!

Nem que tenha de demolir esta casa, tijolo por tijolo, pedra por pedra.

De tudo o que vocês fizeram deve ter ficado um rastro,
um perfume,
uma perfídia,
uma carta,
uma confissão,
uma mancha.

Esta é a minha casa.

Podem sair, ouviram?

Podem sair.

Rua! RUA!

Sacripantes!

Metidos a intelectuais.

Metidos a requintados!

Metidos a blasés!!

Vão pro inferno vocês
e Chopin
e a Señora del Mar
e Geraldy
e Tagore
e as múmias
e o diabo que os carregue!!!

Egoistas! Cínicos! Hipócritas!

(Começa a remexer nas gavetas da comoda. Reúne papéis e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 552

DPF DCDP Fls. N.º 340 Rubrica

coisas quetraz para a "banqueta" anterior da casa, dentro de uma gaveta. Desta vez êle não usa a porta. A parte da fachada ausente permite-lhe sair da casa como se atravessasse a parede).

(Aos espectadores)

Vocês viram, não viram?

(Pousa a gaveta no chão)

Depois de tudo o que eu tenho feito por Dulce!

E aparesenta-se com esse sujeito na minha frente, na minhacasa, na minha cara!

Pouca vergonha!

O que vale é que vocês estão assistindo a tudo isso e vêm que eu não sou culpado.

Ah, mas eu hei de descobrir!

Ainda há justiça neste mundo.

Eu hei de mostrar tudo o que aconteceu nestes sete anos.

Enquanto eu estava sofrendo, ela estava aqui, ouvindo as serestas do Dr. Frederico.

Dr. Frederico!

Doutor em que?

Todo mundo aqui é doutor!

Doutor em quê?

O senhor sabe?

Nem eu.

Doutor em poemas de Geraldy. Doutor em bombons com recheio de amêndoas e licorzinho.

Doutor!

(Furioso)

Na minha cara, na minha frente, na minha casa!

(voltando-se para onde Dulce e Frederico supostamente sairam)

Cínicos! Velhacos! Sacripantas!

(Começa a contemplar papéis que retira da gaveta que está a seus pés. A proporção que os vai tirando deixa-os no chão)

Dívidas, dívidas, dívidas...

Como sabe fazer dívidas!

É verdade que o dinheiro não era meu. Era do pai dela.

Mas ela precisava pensar no futuro de nossos filhos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 553

DPF
DCDP
Fls. N.º 341
Rubrica

Dívidas.

(Pega de um cartão)

Boletim do Ginásio Rio Branco.

Aluno Ricardo Tavares.

Ricardinho.

Boletim do terceiro trimestre.

Português - oito e meio.

(Começa a interessar-se entre calmo e terno)

Boa nota não é?

"Histório - Nove".

Inglês ...

(Começa a comover-se)

Veja o senhor! Ricardinho falando inglês!

"Ingles - Nove e meio".

Como o tempo passa, não é verdade?

Não sei se todos os pais sentem da mesma maneira, mas tenho a impressão de que meus filhos cresceram de repente.

Falando inglês!

(Ri baixinho e comovido)

Ricardinho falando inglês! É o fim do mundo!

(Continua a ler o boletim)

"Ciências - Dez".

É cranio. Saiu o pai.

(Revolta-se ao lembrar)

Mas aquela patinete me tornava a vida insuportável.

Fuiiiiiiiin! Fuiiiiiiiiin!

O dia inteiro!

Depois a tosse,

a cachumba,

a catapora,

o sarampo,

a coqueluche,

o diabo que o carregue!

(Furioso)

O garoto parecia ter um contrato de exclusividade com os micró - bios!

(A um espectador, já mais calmo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 554

DPF
DCDP
Fls. N.º 342
Rubrica

Seu filho tem patinete?

(Volta ao boletim)

"Canto orfeônico - Três!"

(Volta-lhe a fúria)

É isto! Estou dizendo!

Mania de ensinar coanto orfeônico nas escolas!

Coisas de Vila Lobos mesmo!

Para que canto orfeônico?

(Le o boletim)

"Matematica - Zero!"

Ah, mas é natural! Quem poderia estudar com as malditas recepções de Dulce? E depois ... matemática!

Mete-se uma porção de noções na cabeça de um garôto ...

(A um espectador)

O senhor se lembra, por acaso, da fórmula das equações do segundo grau?

Não se lembra, é claro.

Deixe ver: - AB mais ou menos a raiz quadrada do diabo que o carregue menos não sei o quê...

Não é nada disso.

A culpa não é do menino.

Eu sou partidário da educação com grande base psicológica.

É preciso compreender a criança, estimular a criança, dar-lhe apoio, carinho, confiança, ternura, proteção.

Se eu tivesse em casa, Ricardinho nunca,
ouviram bem? - nunca!, nunca teria tirado zero em matemática.

(Pega em outros papéis)

Telegramas ... Telegramas ...

Uma carta.

Isto é que eu estava procurando: - uma carta de Frederico a Dulce

Radiografias...

Contas...

Receitas

Uma fotografia ...

(Contempla a fotografia e começa a rir sem parar, um riso nervoso, infindável. A incredulidade se estampa em seu rosto).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P-555

DPF DCDP Fls. N.º 343 Rubrica

Não é possível, não é possível, não é possível, não é possível, NÃO É POSSÍVEL!

LOLINHA CASADA!

Minha filha casada!

(Auma espectadora)

A Senhora está vendo, não é verdade?

Fizeram tudo sem me consultar a mim ...

O PAI!

Afinal de contas eu sou o pai.

Posso não ser um pai tão bom quanto o senhor ou o senhor, mas um ' pai.

Mas é uma criança, meu Deus!

Casaram uma criança de dez ... (Corrige) dezessete anos.

Com certeza Frederico foi o padrinho do casamento.

É insinuante, maneiroso, hábil, sutil, requintado.

E Dulce é tão infantil!

Deixa-se levar pelo primeiro cretino que aparece.

E se o marido de minha filha não prestar?

E se a abandonar? Se fugir?

Sim, porque há de tudo neste mundo.

O senhor está compreendendo, não é verdade?, até que ponto eu tenho razão?

Depois um sujetio estrangula, dá dois tiros na mulher e passa a ' ser um assassino, um criminoso, um inimigo da civilização, condenado ' pelo céu e pela terra.

Dulce vai me prestar contas do que fêz de minha filha.

Naturalmente a menina estava atrapalhando o Grêmio Feminino.

(A Revolta vai em crescendo)

Naturalmente estava atrapalhando os seus amores com o Dr. Frederico!

Não podiam comer bombonzinho com licorzinho com a menina ao lado.

E pronto.

Entregue-se Lolinha ao primeiro imbecil que aparecer.

(Volta a olhar a fotografia)

O Diabo é que eu nem conheço o marido de Lolinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P.556 DPF DCDP Fls. N.: 344 Rubrica

(Desce à platéia e vai consultar uma espectadora, mostrando-lhe a foto. Quando desce ja traz consigo outras coisas o papéis, além da fotografia)

Tem cara de bom sujeito, não tem?

Etudo sem me consultar!

(Le num pedaço de papel)

"Teu riso tem cristais desconhecidos ..."

Já escrevi isto há tanto tempo!

(Le noutro papel)

"Três camisas, duas toalhas ..."

Lavadeira.

(Súdito sua fisionomia se alegra. Encontrou um seu retrato e mostra-o a todos).

Vejam o retrato de um homem feliz.

A minha cara de antigamente.

(Volta a ter em mãos a carta)

Isto. Isto é que eu queria mostrar a vocês.

A carta de Frederico a Dulce.

(Revoltado)

Cínicos!

(A esta altura Gumercindo está recostado na escada que liga a platéia ao palco.

Começa a ler a carta)

"Minha querida Dulce".

(Aos espectadores)

Estão ouvindo bem? O senhor está ouvindo?

A senhora? Muito obrigado.

"Minha querida Dulce". (Querida compreendem?)

Deveria existir um dicionário de silêncio, de palavras inexistentes, palavras inexistentes, palavras nunca pronunciadas, palavras nunca ditas".

Dicionário de silêncio! Dicionário de pouca vergonha, seu canalha!

"Gumercindo há sete anos não dá notícias suas e você, querida Dulce",

Querida Dulce, compreendem?

"... e você, querida Dulce",

Querida Dulce!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 557

DPF DCDP Fls. N.º 345 Técnica

"... sempre fiel, sempre boa, sempre dedicada à recordação daquele crápula",

O crápula sou eu

"... um crápula que fugiu com uma vagabunda qualquer e gastou todo o dinheiro, todo o dinheiro que pertencia a voce, Dulce, nas roletas de Mar del Prata".

Quem perdeu não fui eu. Foi Eurídice.

"Só eu sei da pureza que você possui, do que voce tem sofrido, da sua dedicação, doseu grande amor por Gumercindo".

Amor por mim? Ah... Ah... ah...

"Chegou o momento de pensar em nós. Pense um pouco em nós, Dulce ' Seu eterno - Frederico".

Pensar neles!

Cínicos! Egoistas! Hipócritas!

Pensar neles enquanto eu caminhava derrotado, enquanto eu sofria ' calado as perdas da roleta, enquanto Eurídice me abandonava solitário e triste!

Pensar neles enquanto eu sofria a fome, a tortura moral, a desgraça de não poder ver meus filhos.

Pensar neles!

Chegou a hora de pensar neles!

Sacripantas!

(Rele mais calmo))

"Só eu sei do seu grande amor por Gumercindo".

(Como quem descobriu algo)

Esta carta foi forjada, forjada para que eu a encontrasse e acreditasse nela. Souberam que eu viria, escreveram a carta e pronto. O imbecil será enganado. O idiota engulirá qualquer pílula.

(Relê)

"So eu sei do seu grande amor por Gumercindo".

Onde estava esse amor quando eu estava aqui? Onde?!

(Lê a carta)

"Não continue a chorar, Dulce. Aquêle bandido não merece uma uúnica lágrima.

Esqueça-o. Já sofreu bastante minha querida Dulce"

(Furioso)

Vejam bem os conselhos desse miserável!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p. 558

DPF
DCDP
Fls. N.º 346
Rubrica

"Esqueça-o". Esquecer a mim. Pensa que é fácil.

Ela precisa lembrar-se e lembrar-se muito do que me fêz, de tudo o que eu sofri, da tortura por que passei.

(Relê)

"Só eu sei... do seu grande amor ...
por ... Gumercindo".

(Concessivo)

Bem. Eu não digo que ela não me amasse.
Mas compreendam bem.

Qual é o papel de uma mulher que ama quando o homem que ela ama se apaixona por uma vaga...

(Corrige depressa)

... por uma mulher?

É lutar por êle. Fazer algo por ele.

Procurar reconquistá-lo.

Foi isso que ela fêz?

Não.

Fechou-se em seu orgulho,
procurou elevar-se,
procurou esquecer-se,
afogando-se nas reuniões monótomas, nas exposições sombrias, nos concertos da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

(Lamentoso)

Eu precisava de uma mulher que me dissesse: - "Gumercindo, isto é uma loucura.
Isto é uma loucura Gumercindo".

(Revoltado)

Ela não moveu um dedo para me salvar.

Deixou que eu me atolasse.

Renunciou covarde, imoral e infamemente.

Consequência: - atolei-me até aqui.

(Humilde e saudoso)

Agora estou de volta.

Não é tarde para recomeçar.

Seria tão bom!

Ter Lolinha ao lado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 559

DPF DCDP Fls. N.º 347 Rubrica

Ter Ricardinho ...

Ricardinho falando inglês: "How do you do, father?

Tudo como antigamente.

(Irritando-se)

Mas ela não quer falar! Não quer explicar nada, absolutamente na - da! Não quer.

E aquêle doutor Frederico?

Aquele canalha sempre ali, semprefirme e fiel como um cão.

(Acalma-se e pega num papel)

Receita ...

(Vai pegandoem outras coisas)

Radiografia de pulmão ...

Receita de Estreptomicina ...

Dr. Mendonça ...

Menor Ricardo Tavares ...

(Começa a preocupar-se, começa a assustar-se)

Ricardinho ... doente...

(A um espectador)

O senhor é medico? Doutor, para que é que se dá Estreptomicina, hem?

(Aflige-se)

É coisa, ruím, doutor?

(Mostra ao espectador a radiografia)

Veja esta chapa. É dele. É grave, doutor?

É GRAVE?

(Olha assustado e angustiado em tôrno de si)

Por que estão calados?

Porque me olham assim?

(Começa a reconstituir os fatos com angústia, enquanto vê ' outros papéis)

Conta do Sanatório Boa Esperança ... Conta do menor Ricardo Tavares Ricardinho... Campos do Jordão ... Sanatório ...

Deve estar muito frio ... Muito Frio ... Estreptomicina... Ricardinho.,,

(Num crescendo de angústia)

Por que me olham assim?

Eu não tenho culpa de nada.

Eu não fiz nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 560

DPF DCDP Fls. N.º 348 Rubrica

Vocês viram. Eu nem sequer estava aqui.

Por que não salvam meu filho?

(Grita desesperado)

Por que estão me olhando?

Corram! Ricardinho está doente. Doente ...

Meu filho está doente...

(Olha desvairado e fala baixo)

Meu filho está doente ...

Sanatório ...

Estreptomicina ...

Frio ...

(Olha as suas mãos. Nelas ainda estão papéis, telegramas...)

Telegramas ...

Telegramas ...

(Lê assombrado um dos telegramas)

"Sinceros pêsames falecimento nosso inesque ...cí...vel...Ri... ' car..."

(Deixa cair o que tem nas mãos e contempla a platéia desvairado. Neste momento GUMERCINDO entra em completa alucinação)

Madame. Por favor! Não me olhe assim.

Eu não tive culpa.

Frio ... Está muito frio ...

Dizem que, às vezes, até cai neve em Campos do Jordão.

(Grita para o palco)

Pare! Pare de tossir, Ricardinho.

Papai já vai. Tome o remédio ...

(Volta-se furioso para a platéia)

Bandidos! Ladrões!

Eurídice! Não jogue nesta roleta.

São todos uma cambada de ladrões.

(Grita choroso para o palco)

Eu já vou.

Eu já vou, Ricardinho. Mas pare com essa tosse, Ricardinho. Pare ' com essa tosse, pelo amor de Deus!

(De repente "Vê" surgir Dulce na sala e sobe delirando de alegria da platéia ao palco)

Dulce! Dulce! Você voltou, Dulce! Eu sabia, Dulce, que você volta-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,P 561

DPF DCDP Fls. N.º 389 Rubrica

va.

Que mala é essa? Veio buscar suas coisas?

Dulce. Eu já sei de tudo. Já sei que Lolinha casou.

Já sei que Ricardinho m...

Sei que você tem sido fiel sempre ... sempre... sempre ...

Não vá, por favor!

(Suplicante)

Não me deixe só.

Não me abandone, pelo amor de Deus!

Eu preciso de Você, Dulce.

Eu preciso de suas palavras e dos seus cuidados ...

(Docemente)

"Gumercindo. Faça a barba, Gumercindo".

"Gumercindo, vista outro terno".

"Gumercindo, descanse um pouco".

(Suplica quase chorando)

Eu preciso do seu piano e de suas valsas.

Eu preciso de sua pureza e de sua grandeza de alma.

Não me deixe, Dulce. Não me deixe ...

Dulce. Peça ao Ricardinho para parar com essa tosse.

Pare com essa tosse, Ricardinho!

Para com essa tosse, pelo amor de Deus!

(Explode dirigindo-se à platéia)

Ladrões! Bandidos!

Essa roleta é um roubo!

Quero o dinheiro de meu filho.

São todos uma cambada de ladrões.

Não, Eurídice. Não jogue mais!

Todos são culpados.

Vocês mataram meu filho.

Todos. Assassinos!

(Desesperado)

Parem. Parem. Parem com essas pedras.

Não arrastem essas pedras, pelo amor de Deus! Não é preciso cons - truir as pirâmides, não.

Ricardinho, Ouça, Ricardinho. Está frio?

Muito frio? Dulce, o suéter azul de Ricardinho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461,p.562
DPF DCDP Fls. N.º 350 Rubrica

Meu filho. Fale um pouco. Fale ingles, meu filho.

Papai quer ouvir.

Lolinha! Estava bonito o seu casamento?

Marcha Nupcial e tudo? Que beleza!

Você botou o mesmo vestido de sua mãe?

O vestido de Dulce?

Que maravilha!

E o padre ... o que disse? "Proteger o lar ... Zelar pelos filhos... constuir um futuro de felicidade, de imensa felicidade ..."

Dulce. Não me deixe agora. Agora não, Dulce. Podemos começar tudo ' de novo.

Parem. A Marcha Fúnebre, não.

Eu quero as valsas, de Chopin.

Parem!

Podemos começar tudo de novo.

Ricardinho vai ficar bom.

Vai ser uma maravilha! Vai ser como antigamente!

Tão bom, Dulce!

Você e suas valsas de Chopin ...

E a declamadora com "Ruega por los niños, Señora del Mar".

Que coisa linda, Dulce! Veja que coisa linda!

"Ruega por los niños!"

Vai ser tudo como antigamente.

Como antigamente?

"Sinceros pêsames"...

Onde ouvi isso?

"Sinceros pêsames..."

Pêsames por quê Dulce?

Não, Dulce! Não é possível!

As crianças não morrem nunca. Não devem morrer.

(Apontando um espectador)

Que é que o senhor está fazendo aí?

Deixou a mulher e os filhos em casa e veio?

Sózinho?

Sua vida é um inferno? Intolerável?

Surgiu uma Eurídice em sua vida, também?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 563

DPF
DCDP
Fls. N.º 351
Rubrica

Para salvar os filhos é preciso acabar com tôdas as Eurídices do mundo.

Quem vai cuidar de seus filhos?

Quem manterá o seu lar?

Concordo. Já sei.

Mas seus filhos não tem nada com isso.

Ah! Tudo seria tão fácil se não fossem os filhos! Se as crianças não nascessem e, sobretudo, se as crianças não morressem.

(Desesperado, alucinado)

Estas mãos!

Estas mãos não são minhas!

Parem com esse Chopin. Parem com essa declamadora. Parem com essas gargalhadas.

Ricardinho está dormindo.

Parem com essa roleta.

(Tentando justificar-se ainda)

Voces viram. Todos viram que eu sou inocente de tudo o que aconteceu.

Dona Gervásia falando-falando-falando-patatí-patatá-patatí-patatá - patatí - patatá.. E as múmias e o dó - ré - mi - fá - sol e Vila Lobos e Prokofief e isso e mais aquilo e porque o azul de Portinari e porque o amarelo de portinari e Porque o côr-de-abóbora de Portinari, e não sei o que mais ...

Patatí - patatá - patatí - patatá - patatí - patatá.

E os escravos avançam.

Enormes pedras são arrastadas para a construção da grande pirâmide de Quéope.

(Gargalhada histérica)

Para que as pirâmides?

"Quarenta séculos vos contemplam"

Para que os quarenta séculos?

E mais angústia ...

e mais confusão...

e mais guerras ...

e mais bomba atômica...

(Transição. Como na roleta)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 564

DPF
DCDP
Fls. N.º 352
Rubrica

Vermelho! ... 32!

Prêto! ... 27!

Hagan juego, señores!

Hagan juego!

A bomba vem caindo sobre Hiroxina.

Fuiiiiiiiiiiiiiiiiin! Pum!

Acabou Hiroxima

Hagan juego, senores.

Hagan juego.

(Neste momento, diante da porta de sua casa ele parece vislumbrar Eurídice. Dirige-se a ela suplicante.)

Eurídice!

Eu preciso de voce, Eurídice!

Minha vida está em suas mãos.

Essas mão tão puras, Eurídice!

Deus gosta mais das mãos puras que das mãos cheias.

Onde está a linha da vida, Eurídice?

Como é linda a sua mão!

Eu preciso de você, Euridíce.

Eu preciso de uma dessas jóias que cobrem as suas mãos.

O menor de seus anéis me salvará a vida.

Dei a você tudo o que eu tinha.

Tôda a minha fortuna.

Tudo, Eurídice.

Por você deixei tudo, renunciei a tudo.

Não quero nada demais.

Só quero o menor de seus anéis.

O menor de seusbincos.

O menor de seus colares me salvará.

Ouça, Eurídice.

Tôda a minha fortuna está em suas mãos.

Mãos suaves, ternas, acariciantes ...

Mãos que eu cobri de anéis e de pulseiras.

Mãos pedindo preces ternura e amor.

Você se lembra, Eurídice? O "Poema das Mãos".

Em tudo eu só via as sus mãos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 565

DPF
DCDP
Fls. N.º 353
Rubrica

Na carícia e na roleta.

Por favor, Eurídice!

Eu quero o menor de seus anéis. O menor!

(Irritando-se)

Ah, não quer?

"Únicas lembranças de um amor que já morreu?"

Cínica!

Canalha!!!

(Ergue um revólver fictício contra "Eurídice" e dispara acompanhada a queda doc corpo. Quando o corpo cai êle grita).

Morre! Assim!... Assim!...

Pensou que eu não me vingaria?

Pensou que eu ia ficar sem as minhas jóias,
deixando em ruinas a mim e aos meus?

(Ajoelha-se desesperado diante do "corpo")

Eurídice!

EURÍDICE!

Não, Eurídice!

Eu não queria matar você.

Eu juro.

Eu juro que não queria.

Este revolver era para eu me suicidar.

Mas não tive coragem.

Sou um covarde, Eurídice.

Um covarde.

(Chora, Depois repete saudoso)

Mãos pedidno preces, ternura e amor...

(Riso histérico)

Ninguém. Ninguém vai descobrir que eu matei você, Eurídice.

Ninguém.

Você pensa que foi fácil?

Pensa que foi fácil iludir tôda a policia de Buenos Aires?

Mas recuperei tudo.

Arranquei de seu pescoço e de suas mãos tôdas as jóias ... Tôda a minha fortuna estave em suas mãos... Tôdas as jóias...

(Tira do bolso, maquinalmente, colares, anéis, pulseiras, e os vai dexando cair no chão)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 566
DPF DCDP Fls. N.º 354 Rubrica

Vim para reconstruir minha vida.

Vim para erguer-me novamente.

(Neste momento ele se ergue e enquanto diz as primeiras palavras seguintes as últimas jóias escapam de sus mãos)

Uma luz azulada vai-se infiltrando para substituir a luz clara do ambiente.

Duas lâmpadas estão acesas sôbre a cômoda desde o comêço deste ato.

A luz azul vai tomando conta do ambiente e vai-se concentrando na figura de GUMERCINDO que fala com emoções e lágrimas crescentes)

Eu quero cobrir as suas mãos de jóias. Eu quero as suas mãos, Dulce.

As mãos que tocavam Chopin,
as mãos que educavam meus filhos,
as mãos que me consolavam e me davam ternura e amor, sem pedir nada em troca.

Eu quero suas mãos Dulce.

Mãos que não pedem harpas,

que não pedem preces,
mãos que não pedem nada.

Mãos que só sabem dar.

Eu quero suas mãos, Dulce.

Comecemos tudo de novo.

Eu voltei
para ouvir de novo
o riso de Lolinha,
o dó - ré - mi - fá - sol,
a Señora del Mar,
Vila Lobos,
Portinari,
as múmias,
os faraós,
as valsas de Chopin!

DULCE! EU VOLTEI, DULCE!

(Chora e ri ao mesmo tempo e cai de joelhos como em prece).

E U V O L T E I !

M.A.Q.

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.567

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 355
Rubrica

PARECER Nº 107 / 87

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS

J.I.: VIOLÊNCIA E ADULTÉRIO .-

Peça tetral de autoria de Pedro Block, liberada para quatorze anos, pela primeira vez, em julho de 1968, mais tarde, em junho de 1979, recebe a chancela dezes seis anos de idade. Com o Certificado ainda em vigor até 19 de dezembro de 1990, volta para o exame de Confronto.

Verificamos tratar-se da mesma peça clássica famosa onde, em insano solilóquio remissivo, adúltero "machista" depois de dilapar a fortuna da esposa, despeitado, revolta-se que a mulher casa com outro depois de sete anos de abandono e miséria. Só lembra de retornar ao lar abandonado depois da amante o repelir, pois nada mais tinha para lhe dar. Sob impacto da paixão mata-a e rouba-lhe as jóias compradas com o dinheiro da esposa.

A obra destaca aspectos da insanidade mental com monólogo preciso e incisivo reforçado pelos extra lingüísticos e gestos dramáticos alcançando os objetivos de impactar através da tragédia em pauta.

As mensagens axaradas são profundamente dramáticas. O falar é escorreito, mas adulto.

Pelo exposto, ratificamos a chancela ainda em vigor, qual seja -DEZESSEIS ANOS DE IDADE.

Brasília, 24 de novembro de 1987.

Selia Natalha Stolte Rouver
CNF-2.397.217-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461, p. 568

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 356
Rubrica

TÍTULO* AS MÃOS DE EURIDICE *

AUTOR DA PEÇA: * PEDRO BLOCH *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 16 ANOS *

Praça * SCDP/SR/MS *

Obs.:

DF. 20 / NOV... / DE / 1987

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À Chefia do SC.

O confronto entre o texto apresentado pelo requerente e o que consta deste processo revelou tratar-se da mesma obra, conforme o Parecer nº 107/87, à fl. 355. Estando o Certificado nº 56/85 - SCDP/SR/ES ainda em vigor, sugerimos a manutenção da classificação anterior — 16 ANOS, TEMÁTICA ADULTA — respeitado o exame do ensaio geral. À consideração superior.

Brasília – DF 25 de novembro de 1.987

Clóvis Venuto da Silva
Clovis Venuto da Silva
CF - Mat. 2461
Chefe Substituto da SCTC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo. À consideração
Em: 26 de 11 de 1987.

Vilma Helena Sahan Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 27 / 11 / 1987

Raymundo Gustáquio de Mesquita
Diretor da DCDP/DPF
em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0481 p. 569

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. Nº 357 Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
436	27 NOVEMBRO 1987	19 DEZEMBRO 1990

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

AUTOR (ES): PEDRO BLOCH

CLASSIFICAÇÃO: 16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA ADULTA.

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA
Diretor da DCDP - em exercício
ASSINATURA

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL CERTIFICADO Nº 436

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: JOÃO BATISTA BARROS BAHIA CAMPO GRANDE/MS

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

VILMA HELENA SANAN DOMINGOS
Chefe do SC/DCDP - Subst.
ASSINATURA

Brasília, 27 DE NOVEMBRO DE 1987.

GRC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 570

DPF
DCDP
Fls. N.º 358
Rubrica

MJ – DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

No. 1047/87-DCDP DF, em 27/11 1987

Do Diretor da D.C.D.P.

Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/MS

Assunto: Remessa de "scripts" – faz.

Referência:

AS MÃOS DE EURÍDICE

(título da peça ou "show")

Pedro Bloch

(nome do autor)

Senhor Chefe:

Apraz-me remeter a essa rapartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado em CAMPO GRANDE

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei no.5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA

Diretor da DCDP - em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 571

DPF
DCDP
Fls. N.º 359
Rubrica

1130.1514
ds
611461DPFEA BR
692131DPFE BR

DE PVO/RO, NR 2114 200 30110 15 5 0 ES 000000 20 ES 000000 54686

UU - DCDP/BSA - DR ARESIO

R 2114/87-SCDP/SR/DPF/RO 301107 SOL INFO SE HA VS ET QUAL CLASSI FICAÇAO ETARIA PEÇAS TEATRAIS QUE PARTICIPARAO III FESTIVAL MADEIRA MAMOREH DE TEATRO AMADOR VS REALIZAR-SE-A PERIODO DE 05 A 13/12 87 VS MUNICIPIO DE ARIQUEMES/RO BIPT ''A REVOLTA DOS BRINQUEDOS'' VS PERNAMBUCANO DE OLIVEIRA PTVS ''5'33''X2'' VS LIDIO SOHN ET PILAR DE ZAYAS BERNANOS PTVS ''QUEM MATOU ZEFINHA'' VS VIRGINIA LUCIA PTVS ''HISTORIA CAPITAO JOAO REDONDO'' GRUPO FURA BOLO'' PTVS SALADA MIXTA'' GRUPO OS NATIVOSHVS ''CLAREIRA'' GRUPO TRC PTVS ''O DIA DA MAIVA'' GRUPO RETALHOS PTVS ''CANTEIROS'' VS ROMILDO MOREIRA PTVS ''TERRA SUOR E SANGUE'' GRUPO TERRA ET VIDA PTVS ''O ESTUDANTE'' ADELAIDE CARRARO PTVS ''A TCHURMA DO IP IP HURRA'' GRUPO PIOLLIN DRAMAS E COMEDIAS PTVS ''A MENINA SEM NOME'' GRUPO ESTUDANTIL AMADOR DE ARIQUEMES PTVS ''CARRETO-RO'' JOAO PEDRO PTVS ''AS MAOS DE EURIDICE'' PEDRO BLOCH PG ''A ONCA E O CAÇADOR'' GRUPO PROJETO URUCUMHVS ''TINTA FRESCA'' MIMICA GRUPO BOTECO PTVS ''OS VIZINHO.. DIGO, ''OS VIZINHOS'' LUIZ CARLOS MARINHO PTVS ''O MAHEIRO'' LUIZ CARLOS MARINHO PTVS '' O SENTOR D ANOSSA GENTE'' GRUPO ARTEIRAL PTVS ''ALZIRA POWER'' GRUPO ADRENALINA PTVS '' TERRA E TRANZA'' GRUPO PROJETO URUCUM PTVS ''TUDO CERTO MAMAE'' GRUPO PIOLLIN DRAMAS E COMEDIAS PTVS ROMEU E JULIETA'' ADAPTAÇAO GRUPO NATA PTVS ''CUMBEIRA NA BEIRA DO RIO MADEIRA'' JOA CATISTA LIMA RODRIGUES PTVS ''GRETA GARXQUEM DIRIA ACABOU NO IRAJA'' FERNANDO MELO PT

SR/RO PVO

Informação - ARQUIVO DCDP
Consta registro das peças:
- 5'33 x 2
- Tierra e Transa
- As mãos de Euridice
- Os vizinhos
- Quem matou Zefinha
- Greta Garbo, quem diria acabou no Iraja
- A revolta dos brinquedos.
Quanto às demais, nada consta

CORR. LINHA 17 : ''O BANHEIRO'' ETC

NNNN
T/ SJT 301420
692131DPFE BRO
611461DPFEA BR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 572

DPF
DCDP
Fls. N.º 560
Rubrica

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº DEZ 17 14 85 000000

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

ENDEREÇO

SCDP/SR/PVO/RO

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 654/DCDP de 02 - 12 - 87 ___ RERA NR 2114/SCDP/RO 301187 VG INFO PEÇAS "A REVOLTA DOS BRINQUEDOS" CLASS LIVRE CERT VAL 310391 PTVG "QUEM MATOU ZEFINHA" CLASS LIVRE CERT VAL 190591 PTVG "CARRETO-RO" LIB 18 ANOS CERT VAL 271192 F.I. VIOLENCIA VG TRAFICO DE DROGAS ET LINGUAGEM CHULA PTVG " AS MAOS DE EURIDICE" LIB 16 ANOS CERT VAL 191290 F.I. TEMATICA ADULTA PTVG "OS VIZINHOS" LIB 18 ANOS CER VAL 180692 F.I. HOMOSSEXUALISMO MASCULINO ET LINGUAGEM CHULA PTVG "GRETA GARBO VG QUEM DIRIA VG ACABOU NO IRAJAH" LIB 16 ANOS CERT VAL 290390 F.I. TEMA DE HOMOSSEXUALISMO PTVG "5'33"x2"" EM FASE DE EXAME CENSORIO PTVG "THERRA ET TRANZA" EM FASE DE EXAME CENSORIO PT DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor: Vilma Helena Sanen Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF-84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 573

DPF
DCDP
Fls. N.º 361
Rubrica

-3 DEZ 1139 008086

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DE RONDONIA

OF. Nº 3278/87-SCDP/SR/DPF/RO EM, 30.11.87

Senhora Chefe,

Encaminho a V.Sª., para apreciação e posterior expedição de Certificado, 03 (três) vias dos textos das Peças Teatrais: "CUMBEIRA NA BEIRA DO RIO MADEIRA", autor João Batista Lima Rodrigues - JANGO e "AS MÃOS DE EURÍDICE", autor Pedro Bloch.

Atenciosamente,

EDNA ALVES BUARQUE
CH/SUBST/SCDP/SR/DPF/RO

ILMª SRª
DRª VILMA HELENA SANAN DOMINGOS
MD. CHEFE SUBST/SC/DCDP
BRASÍLIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 379.

Associação – Grupo Arco-Íris de Teatro Amador GAITA

(DINAMISMO A SERVIÇO DA CULTURA)
C.G.C. 04.388.807/0001-02

Alameda do Jasmim, 2318 Cx. Postal 283

78.920 — Ariquemes — Rondonia

DPF
DCDP
Fls. N.º 362
Rubrica

ILMOº. SENHOR.
CHEFE DA CENSURA FEDERAL.

R E Q U E R I M E N T O

RAIMUNDO JOSÉ FERREIRA DE MELO, brasileiro, solteiro, residente na 4ª rua, setor 02, Ariquemes-RO, Diretor do Grupo Arco-Íris, portador da Cédula de Identidade RG nº 167.990, e Cadastro de Pessoas Físicas sob o nº 192.138.672-04, venho através deste, requerer de Vossa. Sra. que a peça "AS MÃOS DE EURÍDICE" um drama do Autor PEDRO BLOCH.

Apresentando as seguintes partes:
Músicas: Estaca Zero de Nelson Gonçalves, LP Seleção de Ouro, Ave - Maria (BACH GOUNOD SOLO A ELUAH M. SOUZA) LP Música, Vida... Nº 03, Caminito (TANGOS INESQUECÍVEIS DE MÁRIO ZAN E JUAN DE DIOS).

Em dois atos, com interpretação de Raimundo Melo, Equipe' técnica, Sonoplastia de Antonio Milani, iluminação de Donizete Milani. O Personagem usa um terno do começo ao fim do espetáculo. Cenário - Uma escada liga a platéia ao palco. A metade esquerda do palco mostra-nos a entrada de uma casa de cada lado da porta há um banquete de mármore. A metade direita não apresenta a fachada, de maneira que não se pode divisar o interior, que nos mostra uma sala ' de jantar com poltronas, uma mesinha com uma estatueta, uma cômoda' com várias gavetas e um quadro. O quadro está no "ar", suspenso por fios invisíveis., Rio de Janeiro época atual.

Que o referido texto seja examinado e liberado, contando' com sua atenção dispensada coloco-me ao seu inteiro dispôr.

Nestes termos pede Deferimento,

Ariquemes, 09 de Novembro de 1987 .

Raimundo Melo
DIRETOR ARTISTICO

RAIMUNDO JOSÉ FERREIRA DE MELO .

BR DFANBSB N8.0PR.TEA.PTE.0961,R573

DPF
DCOP
Fls. N.º 363
Rubrica

AS MAÕS DE EURÍDICE

DE "PEDRO BLOCH"

(PEÇA EM DOIS ATOS PARA UM SÓ ATOR)

Cenário

Uma escada liga a platéia ao palco A metade esquerda do palco mostra-nos a entrada de uma casa. De cada lado - da porta de entrada há uma banqueta - de mármore. A metade direita não apresenta a fachada, de maneira que se / pode dividir o interior, que nos mostra uma sala de estar com poltronas, uma mesinha com uma estatueta, uma / cômoda com várias gavetas e um quadro O quadro está "no ar", suspenso por - fios invisíveis.

(Atrás do cenário uma rotunda)

PRIMEIRO ATO

GUMERCINDO vem entrando por uma porta lateral direita da platéia. Se esta porta não existir ele pode vir pela mesma por onde entrou o público.

Vem com uma expressão de alucinado. Traz estampado no rosto o medo, a angústia, o desespero. Sua roupa gasta, seu cabelo em desalinho, sua barba por fazer, seu andar, e - sobretudo - o seu olhar, falam de tragédia a derrota.

GUMERCINDO atravessa a platéia em - direção ao palco. Olha os espectadores, entre assustado e ameaçador, cumprimenta um e outro e pára diante da escadinha que liga a platéia ao palco.

Olha para o palco, muito triste, - como quem estivesse vendo a parede - anterior de casa. Olha para os dois - lados da "rua". Sobe os degraus e dirige-se para a porta. Toca a campainha, após uma ligeira idecisão. Torna a tocar. Ninguem atende. Procura algo nos bolsos. Não encontra. Aparentemente resignado senta-se na "banqueta" - de mármore.

Começa a assobiar, calmamente, um - noturno, de chopin, observando a platéia, analisando os espectadores.

Um foco de luz acompanha GUMERCINDO do começo ao fim da peça, como se / aquela luminosidade fizesse parte de seu ser. Quando esta na platéia ou no palco ele "carrega" aquela luz consigo. Esta luz independe da iluminação que se queira dar ao cenário.

GUMERCINDO, diziamos, estava assobiando um Noturno, de Chopin, e analisando a platéia com uma expressão indefinível.

GUMERCINDO - Chopin!...
Parece que foi ontem! Foi há sete - anos!
Eu estava aqui. Dulce, Lolinha, Ricardinho, dona Gervásia, o Dr. / Hermengardo, Euridice... Não. Euridice, não. Frederico.
O Grêmio Feminino... As reuniões... As valsas de Chopin... As Múmias... As Botas... botas... botas...
(DECLAMANDO)

"Ruega por nosotros, los pobres, que vamos em debiles barcas, em busca del pan y por los amores - que en tierra desejamos, Senora del Mar!"

(Começa a rir baixinho e reprova - com a cabeça)

Oh, as declamadoras!

A cabeça e o indicador da mão direita começam a girar como quem acompanha a bolinha da toleta.

Preto...26!
Vermelho...32!
Preto... 29!
Vermelho... 36!

E a bolinha da roleta girando girando-girando-girando-girando.

E perdendo...comprando...jogando e perdendo...Comprando...jogando e perdendo...

(Volta a declamar)

E "ruega por las pobres mujeres - que esperan, Senõra del Mar"...

E as valsas de Chopin!

(Cantarola com revolta uma valsa de Chopin, enquanto suas mãos raivósas massacram teclas invisíveis)

E o piano da menina!

(Solfeja desesperado)

Dó-ré-mi-fá-sol-fá-mi
ré-dó-ré-mi-fá-sol-fá
-mi-ré-in-da-ma-to
-es-ta-me-ni-na-do
-ré-mi-fá...

(Subitamente apavorado)

E, de repente a múmia de Ramsés II! Descoberto o túmulo de Tutancâmen !

(Irônico)

Sartre e o existencialismo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P-576

D P F
DP
Fls. 364

E porque Brailowski toca Chopin me lhor do que Firkusny.
E porque Firkusny é melhor do que - Rubinstein.
E como se isso não bastasse ainda se pôs a estudar piano!
Em pintura Dulce já discutia Picasso, Salvador Dali, Van Gogh, Matisse, Corot, Manet, Rivera, Portinari...
E porque Portinari isso.
E porque Portinari aquilo.
E porque o azul de Portinari, porque o amarelo de Portinari, porque o cor-de-abobora de Portinari.
-"Não, senhor Portinari. Não e daquilo que se deve olhar este seu quadro. Os quadros de Portinari devem ser vistos a dois metros e maio de distância".

(Naturalmente)

Dava opiniões técnicas.
E porque Shostakowsky é ~~xxxxxxxx xxxx~~ um cretino.
E porque Miaskowsky é formidável.
E porque Prokofief em "Pedro e o Lobo" andou querendo não sei o - que.
E porque Vila Lobos entende é de bilhar. Não entende nada de música.

(Furioso)

Um inferno!
Uma loucura!
E Dulce sorridente, radiosa, festiva, intranqüila, buliçosa.
Comigo era um inferno. Nem uma - palavra. Nem um comentário.
Só falava comigo para me chamar de maluco pra cima.

(Calmo)

Eu não sei os senhores conheceram o Dr. Hermengardo Santos, meu sogro. Especialista em assuntos - egípcios e filatelista.
Qualquer um deixaria aquela casa porque aquilo se tornava insuportável.

(A um espectador)
O senhor vai dizer naturalmente que eu não gostava de Dulce.
Gostava.

(Justificando-se)
Mas o senhor compreende.
Por mais amor que se tenha, por mais que se sinta, um dia a gente explode.
Explode ou não explode? Explode.

(Cresce-lhe a irritação)
O senhor sabe o que é ter em casa um verdadeiro Grêmio Litero-Musical e Esportivo?
Dulce era a presidenta.
Dá para acabar com um Gumercindo Tavares ou não dá?

(Entre revoltado e irônico)
E as pianistas com as suas valsinhas de Chopin!
E as declamadoras!

(Declama imitando)
"Ruega por los niños que están en la cuna, ruega por los hijos que un dia vendrán y irán a tus olas a buscar fortuna, Señora del Mar"

(Tira uma fotografia do bolso, contempla-a e fala com ternura)
Esta é a fotografia de Eurídice.
Na vida de todo homem deveria existir uma Eurídice.

(Lê a dedicatória)
"Ao Cindinho do coração com o amor sincero de uma felicidade."

(Confessa a meio envergonhado)
Meu nome é Gumercindo, mas para Eurídice eu sempre fui o Cindinho.

(Em desespero crescente)
Em casa eu não podia abrir a - boca. Como podia eu abrir a boca se Dulcef falava, se dona Gervásia falava, se o Dr. Hermengardo falava, se todo mundo falava, - gritava, tocava, declamava, bramia, zurrava, gemia, azucrinava, rugia! Um inferno!

(Pianissimo, Terno, amoroso)
Com Eurídice era diferente.
Nós tinhamos um ninho só para - nós dois.
Eurídice éra a ternura, à doçura, a poesia feita mulher.
Tudo que eu sonhava de paz e - amor.
Um dia Eurídice surgiu em minha vida...
Eu acho que todos compreendem, não é verdade?
O senhor compreende?
A senhora compreende?

(Vai se irritando)
De um lado Dulce, grã-fina, presidenta de Clube, despótica, verborrágica, desumana, cataclismica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0961 P.3 4 9

DPF
Fls. N.º 365

Aqui está.
Tira outras fotografias e deixa-as - com os espectadores.
A nossa lua-de-mel. Vejam quanta ternura e quanto amor! Quem diria que hoje...
Mas a coisa começou de uma maneira dem simples. Dulce não parava em casa. Um dia era Dulce que ia - visitar as exposições de pintura no outro dia...
(Com quem se lembra de algo aterrador)
Portinarí!
E surgiram do meio do dó-ré-mi--fá-sol, da Señora del Mar,
das múmias,
dos faraós,
das botas...botas...botas
(Como quem tem visões dantescas)
Os pés de Portinari...
As mãos dePortinari...
As caras de Portinari...
(Comtempla horrorizado as proprias - mãos)
Onde estão minhas maõs?
(Desesperado)
Onde estão minhas mãos?
Estas não são as minhas mãos...
São as mãos de Portinari!
(Continuando a ter visões apavorantes.
E Eram pés descalços,
pés humildes,
pés cansados,
pés macerados,
sofridos,
torturados,
triturados.
Eram pés sem botas...botas...botas
(Acelerando o ritmo)
E eram mãos e pés e ventres e espantalhos!
Espantalhos de faraós declamando pés de ramsés e ventre de Cleópatra.
E a cobra vinha subindo-subindo-subindo para sugar-lhe o seio.
(Doce e sonhador)
E o rosto de Euridice! De minha Euridíce!
(Quase em êxtase)
De minha Eurídice!
(Descreve suave e ternamente)
E as mãos de Eurídice vinham coleantes,
suaves,
ternas,
acariciantes,
mãos plácidas,
serenas.
Eu as cobrí de anéis e de pulseiras. Aquelas mãos conheciam o segredo da expressividade.
Mãos fugidas da estátua de Vênus, mãos admiráveis!
Naquelas mãos cabiam os mais belos sonhos, os mais elevados ideais.
Naquelas mãos havia o mistério do acorde não soado.
Mãos pedindo harpas,
mãos pedindo asas,
mãos clamando preces,
ternura
e amor.
Mãos,..
As mãos de Eurídice!
Mãos pedindo preces...
(Com naturalidade)
Eurídice é existencialista.
Eurídice não sabe, como nenhum de nós, o que é existencialismo
(A um espectador)
O senhor sabe?
Eu, também, não sei.
Muitos supoem que o existencialismo
Não.
(Salta de um assunto a outro com a maior naturalidade)
Quando casei com Dulce ela éra uma menina simples e sem cultura.
Pensava que Beethoven era jogador de futebol.
Meses depois se mascarou.
Envolvida na rede da grã-finagem e da cretinice atômicas,
ela - que mal sabia a diferença - entre um dó e um sol,
ela - que mal sabia distinguir uma sanguínea de um quadro a óleo,
ela que mal sabia assinar o seu nome,
começou a dar opiniões sobre música e arte modernas.
E porque Vila Lobos isso.
E porque Prokofief faz e acontece.
E porque Stravinski e Copland e Schoenberg e Bela Bartok e Camargo Guarniéri...
E Dulce se tornou sócia da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.
E eu já estava esperando o dia em que Dulce fosse ensinar ao maestro Koussevitsky a reger Beethoven.
E Dulce dava opiniões!
E Porque o foguete isso e porque o Oboé está maio tom baixo e porque o corno inglês desafinou...
(Furioso)
E Eu juro aos senhores que Dulce nem sequer sabia distinguir um fagote de um instrumento de música de sopro.
E a transformação de Dulce não foi só nisso!

DPF
DCDP
366
Rubrica

E porque Brailowski toca Chopin melhor do que Firkusny.
E porque Firkusny é melhor do que - Rubinstein.
E como se isso não bastasse ainda se pôs a estudar piano!
Em pintura Dulce já discutia Picasso, Salvador Dali, Van Gogh, Matisse, Corot, Manet, Rivera, Portinari...
E porque Portinari isso.
E porque Portinari aquilo.
E porque o azul de Portinari, porque o amarelo de Portinari, porque o cor-de-abobora de Portinari.
-"Não, senhor Portinari. Não e daquilo que se deve olhar este seu quadro. Os quadros de Portinari devem ser vistos a dois metros e maio de distância".

(Naturalmente)

Dava opiniões técnicas.
E porque Shostakowsky é ~~xxxxxxx~~ um cretino.
E porque Miaskowsky é formidável.
E porque Prokofief em "Pedro e o Lobo" andou querendo não sei o - que.
E porque Vila Lobos entende é de bilhar. Não entende nada de música.

(Furioso)

Um inferno!
Uma loucura!
E Dulce sorridente, radiosa, festiva, intranqüila, buliçosa.
Comigo era um inferno. Nem uma - palavra. Nem um comentário.
Só falava comigo para me chamar de maluco pra cima.

(Calmo)

Eu não sei os senhores conheceram o Dr. Hermengardo Santos, meu sogro. Especialista em assuntos - egípcios e filatelista.
Qualquer um deixaria aquela casa porque aquilo se tornava insuportável.

(A um espectador)
O senhor vai dizer naturalmente que eu não gostava de Dulce.
Gostava.

(Justificando-se)
Mas o senhor compreende.
Por mais amor que se tenha, por mais que se sinta, um dia a gente explode.
Explode ou não explode?Explode.

(Cresce-lhe a irritação)
O senhor sabe o que é ter em casa um verdadeiro Grêmio Litero-Musical e Esportivo?
Dulce era a presidenta.
Dá para acabar com um Gumercindo Tavares ou não dá?

(Entre revoltado e irônico)
E as pianistas com as suas valsinhas de Chopin!
E as declamadoras!

(Declama imitando)
"Ruega por los niños que están en la cuna, ruega por los hijos que un dia vendrán y irán a tus olas a buscar fortuna, Señora del Mar"

(Tira uma fotografia do bolso, contempla-a e fala com ternura)
Esta é a fotografia de Eurídice.
Na vida de todo homem deveria existir uma Eurídice.

(Lê a dedicatória)
"Ao Cindinho do coração com o amor sincero de uma felicidade."

(Confessa a meio envergonhado)
Meu nome é Gumercindo, mas para Eurídice eu sempre fui o Cindinho.

(Em desespero crescente)
Em casa eu não podia abrir a - boca. Como podia eu abrir a boca se Dulcef falava, se dona Gervásia falava, se o Dr. Hermengardo falava, se todo mundo falava, - gritava, tocava, declamava, bramia, zurrava, gemia, azucrinava, rugia! Um inferno!

(Pianissimo, Terno, amoroso)
Com Eurídice era diferente.
Nós tinhamos um ninho só para - nós dois.
Eurídice éra a ternura, à doçura, a poesia feita mulher.
Tudo que eu sonhava de paz e - amor.
Um dia Eurídice surgiu em minha vida...
Eu acho que todos compreendem, não é verdade?
O senhor compreende?
A senhora compreende?

(Vai se irritando)
De um lado Dulce, grã-fina, presidenta de Clube, despótica, verborrágica, desumana, cataclismica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 578

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0961,p.379
DPF DCDP Fls. N.º 367 Rubrica

De um lado um egíptólogo com as suas(~~múxicas~~) múmias.
De um lado dona Gervásia falando-falando-falando-patati-patatá-patati-patata-patati-patata...

(Amorosamente)

E do outro... Eurídice!
Bonita como um poema!
Os olhos de Eurídice!
A boca de Eurídice!
A pureza de Eurídice!
Todas as descrições serão inúteis.

(Entrega a fotografia a um espectador e diz com naturalidade)

Vejam o seu retrato e não me digam mais nada. Sobretudo as mãos.

(Começa a descrever apaixonadamente)

As mãos de Eurídice exprimiam todas as emoções.
Riam, ás vezes.
Ficavam furiosas.
Choravam.
Juntavam-se em súplica.
Projetavam-se em desespero.

(Cai em si de repente)

Ainda há uma certa confusão em meu espírito. Acho que não me expliquei bem.
Compreendem.
Eu sou um homem comum, de idéias comuns, idéias comuns, ambições comuns, tudo comum.
Como todos quero uma vida de compreensão, de solidariedade, de companheirismo.
Nada demais.
Entretanto não encontrei nada disso. Voltava de meu trabalho e não encontrava paz.
Eu vinha de meu trabalho, cautelosamente, prudentemente, vagarosamente.
Entrava en casa.
Ao abrir a porta a primeira pessoa que me surge é o Dr. Hermengardo, um indivíduo que faz com que qualquer se sinta mumificado.
Mumifica a alegria, a esperança, a alma.
Todas as esperanças tinham ficado lá fora, como no inverno, de - Dante,
"Lanciate ogni speranza, voi - ch~~e~~entrate".

(Começa a despertar-se)

Depois surgia a figura apocaliptica de dona Gervásia.
Com o Dr. Hermengardo eu me sentia mumificado.
Com dona Gervásia eu me sentia devastado, arrasado, aniquilado.
E depois vinha Dulce.

(Imita-a)

"E faça a barba. E não me envergonhe. E vista-se direito. E não Jogue a cinza no chão.
E porque não trabalha mais. E porque isso.
E escove os dentes. E penteie-se direitinho.
E porque aquilo...
E eu calado aguentando sempre...
SEMPRE!

(Naturaçmente outra vez)

Não sei se já lhes disse que meu nome é Gumercindo Tavares e que de profissão sou escritor. As - minhas obras ainda estão inéditas.

(Fazendo comicio com ardor e revolta)

Inéditas sim, brasileiros!
Porque uma campanha de inveja, inveja-repíto!, acompanha o meu - trabalho intelequitual.
Inveja de José Lins do Rego!
Inveja do Érico Verissimo!
Inveja de Joraci Cmmargo!
Inveja de Jorge Amado!
Sim...
Porque no dia em que as obras de Gumercindo Tavares(Sou eu) saírem do prelo...

(Cai em sí, parece perceber o próprio ridículo e tenta justufucar-se.

Um dia começei a sentir uns sint~~em~~omas estranhos.
Ouvia Vozes.
Ouvia gritos.
Ouvia ruídos esquisitos.
Acordava sobressaltado.
Já não podia fizar-me em nada.
Eu me sentia num torvelinho, num turbilhão.
Com medo de enlouquecer!
Sim, meus senhores! quase enlouqueci.
Um dia comecei a ouvir vozes...

(Imita Dulce)

"Eu sou uma infeliz, Gumercindo.
Gumercindo eu sou uma infeliz!"

(Apavorado)

E as pirâmides imensas,
majestosas,
colossais,
se erguiam na minha frente.
E a maior que todas as pirâmides se erguia majestosa Dona Gervásia, falando...falando...falando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p 580

DPF DCDP Fls. N.: 368 Rubrica

Amenemat I... Amenemat II... Amenemat III... e a esfinge falava, gritava, urrava...
Desvendava o segredo da esfinge!
A esfinge falou, senhores!
A esfinge falou!
E do fundo do areal imenso surgia a voz da declamadora insáciável, incansável, infindável...

(Imita-a)

"Con tu amor sonãmos,
por tu fe vivimos,
Señora del Mar"

(Volta a ver a roleta)

Preto!...??!
Vermelho!... ??!
No va más!
Hagan juego, señores!
Hagan juego, imbeciles!
Hagan juego!
As mãos de Eurídice pediam fichas, mais fichas, MAIS FICHAS...
E a roleta engolindo insáciavel, incansável, infindável.

(Solfeja com revolta)

Dó-ré-mi-fá-sol-fá-mi
-ré-dó-ré-mi-fá-sol-
fá-mi-ré-dó...

(imita Dulce)

Chegou a modista?... O plissé?...
O babado?... O bordado?... O apliique?... Tem figurino?
Cabeleireiro às 10? E as unhas?
Madame Mendonça chamou?...
Hoje tem "buraco"?

(Como na roleta)

Hagan juegos, señores. Hagan juego.

(Descreve com ternura)

As mãos de Eurídice depositam fichas, docemente, suavemente.

(Com angústia)

E a valsa de Chopin atravessa a sala como se fosse com serpentes, com cobras, venenosas, a envenenar a alma com açucar, com a doçura pegajosa de Chopin.

(Com pavor)

E surgem pés monstruosos e mãos monstruosas!
Mãos e pés de Portinari carregando pedras monstruosas, ao som de uma valsa de Chopin... ao som das polonaises...

- - - - - -

Milhares e milhares de escravos egípcios desfilam arrastando pedras gigantescas para a construção da grande pirâmide de Quéope.

(Revoltado)

E o garoto vinha com a patinete - pela sala.
Fuiiiiiiin!... Fuiiiiiiin!
E a menina acalentava a boneca em seus braços:
"Dorme, filhinha, do meu tolatão."

(Desesperado)

E eu queria fugir, fugir para muito longem Para longe de dona Gervásia, longe de Chopin, llnge da - patinete, longe de Dulce, longe da Señora del Mar longe de Portinari, longe de voces todod.

(Acalma-se)

Foi ai que surgiu Eurídice em - minha vida.
Eurídice, a doce, a meiga, a pura, a existencialista.
Fugi, fugimos para a Argentina.
O Dr. Frederico andava em atitudes suspeitas diante de Dulce.
O Dr, Frederico vinha com orquideas, com rosas.
Rosas de todas as cores.
Rosas amarelas, rosas vermelhas e até rosas - cor-de-rosa.
Vinha com poemas de Geraldy."Toi et Moi".
De Rabindranath Tagore.
Sem falar nas caixinhas de bombons.

(Imita um Dr. Frederico melifluo)

Estezinho aqui tem licor, dona Dulce.
Estezinho tem recheios de amendoas, dona Dulce
"Ih,ih,ih!"
"Quando, rapidamente, ela passou por mim a fímbria de sua veste me roçou."

(Com fúria)

Vá roçar na..."fimbria do inferno".
Uma pouca vergonha!
Até andou fazendo poemas para a minha mulher!
Um deles começava assim.
"Teus olhos são planetas cintilantes".
Planetas cintilantes é a "fimbria do inferno"!

(A um espectador)

Veja o senhor, planetas cintilantes!

- - -

DPF
DCDP
Fls. Nº 369

Afinal de contas eu queria que o senhor me explicasse uma coisa.
Talvez eu seja um débil mental.
Talvez eu não compreenda.
Eu queria que o senhor me explicasse.
A titulo de que um sujeito manda flores a uma senhora casada! Livros a uma senhora casada!
Bombons de licorzinho e recheio de amêndoas a uma senhora casada!

(Noutro tom)

Mas o que interessa é que eu fugi com Eurídice para a Argentina.
Sim, porque eu não suportava mais!
Eu compreendo que se goste de Portinari.
Pessoalmente eu sou o maior fã de Portinari.
Mas, pelo amor de Deus!
Ninguem venha me dizer que Dulce entende Portinari, que Dulce gosta de Portinari.
Diabo, senhores! Eu conheço Dulce!

(Entrega com naturalidade um cartão de visita a um espectador)

Gumercindo Tavares, seu criado.

(Natural ainda)

Fui para a Argentina com Eurídice.
Deixei Dulce.
Ali conheçi todos os mistérios da roleta.
Uma bolinha mantém o destino de uma porção de pessoa preso aos seus caprichos.

(Com admiração, quase orgulho)

Eurídice jogava com insuperável elegância.
Era alvo da atenção geral.
Sabia perder com superioridade,
com disciplência,
sem nervos,
absolutamente sem nervos...
O meu dinheiro.
As minhas mãos é que tremiam.
As mãos de Eurídice não se alteravam.

(Com amor)

Mãos brancas,
mãos doces,
mãos delicadas,
quando surgiram no pano verde, entre todas as outras mãos, eram como se fosse tímidas e puras gaivotas, castas e serenas, entre lobos famintos e chacais assassinos...

(Cai em si)

Mas um dia a roleta nos venceu.
Ficamos a zero.
Deixamos então Mar del Prata, com seus malditos boleiros, seus sórditos "croupiers", sua jogatina imoral e desesfreada. Carreguei a minha doce Eurídice para Buenos Aires.
Ali percebi que nada mais restava de minha fortuna. Absolutamente nada.
Apelei para Eurídice.
Eu queria que ela empenhasse, que ela me emprestasse, uma das jóias que eu lhe havia dado, para tirar-me daquela situação.
Eurídice entretanto era grande até na desgraça.

(Imita-a)

"Não. Não me separarei destas jóias nunca, disse ela. São as unicas recordações de um amor que já findou".

(Ingênuo)

Coitada! queria recordar o passado.
Poucos seriam capazes de compreender uma existencialista.
Eu compreendi.
Compreendi e me afastei.
A ultima lembrança que me ficou de Eurídice foram as suas mãos.
Mãos pedindo preces.
Mãos pedindo harpas.
Mãos pedindo asas,
ternura
e amor.

(Começa a olhar, fixamente, o fundo da platéia, como quem tem visões. Começa a tropessar no texto como se o o tivesse esquecido.)

Eurídice era toda... a minha... vida... Eurídice para mim, éra a própria vida... a propria vida...

(De repente sua fisionomia ganha uma extraordinária alegria. Agora sim. Ele tem a certeza absoluta de que Eurídice ali está, lá no fundo da platéia. Nas frases anteriores Gumercindo se encontrava na escadinha. Sai correndo alucinado até o fundo da platéia gritando:

Eurídice! EURÍDICE! EURÍDICE!

(Mas ao chegar ao fundo se desilude e volta desalentado)

Não é ela! Não é ela!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461 fl. 381

(Sobe a escada e fala entre saudoso e terno).

Quando eu perdi Eurídice eu me lembrei de Dulce.
De Dulce e de nossos filhos.
Ricardinho já deve estar um homemzinho.
Lolinha já deve estar uma moça. Não brinca mais com bonecas.

(Aproxima-se da porta e torna a tocar a campainha.)

Ninguém. Mas onde andará essa maldita chave?!

(Procura nos bolsos e acaba achando)

Ah! Está aqui.

(Abre a porta e diz para a platéia)

Quando quiseres aparecer aqui que eu more.
Gumercindo Tavares, um criado às ordens.
Boa noite!

(Começa a abrir a porta, enquanto o pano cai)

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO.

GUMERCINDO está "dentro" de casa. está na sala e o público o vê porque falta a fachada daquela casa. Passou muito tempo. Minutos ou horas. Ao abrir-se o pano GUMERCINDO está gritando, dirigindo-se a pessoas que, hipotéticamente, estão no hall, onde a presença da fachada impede que sejam vistas.

GUMERCINDO - Isto não fica assim!
Vocês não podem me condenar sem me ouvir!
Por que ninguêm fala?
Respondam. Digam alguma coisa.
Chamem-me de crápula, de canalha, de qualquer coisa, mas digam alguma coisa, pelo amor de Deus!

(Suplicante)

Dulce. Compreenda, Dulce.
Foi uma loucura, mas a vida para mim, era intolerável. Eu não podia mais suportar.
E eu quero saber de meus filhos.
Tenho direito a uma explicação.
E o que faz o senhor, Dr. Frederico dentro de minha casa? Poderia contentar-se em conquistar minha mulher fora da minha casa, fora desta casa.
Respeitar o teto daquilo que um dia foi um lar.
Cale-se! Não diga nada!
Eu quero saber onde vocês estiveram.
Eu quero saber de onde vocês voltaram.
Eu quero saber tudo.
E parem com esse maldito silêncio!
Onde está Lolinha, Dulce?
Pela ultima vez eu lhe pergunto:- Onde está Lolinha?
E Ricardinho?
Que é feito de Ricardinho?

(Raivoso e Sárcastico)

Ah, já sei! Naturalmente internou seus filhos para poder estar mais á ventade com o seu amante.
Mas isso não fica assim!
Torna-me a vida intolerável, faz com que eu abandone minha casa e meus filhos, para quê?
Responda!Para quê?!

(Furioso)

E o senhor não se meta, Dr. Frederico.
O senhor não tem nada com isso.
Cale-se!... Não. Fale.
Diga alguma coisa.
Falem!
Ah, não quer falar?
Pois eu descobrirei tudo.
Tudo!
Nem que tenha de demolir esta casa, tijolo por tijolo, pedra por pedra.
De tudo o que vocês fizeram deve ter ficado um rastro,
um perfume,
uma perfídia,
uma carta,
uma confissão,
uma mancha.
Esta é a minha casa.
Podem sair, ouviram?
Podem sair.
Rua! RUA!
Sacripantas!
Metidos a intelectuais.
Metidos a requintados!
Metidos a blasés!!
Vão pro inferno vocês
e Chopin
e a Señora del Mar
e Geraldy
e Tagore
e as mímias e o diabo que os carregue!
Egoistas!Cínicos!Hipócritas!

- - -

DPF DCDP Fls. N.º 340 6

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, P.582

(Começa a remexer nas gavetas da cômoda. Reune papéis e coisas que tras para a banqueta interior da casa, dentro de uma gaveta. Desta vez ele não usa a porta. A parte da fachada ausente permite-lhe sair da casa como se atravessasse a parede.

(Aos espectadores)

Vocês viram, não viram?

Pousa a gaveta no chão

Depois de tudo que eu tenho feito por Dulce!
E apresenta-se com esse sugeito na minha frente, na minha casa, na minha cara!
Pouca-vergonha!
O que vale é que vocês estão assistindo a tudo isso e vêem que eu não sou culpado.
Ah, mas eu hei de descobrir!
Ainda há justiça neste mundo.
Eu hei de mostar tudo o que aconteceu nestes sete anos.
Enquanto eu estava sofrendo ela estava aqui, houvindo as serestas do Dr. Frederico.
Doutor Frederico!
Doutor em que?
Todo mundo aqui é doutor!
Doutor em que?
O senhor sabe?
Nem eu.
Doutor em poemas de Geraldy. Doutor em bombons com recheio de amendoas e licorzinho.
Doutor!

(Furioso)

Na minha cara, na minha frente, na minha casa!

(Voltando-se para onde Dulce e Frederico supostamente sairam)

Sinicos!Velhacos! Sacripantas!

(Começa a contemplar papéis que retira da gaveta que está a seus péis. A proporção que os vai tirando deixa os no chão)

Dívidas, dívidas, dívidas...
Como sabe fazer dívidas!
É verdade que o dinheiro não éra meu
Era do pai dela.
Mas ela precisava pensar no futuro de nossos filhos.
Dívidas.

(Pega de um cartão)

Boletim do Ginásio Rio Branco.
Aluno Ricardo Tavares.
Ricardinho.
Boletim do terceiro trimestre.
Português - oito e meio.

(Começa a interessar-se entre calmo e terno)

Boa nota, não é?
"História - Nove"
Inglês...

(Começa a comover-se)

Veja o senhor! Ricardinho falando Inglês!
"Inglês - Nove e meio.
Como o tempo passa, não é verdade?
Não sei se todos os pais sentem da mesma maneira, mas tenho a impressão de que meus filhos cresceram derrepente.
Falando inglês!

(Ri bairinho e comovido)

Ricardinho falando inglês! É o fim do mundo!

(Continua a ler o boletim)

"Ciências- Dez".
É crânio. Saiuao pai

(Revolta-se ao lembrar)

Mas aquela patinete me tornava a vida insuportável.
Fuiiiiiin! Fuinnnnnn!
O dia inteiro!
Depois a tósse,
a caxumba,
a catapora,
o sarampo,
a coqueluxe,
e o diabo que o carregue!

(Furioso)

O garoto parecia ter um contrato de esclusividade com os micróbios!

(Há um espectador, já mais calmo)

Seu filho tem patinete?

(Volta ao boletim)

"Canto orfeônico - Três".

(Volta-lhe a fúria)

É isto! Eu estou dizendo!
Mania de ensinar canto orfeônico nas escolas!
Coisas de Vilas Lobos mesmo!
Para que canto orfeônico?

(Lê o boletim)

"Matemática - Zéro".
Ah, mas é natural! quem poderia estudar com as malditas recepções de Dulce e depois... Matematica! mete-se uma porção de noções na cabeça de um garoto...

SDPF DCDP Fls. N.º 371 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461.p.583

(A um espectador)

O senhor se lembra, por acaso, da - fórmula das equações do segundo grau? Não se lembra, é claro.
Deixe ver: - AB mais ou menos a raiz quadrada do diabo que o carregue, - menos não sei o que...
Não é nada disso.
A culpa não é do menino.
Eu sou o partidário da educação com grande base psicológica,
É preciso compreender a criança, estimular a criança, dar-lhe apoio, carinho, confiança, ternura, proteção.
Se eu estivesse em casa, Ricardinho nunca, ouviram bem? - nunca!, nunca teria tirado zero em matematica.

(Pega outros papéis)

Telegramas... Telegramas...
Uma carta.
Isto é que eu estava procurando:-
Uma carta de Frederico a Dulce.
Radiográfias...
Contas...Receitas...
Uma fotografia...

(Contempla a fotografia a começa a rir sem parar, um riso nervoso, infindável. A incredulidade se estampa em seu rosto)

Não é possivel, Não é possivel, não é possivel, não é possivel, NÃO É POSSIVEL!
Lolinha casada!
Minha filha casada!

(A uma espectadora)

A senhora está vendo, não é verdade? Fizeram tudo sem me consultar a mim...
O PAI!
Afinal de contas eu sou o pai.
Posso não ser um pai tão bom quanto o senhor ou o senhor, mas um pai.
Mas é uma criança, meu Deus!
Casaram uma criança de dez...(Corrige) dezessete anos.
Com certeza Frederico foi o padrinho do casamento, é insinuante maneiroso, hábil, sutil, requintado.
E Dulce é tão infantil!
Deixa-se levar pelo primeiro cretino que aparece.
E se o marido de minha filha não prestar?
E se a abandonar? Se fugir?
Sim, porque há de tudo neste mundo.
O senhor está compreendendo, não é verdade até que ponto eu tenho rasão?
Depois um sugeito estrangula, dá dois tiros na mulher e passa a ser um assassino, um inimigo da civilização, condenado pelo céu e pela terra.
Dulce vai me prestar conta do que fez com minha filha.
Naturalmente a menina a estava atrapalhando o Grêmio feminino.

(A revolta vai crescendo)

Naturalmente estava atrapalhando os seus amores com o Dr. Frederico!
Não podiam comer bombonzinhos com - licorzinho com a menina ao lado.
E pronto.
Entrega-se lolinha ao primeiro imbecil que aparecer.

(Volta a olhar a fotografia)

O diabo é que eu nem conheço o marido de Lolinha.

(Desce à platéia e vai consultar uma espectadora, mostrando-lhe a foto. Quando desce já traz consigo outras coisas e papéis, além da fotografia)

Tem cara de bom sujeito, não tem?
E tudo sem me consultar!

(Lê num pedaço de papel)

"Teu riso tem cristáis desconhecidos..."
Já escrevi isto a tanto tempo!
(Lê noutro papel)

"Três camisas, duas toalhas!"
Lavadeira.
(Súbito sua fisionomia se alegra. Encontrou um seu retrato e mostra-o a todos)

Meu retrato. Vejam o meu retrato.
Vejam o retrato de um homem feliz.
A minha cara de antigamente.

(Volta a ter as maõs a carta)

Isto. Isto é que eu queria mostrar a voçês.
A Carta de Frederico a Dulce.

(Revoltado)

Cínicos!

(A esta altura Gumercindo está recostado na escada que liga a platéia ao palco.)

(Começa a ler a carta)

"Minha querida Dulce".

(Aos espectadores)

Estão houvindo bem? O senhor está - ouvindo, a senhora? Muito obrigado.
"Minha querida Dulce".

(Querida compreenderam?)
"Deveria existir um dicionário de silêncio, de palavras inexistentes, palavras nunca pronunciadas, palavras nunca ditas".
Dicionário de silêncio! Dicionário de

DPF DCDP 512 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 584

pouca-vergonha, seu canalha!
"Gumercindo há sete anos não dá noticias suas e voçê, querida Dulce"
Querida Dulce, compreendem!
"...e você, querida Dulce,"
Querida Dulce!
"...sempre fiel, sempre boa, sempre dedicada à recordação daquele crápula,"
O crápula sou eu
"...Um crápula que fugiu com uma vagabunda qualquer e gastou todo o dinheiro que pertencia a voçê Dulce, nas roletas de Már del Prata."
Quem perdeu não fui eu. Foi Eurídice.
Só eu sei da pureza que você possui.
"Do que você tem sofrido, da sua dedicação por Gumercindo".
Amor por mim? Ah...ah...ah...
"Chegou o momento de pensar em nós.
Pense um pouco em nós, Dulce. Seu eterno - Frederico."
Pensar neles!
Cínicos!Egoístas!Hipócritas!
Pensar neles enquanto eu caminhava derrotado, enquanto eu sofria calado as perdas da roleta, enquanto Eurídice me abandonava solitário e triste?
Pensar neles enquanto eu sofria a fome, a tortura moral a desgraça de não poder ver meus filhos.
Pensar neles!
Chegou a hora de pensar neles!
Sacripântas!

(Relê mais calmo)

"Só eu sei so seu grande amor por-Gumercindo".

(Como quem descobriu algo)

Esta carta foi forjada, forjada para que eu a encontrasse e acreditasse nela. Souberam que eu viria, escreveram a carta e pronto. O imbecíl - será enganado. o idiota engulira - qualquer pílula.

(Relê)

"Só eu sei do seu grande amor por - Gumercindo".
Onde estava este grande amor quando eu estava aqui?Onde?*

(Lê a carta)

"Não continue a chorar Dulce aquele bandido não merece uma unica lágrima.
Esqueça-o. Já sofreu o bastante minha querida Dulce.
(Furioso)
Vejam os conselhos deste miserável!
"Esqueça-o". Esquecer a mim. Pensa que é facil.
Ela precisa lembrar-se e lembrar-se muito do que me fez, de tudo o que eu sofri, da tortura por que passei.

(Relê)

"Só eu sei... do seu grande amor... por...Gumercindo".

(Concessivo)

Bem.Eu não digo que ela não me amasse Mas compreendam bem. Qual é o papel de uma mulher que ama quando o homem que ela ama se apaixona por uma vaga...
Por uma outra mulher?
(Corrige depressa)
É lutar por ele. Fazer algo por ele.
Procurar reconquista-lo.
Foi isso que ela fez?
Não. Fechou-se em seu orgulho,
procurou elevar-se
procurou esquecer,
afogando-se nas reuniões monótonas, nas exposições sombrias, nos concertos da Cultura Artística e da Orquestra Sinfônica.

(Lamentoso)

Eu precisava de uma mulher que me - dissesse:- "Gumercindo, isto é uma - loucura. Isto é uma loucura Gumercindo."

(Revoltado)

Ela não moveu um dedo para me salvar.
Deixou que eu me atolasse.
Renunciou covarde, imoral e infamemente.
Consequência:- Atolei-me até aqui.

(Humilde e saudoso)

Agora estou de volta
Não é tarde para recomeçar.
Seria tão bom!
Ter Lolinha ao lado.
Ter Ricardinho...
Ricardinho falando inglês: Howw do - you do, father?
Tudo como antigamente.

(Irritando-se)

Mas ela não quer falar! Não quer explicar nada, absolutamente nada!
Não quer.
E aquele Dr. Frederico?
Aquele canalha sempre ali, sempre - firme e fiel como um cão.

(Acalma-se e pega num papél)

Receita...

(Vai pegando em outras coisas)

Radiografia de Pulmão...
Receita de estreptomicina...

DPF DCDP 273 Rubrica
MEMORANDO 21 x 15
CARTA 21 x 28
OFÍCIO 21 x 32
fol.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p585

Dr. Mendonça...
Menor Ricardo Tavares...

(Começa a preocupar-se, começa a assustar-se)

Ricardinho... doente...

(A um espectador)

O senhor é medico? Doutor, para que é que se dá Espreptomicina, hem?

(Aflige-se)

É coisa ruim, doutor?

(Mostra ao espectador a radiografia)

Veja esta chapa. É dele. É grave, - doutor? É GRAVE?

(Olha assustado e angustiado diante de sí)

Por que estão calados?
Por que me olham assim?

(Começa a reconstituir os fatos com angustia, enquanto vê outros papéis)

Conta do Sanatório Boa Esperança...
Conta do menor Ricardo Tavares...
Ricardinho... Campos do Jordão...
Sanatório...Deve estar muito frio...
Estreptomicina...Ricardinho...

(Num crescendo de angustia)

Por que me olham assim?
Eu não tenho culpa de nada.
Eu não fiz nada.
Voçês viram. Eu nem se quer estava aqui.
Por que não salvam meu filho?

(Grita desesperado)

Por que estão me olhando?
Corram! Ricardinho está doente.
Doente...
Meu filho está doente...

(Olha desvairado e fala baixo)

Meufilho está doente...
Sanatório...
Estreptomicina...
Frio...

(Olha nas suas maõs. Nelas ainda estão papéis telegramas...)

Telegramas...
Telegramas...

(Lê assombrado um dos telegramas)

"Sinceros pêsames falecimento nosso inesque...cí...vel...Ri...car..."

(Deixa cair o que tem nas mãos e contempla a platéia desvairado. Neste momento DUMERCINDO entra em completa alucinação)

Madame por favor! Não me olhe assim.
Eu não tive culpa.
Frio...Está muito frio...
Dizem que, ás vezes, até cai neve em Campos de Jordão.

(Grita para o palco)

Pare!Pare de tossir, Ricardinho.
Papai já vai. Tome o remédio...

(Volta-se furioso para a platéia)

Bandidos!Ladroës!
Eurídice!Não jogue nesta roleta.
São todos uma cambada de ladrões.

(Grita choroso para o palco)

Eu já vou.
Eu já vou, Ricardinho. Mas pare com essa tosse, Ricardinho para com essa tosse, pelo amor de Deus!

(De repente"vê" surgir Dulce na sala e sobe delirando de alegria da platéia ao palco)

Dulce!Dulce!Você voltou, Dulce! Eu - sabia, Dulce, que você voltava.
que mala é essa? Veio buscar suas coisas?
Dulce. Eu já sei de tudo. Já sei que Lolinha casou.
Já sei que Ricardinho m...
Sei que você tem sido fiel sempre... sempre...sempre...
Não vá, por favor!

(Suplicante)

Não me deixe só.
Não me abandone, pelo amor de Deus!
Eu preciso de você Dulce.
Eu preciso de suas palavras e dos seus cuidados...

(Docemente)

"Gumercindo. Faça a barba, Gumercindo"
"Gumercindo, vista outro terno".
"Gumercindo, descanse um pouco".

(Suplica quase chorando)

Eu preciso de seus pianos de suas - valsas.
Eu preciso de sua pureza e de sua grandeza de alma.
Não me deixe, Dulce.Não me deixe...
Dulce.Peça ap Ricardinho para parar com essa tosse.
Pare com essa tosse, Ricardinho!
Pára com essa tosse, pelo amor de - Deus!

(Explode dirigindo-se a platéia)

Ladrões!Bandidos!
Essa roleta é um roubo!
Quero o dinheiro de meu filh

DPF DCDP Fls. N.º 376
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.586

DPF
DCDP
Fls. N.º 575
Rubrica

Não, Eurídice. Não jogue mais!
Todos são culpados.
Vocês mataram meu filho.
Todos. Assassinos!

(Desesperado)

Parem.Parem. Pare, com essas pedras
Não arrastem essas pedras, pelo amor de Deus! Não é preciso. Não é preciso construir as pirâmides, Não Ricardinho. Está frio?
Muito frio?Dulce, o suéter azul de Ricardinho.
Meu filho, fale um pouco. Fale inglês meu filho.
Papai quer ouvir.
Lolinha!Estava bonito o seu casamento?
Marcha Nupcial e tudo?Que beleza!
Você botou o mesmo vestido de sua - mãe?O vestido de Dulce?
Que maravilha?
Eo padre... o que disse? "Proteger o lar...Zelar pelos filhos... construir um futuro de felicidade, de imensa felicidade..."
Dulce. Não me deixe agora. Agora não, Dulce podemos começar tudo de novo.
Parem. A Marcha Funebre, não eu quero as valsas de Chopin. Parem!
Podemos começar tudo de novo.
Ricardinho vai ficar bom.
Vai ser uma maravilha! Vai ser como antigamente!
Tão bom! Dulce!
Você e suas valsas de Chopin...
E a declamadora com "Ruega por los niños, Señora del Mar".
Que coisa linda, Dulce! Veja que - coisa linda!
"Ruega por los niños!"
Vai ser tudo como antigamente.
Como antigamente?
"Sinceros pêsames"...
Onde ouvi isso?
"Sinceros pêsames..."
Pêsames por que Dulce?
Não, Dulce! Não é possivel!
As crianças não morrem nunca. Não devem morrer.

(Apontando um espectador)

Que é que o senhor está fazendo ai?
Deixou a mulher e os filhos em casa e veio?
Sozinho?
Sua vida é um inferno? Intolerável?
Surgiu uma Eurídice em sua vida, tambem?
Para salvar os filhos é preciso - acabar com todas as Eurídices do - Mundo.
Quem vai cuidar de seus filhos?
Quem manterá seu lar?
Concordo. Já sei.
Mas seus filhos não tem nada com isso.
Ah!Tudo seria tão facil se não fosse os filhos! Se as crianças não nascessem e, sobretudo, se as crianças não morressem.

(Desesperado, Alucinado)

Estas mãos!
Estas mãos não são minhas!
Parem com esse Chopin. Parem com essa declamadora. Parem com essas gargalhadas.
Ricardinho está dormindo.
Parem com esta roleta.

(Tentando justificar-se ainda)

Vocês viram. Todos vocês viram que eu sou inocente de tudo e que aconteceu.
Dona Gervásia falando-falando-falando-patati-patata-patati-patata-patati-patatá...E as múmias e o dó-ré-mi-fá-sol e Vila Lobos e Prokofief e isso e maisaquilo e porque o azul de Portinari e porque o amarelo de Portinari e porque o cor-de-abobora de Portinari, e não sei o que mais...
Patati...Patatá-patati-patatá-patati-patatá.
E os escravos avançam.
Enormes pedras são arrastadas para a construção da grande pirâmide de Queópe.

(Gargalhada Histérica)

Para que as pirâmides?
"Quarenta séculos vos comtenplam".
Para que os quarenta séculos?
E mais angústia...
e mais confusão...
e mais guerras...
e mais bomba atômica...

(Transição.Como na roleta)

Vermelho!...32!
Preto!... 27!
Hagan juego, señores!
Hagan juego!
A bomba vem caindo sobre Hiroxima.
Fuiiiiiiiiiiiiin!Pum!
Acabou Hiroxima.
Hagan juego, señores
Hagan juego.

(Neste momento, diante da porta de sua casa ele parece vislumbrar Eurídice. Dirige-se a ela suplicante.)

Eurídice!
Eu preciso de você, Eurídice!
Minha vida está em suas mãos.
Essas mãos tão puras, Eurídice!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0461,p.587

DPF
DCDP
Fls. N.º 376

Deus gosta mais das mães puras que das mães cheias.
Onde está a linha da vida, Eurídice?
Como é linda a sua mão!
Eu preciso de voce, Eurídice.
Eu preciso de uma dessas jóias que cobrem suas mães.
O menor de seus anéis me salvará a vida.
Dei a você tudo que tinha.
Toda a minha fortuna,
Tudo, Eurídice.
Por você deixei tudo, renunciei a tudo.
Não quero nada demais.
Só quero o menor de seus anéis.
O menor de seus brinces.
O menor de seus colares me salvará.
Ouça, Eurídice.
Toda a minha fortuna está em suas mãos.
Mãos suaves, ternas, acariciantes...
Mãos que eu cobrí de anéis de pulseiras.
Mãos pedindo preces, ternura e amor.
Você lembra, Eurídice? O "Poema das Mãos".

Em tudo eu só via as suas mãos.
Na carícia e na roleta.
Por favor, Eurídice!
Eu quero o menor de seus anéis. O menor!

(Irritando-se)

Ah, não quer?
"Unicas lembranças de um amor que já morreu?!
Cínica!
Canalha!!!

(Ergue um revolver fictico contra "Eurídice" e dispara acompanhando a queda do corpo.
Quando o corpo cai ele grita")

Morre!Assim!...Assim...
Pensou que eu não me vingaria?
Pensou que eu ia ficar sem as minhas jóias, deixando em ruina a mim e aos meus?

(Ajoelha-se desesperado diante do "corpo")

Eurídice!
EURÍDICE!
Não, Eurídice=
Eu não queria matar você.
Eu juro.
Eu juro que não queria.
Este revólver era para eu me suicidar.
Mas não tive coragem.
Sou um coverde, Eurídice.
Um covarde.

(Chora. Depois repete saudoso)

Mães pedindo preces, ternura e amor.

(Riso histérico)

Ninguem.Ninguém vai descobrir que eu matei você, Eurídice.
Ninguém.
Você pensa que foi fácil?
Pensa que foi fácil iludir toda a policia de Buenos Aires?
Mas recuperei tudo.
Arranquei de seus pescoso e de suas mãos todas as jóias... Toda a minha fortuna estava em suas mães... Todas as jóias...

(Tira do bolso maquinalmente, colares, anéis, pulseiras, e os vai deixando cair no chão)

Vim para reconstruir minha vida.
Vim para erguer-me novamente.

(Neste momento ele se ergue e enquanto diz as primeiras palavras seguintes as últimas jóias escapam de sua mão.
Uma luz azulada vai-se infiltrando para substituir a luz clara do ambiente. Duas lâmpadas estão acesas sobre a cômoda deste o começo deste - ato.
A luz azulada vai tomando conta do ambiente e vai-se concentrando na - figura de Gumercindo que fala com emoção e lãgrimas crescentes.)

Eu quero cobrir as suas mãos de jóias.
Eu quero as suas mães, Dulce.
As mãos que tocavam Chopin, as mãos que educavam meus filhos.
As mãos que me consolavam e me davam ternura e amor, sem nada em troca.
Eu quero suas mãos, Dulce.
Mãos que não pedem harpas, que não pedem preces, mãos que não pedem nada.
Mãos que só sabem dar.
Eu quero suas mãos, Dulce.
Começamos tudo de novo. Eu voltei.
Para ouvir de novo o riso de Lélinha, e dó-ré-mi-fá-sol a Señora del Mar, Vila Lobos, Portinari, as múmias, os faraós, as valsas de Chppin!

DULCE! EU VOLTEI, DULCE!

(Chora e rí ao mesmo tempo e cai de joelhos como em preca.)

EU VOLTEI!

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 588

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 377

PARECER Nº 119 / 87

TÍTULO: "AS MÃOS DE EURÍDICE" - PEÇA TEATRAL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS

AUTOR: PEDRO BLOCH CONFRONTO

Procedido o confronto do texto encaminhado pelo Grupo de Teatro Arco-Íris com o anterior, anexado ao processo, foi observada identidade entre os mesmos. Dessa forma, sugiro que a peça seja liberada com a chancela de 16 anos conforme certificado em vigor de nº 436/87.

Brasília 17 de dezembro de 1987

Antônio Prado Brito Bastos
CNF.MAT.2458

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 589

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p. 520

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 378 Rubrica

TÍTULO * AS MÃOS DE EURIDICE *

AUTOR DA PEÇA: * PEDRO BLOCH *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 16 ANOS *

Praça * SCDP/SR/RO *

Obs.:

DF. 10 / DEZ... / DE / 1987

Resp. pela elaboração do Processo

Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo. À consideração.

Em: 22 de 12 de 1987.

Vilma Helena Sanan Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

Em de de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Senhora Chefe do SC

Trata-se de peça encaminhada pelo SCDP/SR/RO.

Realizado o confronto, constatou-se a perfeita identidade com o texto anterior, tendo sido sugerida a manutenção da classificação "imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos" condicionada ao exame do ensaio geral.

V.I. ~~"TEMÁTICA ADULTA"~~.

À consideração!

Bsb 18/12/87

Luiz Leite de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe do SCTC/DCDP

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De Acordo.

Em: 23 de 12 de 1987

Raymundo Gustáquio de Mesquita
Diretor da DCDP/DPF
em exercício

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0436,1-398

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0436	28 DEZEMBRO 1987	19 DEZEMBRO 1990

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

AUTOR (ES): PEDRO BLOCH

CLASSIFICAÇÃO: 16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA ADULTA.

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA
DIRETOR DCDP/EM EXERCÍCIO.
ASSINATURA

TÍTULO: AS MÃOS DE EURÍDICE

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 0436

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: RAIMUNDO JOSÉ FERREIRA DE MELO = ARIQUEMAS/RO.

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

VILMA HELENA SANAN DOMINGOS
CHEFE SC/DCDP-SUBSTª.
ASSINATURA

BSB, 28 DE DEZEMBRO DE 19 87

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0461, p.592/592

MJ – DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

No. 1106/87-SE/DCDP DF, em 28/12 197 87

Do Diretor da D.C.D.P.

Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/RO.

Assunto: remessa de "scripts" – faz.

Referência:

" AS MÃO DE EURÍDICE "

(título da peça ou "show")

PEDRO BLOCH

(nome do autor)

Senhor Chefe:

Apraz-me remeter a essa rapartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado Ariquemas/RO.

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei no.5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA

Diretor da DCDP

em exercício.